

stricto
SENSU

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DOUTORADO EM HISTÓRIA

MARCÉLIA MARQUES

PEDRA QUE TE QUERO PALAVRA: DISCURSIVIDADE
E SEMIOSE NO (CON)TEXTO ARQUEOLÓGICO DA
TRADIÇÃO ITAPARICA

Porto Alegre
2010

MARCÉLIA MARQUES

**PEDRA QUE TE QUERO PALAVRA: DISCURSIVIDADE E
SEMIOSE NO (CON)TEXTO ARQUEOLÓGICO DA
TRADIÇÃO ITAPARICA**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História, na área de concentração em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Hilbert

Porto Alegre

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N244p Nascimento, Marcélia Marques do
Pedra que te quero palavra: discursividade e semiose no
(con)texto arqueológico da tradição Itaparica / Marcélia Marques do
Nascimento. – Porto Alegre, 2010.
197 f. : il.

Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas, PUCRS.
Orientação: Prof. Dr. Klaus Hilbert.

1. História. 2. Tradição Itaparica. 3. Cultura Material. 4.
Discurso Arqueológico. 5. Polifonia. 6. Narrativa Pré-Histórica
Arqueológica. 7. Semiótica dos Objetos. 8. Coleções e Museus
Arqueológicos.
I. Hilbert, Klaus. II. Título.

CDD 918.14203

MARCÉLIA MARQUES

**PEDRA QUE TE QUERO PALAVRA: DISCURSIVIDADE E
SEMIOSE NO (CON)TEXTO ARQUEOLÓGICO DA
TRADIÇÃO ITAPARICA**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História, na área de concentração em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 30 de março de 2010, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:

Klaus Hilbert (Orientador - PUCRS)

Arno Alvarez Kern (PPG-História - PUCRS)

Leci Borges Barbisan (PPG-Letras - PUCRS)

Pedro Inácio Schmitz (Unisinos)

Jorge Eremites de Oliveira (UFGD)



Foto: Tina Modotti

Ao vovô Nando e ao Alberto
- Jardineiros de palavras -
Grata pelas (e)ternas rosas.

AGRADECIMENTOS

“Palavra boa
Não de fazer literatura, palavra
Mas de habitar
Fundo
O coração do pensamento, palavra”.
(Chico Buarque. *Uma Palavra*. 1995).

Um *Divisor de Águas!* Essa metáfora sintetiza e expande o sentido da ação do professor **Klaus Hilbert** neste percurso acadêmico. Em meio à amizade e à confiança, afirmadas nas palavras, durante a condução-orientação desta tese, você me auxiliou a transpor o universo das coisas meramente classificadas e descritas para um mundo instigante e desafiador da interpretatividade. A sua voz, nos seminários, alimentava o exercício de desconstrução-construção no ato de se conhecer as coisas e, neste fluxo, eu vislumbrava novas maneiras de “ver” e “ler” a cultura material e “dizer” sobre ela. Quando os primeiros contornos da tese foram esboçados, percebi que uma longa trajetória me aguardava. Firmei os meus pés no caminho, enquanto você compartilhava da habilidade em *decifrar o mapa e delimitar as águas* que possibilitaram o surgimento desta escritura. A você, dedico o mais expressivo sentimento de gratidão.

Sou grata a uma leitora, ouvinte e falante, sempre atenta à trajetória interdisciplinar e/ou multidisciplinar no encontro entre a Arqueologia e a Lingüística, refletido no acompanhamento desta tese - assim é a professora **Leci Barbisan**, que fez ressoar de um modo amistoso na minha “mente e coração”, com sua própria voz, que “tudo é linguagem”. O seu fascínio pela arqueologia também foi um estímulo para que a minha escritura pudesse encontrar maneiras mais apropriadas para re-conduzir as coisas ao mundo das palavras.

Em dias de chuva ou em dias de sol, em meio ao calor do verão ou ao frio do inverno, o professor **Pedro Ignácio Schmitz** me recebia, no Instituto Anchieta de Pesquisa, em São Leopoldo, com disposição e entusiasmo para falar da Tradição Itaparica. Sou grata por estes encontros amistosos em que ele dedicava o tempo de suas palavras às memórias de escavações e aos procedimentos de pesquisas, afirmando em meu aprendizado a importância e necessidade de estar atenta à construção de um registro arqueológico criterioso e que possa ser lido, por outros, no futuro. Causa-me forte impressão ter estado na presença deste

narrador que “esteve lá”, escavando a terra com as próprias mãos e trazendo a partir deste encontro (coisas e pessoas) o mundo arqueológico da Tradição Itaparica.

No período da minha dissertação de mestrado havia lido uma publicação do professor **Arno Kern** acerca de instrumentos líticos polidos, e a referenciei nos limites dos sertões de Quixeramobim. Agradeço ao constante incentivo e o modo amistoso ao alertar-me da importância de trabalhos pioneiros quando se referia às pesquisas arqueológicas incipientes no Ceará. Levo e guardo em minha memória o seu modo crítico-reflexivo demarcado em temáticas que transitam entre a arqueologia pré-histórica e histórica e que imprimem relevância na minha formação científico-acadêmica.

A partir dos seminários com a professora **Cristina Santos (Tita)** ampliei a reflexão acerca da dimensão dos saberes da etnologia e história na arqueologia, na medida em que a etnohistória era revisitada por várias vozes. A arqueologia permanentemente esteve no campo de visão dos alcances de ordem teórica e prática nestes encontros na academia. Sou grata por compartilhar destes acontecimentos acadêmicos e pela amizade sempre presente.

Agradeço, de uma maneira geral, à **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul** (PUCRS), especialmente ao Programa de Pós-Graduação em História, por possibilitar condições de ensino e pesquisas propícias para a realização de trabalhos acadêmicos. A biblioteca desta universidade é um “mundo de palavras” - tão bem zeladas e disponíveis aos que buscam lê-las - que não tê-la por perto será um desafio de sobrevivência intelectual.

Ainda na apresentação do projeto de pesquisa agradeço à professora **Gislene Monticelli** por me alertar acerca da demarcação do tempo previsto para as atividades ao longo da realização desta tese. Posteriormente, foram muitas as conversas que tivemos no Laboratório de Arqueologia da PUCRS, em que tive a oportunidade de aprender mais sobre a prática arqueológica circunscrita na dimensão da teoria que compete às análises e interpretações. A sua amizade, gentileza e constante preocupação com a adaptação de uma nordestina ao inverno do sul, animavam e aqueciam os meus sentimentos de gratidão.

Durante uma visita ao MAE/UFBA conversei com o professor **Marcos Albuquerque**, a quem agradeço por esclarecer-me sobre a atuação do arqueólogo Valentin Calderón quando da escavação na Gruta do Padre.

Fiz a primeira apresentação acerca de alguns aspectos desta tese no Congresso Nacional de Arqueologia Argentina, em Jujuy. O professor **André Prous** foi o primeiro interlocutor a se pronunciar com comentários acerca da ausência ou presença de pontas de projétil em sítios da Tradição Itaparica. Agradeço por ter, posteriormente, dado continuidade a esta temática, com observações e indicações bibliográficas, e, seguramente, esta

homogeneidade ou diversidade na cultura material será demarcada com maior ênfase em reflexões futuras.

Desde que conheci a professora **Jacionira Rocha**, antes de cursar o mestrado em Pernambuco, reconheci uma pessoa ou “alma boa” - como eu gosto de me referir. Naquela altura ela me incentivava insistentemente a fazer o mestrado em arqueologia para que algumas instituições do Ceará pudessem ouvir a “minha voz”. No entanto, o meu tempo na academia é muito próprio - nunca tive voracidade em sair de um grau e passar para outro seguidamente. Enquanto permaneci em Quixadá (com uma titulação de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia, pela Universidade de Brasília) aprendia também com pessoas-pesquisadores, agora nos livros, e, numa vivência marcada pela solidão ao sentir e pensar as coisas arqueológicas. Em tempos recentes, ao reencontrá-la, me vi refletir no “tempo da academia” e manifesto sincero agradecimento por ter trazido em palavras os seus estudos que outrora foram realizados na Gruta do Padre.

As visitas e consultas ao MAE/UFBA, na Bahia, foram de fundamental importância nesta tese. Agradeço a concessão irrestrita, para consultar e documentar parte do acervo deste museu, pelo então diretor, professor **Carlos Caroso**, e aos comentários do arqueólogo e professor **Carlos Etchevarne**. À historiadora **Cíntia da Silva** manifesto gratidão por compartilhar da labuta diária, pois pacientemente me revelou o mundo da documentação material nos registros de Valentin Calderón quando da escavação da Gruta do Padre.

Os bons tempos da vivência acadêmica estão marcados pela amizade de **Tatiana Pedrosa**, colega do curso de pós-graduação. Nela percebi o quanto é necessária a determinação e a assertividade, mesmo nas pequenas experiências do cotidiano. Esse meu “jeito maneiro” de nordestina às vezes não entendia “o jeito direto” dos nortistas. As diferenças foram dissipadas no humor. Era divertido andar pelos jardins da PUCRS, literalmente topando nos pássaros, tecendo histórias mirabolantes e ficcionais. Percorríamos diariamente Porto Alegre de ônibus ou a pé, mas nas nossas histórias não faltavam os jatinhos. Agradeço a alegria e o aprendizado quando das reflexões acerca dos rumos de nossas pesquisas.

As afinidades eletivas muitas das vezes marcam as relações nos cursos acadêmicos. Movida por estes sentimentos fui tecendo redes de amizades temperadas também por riqueza intelectual, no PPGH-PUCRS, numa convivência que hoje se afirma em aprendizados diversos na memória, com **Kely Oliveira, Cláudia Bibas do Nascimento, Ione Castilho, Adriana Fraga, Clarisse Jacques, Carolina Rosa, Paulo Santos e Vanderlise Machado**.

No Laboratório de Arqueologia, o convívio e as conversas com colegas imprimiram marcas de diversas formas nesta tese. As reflexões com **Viviane Vidal** ampliaram as percepções da cultura material na dimensão simbólica, e deste modo, agradeço a oportunidade por compartilharmos idéias que estão demarcadas tanto na sua dissertação de mestrado quanto nesta tese de doutorado. O convívio com **Lautaro Hilbert** e o seu amadurecimento como pesquisador, além da desenvoltura ao tocar violão e me ensinar os primeiros acordes, animaram-me a manter o ritmo e a disciplina no trabalho. A **Daiane Bitencourt** sou grata por ter proporcionado bons momentos de conversa acerca da compreensão do pensamento de Michel Foucault. Agradeço a **Renata Rauber** reflexões acerca das temáticas abordadas no curso da professora Leci Barbisan e a **Gustavo Wagner** que apesar de não se dedicar a estudos: “mais filosóficos”, como assim ele se referia, foi um interlocutor atento.

Márcia Lara, que por longos anos trabalhou no Laboratório de Arqueologia, desde os primeiros momentos efetivos de pesquisa, auxiliou-me nas mais diversas tarefas para o bom cumprimento deste trabalho. Recordo a gentileza em preparar um bom café, mesmo sabendo que eu também apreciava um bom chimarrão. Agradeço por estes pequenos gestos que traziam conforto aos meus dias em “terra estrangeira”.

Ivone Verardi, de maneira impressionante traz na memória as publicações do Instituto Anchieta e, ao mesmo tempo, acolhe com gentileza aqueles que consultam este acervo. Sou grata por ter disponibilizado uma documentação textual relevante.

Sou grata aos secretários, **Davi Diniz** e **Carla Carvalho**, do PPGH-PUCRS, por encaminharem documentações e fornecerem informações importantes ao bom cumprimento deste trabalho.

Agradeço a **Leidiane Tavares** pela minuciosa revisão textual e pela sutileza com a qual se aproximou desta escritura, ao preservar a livre expressão de minhas palavras, que puderam respirar mesmo após a sua habilidade em conduzi-las de acordo com as normas.

Tibico Brasil esteve presente no meu “percurso arqueológico” do sertão ao litoral do Ceará. Sou grata por ter me falado das pedras de uma coleção no litoral do Ceará e, ainda por termos ido ao encontro do colecionador **Josué Crispim**, a quem também agradeço por ter confiado a narrativa das pedras encontradas nos caminhos, permanentemente refeitos pela areia da praia e pelas águas do mar.

O gosto pelo que faço, pela leitura e pela escritura tem uma fonte longínqua na inspiração nos atos de minha mãe, **Augusta Marques do Nascimento**. Com o meu pai, **Antônio Marcelino do Nascimento**, aprendi o gosto pela terra, pelos bichos, pelas viagens e pelo sertão. Todas estas “coisas” aprendidas e inspiradas são heranças que estão marcadas

sutilmente na força necessária para realizar esta tese. Hoje, meu pai vive em mim apenas na memória e eu o agradeço com palavras, no silêncio do meu coração. Minha mãe e meus irmãos (**Marcília Vieira, Márcia Marques e Marcelino do Nascimento Filho**) durante esta escritura me alimentaram com palavras enquanto estive no sul. Ao retornar para o nordeste saboreei o companheirismo afetivo entre nós, adultos, e me rendi aos tantos mimos bem acolhidos durante os meus “eternos retornos” ao Ceará. Vivenciei ainda, a arte de brincar com os sobrinhos (**Samuel Marques, Luiz Vítor Vieira e Rebeca Nascimento**), crianças, que me trazem alegria por também gostarem de futebol.

Amiga e cúmplice desde a “velha infância”, **Rose Pontes**, nesta época, me repassava os instrumentos e as substâncias “emprestados” da farmácia de seu pai, com os quais eu intuitiva e tecnicamente dissecava as delicadas borboletas, ao cometer um “pecado de infância”, quando da iniciação no mundo do colecionismo. Durante a finalização desta escritura, em Fortaleza, agradeço o repouso na varanda de sua casa, onde em meio ao forte aroma de jasmim, as minhas forças eram restituídas para seguir entusiasmada até o ponto final desta escritura.

Na dissertação de mestrado, ao agradecer a **Petrônio Magalhães**, dizia que ele ao ouvir os meus contos que vinham d’alma me auxiliava a enxergar um mundo mais relativizado, agora o agradeço, neste mesmo sentido, ao dizer que eu continuo enxergando.

Amigos da memória, e não propriamente da infância, se fizeram presentes com alegria, cumplicidade, criatividade e tantas outras motivações para que este trabalho se realizasse. Agradeço a amigos tão caros e raros nas demonstrações de afeto e na acolhida do cansaço: **Beatriz Mattos, Tadeu Andrade, Ana Cristina Bezerra, Tiago Seixas, Tétis Falcon e Marú Mamede**.

Sou grata à **Pádua Campos** por ter se apresentado como um norteador do tempo nos momentos finais desta escritura.

Agradeço aos amigos gaúchos que me receberam com afeto, ao me desvendar e compartilhar o mundo das plantas, dos bichos, dos livros, da música e ainda, dos saberes que emanam do espírito: **Maria Eugênia Marques, Lena Oshida, Jair dos Santos Coelho, Egídio Pandolfo, Regina Miranda, Cláudia Thimmig, Fernanda Ferreira**, e ao híbrido (gaúcho e cearense) **Davi Lucena** - que em muito me auxiliou a fazer a viagem de volta.

Agradeço as concessões de bolsas que proporcionaram a realização desta tese, em diferentes momentos: à **Fundação de Amparo a Pesquisa no Ceará (FUNCAP)**, à **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)** e a **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**. Sou grata ainda, a algumas

instituições de pesquisa, ensino e de divulgação da cultura material arqueológica, a saber, **Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC)**, unidade acadêmica da **Universidade Estadual do Ceará (UECE)**, ao **Instituto Anchietao de Pesquisa** e ao **Museu de Arqueologia e Etnologia**, da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA).

“A linguagem articulada é propriedade exclusiva do homem, estamos de acordo. Mas ela realizou esse milagre de, por meio de um número finito de regras, engendrar um número infinito de enunciados? E podemos extrair disso argumentos em favor da posição ímpar ocupada pelo homem na criação?”

(Claude Lévi-Strauss. *De perto e de longe*. 2005)

“Descartes afirma que os animais poderiam falar, se quisessem, mas que resolveram guardar silêncio para não serem obrigados a trabalhar. Os bosquímanos da África do Sul acreditam que houve um tempo em que todos os animais podiam falar. Hochigan não gostava de animas; um dia desapareceu, e levou consigo esse dom”.

(Jorge Luis Borges. *O livro dos seres imaginários*. 2007)

Minha Felicidade

“Depois que cansei de procurar

Aprendi a encontrar

Depois que um vento me opôs resistência

Velejo com todos os ventos”.

Friedrich Nietzsche. Prelúdio em rimas alemãs. (1882-1887).

A Gaia Ciência (2009)

RESUMO

A reflexão primordial desta tese se concentra na constituição e apreensão da cultura material enquanto expressão textual, nas dimensões da discursividade e semiótica. A cultura material arqueológica da Tradição Itaparica, uma sociedade de caçadores e coletores, temporalmente demarcada no Holoceno Antigo, tanto é percebida como um texto silencioso lido e posteriormente sonorizado com palavras na denominação das coisas, quanto à própria escritura (arqueológica) decorrente desta leitura delinea um esboço ou imagem desta tradição. Neste sentido as noções de materialidade documental e as enunciações demarcadas numa formação discursiva, tais como: antiguidade, cientificidade, tipologia e cronologia se instituem de modo contundente no discurso de anunciação da Tradição Itaparica. A materialidade textual demarcada no discurso fundador desta tradição cultural arqueológica ressoa na extensão da polifonia, em que os arqueólogos Valentin Calderón, Armand Laroche e Pedro Ignácio Schmitz, entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1980, foram os que imprimiram os maiores tons nas relações dialógicas acerca da comparabilidade entre a cultura material. No entanto, a voz de Pedro Ignácio Schmitz, um agente no campo científico da arqueologia brasileira, ao falar a partir do lugar em que ocupa nas instituições de pesquisa e ensino, e ao reforçar um “fato científico” mediante a geração de textos que decorreram de sua escritura, assegura a afirmação dessa tradição cultural arqueológica. As coisas da cultura material da Tradição Itaparica, numa segunda e mais nova geração de textos, onde são priorizados os estudos tecnológicos mediante análises das cadeias operatórias, proporcionam a identificação de um sistema semiótico dos objetos, tendo em vista os eixos sintagmáticos e paradigmáticos quando da descrição das seqüências de lascamentos no ato de criação das coisas. Ainda na ordem dos signos, em alguns museus abertos à visitação pública, estão expostos alguns objetos concebidos, usados e abandonados por homens e/ou mulheres da Tradição Itaparica. Nestes espaços, predominantemente a lesma (um instrumento plano-convexo, eleito o fóssil-guia desta tradição) é revestida por duas das mais conhecidas figuras de linguagem: a metáfora e a metonímia, também recorrentes na narrativa discursiva e textual-escrita da Tradição Itaparica, no campo científico da arqueologia brasileira.

Palavras-chave: Tradição Itaparica. Cultura Material. Discurso Arqueológico. Polifonia. Narrativa Pré-histórica Arqueológica. Semiótica dos Objetos. Coleções. Museus Arqueológicos.

ABSTRACT

The primal idea of this thesis concentrates on the constitution and apprehension of material culture as a textual expression in the dimensions of discursively and semiotics. The archaeological material culture of the Itaparica Tradition, a hunter-gatherer society chronologically dated into the early Holocene period, is perceived as a silent text, which is read and later put into words in the denomination of things, as well as the archaeological writing itself, the results of that reading, which outlines a sketch or an image of this tradition. In this sense, the notion of the documentary materiality and the announcements marked in a discursive form such as: antiquity, scientific, typology and chronology, are instituted in a confusion mode in the announcing discourse about the Itaparica Tradition. The textual materiality, outlined in the foundation discourse of that archaeological culture tradition, echoes in the extension of polyphony of archaeologist like Valentin Calderón, Armand Laroche and Pedro Ignacio Schmitz who, in the ends of the 1960's and of the 1980's, were those who imprinted the main sounds in the dialogical relations concerning the comparability of the material culture. However, the voice of Pedro Ignacio Schmitz, an agent in the scientific field of Brazilian archaeology, by talking from the position which he occupies in the institutions of research and teaching, and by reinforcing the "scientific fact" in the elaboration of his texts, assures the affirmation of this archaeological culture tradition. The things of the material culture of the Itaparica Tradition, in a second and more recent generation of texts, where technological studies of the sequence of reduction process are priority, reveal the identification of a semiotic system of the objects, having in mind syntagmatic and paradigmatic perspectives when describing the sequence of the flaking process while creating the objects. Still in the context of signs, in some museums open to public visiting, some objects are exposed which were made, used and discarded by men and/or women of the Itaparica Tradition. In these spaces, predominately the "*lesma*", a plane-convex shaped artifact, chosen as a fossil guide of the Itaparica Tradition, is associated to the most known figures of language: the metaphor and the metonymy, recurrent in the discursive narrative, as well as in the textual writings of the Itaparica Tradition in the scientific field of Brazilian archaeology.

Key-words: Itaparica Tradition. Material culture. Archaeological discourse. Polyphony. Prehistoric Archaeological Narrative. Semiotic of the Objects. Collections. Archaeological Museums.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Inscrição esboçada por Calderón numa representação gráfica do solo a ser escavado	43
Figura 2 - Releitura da Inscrição esboçada graficamente por Calderón na ilustração 1 por um desenhista do MAE/UFBA	44
Figura 3 - Inscrição onde um corte estratigráfico da Caverna do Padre foi materializado num documento fotográfico	44
Figura 4 - Estratigrafia com as cores de sedimentos da Gruta do Padre transformada em inscrição	47
Figura 5 - Ilustrações de instrumentos com as quais Pedro Ignácio Shemitz estabeleceu comparações	69
Figura 6 - Instrumentos lesmas do sítio Gruta do Padre, Pernambuco (MAE/UFBA)	73
Figura 7 - Lesma (um molusco terrestre) “cultivada” nos meus vasos com plantas	74
Figura 8 - Ilustração das pontas foliáceas por Armand Laroche	80
Figura 9 - Relação triádica segundo Charles Sanders Pierce	147
Figura 10 - Instrumento plano-convexo (peça 12H N8 2) referido no sistema semiótico do artefato lascado	147
Figura 11 - Instrumento plano-convexo (peça 14 N15 17) referido no sistema semiótico do artefato lascado	148
Figura 12 - Instrumento plano-convexo (peça 14H N9 i) referido no sistema semiótico do artefato lascado	148
Figura 13 - Lesmas expostas no canto abaixo, à direita, na fotografia, juntamente com pontas de projétil e outros instrumentos	158
Figura 14 - Manuscrito da análise realizada por Jacionira Rocha e Leila Almeida do material lítico da Gruta do Padre, coletado-colecionado por Valentin Calderón, arquivado no MAE/UFBA	159
Figura 15 - Instrumento armazenado na reserva técnica em que a numeração 67 corresponde a peças da exposição	161
Figura 16 - Instrumento armazenado na reserva técnica em que a numeração 67 corresponde a peças da exposição	162
Figura 17 - Instrumento armazenado na reserva técnica em que a numeração 68 corresponde a peças da exposição	162

Figura 18 - Objetos pessoais de Valentin Calderón utilizados em pesquisas e expostos no MAE/UFBA	164
Figura 19 - Instrumentos da Tradição Itaparica exposto no MAE/UFBA.....	167
Figura 20 - Instrumentos e ilustrações de instrumentos da Tradição Itaparica.....	167
Figura 21 - Expositor da cultura material da Tradição Itaparica, de sítios do estado de Goiás	169
Figura 22 - Pedro Ignacio Schmitz tocando em lesmas de diferentes formas, mas de tamanhos semelhantes, na sala de exposição do museu do Instituto Anchietano de Pesquisa.....	170
Figura 23 - Lesmas da coleção de Josué Crispim	172
Figura 24 - Lesmas da coleção de Josué Crispim	173
Figura 25 - Raspador circular, lascas e furadores da coleção de Josué Crispim	173
Figura 26 - Estante de exposição da coleção de Josué Crispim	174
Figura 27 - Semelhança entre objetos pela cor e textura.....	175
Figura 28 - Semelhança entre objetos pela forma.....	175

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Narrativas de Pedro Ignácio Schmitz.....	112
Quadro 2 - Configuração do Sistema Semiótico do Artefato Lascado.....	139
Quadro 3 - Sistema Semiótico do Artefato Lascado:	
UTFs do instrumento plano-convexo (peça 12H N 8 2)	141
Quadro 4 - Sistema Semiótico do Artefato Lascado:	
UTFs do instrumento plano-convexo (peça 14H N 15 17)	142
Quadro 5 - Sistema Semiótico do Artefato Lascado:	
UTFs do instrumento plano-convexo (peça 14H N9 i)	142

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 A CRIAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO: O DISCURSO FUNDADOR	25
2.1 CULTURA MATERIAL-DOCUMENTO: O TEXTO MATERIAL	28
2.2 A TRADIÇÃO ITAPARICA: COISAS NÃO DITAS	31
2.3 A FUNÇÃO AUTOR: DELIMITAÇÃO NO ESPAÇO DA DISCURSIVIDADE	37
2.4 ANTECEDENTES DA ANUNCIAÇÃO: ÊNFASE NA TIPOLOGIA	39
2.5 CONSTRUINDO O OBJETO DE CONHECIMENTO:	
A PRÁTICA DISCURSIVA DA ESCAVAÇÃO	40
2.6 TIPOLOGIA E ANTIGUIDADE: A IRRUPÇÃO DO DISCURSO FUNDADOR	47
2.7 CIENTIFICIDADE, DESCRIÇÃO E NOMEAÇÃO:	
AFIRMAÇÃO DE UMA TIPOLOGIA ANTIGA	49
3 AO COMPASSO DE VÁRIAS VOZES:	
A POLIFONIA DISCURSIVA DA TRADIÇÃO ITAPARICA	55
3.1 A POLIFONIA E O DIALOGISMO NO TEXTO	
DA ANUNCIAÇÃO DA TRADIÇÃO ITAPARICA	56
3.2 A INTERTEXTUALIDADE: MOSAICO DE CITAÇÕES POLIFÔNICAS	62
3.3 A TRANSDISCURSIVIDADE:	
A MARCA DA INTERTEXTUALIDADE NOS DISCURSOS DECORRENTES	68
3.4 A DISSONÂNCIA NO OBJETO DE DISCURSO:	
HISTÓRIA DE UMA TRADIÇÃO	76
4 A AFIRMAÇÃO DISCURSIVA DA TRADIÇÃO ITAPARICA	
NO CAMPO CIENTÍFICO	86
4.1 AGENTES CIENTÍFICOS ESTRANGEIROS:	
INSTAURADORES DE NOVOS OBJETOS DE ESTUDO	89
4.2 MÉTODO: O DISCURSO NORMATIVO CIENTÍFICO	92
4.3 O “PRONAPIANO” VALENTIN CALDERÓN E	
A INDÚSTRIA “SEM PONTAS DE PROJÉTIL”	96

4.4 PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ:	
A AUTORIDADE DISCURSIVA DA TRADIÇÃO ITAPARICA	102
4.5 CONTROVÉRSIAS E CONCORDÂNCIAS:	
OS (DES)ENCONTROS DISCURSIVOS	121
5 GESTOS E COISAS CRIADAS:	
O SISTEMA SEMIÓTICO DO ARTEFATO LASCADO	125
5.1 A AÇÃO E O ARTEFATO LASCADO.....	127
5.2 O ARTEFATO LASCADO DESCRITO:	
OS EIXOS SINTAGMÁTICO E PARADIGMÁTICO	132
5.3 A CONVENÇÃO GRÁFICA DE INSTRUMENTOS ARQUEOLÓGICOS:	
ÍCONE, ÍNDICE E SÍMBOLO	145
5.4 O SENTIDO DOS OBJETOS: PARA ALÉM DO USO OU FUNÇÃO	150
6 COISAS COLECIONADAS - A NARRATIVA MUSEOLÓGICA:	
“EU ESCAVEI LÁ” E “EU ANALISEI O QUE VEIO DE LÁ”	153
6.1 O ENCONTRO COM AS COISAS: “EU ESCAVEI LÁ”	155
6.2 A COLEÇÃO MATRIZ NA NARRATIVA E	
A DEMARCAÇÃO DE AUTORIDADE NA EXPOSIÇÃO.....	156
6.3 TRÂNSITOS E SIGNIFICAÇÕES DE OBJETOS:	
A SEMIOSE NAS COISAS ARQUEOLÓGICAS	165
6.4 UMA NARRATIVA AMPLIADA: A DIVERSIDADE DOS OBJETOS	168
6.5 COLECIONADOR PARTICULAR:	
UMA NARRATIVA SUBJETIVA E MULTIVOCAL	171
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS.....	184

1 INTRODUÇÃO

“Todas as coisas do mundo não cabem numa idéia.
Mas tudo cabe numa palavra, nesta palavra tudo”
(Arnaldo Antunes. *As coisas*. 1992).

O mundo da Tradição Itaparica, nesta pesquisa, está demarcado sob uma ótica predominantemente teórica frente à empírica, em que a cultura material, na perspectiva dos estudos empreendidos, foi redimensionada na materialidade dos discursos contemporâneos. O foco desta reflexão está direcionado para as diferentes maneiras de construção textual, especialmente quando do regime de enunciação, dos discursos narrativo e expositivo que, num primeiro momento, delinearão categorias espaço-temporais, culturais e geo-ambientais pertinentes a esta tradição arqueológica. Num segundo momento, na “geração de textos” posterior, no plano da reprodução textual que contribuiu com o acúmulo do capital intelectual, a Tradição Itaparica alcançou a afirmação no campo científico da arqueologia brasileira. Arnaldo Antunes diz na epígrafe: “mas tudo cabe numa palavra, nesta palavra tudo” e eu me pergunto diante do vasto mundo de coisas e palavras da Tradição (arqueológica) Itaparica: onde *tudo* começou? Quando se deu o meu *encontro* com esta tradição? Era literalmente o final dos anos 1997, tinha ido com um grupo de amigos passar o ano novo na praia da Redonda, no município de Icapuí, no Ceará. Após um mergulho no mar encontrei um amigo, o fotógrafo Tibico Brasil, que me disse: “Lá na praia de Ponta Grossa, bem perto daqui, tem um rapaz que coleciona este tipo de pedra que você gosta. Se você quiser, podemos ir até lá”.

No dia seguinte, lá estávamos nós diante do pescador Josué Crispim. Um colecionador particular entusiasmado e apaixonado pelas “coisas antigas”. Ele me dizia que tinha o hábito de sair pela praia coletando as coisas que ele achava interessantes e que pudessem ter pertencido a pessoas muito antigas. Lamentava porque a maioria das pessoas, na pequena vila de pescadores onde vivia, não entendia esse seu gosto em colecionar e algumas delas, inclusive, diziam que ele era maluco por andar “catando” esses objetos esquisitos. Josué me falou que coletava o que encontrava em superfície e que pensava em “cavar uns buracos” pra ver o que tinha mais embaixo. Nesse momento eu fiquei pensando: como explicar a maneira que arqueólogos registram os achados de uma maneira simples e direta? Lembrava especialmente da metáfora empregada pelo arqueólogo André Leroi-Gourhan (1987, p. 22) ao dizer que a terra é um livro maravilhoso, denso e frágil; e agora

recorro às suas próprias palavras quando ele diz: “A terra, porém, é um livro cujas páginas são destruídas à medida que se passam; só pode ser lido uma vez no texto original; quando uma camada de terra é retirada, tudo o que não foi transcrito está irremediavelmente perdido”.

Era preciso dizer ao Josué, de uma maneira serena e não policalesca, que era importante ter atenção e critérios para coletar as coisas. Era preciso demonstrar que escavar pode até ser simples, mas nem tanto quanto parece quando não se tem a “prática”. Peguei um galho que estava por perto, rabisquei umas quadrículas no solo e disse: “Olhe, os arqueólogos precisam registrar as coisas que vão encontrando, é preciso delimitar a terra e depois saber o local em que elas estão posicionadas, tanto na largura quanto na altura, e medir com uns instrumentos”. Não precisei me comunicar em linguagem técnica: falar em teodolito, estação total, GPS, distribuição espacial das coisas, posicionamento altimétrico e planimétrico... Simples: posicionar as coisas na largura e na altura. Pronto! Josué entendeu rapidamente. Olhou demoradamente pra mim e disse: “É a primeira pessoa que eu conheço que estuda isso, uma arqueóloga”. Eu lhe disse: “Eu não sou arqueóloga, sou antropóloga, apenas escavei em Portugal, estou indo fazer o mestrado em Arqueologia em Pernambuco”. Para ele, os títulos não faziam a menor ou maior diferença. Josué simplesmente pegou-me pelo braço e saiu me apresentando como um ser exótico a algumas pessoas e dizia: “Olhem, ela estuda essas coisas que vocês dizem que são esquisitas, tão vendo? Eu não sou maluco!”. Depois d’eu ter passado pela experiência de me sentir um ser estranho quase na proporção de um E.T., Josué me levou ao encontro das pedras colecionadas. As lesmas (instrumentos plano-convexos), no conjunto das coisas pré-históricas, saltavam à vista. Hoje, reconheço que este meu encontro com as coisas foi *guiado* e marcado pela força que um fóssil-guia está sujeito a exercer quando das atribuições identitárias na materialidade de uma cultura arqueológica.

Alguns anos após o meu retorno de Pernambuco, então mestra em Arqueologia, visitei novamente a coleção particular do Josué Crispim, na companhia de um estudante de história e de geólogos. Lá, selecionamos as coisas pré-históricas, medimos, fotografamos e percorremos ainda os lugares onde foram coletadas algumas das peças sob a narrativa de Josué. O contato com estas coisas e lugares resultou numa escritura (MARQUES *et al.*, 2005) estritamente descritiva, em que algumas palavras de Gaston Bachelard pareciam ecoar a todo o momento, ao enfatizar que a descrição é a finalidade da ciência, “é dela que se parte. É a ela que se volta” (BACHELARD, 2004, p. 14). Haveria outras maneiras de “ler” as coisas arqueológicas e “dizer” sobre elas? Perguntava a mim mesma nos limites da

“minha aldeia”! A atual pesquisa de doutorado é fruto destes interesses e indagações, mas agora, com outros alcances teóricos e espaços (con)textuais arqueológicos mais amplos, diferentes daquele onde tudo começou, na pequena aldeia de pescadores no litoral do Ceará. E, mais uma vez, senti a necessidade de partir em busca de novas maneiras de conhecer as coisas arqueológicas, até que pousei num *porto seguro*, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde o binômio “teoria e prática científica” era permanentemente revisitado à luz de novos conhecimentos/discursos arqueológicos. Os instigantes e saborosos seminários conduzidos pelo professor Klaus Hilbert, nos quais tive a oportunidade de ouvi-lo falar a respeito do texto enquanto metáfora da cultura material, de arqueologicidade referente ao contexto arqueológico construído pelo arqueólogo, da inter-ação dos signos no encontro, inclusive, entre arqueólogos e as coisas, e acerca de tantas outras maneiras de “pensar e fazer arqueologia”, inspiraram as reflexões centrais desta pesquisa. Essas concepções possivelmente se apresentam mais desafiadores e, até mesmo, mais reveladoras que a maneira descritiva ainda tão presente na construção da identidade do arqueólogo quando da estereotipagem do “fazer arqueológico”. De acordo com essas concepções teórico-interpretativas, além da análise do discurso arqueológico contemporâneo, a própria materialidade e interpretatividade das coisas foram inscritas na temática desta pesquisa segundo a perspectiva da ação dos signos - para o sistema semiótico dos objetos: na iconografia, nas descrições e interpretações, nos discursos científicos e nas exposições de coleções da cultura material para o público indistinto.

Esta pesquisa tem como tema a dimensão discursiva acerca da Tradição Itaparica quando, num primeiro momento, nas primeiras duas décadas após sua denominação, a cultura material era comparada e o ambiente natural demarcado, em diferentes (con)textos do território brasileiro, principalmente entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1980. Nesta discursividade, no regime de enunciações, emergem acontecimentos enunciativos que irão delinear o discurso de anunciação ou discurso fundador desta tradição arqueológica, e, num segundo momento, em meio a uma dinâmica de “troca de palavras”, em que a transdiscursividade e a intertextualidade promoviam, a partir da interação verbal, a reprodução textual e a ampliação do mundo da Tradição Itaparica. No entanto, além de textos, os objetos foram redimensionados no âmbito da temática de pesquisa. A análise das coisas arqueológicas da Tradição Itaparica se institui no que aqui denomino “empirismo iconográfico e expositivo”, nas representações gráficas textuais e nas coleções museológicas e que, de forma tênue, promove um contraponto no enfoque predominantemente teórico desta pesquisa, conforme foi dito no início. As lesmas, o fóssil-guia desta tradição ao ser

identificada e “batizada” por Pedro Ignácio Schmitz quando da identidade das *coisas* referenciais da Tradição Itaparica - criadas, usadas e abandonadas pelas *pessoas* pré-históricas - passam a “agir” enquanto objetos agregadores de novas espaço-temporalidades nas quais são co-relacionadas coisas semelhantes. Este “fenômeno” também pôde ser observado nos discursos decorrentes ou na geração de novos textos que priorizaram a análise das cadeias operatórias das lesmas. Embora, ao que parece, haja limitações na análise tecnológica, no reconhecimento das seqüências operatórias em outros instrumentos, a lesma - na condição de fóssil-guia - foi priorizada e evidenciada discursiva e iconograficamente. De modo semelhante, as exposições museológicas também refletem concepções desta ordem, especialmente quando da exposição das primeiras peças encontradas desta tradição. A predominante homogeneidade das lesmas nestes contextos, encobriu, em parte, a diversidade das coisas materiais arqueológicas da Tradição Itaparica.

O mundo pré-histórico da Tradição Itaparica é deste modo re-construído no fazer e pensar arqueológicos ao serem redimensionados os textos e as coisas. No entanto não se pode, primeiro, ignorar que há diferenças ontológicas entre coisas e texto e segundo, desconsiderar que “o estar no mundo” da cultura material, do ponto de vista de sua constituição, é fundamentalmente diferente dos textos e da linguagem (OLSEN, 2006). Diante deste “estado de coisas”, o meu tema “requisitou” um escopo teórico também demarcado pela diversidade de alcance diante de tamanha variedade de “ser” e “estar”. A análise teórica está focada em um conjunto de obras que ora se interpenetram, ora apenas se aproximam em demarcações multidisciplinares, no que se pode denominar de arqueologia pós-processual, antropologia interpretativa e antropologia simétrica, filosofia, sociologia da ciência, lingüística e semiótica. De algum modo, a proposta destes encontros disciplinares é promovida em *atenção às coisas e palavras* e, não, em priorizar o compromisso com um ou outro regime teórico, quando consideradas apenas as purezas das filosofias, como alerta Bjørnar Olsen. Quanto ao objeto “empírico” constituído da materialidade textual e das coisas representadas iconograficamente ou em exposições de coleções, se fez necessário, inicialmente, realizar um levantamento bibliográfico criterioso acerca das fontes escritas e iconográficas da Tradição Itaparica, num plano mais geral, e do mesmo modo, mais especificamente, sistematizar os dados de descrições tipológico-funcionais e às representações gráficas dos instrumentos relacionados a esta tradição arqueológica. A partir de então, selecionei textos de acordo com a cronologia das publicações, por autores e por enfoques, especialmente os que diziam respeito às análises tipológico-funcionais, em sua maioria descritivas, e aos que pudessem ser demarcados por alcance interpretativo. Diante

desta diversidade de substâncias da documentação material da Tradição Itaparica - coisas e palavras - percebi que era imprescindível, a todo o momento da pesquisa, criar espaços na minha própria escritura em que a noção-chave de texto pudesse “respirar amplamente a plenos pulmões” para irrigar a materialidade tanto na escritura textual quanto na textualidade dos objetos, pois, de acordo com Roland Barthes, o texto não está circunscrito apenas ao campo tradicional da literatura, ele também se apresenta no jogo de objetos e de imagens.

Como hipótese central considero que a Tradição Itaparica alcançou uma “identidade cultural-material” quando a lesma, o fóssil-guia, foi identificada-reconhecida e não propriamente quando esta cultura material foi descoberta e anunciada nos moldes de uma tradição cultural-material. A partir desta inscrição na materialidade dos textos arqueológicos, os discursos decorrentes, principalmente o agente científico que acumulou maior capital intelectual, e que será referido na nova geração de textos, irá afirmar, no campo científico da arqueologia brasileira, esta tradição arqueológica. Deste modo, assinalo que a terceira parte, *A afirmação discursiva da Tradição Itaparica no campo científico*, é o “coração” da tese. Conforme apresentado no sumário, este estudo está dividido em cinco partes, que doravante serão denominadas capítulos. Esclareço que em todos os capítulos estão delimitados os objetivos a serem alcançados e os procedimentos adotados, bem como a especificação do escopo teórico.

No segundo capítulo, as análises têm como referencial conceitual e, de certo modo, metodológico, a noção de formação discursiva concebida por Michel Foucault. Os estudos foram empreendidos acerca dos primeiros enunciados de Valentin Calderón, tanto escritos quanto gráficos, que concorreram para a instauração do *discurso fundador*. A *função autor* foi ainda considerada, na medida em que delimita espaços de discursividade. O plano do dialogismo e da polifonia, referidos no terceiro capítulo, *Ao compasso de várias vozes: a polifonia discursiva da Tradição Itaparica*, está circunscrito aos enunciados dos discursos arqueológicos que estiveram inter-relacionados por meio de citações entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1980 (período em que a Tradição Itaparica alcança a sua afirmação discursiva). Estes discursos são considerados segundo a dinâmica própria da *interação verbal*, onde os interlocutores são “convidados” a se apresentar no cenário da arqueologia brasileira em roteiros configurados por falas-palavra, a partir de críticas, reconhecimento, omissões e outros pontos de vista. Deste modo, as citações diretas e indiretas são demarcadas, tendo em vista o *dialogismo* que se estabelece quando da configuração da Tradição Itaparica. As vozes que ecoam nos enunciados acerca desta tradição proporcionam

uma ampliação do entendimento do dito, numa *polifonia* demarcada por citações explícitas ou em alusão a objetos de discursos apenas referidos, numa perspectiva amplamente abordada por Mikhail Bakhtin.

Retomo, ainda, algumas considerações acerca do quarto capítulo, referido como o “coração” da tese, para ressaltar que os discursos, tanto em sua afirmação quanto em sua consequente divulgação, resultam em grande parte do meio intelectual nos quais foram gerados e difundidos, e analiso sob esta perspectiva os contextos de produção intelectual onde eles se apresentaram e se afirmaram. Neste sentido, os conceitos de *campo científico* e *capital intelectual*, empregados por Pierre Bourdieu, contribuem para delinear o discurso da Tradição Itaparica, quando da sua fundação e do desdobramento posterior da discursividade na sua afirmação. Ao considerar que os agentes científicos atuam segundo relações de forças onde se instituem a autoridade e o reconhecimento, demarco na discursividade os autores que publicaram sobre a Tradição Itaparica nos anos 1980, período em que parece ter havido uma afirmação conceitual-denominativa desta tradição.

Embora o discurso arqueológico acerca da tradição Itaparica seja decorrente, em grande parte, da designação e da classificação dos artefatos desta tradição segundo descrições tipológico-funcionais, as lesmas, estas coisas arqueológicas, foram também “lidas” a partir de análises das cadeias operatórias em alguns discursos da “nova geração de textos”. Essa “parte da leitura” realizada nestes e sobre estes artefatos-signo decorre da identificação nas descrições, de um sistema semiótico de objetos nos planos sintagmático e paradigmático, tratado no quinto capítulo intitulado *Gestos e coisas criadas: o sistema semiótico do artefato lascado*. Ainda no que diz respeito ao enfoque especificamente nos objetos da Tradição Itaparica, considero no sexto capítulo, *Coisas colecionadas - a narrativa museológica: “eu escavei lá” e “eu analisei o que veio de lá”*, o encontro entre o arqueólogo e as coisas ainda no campo, no que se refere à força de convencimento expresso na escritura posteriormente, e a maneira que os objetos são inscritos nas narrativas de exposições museológicas. Os dois museus referidos nesta pesquisa são o MAE/UFBA (Museu de Arqueologia e Etnologia da Bahia) e o Museu do Instituto Anchieta de Pesquisas. No primeiro, estão expostas as primeiras peças da Tradição Itaparica, provenientes da Gruta do Padre, em Pernambuco, e no segundo, há uma exposição de peças provenientes de Serranópolis, em Goiás. Nestes (con)textos de exposição museológica, a autoridade do arqueólogo, tanto na exposição dos objetos pessoais do pesquisador quanto na sua presença em pessoa, junto às coisas arqueológicas, se apresentam como uma extensão da autoridade de ter “escavado lá”, o sítio

arqueológico. A Tradição Itaparica na coleção particular de Josué Crispim está demarcada especialmente pelo reconhecimento da lesma, enquanto artefato-signo metonímico.

A memória agora ancora firmemente no litoral do Ceará, onde este mundo da Tradição Itaparica teve os seus primeiros contornos diante dos meus olhos. De lá, parti para outras searas e durante os anos de pesquisa transitei entre textos científicos, laboratórios de pesquisa e museus, e ainda, especialmente, ouvi a “fala do pensamento” de pessoas que também fazem parte deste mundo científico. Quanto mais eu conhecia, apesar da delimitação do projeto de pesquisa, mais eu queria avançar, parecia que a pesquisa não teria fim, tal qual o mundo das borboletas que colecionava quando criança. Gostaria de ter abordado a relação entre coisas e pessoas a partir de relações simétricas, compreender o teor de “ação das coisas” nas pessoas, e não meramente, percebê-las e lê-las como mediadoras entre os homens, as mulheres e o mundo. Iniciei esta escritura dimensionando a teoria no alcance desta tese, penso que a continuidade da “vontade de conhecer” após esta pesquisa será inscrita na “prática arqueológica da escavação”, onde desde o início estarei atenta ao meu encontro com as coisas numa ampla dimensão de inter-ação. Agora, ao retornar para a minha aldeia, fico na companhia das palavras de um poeta que me ensina a redimensionar o mundo depois d’eu ter colocado os pés no caminho:

“Da minha aldeia vejo quando da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é grande como outra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...”
(Fernando Pessoa. *O guardador de rebanhos*. 1972).

2 A CRIAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO: O DISCURSO FUNDADOR

“O que é a originalidade? É ver algo que ainda não tem
nome, não pode ser mencionado, embora se ache diante de todos.
Do modo como são geralmente os homens, apenas o nome
lhes torna visível uma coisa, - Os originais foram,
quase sempre, os que deram nomes.
(Friedrich Nietzsche. *A Gaia Ciência*. 1999).

Palavras ditas num tempo passado - ainda acolho na memória sussurros de trechos bíblicos que afirmavam uma das expressões máximas na enunciação: “no princípio era o verbo”, assim me era anunciada a potência da criação divina afirmada no discurso; partilhado por uma longa tradição ocidental cristã, nos primeiros lampejos do meu conhecimento do mundo. Uma experiência que, de algum modo, poderia estar refugiada numa das interpretações da linguagem marcada por uma origem histórica, a Exegese, em que o “Verbo de Deus, sempre secreto, sempre além de si mesmo” (FOUCAULT, 1998, p. XVI) se faz escutar. Transcorreu o tempo e, nos pronunciamentos discursivos na minha trajetória acadêmica, na ciência arqueológica, a palavra, sob a ótica do pós-processualismo¹, alcança o potencial de captar, reter e anunciar o mundo pretérito que também “retorna discurso” na cultura material passível de interpretação. Coisas que em tempos passados também se instauravam na ordem das palavras - nomeadas, designadas, narradas e significadas - e que, no tempo presente, são encontradas em silêncio se inscrevendo em discurso arqueológico. A produção deste discurso faz parte do processo de condicionamento do mundo em palavras (LATOURET, 2001). No marco das ciências empíricas modernas, as palavras se tornaram coisas, objetos com uma espessura própria e não mais representação como na época clássica (FOUCAULT, 2002; MACHADO, 2006).

A palavra na arqueologia se move num terreno que a situa duplamente. Por um lado, alcança um lugar na extensão da cultura material e, por outro, é escritura realizada pelo

¹ Um dos principais pontos do debate entre as correntes de pensamento arqueológicas, processualismo e pós-processualismo, estava centrado no teor interpretativo afirmado por esta última. A crítica se ergueu sobre o conhecimento positivo exercido pelos processualistas que aspiravam à objetividade. Para os pós-processualistas, a prática arqueológica pode ser comparada a um trabalho de tradução, possibilitando, inclusive, leituras ou interpretações múltiplas sobre um mesmo campo de estudo (SHANKS, Michael; HODDER, Ian. *Processual, postprocessual and interpretive archaeologies*. In: HODDER, Ian *et al.* **Interpreting archaeology: finding meaning in the past**. London; New York: Routledge, 1995).

sujeito que descreve, traduz e interpreta² a cultura material de um mundo a ser conhecido. Nesse encontro entre coisas e pessoas, na construção de discursos, se instaura a relação entre dois sistemas semióticos, coisas-objeto e língua, no ato da tradução. A teoria da tradução se ocupa das passagens de uma língua à outra; discorrendo sobre este tema, Jakobson (1969) aponta algumas classificações, dentre elas, a tradução intra-semiótica ou transmutação, em que ocorre a interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. Transpondo este processo para o ato de tradução do arqueólogo, a interpretação se efetivaria a partir de signos não-verbais, que comportam um tipo de materialidade textual, mediante um sistema de signos verbais. A tradução seria ainda uma libertação da “língua pura”, e por sua vez uma transgressão dos limites da língua que se traduz, transformando-a e promovendo uma extensão, ampliação e crescimento da linguagem (DERRIDA, 2002). As coisas, ao serem traduzidas e interpretadas pelo arqueólogo, também estão sujeitas a terem seus limites ampliados, onde a linguagem é libertada da mera percepção das formas, texturas e cores e de outros componentes que indicam uma existência notadamente material.

Os artefatos arqueológicos, além de serem matérias-primas submetidas à dimensão das classificações naturais, técnico-culturais e, por vezes, interpretativas, são palavras que os apresentam no circuito da comunicação entre os próprios sujeitos do conhecimento. Berger (2001) evidencia o potencial de transcendência do “aqui e agora” pela linguagem na vida cotidiana, em que a ausência espacial, temporal e social, inclusive de objetos, pode se fazer presente por meio da linguagem. Essa condição de presentificação e de transcendência da linguagem pelos próprios indivíduos que criaram os objetos e as coisas na pré-história não pode ressoar ou ser reavivada. O que se apresenta para a compreensão do arqueólogo são objetos que, de algum modo, transcenderam o “aqui e agora” da pré-história e que, de acordo com a descrição, análise e interpretação desses objetos e contextos de significação, tornam-se *objeto-linguagem* na *presente-voz* do arqueólogo. Deste modo, na pré-história, é o objeto que transcende, e mais uma vez é a linguagem quem o transporta no tempo. Ocorre que, desta vez, o sujeito desta transposição é o próprio arqueólogo. No universo do objeto do conhecimento, na maioria das vezes, a palavra denominativa das coisas pelos homens e mulheres pré-históricos, aos ouvidos do arqueólogo, do sujeito, já se perdeu na “poeira do tempo e do espaço”. Neste período, é provável que a transmissão do conhecimento social também ocorresse por meio do vocabulário e da linguagem cotidiana para o presente, como

² Neste sentido, Shanks e Hodder (1995, p. 5) afirmam: “An interpreter is a translator, an interlocutor, guide or go-between”.

afirma Schutz (1979). Na pré-história, do mesmo modo, as palavras se constituiriam em um veículo de transmissão de “coisas nomeadas” e tornadas significativas? Diretamente, o arqueólogo não tem acesso a esse modo de expressão. É um mudo destituído de sonoridade, onde escapa o *dito* na pré-história, e emerge o *feito* na cultura material (suscetível a descrições e interpretações) que, no presente, retorna palavra na escritura arqueológica. O que restou foi a cultura material renomeada pelo próprio arqueólogo, inscrevendo um sistema de significação em discursos contemporâneos. Se o passado, de alguma maneira, é construção discursiva, é preciso, no entanto, respeitar a materialidade empírica do passado e considerar a prática arqueológica como uma relação dialética tripla, que envolve a materialidade do passado, a materialidade do presente e a escrita de textos, ou seja, a materialidade da construção de discursos (TILLEY, 2005). No que diz respeito ainda à apresentação do passado, Carman (1995) afirma que nesse processo que transforma a coisa em linguagem, tanto o objeto em si é afetado quanto a audiência para o qual as palavras são dirigidas.

A reconstrução do passado, de acordo com Tilley (1993), é sempre uma metáfora, na medida em que o texto escrito substitui na relação metafórica o que pode ser entendido. O mundo pré-histórico ganha expressão nas palavras que se materializam num texto. É importante esclarecer que o texto não pode ser confinado ao campo tradicional da “Literatura”; há texto onde houver uma atividade de significância em ação, segundo regras de combinação, de transformação e de deslocamento. Portanto, o texto se apresenta nas produções escritas, e em outras diferentes expressões: nos jogos de imagem, de signos, de objetos (BARTHES, 2004). A constituição das coisas, enquanto objetos arqueológicos, somente se efetiva em decorrência da presentificação da linguagem textual, conforme afirma Klaus Hilbert (2008, p. 79):

A cultura material apenas torna-se um objeto arqueológico quando decodificamos em texto, em imagem ou, porque não, em números. Embora os arqueólogos estudem o universo dos objetos, este universo somente fica arqueologicamente concebível pela linguagem. Ao tornar os objetos inteligíveis nós os textualizamos, transformando-os em palavras, e essa textualização inclui análise, observação, descrição e interpretação.

Ainda nesta perspectiva de concepção textual, Christopher Tilley enfatiza que a cultura material, na dimensão de seu uso, pode ser situada para transformar, guardar ou preservar informação social. Em seguida, este arqueólogo destaca o lugar que ela alcança enquanto analogia ao texto, pois “it can be regarded as a kind of text, a silent form of

writing and discourse; quite literally, a channel of reified and objectified expression” (TILLEY, 2000, p. 421-2), constituindo-se assim numa materialidade textual não instituída necessariamente por signos lingüísticos em sua primeira instância, indo alcançar uma abrangência literária decorrente da prática da escritura arqueológica; neste sentido Tilley (1993, p. 23) enfatiza, em outro artigo, que “the archaeological text is a literary form, like it or not”. Deste modo, a própria cultura material é redimensionada na literatura (silenciosamente) bem como o texto arqueológico escrito sobre ela. Nestes (con)textos literários, diante do silêncio da cultura material, cabe ao estudioso ampliar o discurso, tal qual o objetivo da antropologia observado por Geertz (1998) quando da “conversa” de antropólogos com outras culturas; em que, segundo Silverman (1992), a leitura destes textos culturais decorre de uma negociação que se estabelece entre nós mesmos ou com aqueles desconhecidos culturalmente e, transpondo para a arqueologia, com a cultura material.

2.1 CULTURA MATERIAL-DOCUMENTO: O TEXTO MATERIAL

Algumas considerações merecem ser apresentadas acerca da cultura material, que em sua materialidade é um “objeto-texto”, um “texto material”, ou ainda um tipo de texto que se apresenta de uma forma silenciosa como discurso (TILLEY, 2000). Este texto singular favoreceu a constituição de discursos ditos ou escritos no âmbito da arqueologia, na condição de disciplina. A cultura material, em alguns aspectos, enquanto informação cultural preservada corresponderia ao documento, do qual se utiliza a disciplina da História? Ambas estabelecem um tratamento semelhante a esta forma de preservação de informação? Foucault (2007, p. 7) acena nesta direção ao afirmar que “o documento sempre era tratado (na História) como a linguagem de uma voz reduzida ao silêncio: o seu rastro frágil mas, por sorte, decifrável”. Neste sentido, silêncio e linguagem estão redimensionados no documento. No entanto, desde algum tempo, ainda segundo este autor, uma nova postura se ergueu no modo de percebê-lo, promovendo uma ruptura do silêncio, visto que:

A História mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações (FOUCAULT, 2007, p. 7).

Em que medida há correspondência nas posições de Christopher Tilley e Michel Foucault em relação ao documento? O primeiro aponta, como foi dito anteriormente, que os objetos são tipos de textos (e de algum modo documentos) silenciosos, passíveis de interpretação, e o segundo delinea o novo modo que a História se acercou do documento ao “trabalhá-lo em seu próprio interior e elaborá-lo”. Na disciplina da Arqueologia, a cultura material, quando da sua leitura pelo arqueólogo, é, de algum modo, selecionada, ordenada, descrita e relacionada tal qual afirmado anteriormente por Michel Foucault acerca dos documentos da História. A Arqueologia, deste modo, também recorre à “materialidade documental”³. Há, portanto, uma dimensão de entendimento que está circunscrito a um trabalho no próprio interior do texto-cultura material, explicitando as próprias condições da materialidade das coisas e o modo de situá-las internamente. No entanto, há uma ampliação dessas perspectivas que se delinea quanto ao teor interpretativo na arqueologia, inclusive circunscrito ainda no procedimento classificatório, quando Tilley (1993) considera que a interpretação está relacionada à identificação e a certos tipos de classificação; no entanto, nem toda classificação retém uma abordagem interpretativa. A classificação, por si só, é apenas uma aceitação inquestionável movida por uma convicção acrítica, segundo o modo em que as coisas aparecem óbvias tanto para uma pessoa quanto para outra. A interpretação, no entanto, decorre da subjetividade e da formação do intérprete⁴.

Na arqueologia pós-processualista, as *coisas* para gerarem entendimento estão sujeitas à interpretação na extensão das *palavras* constituídas numa gramática e numa linguagem (TILLEY, 1993), enquanto na História, na perspectiva de Michel Foucault, o entendimento necessariamente não passa pela interpretação, que outrora ia além do interior do documento, buscando determinar a verdade e o seu valor expressivo. Anteriormente, a forma tradicional da História transformava os monumentos do passado em documentos na expectativa de dar voz aos rastros e os fazerem falar - que, por si mesmos, raramente são verbais - ou ainda, na expressão do silêncio comunicar coisas distintas do que são (FOUCAULT, 1997); neste sentido poderia residir um dos modos de interpretação passível de “fazer falar distorcidamente” o que as coisas “são”, se inscrevendo como motivação

³ Expressão empregada por Foucault ao se referir a documentos da História (FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007).

⁴ No que diz respeito à interpretação, “in most cases in the social sciences interpretations are not abandoned because they are falsified but because they are replaced by other interpretations exploiting other possibilities inherent in the same material” (TILLEY, Christopher. *Interpretative archaeology*. Oxford: Berg, 1993. p. 3). O programa de pesquisa, ao qual Valentin Calderón se vinculou na metade dos anos 1960, exerceu uma influência no seu modo de classificação da cultura material da Tradição Itaparica. Em seguida apresentarei algumas considerações acerca do método empregado por este arqueólogo e que, de certo modo, imprimiu particularidades descritivas-classificatórias e, em menor medida, interpretativas em seu discurso.

fundamentada na busca da verdade. Michel Foucault rompe com a concepção tradicional de verdade e com as tentativas de descobri-la; tal qual a fenomenologia, o esforço se concentra na noção de uma descrição pura (RABINOW; DREYFUS, 1995). A cultura material, ao ser considerada pelos pós-processualistas como um texto silencioso, deve ser percebida em sua singularidade, visto não corresponder, na inerência de seu ser, aos textos constituídos por palavras. Nesse sentido, Bjørnar Olsen (2006, p. 97)⁵ faz algumas considerações:

A major fault, however, was to conflate the textual and the material as ontological entities. Many of us inspired by post-structuralism all too easily came to ignore the differences between things and text; to ignore that material culture is in the world in a fundamentally different constitutive way from texts and language.

Quando Michel Foucault se refere à interpretação, ele fala do “lugar” da linguagem, onde se instauram práticas discursivas⁶. Em seu livro *Arqueologia do Saber*, o método arqueológico⁷ se reporta a enunciados que apontam para formações discursivas⁸, e não a coisas tais quais objetos confeccionados pelo homem, embora tenham uma espessura própria diferentemente de uma representação. Deste modo, a análise dos enunciados não está na riqueza interpretativa e sim na lei da pobreza que rege as formações discursivas destituídas de interpretações, visto que:

Interpretar é uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido: uma maneira de falar a partir dela e apesar dela. Mas analisar uma formação discursiva é procurar a lei de sua pobreza, é medi-la e determinar-lhe a forma específica (FOUCAULT, 2007, p. 136).

No entanto, após terem sido descritos os enunciados, recortadas suas instâncias de aparecimento, Foucault (2007) não exclui totalmente a interpretação de suas análises, especialmente ao considerar que uma formação discursiva pode abrir-se para novas

⁵ Veja também McCracken que argumenta que caso seja considerada a metafóricidade entre cultura material e linguagem, os estudos deverão estar voltados para a contrastividade e não para a comparatividade entre elas; sobretudo estar mais atento às diferenças que às similaridades (McCRACKEN, Grant. **Cultura & consumo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003).

⁶ Foucault considera “o discurso enquanto sua realidade material de coisa”, mas coisa pronunciada ou escrita (FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. p. 8).

⁷ A prática deste arqueólogo de discursividade é ressaltada por Paul Rabinow e Hubert Dreyfus do seguinte modo: “o arqueólogo se coloca numa posição ortogonal em relação às formações discursivas, a seus objetos, sujeitos, conceitos e estratégias que têm significado e às tentativas de descobrir a verdade” (RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 96).

⁸ O conceito de formação discursiva será explicitado ao longo deste capítulo.

possibilidades ao ser retomada, situada e *interpretada* numa nova constelação discursiva⁹ no que diz respeito a uma documentalidade material.

Na arqueologia acadêmica, os discursos, quando constituídos acerca dos mesmos objetos de conhecimento em suas materialidades documentais, segundo as mesmas orientações de correntes de pensamento, podem convergir para uma similitude discursiva. Neste sentido, a percepção do arqueólogo acerca do que é relevante é um reflexo dos seus pressupostos teóricos, que irão influenciar os tipos de dados coletados e os métodos utilizados (TRIGGER, 2004), concorrendo para uma diferenciação discursiva quando se muda o sujeito e permanece o mesmo objeto do conhecimento. No que diz respeito ao saber constituído em lugares e com perspectivas teóricas diferentes, Tilley (1995, p. 24-5) afirma que “academic archaeology probably includes several discourses: Near Eastern and classical archaeology being distinct from Anglo-American processual archaeology”. Apesar dessas diversidades discursivas, todos estes discursos são constituídos a partir de materialidades documentais que, salvo suas especificidades de elaboração, são formados fundamentalmente pela cultura material, construída ou abandonada em ambiente pelos “homens e mulheres ausentes” que outrora os conceberam e com eles (inter)agiram.

2.2 A TRADIÇÃO ITAPARICA: COISAS NÃO DITAS

No plano de reflexão sobre a materialidade documental, algumas perguntas freqüentes movem o pensar arqueológico diante da cultura material: quando foram produzidos estes objetos-documento? Onde foram achados os objetos-documento? Nestas perguntas que buscam esclarecimentos para o “quando” e o “onde”, no que diz respeito ao tempo e ao espaço, a resposta pode ser confirmada por cronologias tomadas como verdadeiras, ou comprobatórias de um passado posto em escala. Nesse sentido, o objeto irá repousar numa dimensão temporal e no contexto espacial do achado para alcançar o seu referencial espaço-temporal. A cultura das populações pré-históricas dos caçadores-coletores na época do Holoceno Antigo, no Brasil, foi largamente examinada a partir da indústria lítica e das relações estabelecidas com o meio ambiente que configuraram os padrões de assentamento. O referencial cronológico, até o momento, de maior antiguidade

⁹ O estudo da economia das constelações discursivas decorre da relação que o discurso estudado estabelece com os que lhes são contemporâneos ou vizinhos (FOUCAULT, 2007).

da cultura arqueológica Tradição Itaparica, ou de sítios onde foram encontrados instrumentos unifaciais plano-convexo, no marco da época geológica referida, alcança 12.000 AP, na Lapa do Boquete, em Minas Gerais (FOGAÇA, 2001), em seguida outra ocupação que também se inclui nesta antiguidade recuada: 11.000 A.P. (SCHMITZ, 1989) diz respeito ao sítio GO-JA-01, em Goiás. Com o objetivo de referenciar o horizonte cronológico de acordo com datações dos sítios priorizados nos discursos arqueológicos, os quais serão analisados neste trabalho, constatou-se que a variabilidade de ordem temporal remonta à cronologia entre 12.000 A.P. e 5.500 A.C., para aqueles devidamente datados. Os estados brasileiros que apresentam maiores informações sobre essas ocupações humanas do passado são o Amazonas¹⁰, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia, Tocantins, Piauí e Ceará. A cultura material que perpassa essas extensões geográficas, lhes possibilitando um plano de comparabilidade, diz respeito à indústria lítica inscrita na *Tradição Itaparica* (CALDERÓN, 1973, 1983; MARTIN; LIMA; ROCHA, 1986; SCHMITZ, 1989; 2004; LAROCHE; LAROCHE, 1980), designada também de Arcaico Antigo (PROUS, 1992) ou, ainda, de Fase Serra Talhada (PARENTI, 2001). No entanto, independente das nomações empregadas, há um predomínio, conforme salientado, de raspadores unifaciais plano-convexo, denominados metaforicamente de *lesmas*¹¹, que se apresentam como instrumentos identificadores dessa tradição arqueológica.

No que diz respeito à constituição propriamente do universo das coisas criadas ou confeccionadas, os praticantes da arqueologia lançaram perguntas fundamentadas em como as coisas foram feitas - “the traditional focus of archaeology” (ANDREWS; BARRET; LEWIS, 2000, p. 1). Apesar da arqueologia se constituir em um saber das ciências humanas, parece-me que as perguntas “Como viviam estes homens e mulheres pré-históricos?” e “Qual o sentido conferido aos objetos?”, no discurso arqueológico nos anos 1980, acerca da Tradição Itaparica, não repercutiram enfaticamente, dando lugar a problematizações do tipo: do que se constitui a cultura material? Qual a função dos instrumentos? Qual a data de sua utilização e/ou abandono? Um dos primeiros discursos que anunciou a Tradição Itaparica, relativa à cultura das populações pré-históricas dos caçadores e coletores na época do Holoceno Antigo e Médio (12.000-5.500 A.P.), no Brasil, em nenhum momento fez alusões

¹⁰ Roosevelt e colaboradores registra um instrumento plano convexo na região amazônica, embora não tenha se referido a terminologias alusivas à Tradição Itaparica e ao instrumento plano-convexo (ROOSEVELT, A. C. *et al.* Paleoindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of the Americas. *Science*, n. 272, p. 373-84, 1996).

¹¹ “La limace est un type particulier de pointe ou de racloir convergent, em ce qu’il est à la fois allongé et doublé” (BORDES, 1950, p. 338 *apud* BRÉZILLON, Michel N. **La dénomination des objets de pierre taillée**: matériaux por um vocabulaire des préhistoriens de langue française. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1977. p. 268).

ao modo de viver dos homens e mulheres que abandonaram os vestígios arqueológicos, nem tampouco atentou para o teor interpretativo da cultura material. Os objetos do discurso primeiro que apresentava a Tradição Itaparica eram constituídos por instrumentos líticos e pelo ambiente natural; homens e mulheres, também objetos de discurso, foram fadados a generalizações enquanto “caçadores-coletores”, figurando apenas como personagens “deduzidos”, em que a confecção de algumas pedras lhes era atribuída quando da realização de instrumentos e, em nenhuma medida, pela plenitude de significação. Estes implícitos “do fazer” eram deduzidos das marcas humanas quando da elaboração dos artefatos, que concorriam apenas para lançar, indiretamente, esses homens e mulheres na materialidade de discursos na escritura arqueológica.

A construção do objeto na arqueologia, bem como em outras disciplinas, decorre do funcionamento do discurso¹²; diante da multiplicidade de produção, expressão e interpretação cultural, e de cada tipo, em particular, se institui o modo pelo qual as enunciações podem ser feitas, os textos constituídos e os saberes desenvolvidos (SHANKS; HODDER, 1995). Para além da constituição do discurso arqueológico, há a dimensão da sua expansão discursiva, a potencialidade de ser desdobrado em novas discursividades¹³. A inserção dos discursos socialmente, de um modo geral, está sujeita a desnivelamentos; há aqueles que têm um “tempo de vida” apenas no ato do pronunciamento - ditos no “correr dos dias” -, enquanto outros são retomados, se falam deles e os transformam, onde, em certa medida, estão incluídos os textos científicos, “discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, *são ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 1996, p. 22). É neste “território literário”, em sua emergência de acontecimento no discurso arqueológico, que irei me deter ao discorrer sobre a constituição dos discursos acerca da Tradição Itaparica. Neste capítulo, o *corpus* de análise corresponde aos discursos do arqueólogo que anunciou esta tradição, Valentin Calderón, publicados nos anos 1969, 1973 e 1983, um corte cronológico que se inscreve na segunda metade do século XX. Terei como

¹² White enfatiza que o discurso “é quintessencialmente um empreendimento *mediador*”, e aqui reside em parte o seu funcionamento (WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 16-7). Ele é concomitantemente interpretativo e pré-interpretativo, em que sua elaboração se constitui sempre sobre a natureza da própria interpretação e sobre o tema. No que concerne ao funcionamento ou prática discursiva, Foucault (1996) aponta alguns princípios, a saber, o de descontinuidade, de especificidade e de exterioridade.

¹³ Por meio das metáforas de vestuário e varal, Langer considera que as palavras são tal qual roupas, que mesmo sendo usadas umas por sobre as outras, precisam ser enfileiradas, lado a lado, quando estendidas no varal; e deste modo, a discursividade é a propriedade deste simbolismo verbal, em que as palavras ditas ou escritas se prestam a esta ordem de arranjo (LANGER, Susanne K. **Filosofia em Nova Chave**. São Paulo: Perspectiva, 2004).

objetivo demarcar o discurso fundador e as instâncias de acontecimento enunciativo acerca da antiguidade de ocupação do continente americano, no nordeste do Brasil, que possam ter concorrido para a instauração de uma ou mais formações discursivas constituídas por enunciados dispersos, onde é possível ser definida uma regularidade a partir de correlações entre objetos de discurso, temáticas e conceitos (FOUCAULT, 2007). A ruptura marca o campo discursivo tanto no que diz respeito à formação quanto à fundação da discursividade. Embora o termo fundador possa remeter a algo relacionado à origem, essa perspectiva está excluída desta análise. O que o torna discurso fundador é a diferenciação relativa ao que foi dito antes, pela via da re-significação (ORLANDI, 2003). O discurso fundador é instaurador de novos sentidos, não necessariamente emerge num campo destituído de significação para se afirmar: em vestígios discursivos de uma memória anterior busca constituir novos sentidos inscrevendo sua própria memória. Deste modo, a noção de antiguidade é re-significada nos discursos de Valentin Calderón sobre a Tradição Itaparica, concorrendo para a instauração de um “discurso fundador da antiguidade”, no que diz respeito à ocupação da região nordeste do Brasil.

Os discursos de Valentin Calderón, na segunda metade do século XX, serão descritos tendo em vista estabelecer os limites e instâncias de enunciações desde a prática de campo arqueológica até a produção de textos científicos. A descrição dos acontecimentos discursivos concorrerá para situá-los num plano de emergência que encerra uma finitude, na medida em que só haveria a possibilidade de constituir certos tipos de enunciados e não outros. Esta perspectiva analítica pode ser resumida nas próprias palavras de Michel Foucault (2007, p. 31) acerca da análise do campo discursivo:

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, e de fixar limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.

Tendo em vista estes posicionamentos teóricos, iniciarei a análise dos discursos da Tradição Itaparica, especialmente por ter a intenção de descrevê-los na sua instância de singularidades enunciativas de acontecimentos. Não é minha intenção lhes conferir um posicionamento numa escala que espreita uma origem de manifestação, buscando as causas primeiras de seu aparecimento, numa disposição recortada pelo princípio da ocorrência, mas, sobretudo, atentar para as correlações entre os enunciados dispersos que se instauraram quando das suas insurgências.

Final dos anos 1960 e a extraordinária paisagem do sertão nordestino motivava o arqueólogo Valentin Calderón a afirmar, em um dos seus escritos não publicados e arquivados no MAE/UFBA¹⁴, que “la región es, seguramente, uma de las más árida em todo el ‘Sertão’ Sanfranciscano”. Neste ambiente “foi reconhecida a Gruta do Padre existente nas imediações da cachoeira [...], onde se efetuou uma escavação sistemática com o objetivo de verificar o conteúdo estratigráfico do subsolo” (CALDERÓN, 1969, p. 135-6). Os procedimentos norteadores dessa prática de campo estavam sob a orientação do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), dirigido pelos arqueólogos Clifford Evans e Betty Meggers, do Instituto Smithsonian, sendo que Valentin Calderón, na Bahia, juntamente com Nássaro Nasser, no Rio Grande do Norte, eram os únicos arqueólogos do nordeste vinculados a este programa.

Em 1964, pela primeira vez, os arqueólogos norte-americanos vieram ao Brasil realizar um treinamento com arqueólogos brasileiros, tendo como foco principal a análise cerâmica. Em 1965 foi implantado o PRONAPA, com forte ênfase em pesquisas nos estados litorâneos, tendo por objetivo delinear um esquema espaço-temporal a partir do emprego de métodos de campo e critérios analíticos que haviam sido apresentados num encontro em Paranaguá, no estado do Paraná, no ano anterior (MEGGERS, 1998). Estes estudos se constituíam no parâmetro de cientificidade para Calderón (1983, p. 38) em contraposição a outros trabalhos realizados no Brasil. Neste sentido, ele afirma que sua intenção é “encorajar os estudiosos a tentar estabelecer as bases de uma arqueologia científica, como já se fez com as tradições e fases da cerâmica”, a propósito da introdução de um texto sobre a Tradição Itaparica. O discurso de Valentin Calderón, especialmente no que se refere ao método e à análise de material, está circunscrito a este momento da história da arqueologia brasileira, onde se confrontam práticas amadoras e científicas¹⁵.

A Gruta do Padre, próxima a cachoeira de Itaparica, no município de Petrolândia (Pernambuco), atraía sertanejos e arqueólogos que em seus *mundos* narravam histórias orais do domínio público e pré-história tecida no texto arqueológico. Nos anos 1960 ainda eram pouco expressivos os trabalhos que afirmassem a reflexão sobre a multiplicidade de vozes na pesquisa arqueológica, no entanto, de forma tênue, Valentin Calderón foi um ouvinte

¹⁴ MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia) / Universidade Federal da Bahia.

¹⁵ Em 1964, quando da realização de um curso na Universidade Federal do Paraná, Bety Meggers afirma que neste estado a arqueologia era desenvolvida como uma atividade amadora (MEGGERS, Betty J. Cuarenta años de colaboración. In: MEGGERS, Betty (Ed.). **Prehistoria Sudamericana: nuevas perspectivas**. Washington: Taraxacum, 1988).

diante da emergência da voz de Anselmo, o seu guia, quando do relato de um (des)encontro amoroso, entre um padre e uma moça, com trágico desfecho na Gruta do Padre. A oralidade, no âmbito da pesquisa arqueológica, possibilita situar as diferentes vozes na medida em que estas são ouvidas e entendidas, ao invés de somente aplicar instrumentos universais de medição (HODDER, 1991). Quais os sinais que apontavam para a morte do casal? Os ossos da Caverna do Padre eram os indícios da tragédia que se propagava oralmente entre os habitantes dessa região. Entretanto, Valentin Calderón e Carlos Estevão irão afirmar que os ossos diziam respeito a populações ameríndias¹⁶. Embora não corroborando a história difundida pela população local, Valentin Calderón registrou em seus escritos estas informações e, de algum modo, esses relatos se inscrevem no topônimo também registrado no discurso arqueológico. Desse modo, a Gruta do Padre é um signo onde coexistem leituras da população local e do conhecimento arqueológico.

O inesperado que acomete o acontecimento de uma escavação é uma das mais férteis potencialidades na construção do objeto de estudo. Própria de revelações inusitadas aos olhos daqueles que procuram - muitas vezes se acha o que não se estava procurando. Com Valentin Calderón, o ato de busca se inscreve nesse quadro; a construção de horizontes culturais transcorreu por caminhos que ultrapassaram os ossos das camadas estratigráficas recentes em direção às pedras depositadas nas camadas mais antigas, numa estratigrafia desmontada e reconstruída conceitualmente no tempo e no espaço, a partir de representações sógnicas; em que as práticas do trabalho de campo, nos primeiros momentos, regidas pelo ofício do arqueólogo, vão se constituindo em práticas discursivas.

Os ossos, um dos significantes principais na cadeia de construção semiótica que imprimia sentido à tragédia do padre e da moça, passaram a ser revistos por Valentin Calderón, na medida em que outros signos se incorporavam ao entendimento de um novo complexo semiótico arqueológico. A esse respeito Calderón¹⁷ escreve em seu caderno de campo:

¹⁶ Martin e colaboradores transcreveram relatos dos trabalhos de Carlos Estevão na Gruta do Padre, onde ele buscou situar os achados culturais no quadro das migrações pré-histórica no Brasil (MARTIN, Gabriela; LIMA, Marcos Galindo; ROCHA, Jacionira Silva. *Indústrias Líticas em Itaparica, no vale do Médio São Francisco (Pernambuco - Brasil)*. *Clio*, Recife, UFPE, p. 99-135, 1986. (Série Arqueológica, n. 3).

¹⁷ Arquivado no MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia) / Universidade Federal da Bahia (CALDERÓN, Valentin. *Cadernos de Campo arquivados no MAE/UFBA*. Salvador: UFBA, 1967a).

Entrando na gruta, fui levado diretamente ao local em que estavam os “ossos do padre”, segundo acreditava seu guia¹⁸. Este, levantando uma laje, pôs a mostra ossos humanos, aparentemente antigos. Recolocada a laje sobre os ossos, foi feita uma ligeira inspeção por todo o solo da gruta, onde outras lajes bastante grandes, jaziam em diversos lugares. Um teste realizado por baixo dela deu como resultado o aparecimento de mais ossos. Compreendendo que estava diante de um grande ossuário, Estevão Pinto encaminhou-me para junto de uma outra laje, onde fez, ligeiramente, uma nova escavação. No decorrer desta, encontrou um pequeno ornamento feito de um pedaço de tarso de ave, igual a uns ainda hoje usados em colar e pulseira por índios da Amazônia¹⁹. Satisfeito, recolhi o achado; coloquei, de novo, os ossos no lugar que se encontravam, e, como já estivesse escurecendo, retirei-me da gruta acompanhado de Anselmo.

Estes achados em níveis próximos à superfície revestem o que será descoberta e denominada Tradição Itaparica. Os objetos correspondentes a este nível estratigráfico se instituem enquanto diferenciadores na classificação mais extensiva, em que a identidade destes materiais é contrastada com outros que futuramente serão posicionados em diferentes níveis estratigráficos. De algum modo, a diferença esclarece as identidades na cultura material observada nos diversos estratos da Gruta do Padre. É nesse mundo de coisas diferenciadas e sujeitas a nomeações que se desenvolverá o discurso de Valentin Calderón. No discurso arqueológico instaurado a partir de vestígios culturais e pelo ambiente natural, emerge o autor enquanto produtor/construtor de discursividade que apresenta a Tradição Itaparica e o mundo pré-histórico que a constitui.

2.3 A FUNÇÃO AUTOR: DELIMITAÇÃO NO ESPAÇO DA DISCURSIVIDADE

O autor exerce algumas funções na discursividade, mas nem sempre o seu papel foi o mesmo na nossa civilização. Na Idade Média, a autorização do valor de verdade era decorrente do nome do autor que assinalava os discursos. No século XVII ou no XVIII, elimina-se a função autor, os discursos passam a ser recebidos anonimamente, numa verdade estabelecida ou passível de demonstração. No entanto, atualmente, a função autor desempenha um papel preponderante nas obras literárias; quem as recebe imediatamente se põe a indagar quem as escreveu, em que data, em que circunstâncias ou mediante quais projetos foram escritas. Na Medicina e na Biologia, a indicação do autor e a data da

¹⁸ Grifo meu, em que destaco um trecho da narrativa que revela a concepção de Anselmo, a voz da população local.

¹⁹ Grifo meu. Neste trecho são destacadas as novas análises, associações ou mesmo interpretações decorrentes da ampliação dos dados arqueológicos.

realização do trabalho apontam para particularidades; essas referências não são apenas indicativas de fontes, mas possibilitam conferir um indício de confiabilidade, no que concerne ao momento e em qual laboratório foram utilizados os procedimentos técnicos e os objetos de experimentação (FOUCAULT, 1992). A função autor no discurso arqueológico de Valentin Calderón acerca da Tradição Itaparica remete a papel semelhante, tanto ao da Literatura quanto ao da Biologia e Medicina. Quem recebe estes textos busca indicativos relativos ao projeto no qual o arqueólogo está inserido, ao momento e ao laboratório onde as datações foram realizadas na expectativa de encontrar indícios de confiabilidade para considerar o valor das descobertas ou achados arqueológicos. Na primeira publicação de Calderón ainda não consta a designação de Tradição Itaparica para os achados mais antigos, no entanto a indicação que confere essa antiguidade está afirmada na data de 5630 ± 440 a. C. (SI-644), em nota de rodapé, relativa à expressão “verificar o conteúdo estratigráfico do subsolo”, já mencionada anteriormente. Esta cronologia assume um lugar que remete “a data do sítio” e, ao mesmo tempo, vai adquirir na comunidade científica referências que as posicionam como “as datações de Calderón”²⁰, realizadas no laboratório S.I. (Smithsonian Institution, Washington - USA). A pesquisa de Valentin Calderón estava inserida no PRONAPA, e essa participação instituiu confiabilidade ao seu trabalho devido ao papel relevante que este programa de pesquisa exerceu na arqueologia brasileira, que “mesmo depois de 40 anos permanece um signo poderoso e polissêmico” (HILBERT, 2007a, p. 118).

A datação referida e os discursos correlacionados foram instaurados por Valentin Calderón segundo regularidades que apontam a antiguidade de populações pré-históricas no Nordeste do Brasil, tendo como principal enfoque a cultura material e, em menor medida, o ambiente natural. A partir deste momento, outras discursividades (a de Pedro Ignácio Shcmitz e de Armand Laroche) que, inclusive versarão sobre populações pré-históricas em diferentes territórios deste país, irão decorrer devido a analogias ou diferenças relativas a esse discurso fundador. Valentin Calderón, um nome de autor, delimita espaços de discursividades acerca da Tradição Itaparica. De certo modo, o nome de autor confere aos discursos um certo papel, na medida em que atua no reagrupamento de um número de textos, na delimitação, na classificação e, inclusive, os situando por oposição a outros textos (FOUCAULT, 1992). Essas decorrências textuais vêm se constituir numa “geração de

²⁰ De acordo com Martin, Valentin Calderón, a partir da escavação da Gruta do Padre, foi quem primeiro apontou o conceito de Tradição Itaparica de caçadores e coletores do semi-árido e quem obteve as primeiras datações radiocarbônicas da região (MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Universitária da UFPE, 1999).

textos”²¹ que passam a demarcar o acontecimento discursivo da Tradição Itaparica, na medida em que foram posicionadas as afirmações destes arqueólogos. As afirmações textuais não se tornam fato ou ficção em si mesmas, mas de acordo com o que as sentenças posteriores possam vir a fazer com elas; e a geração dos textos seguintes é o que proporcionará a sobrevivência e a transformação em fato de uma afirmação (LATOURE, 2000).

2.4 ANTECEDENTES DA ANUNCIAÇÃO: ÊNFASE NA TIPOLOGIA

A primeira publicação²² de Valentin Calderón, em 1969, não inscreve pela via da designação o objeto de discurso Tradição Itaparica. A enunciação está reservada à descritividade da tipologia dos artefatos arqueológicos encontrados nas camadas mais antigas e à datação correspondente por C14. Não há lugar para qualquer menção interpretativa, apenas são informados os tipos de instrumentos; apesar de não ser nomeada a tradição aos quais pertencem, neste momento se demarca uma nova fase, no horizonte das classificações de instrumentos líticos no nordeste do Brasil, em decorrência da singularidade da tipologia. Os primeiros enunciados de Valentin Calderón (1969, p. 136) se reportam aos tipos e posicionamento crono-estratigráfico dos instrumentos líticos:

Dos estratos mais profundos (1.06 m) foram coletadas centenas de lascas preparadas e retocadas, raspadores, canivetes, etc., alguns deles cuidadosamente trabalhados em sílex (figs. 11-12). Os utensílios de forma lanceolada, com uma fase perfeitamente trabalhada por percussão e pressão, e a outra completamente lisa, constituída por um único plano de lascamento, sem a presença de bulbo, são, certamente, os mais característicos na tipologia desta nova fase do horizonte lítico nordestino.

A tipologia e a cronologia, mencionadas anteriormente (5630 ± 440 a. C), são constituintes de enunciações que antecipam a nomeação da Tradição Itaparica. Os estudos tipológicos remontam ao século XIX, principiando com o dinamarquês Thomsem ao

²¹ Latour emprega a metáfora de geração porque os genes para sobreviverem precisam passar para as gerações subsequentes (LATOURE, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000).

²² Nota prévia sobre arqueologia das regiões Central e Sudoeste do Estado da Bahia.

estabelecer a classificação de objetos antigos pela categoria do uso, pelo tipo de material e pela forma (TRIGGER, 2004). Portanto, os enunciados de Calderón pertencem a uma formação discursiva que há muito inscrevia regularmente a tipologia e a cronologia no discurso arqueológico ao se referir aos artefatos; neste sentido não há ruptura para *dizer* algo novo sobre a indústria lítica no nordeste do Brasil ao ser adotado o critério de análise tipológica. O novo é anunciado na própria descrição da singularidade dos artefatos, em que estes enunciados serão apoiados por ilustrações de algumas das peças provenientes do nível estratigráfico mais antigo.

2.5 CONSTRUINDO O OBJETO DE CONHECIMENTO: A PRÁTICA DISCURSIVA DA ESCAVAÇÃO

Na trajetória que vai da prospecção à escavação, de que maneira o autor Valentin Calderón teria construído seu objeto a ser conhecido, aquele que primeiramente fora anunciado de Tradição Itaparica? Por onde se entrelaçam este objeto de estudo e os objetos do discurso? Que decisões foram tomadas na prática dos trabalhos de campo visando a construção desse objeto do conhecimento? Bourdieu (2003) explicita, conforme a sua experiência de investigador na sociologia, que a construção do objeto ocorre gradativamente, por alterações regidas pelo ofício, um conjunto de princípios práticos que irão orientar as escolhas tanto minúsculas quanto decisivas. Na prática arqueológica, o ato da escavação é um acontecimento no saber fazer científico em que a irrupção, recorrência ou ausência de dados continua impulsionando o exercício do ofício mencionado. Desse modo, o arqueólogo frequentemente é requisitado a dar respostas visando um melhor entendimento dos vestígios e do contexto estratigráfico, ainda no momento da escavação. O objeto de estudo, nessa acentuada dinâmica de abordagens, está sujeito a constantes revisões na sua construção. Apontando as dimensões por onde transitam e se configuram os princípios práticos, numa perspectiva semelhante a da sociologia, Hodder (2003, p. 426) afirma que “archaeological fieldwork may be regarded as a technical task that involves an intellectual process. The divide between practical and academic skill may be bridged in archaeological fieldwork”. Nos cadernos de campo de Calderón (1967a) foram registrados alguns dos procedimentos práticos de escavação adotados na Gruta do Padre, em que é ressaltada a necessidade de ordenação correlacional entre a cultura material e a estratigrafia.

Valentin Calderón (1967b) iniciou a escavação no dia 06 de janeiro de 1967 e três dias depois escrevia em seu diário:

Chegamos à convicção de que é necessário escavar alguns quadros pelo sistema de camadas naturais para confirmar as observações já realizadas pelo método dos níveis arbitrários, fixando com precisão absoluta a situação estratigráfica dos exemplares guia de cada uma das tradições que integram este horizonte cultural lítico.

Neste momento em que se adota um novo procedimento na prática da escavação (“sistema de camadas naturais”), Valentin Calderón especifica o objeto a ser construído na perspectiva de configurar tradições decorrentes dos “exemplares guia” posicionados na estratigrafia. Deste modo, ocorre uma ordenação estratigráfica, espaço-temporalmente, a partir da formação natural da composição sedimentar, onde os artefatos arqueológicos se localizam. São estabelecidas correlações entre os objetos de discurso da estratigrafia e da cultura material em sua prática discursiva, sendo possível “abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los, etc. Estas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática” (FOUCAULT, 2007, p. 51-2). Anteriormente, pelos níveis arbitrários, a cultura material estava dispersa sem correlação precisa com a estratigrafia que pudesse informar uma identidade estratigráfica passível de abarcar a identidade da cultura material. Os novos princípios práticos ou técnicos de Calderón foram postos em ação na medida em que a sua habilidade acadêmica, norteadas pelos métodos de escavação, principiando pelos níveis arbitrários, foi considerada ineficaz para atender a sua expectativa de esboçar tradições culturais a partir da indústria lítica. A confirmação da eficácia do novo procedimento é celebrada por Valentin Calderón ao constatar que “este sistema de camadas naturais confirmou plenamente a existência de magníficos *artefatos unifaciais*²³ na camada vermelha mais profunda em contato direto com a base rochosa que forma o chão da caverna” (CALDERÓN, 1967b): eis que nasce, à espera de batismo, a Tradição Itaparica!

As divisões estratigráficas, embora possam ser lidas cada uma em seu espaço próprio e circunscrito de posicionamento, seja por níveis arbitrários, seja por naturais, também são inter-relacionadas e diferenciadas, numa perspectiva em que os contrastes dimensionam as identidades segundo a localização dos achados arqueológicos. A terra vai sendo recortada, física e discursivamente em “cortes estratigráficos”, alcançando um lugar de representação

²³ Grifo meu.

nos desenhos das quadrículas, dos perfis, das plantas baixas e de outros traçados. A terra de ocupação do mundo pré-histórico da Tradição Itaparica se torna inscrição, que nas palavras de Latour (2001, p. 350) é um “termo geral referente a todos os tipos de transformação que materializam uma entidade num signo, num arquivo, num documento, num pedaço de papel, num traço”. Os discursos arqueológicos, constituídos por enunciados de ordem lingüística e de outros sistemas semióticos, estão sujeitos à instituição de sentidos próprios ao domínio do mundo arqueológico, no entanto, conforme afirma Bruno Latour, o ato de conhecimento científico requer um certo domínio do mundo, mas desde que ele venha sob “forma de inscrições bidimensionais, superpostas e combinadas” (LATOURE, 2001, p. 44).

As palavras de Valentin Calderón nos escritos compilados sob o tema “*Rascunhos del Trabajo*”, ainda não publicados e arquivados no MAE/UFBA, revelam os critérios que nortearam inicialmente a escavação, ao mesmo tempo que apresentam e justificam as inscrições referentes ao quadriculamento do terreno onde se posicionava a cultura material da Tradição Itaparica. Eis o discurso de Valentin Calderón (CALDERÓN, 1967a):

Propondo-nos apenas fazer um teste estratigráfico com a finalidade de comprovar as informações que nos transmitiu Estevão Pinto, foi escolhida uma das áreas superficiais da gruta, a que oferecia à primeira vista menor número de fragmentos grandes de rochas, e, *nela se demarcaram seis quadras que foram denominadas por letras, de A a F*²⁴. Cada uma das quadras media aproximadamente 1,60 x 2,00, medidas estas resultantes da divisão do espaço previsto para que, em caso necessário, fosse possível ampliar os testes, a partir de uma linha base traçada paralela à entrada da caverna.

Em larga medida, os discursos sobre a escavação e a sua representação gráfica são estratégias sígnicas para exprimir a dimensão espaço-temporal da ocupação pelos próprios homens e mulheres pré-históricos, ao mesmo tempo em que algumas inscrições proporcionam uma leitura universalmente codificada do “fazer arqueológico” entre os arqueólogos. Nesse sistema semiótico, ocorre uma extraordinária polissemia, tanto no âmbito da codificação da linguagem entre os sujeitos do conhecimento, quanto na leitura interna do espaço escavado em que se busca situar os vestígios arqueológicos temporal e espacialmente. A prática discursiva arqueológica também se efetiva na prática da escavação, onde o corte na terra, o objeto localizado, a altimetria, a planimetria vão se constituir em instauradores de sentidos correlacionados a textos escritos. Esses registros ao serem

²⁴ Grifo meu. Grifei este trecho para destacar a inscrição que corresponderá a este enunciado no desenho de Calderón.

incorporados aos textos arqueológicos apresentam peculiaridades, na medida em que essas inscrições enunciativas não se dispõem do mesmo modo, pois segundo Bruno Latour:

A diferença entre um texto comum em prosa e um documento técnico é a estratificação deste último. O texto é organizado em camadas. Cada afirmação é interrompida por referências que estão dentro do texto ou fora dele, em outras partes, a figuras, colunas, tabelas, legendas, gráficos (LATOURE, 2000, p. 81).

Medir, escavar e inscrever são gestos materiais que resultam em inscrições nos termos de enunciações. A Tradição Itaparica foi também configurada por estes tipos de enunciados correlacionados aos vestígios materiais que, num primeiro momento, provocaram uma ruptura no sentido atribuído à antiguidade ocupacional do território brasileiro, conforme será tratado a seguir. Nos arquivos do MAE/UFBA, localizei algumas inscrições quando das representações sígnicas da escavação da Gruta do Padre realizada por Valentin Calderón, onde ele e um desenhista, posteriormente, inscreveram iconograficamente o espaço de ocupação do mundo pré-histórico da Tradição Itaparica:

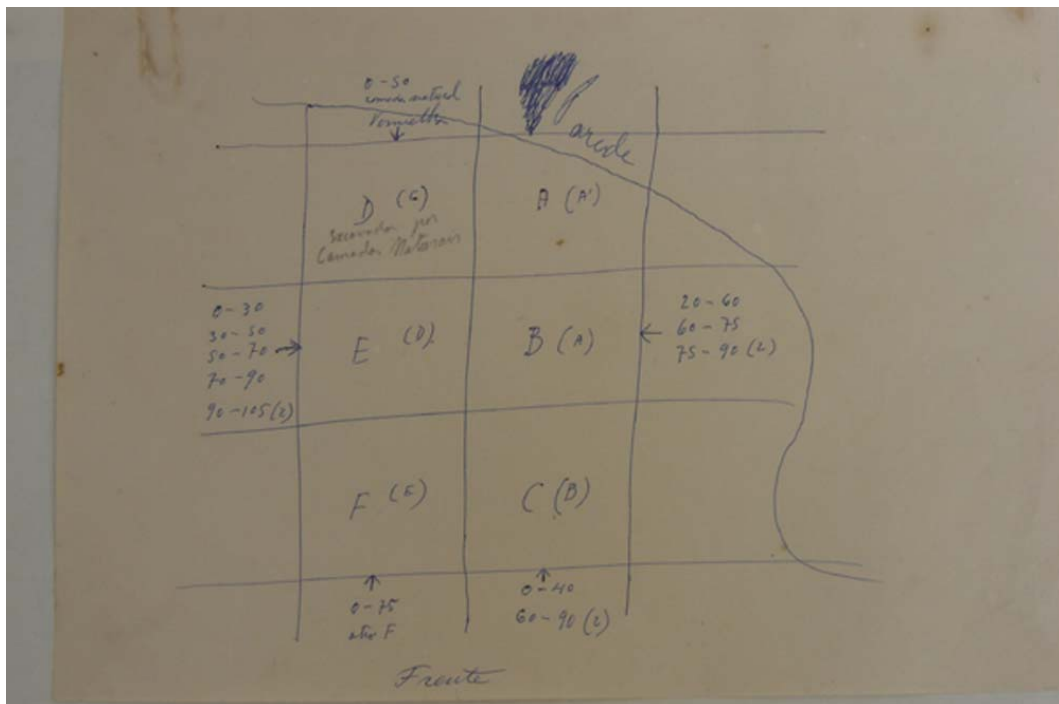


Figura 1 - Inscrição esboçada por Calderón numa representação gráfica do solo a ser escavado

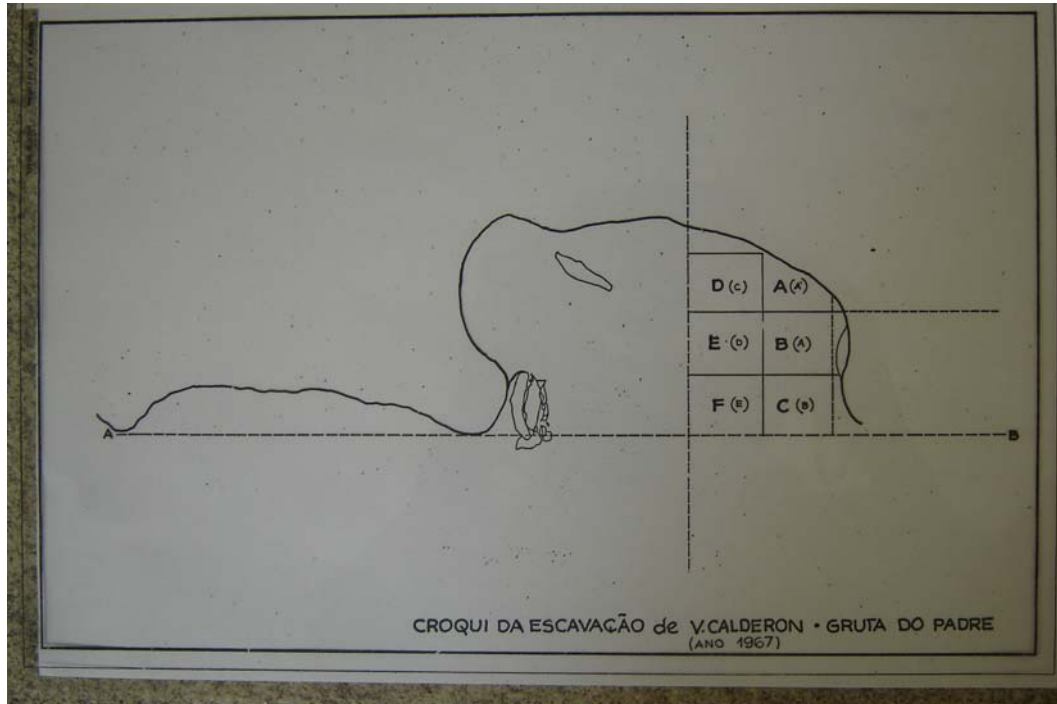


Figura 2 - Releitura da Inscrição esboçada graficamente por Calderón na ilustração 1 por um desenhista do MAE/UFBA



Figura 3 - Inscrição onde um corte estratigráfico da Caverna do Padre foi materializado num documento fotográfico

Alguns objetos de discurso, relativos ao trabalho de campo, emergem correlacionalmente na medida em que enunciados tais como “nela se demarcaram seis

quadras” (quadrículamento) correspondem a essa entidade material tornada inscrição (Figuras 1 e 2) - a representação gráfica da mensuração do solo. O acontecimento na prática do trabalho de campo e na ordem do discurso de Valentin Calderón é demarcado a partir do enunciado acerca dos tipos de instrumentos, relativos ao pertencimento e ao não pertencimento (segundo uma classificação) a tradições da cultura material do sítio escavado. Estes enunciados não se apresentavam isoladamente, sua especificidade não reside no aparecimento isolado, visto eles serem reconduzidos, pela via da contrastividade, ao quadro mais extensivo de outras tradições: “Constituem os primeiros as cavernas que tem sido estudadas, onde, nos estratos mais profundos aparece uma indústria de lascas muito típica, embora nesses depósitos também sejam encontrados alguns artefatos pertencentes a outra tradição” (CALDERÓN, 1983, p. 41).

A prática da escavação é um permanente movimento que vai da destruição da terra à reconstrução de sentidos discursivos na prática arqueológica. Os espaços vazios decorrentes da retirada de sedimentos, a todo o momento, são configurados por palavras e traços que os preenchem de sentidos. A terra com espaços vazios, tal qual uma instalação artística aos olhos dos não especializados, se torna plena de sentidos na prática discursiva arqueológica. Escavar o solo, limitar espaços, referenciar o tempo e posicionar a cultura material eram algumas das expectativas de Valentin Calderón quando da construção do objeto de estudo em sua prática de campo. Um mundo circunscrito ao domínio de materialidades pelo viés das coisas e prestes a alcançar o campo da materialidade discursiva. Deste modo, entram em campo os acontecimentos enunciativos constituídos não apenas de frases na escritura, mas esboçados em outras construtividades sígnicas, pois “diremos que há enunciação cada vez que um conjunto de signos for emitido” (FOUCAULT, 2007, p. 114). Na segunda figura, logo a seguir, na representação gráfica, a frase “croqui da escavação de V. Calderón. Gruta do Padre (1967)” remete a autoria, local e ano da pesquisa. Deste modo, não há frase explicativa acerca do que propriamente é representado: o solo arqueológico a ser escavado. As inscrições decorrentes de entidades materiais da prática arqueológica correspondem a enunciados no campo da discursividade. Referindo-se a constituições enunciativas, que não devem ser procuradas apenas na formação de frases, Michel Foucault escreve:

Um quadro classificatório das espécies botânicas é constituído de enunciados, não de frases [...]; uma árvore genealógica, um livro contábil, as estimativas de um balanço comercial, são enunciados: onde estão as frases? [...] Finalmente, um gráfico, uma curva de crescimento, uma pirâmide de idades, um esboço de repartição, formam enunciados; quanto às frases que podem estar acompanhados,

elas são sua interpretação ou comentário; não são o equivalente deles: a prova que é, em muitos casos, apenas um número infinito de frases poderia equivaler a todos os elementos que estão explicitamente formulados nessa espécie de enunciados. Não parece possível, assim, definir um enunciado pelos caracteres gramaticais da frase (FOUCAULT, 2007, p. 93).

O ato da escavação se configurava por um modo de conhecimento que descrevia, classificava e nomeava também os estratos sedimentares e os dispunha num horizonte temporal, produzindo outros enunciados que possibilitavam a esse discurso arqueológico dimensionar os objetos em enunciados dispersos na construção da Tradição Itaparica. A relevância desta leitura a partir do visível nas camadas sedimentares, enquanto depositárias da cultura material pré-histórica, é notoriamente ressaltada por Valentin Calderón ao afirmar que se buscava “verificar o conteúdo estratigráfico do subsolo” (CALDERÓN, 1969, p. 136). Diante do desconhecido, o solo jazia à espera de nomeação. Ainda segundo o procedimento dos níveis arbitrários, a estratigrafia era descrita para posteriormente ser posta numa ordenação correlacional com os espaços que iriam ser escavados a partir de camadas naturais. Antes de decidir escavar por níveis naturais, Valentin Calderón observava características dos níveis mais recentes atribuindo colorações na descrição do solo, um conhecimento que estava orientado pelo que é visto para posteriormente ser dito, afirmando que “em várias áreas da superfície de nível 20 observamos que os estratos começam a ficar mais avermelhados e unidos” (CALDERÓN, 1967a). Em outro estrato, “na base do nível (50 cm) aparecem cinzas associadas à boa quantidade de uma matéria branca que, pensamos, pode ser caulim. Tomaram-se amostras” (CALDERÓN, 1967a). Prossegue ainda se referindo ao nível entre 60 e 90 cm em que o solo é de “cor avermelhada, muito silicoso, provavelmente oriundo da decomposição da rocha que forma a caverna” (CALDERÓN, 1967a).

Os sedimentos são descritos pelos atributos de cor e consistência, indícios que concorrerão para indicar especificidades frente a diferenças de outros estratos. A descrição proporcionou elementos para a classificação estratigráfica que, num segundo momento, será ordenada em níveis nomeados de acordo com o posicionamento a partir do solo atual: níveis 20, 50, 60 e assim sucessivamente. Em alguns dos sedimentos foram coletadas amostras que, ao serem destacadas da terra e acondicionadas em sacos, com números relativos ao posicionamento (provavelmente a quadrícula e o nível), irão instaurar um novo modo de configuração e significação do mundo arqueológico. Estas referências numéricas se tornam os únicos vínculos que ligam as amostras ao contexto original. As amostras de sedimento, quando colocadas em sacos alcançam o lugar de signos, são dispostas num conjunto

codificado anteriormente definido por uma cor. Tendo em vista esta substituição, Latour (2001, p. 66) afirma que “nos estudos científicos, somos ambidestros: atraímos a atenção do leitor para esse híbrido, esse momento de substituição, o instante mesmo em que o futuro signo é abstraído do solo”. Deste modo, o solo é inscrito em regras de substituição na emergência sígnica, passando a ser representado na instauração de um discurso arqueológico que transporta a estratigrafia para uma linguagem significada a partir da prática arqueológica. O solo designado segundo as cores correspondentes, além de coletadas amostras, tornou-se inscrição numa folha de papel:

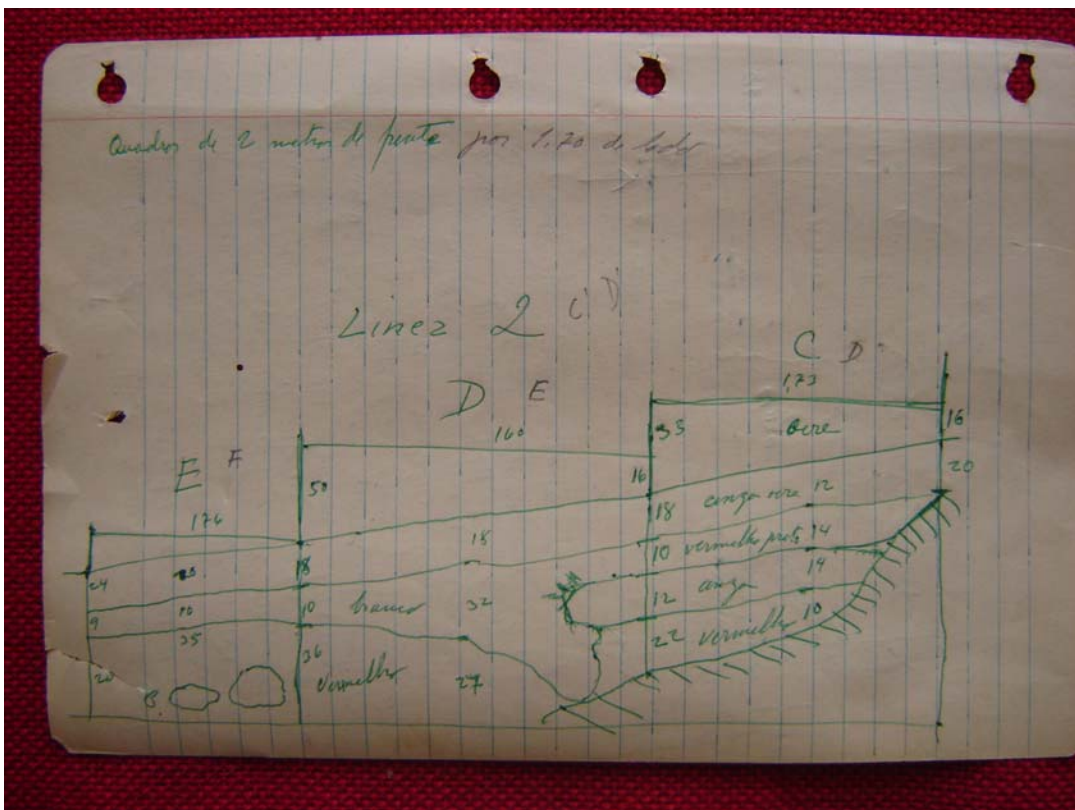


Figura 4 - Estratigrafia com as cores de sedimentos da Gruta do Padre transformada em inscrição

2.6 TIPOLOGIA E ANTIGUIDADE: A IRRUPÇÃO DO DISCURSO FUNDADOR

A especificação de “lascas muito típicas” encerra na tipologia a potencialidade descritiva, instaurando uma discursividade que se inscreve na raridade enunciativa quando do contraste com outras tradições líticas já conhecidas em discursos anteriores. Nesse

sentido, emerge o acontecimento que surge na ordem da discursividade - do que pode ser dito sobre a tradição descoberta. Na disciplina da arqueologia é um acontecimento que se apóia em outra materialidade documental, em outros enunciados também dispersos e representados iconograficamente (CALDERÓN, 1969) com legendas explicativas e em tabela estatística com percentuais dos artefatos líticos (CALDERÓN, 1983). Esse enunciado está correlacionado ao que é escrito no caderno de campo de Calderón ao especificar descritivamente os próprios objetos arqueológicos: “a existência de magníficos *artefatos unifaciais*²⁵ na camada vermelha mais profunda em contato direto com a base rochosa que forma o chão da caverna” (CALDERÓN, 1967a). Naquele ambiente da Gruta do Padre se afirma uma antiguidade “limite”, pois tendo sido atingida a base da caverna, nada mais poderia ser dito sobre a existência de outros artefatos mais antigos. E eis que Valentin Calderón está diante não apenas de artefatos típicos, mas, sobretudo, da maior antiguidade no nordeste do Brasil, tendo em vista que “começaremos por analisar alguns aspectos do complexo lítico encontrado no período IV, o mais antigo conhecido, até a data, no nordeste brasileiro” (CALDERÓN, 1983, p. 44). No discurso de Valentin Calderón, ao enunciar “o mais antigo, até a data” está implícita a origem constatada no marco desta antiguidade. Esse discurso fundador quando da anunciação da Tradição Itaparica, no âmbito de pertencimento que envolve uma vasta área de discursividade ao correlacionar “antiguidade” a “pontas de projétil”, instaura uma outra noção de antiguidade associada a “artefatos unifaciais”. Os outros/novos sentidos instalados estão apoiados nos sentidos já presentes, provocando uma ruptura, aproveitando “retalhos”, “fragmentos”, para instalar o novo (ORLANDI, 2003). Se a antiguidade da ocupação do nordeste do Brasil já havia instalado o discurso fundador, a partir da tipicidade dos novos objetos arqueológicos se institui a demarcação que a singulariza.

Artefatos típicos e antiguidade, eis os objetos de discurso que promovem a anunciação da Tradição Itaparica, concorrendo, deste modo, para a emergência de um acontecimento no discurso arqueológico no Brasil, entre os anos 1960 e os anos 1980. Enunciados sobre artefatos e temporalidade que, no entanto, não emergem isoladamente, numa escrita que se apóia em uma significação substancial, isolada, entendida em enunciados encerrados em si mesmos. A singularidade não reside na unicidade de pronunciamento, há lugar para a correlação com outros enunciados, na medida em que isto proporcionará o estabelecimento dos limites e das condições em que se constituiu esta

²⁵ Grifo meu.

tradição de indústria lítica. Neste sentido, estabelecidos os limites pela via correlacional entre enunciados, eles ainda alcançam a singularidade, na medida em que também excluem outros que não se dispuseram no campo discursivo; na antiguidade da Tradição Itaparica não cabem os instrumentos até aquele momento considerados mais antigos em outras regiões do Brasil - as pontas de projétil. A antiguidade dos artefatos apresentados por Valentin Calderón (1983, p. 37-8), embora a mais antiga do nordeste, não se pretende tão recuada quanto as datações apontadas para outros estados do Brasil, segundo ele escreve:

Tudo o que se tem publicado até agora sobre as cavernas da região de Lagoa Santa - as mais conhecidas no Brasil e no exterior - está irremediavelmente prejudicado pelo amadorismo com que foram feitas as escavações e as publicações em português e mesmo pelo desejo de constatar, apenas, a presença de vestígios do homem em estratos arqueológicos de grande antiguidade, desprezando as evidências de ordem cultural, demonstrado por investigadores estrangeiros que ali trabalharam.

2.7 CIENTIFICIDADE, DESCRIÇÃO E NOMEAÇÃO: AFIRMAÇÃO DE UMA TIPOLOGIA ANTIGA

A singularidade enunciativa que aponta para a tipicidade de artefatos arqueológicos e a antiguidade do nordeste brasileiro vai estar correlacionada ao enunciado que critica a falta de atenção por parte de outros arqueólogos diante de ocupações que não sejam de “grande antiguidade”. No entanto, a antiguidade é um tema que ressurgiu e é reavivado no discurso de Valentin Calderón, visto a Gruta do Padre ser o sítio “mais antigo, conhecido, até a data, no nordeste brasileiro” (CALDERÓN, 1983, p. 44). Deste modo, o discurso de Valentin Calderón também é delimitado pelo recorte temático enunciativo que reaviva a antiguidade, no Brasil e no quadro mais extensivo da ocupação do continente americano. Nesse sentido, Foucault (2007) não considera que a individualização de um discurso seja restrita à identificação da persistência temática, mas enfatiza em direção à dispersão em que se apresentam as escolhas, no campo de possibilidades estratégicas do discurso. Para Valentin Calderón a antiguidade do nordeste do Brasil não estava relacionada apenas às datações de objetos unifaciais provenientes da camada sedimentar mais profunda da Gruta do Padre; a estratégia de diferenciação e emergência desse acontecimento, na ordem da raridade enunciativa, também estavam vinculadas ao fato de não existir entre os objetos pontas de

projétil, e sim, instrumentos unifaciais. Neste sentido ele afirma: “os complexos líticos tem sido insuficientemente descritos, preocupados que estavam os pesquisadores com a presença de pontas de projétil” (CALDERÓN, 1983, p. 38). Essa associação de antiguidade com pontas de projétil, de algum modo era um eco que emanava de discursos sobre a ocupação do Novo Mundo, pois “a major Early Man debate was carried on over the possibilities of a ‘pré-projectile point’ or ‘pré-bifacial-flaking’ horizon or occupancy of the New World” (WILLEY; SABLOFF, 1974, p. 161). A confirmação de “antiguidade” e a busca por “pontas de projétil” não eram motivadores na atividade de pesquisa de Valentin Calderón e, no entanto, é a partir destas estratégias enunciativas que ele demarca a temporalidade e a tipicidade dos instrumentos unifaciais da Gruta do Padre, no nordeste do Brasil: não tão antigos quanto os de Lagoa Santa, mas diferentes quanto a outros instrumentos líticos já conhecidos. Esse discurso fundador encontra assim uma linha de demarcação na diferença frente a discursos que o precederam e irá constituir espaços para novas discursividades que dele decorrerão. Além dos objetos de discurso que apontam para a antiguidade ocupacional e para os instrumentos unifaciais, é ressaltado o critério de cientificidade não observado em trabalhos arqueológicos anteriores, segundo afirma Valentin Calderón (1983, p. 38): “contudo, esta situação que descrevemos deve encorajar os estudiosos a tentar estabelecer as bases de uma arqueologia lítica científica, como já se fez com as tradições e fases cerâmicas”, já mencionado anteriormente. O objeto de discurso Tradição Itaparica se apresenta correlacionado a objetos diversos e dispersos, marcados pela temporalidade, pelo tipo dos instrumentos líticos e, ainda, pela cientificidade que compete ao trabalho do arqueólogo.

Aos critérios de cientificidade se alia o teor descritivo, uma das condições para o conhecimento da cultura material arqueológica brasileira, de acordo com Valentin Calderón, visto que “os complexos líticos têm sido insuficientemente descritos” (CALDERÓN, 1983, p. 38) em outros trabalhos precedentes. Isto ocorrera porque os pesquisadores estiveram mais voltados, especialmente, para a constatação de antiguidade bastante recuada e para a descoberta de pontas de projétil, e com isso teria se instituído uma discursividade descritiva insuficiente que não contemplaria ou não estaria relacionada a nomeações convencionais, classificações sistemáticas e quantificação estatística da cultura material. Esse tipo de enunciado diz respeito ao modo pelo qual foi configurado o objeto do discurso Tradição Itaparica, demonstrando que para conceber uma tradição não era necessário que fossem considerados apenas a demarcação temporal e o tipo de instrumento; era preciso que os

artefatos arqueológicos fossem submetidos a uma descrição. Neste sentido é apontada também a diferenciação da Tradição Itaparica nestes acontecimentos enunciativos proferidos por Valentin Calderón (1983, p. 38):

Os complexos líticos têm sido insuficientemente descritos, preocupados que estavam os pesquisadores brasileiros com a presença de pontas de projétil usando uma terminologia arbitrária, sem sistematizar as classificações, sendo rara a aplicação de métodos estatísticos para a caracterização dos referidos complexos.

Valentin Calderón, neste instante, se reportava aos já-ditos ou já-feitos na prática discursiva arqueológica? Seu discurso está sendo demarcado por outros que o precederam? Algumas precauções são apontadas na análise do discurso proposta por Foucault (2007) quando da renúncia a espreitar um já-dito que pudesse garantir a continuidade do discurso, sendo preferível analisá-lo enquanto acontecimento que irrompe. No entanto, esta irrupção não ocorre em espaços discursivos vazios de sentidos aos quais não pudessem anteriormente se reportar; a instância de acontecimento pode ser assegurada diante da ruptura que se possa promover em algo estabelecido, onde os outros sentidos serão destituídos dando lugar a novos acontecimentos discursivos em vias de afirmação, que só poderão ser ditos de uma forma e não de outra. Isso pode ser percebido no discurso fundador, onde mesmo sendo desautorizado o sentido anterior, uma nova “tradição” de sentidos é instalada, se diferenciando na significação (ORLANDI, 2003), que, no entanto, se instalou em algo que já estava lá. Para Valentin Calderón, a descrição estava na ordem da prática arqueológica, e seu apelo era que se efetivasse uma descrição suficientemente capaz de dar conta dos “complexos líticos”. Há, deste modo, uma proposição para refinamento de procedimentos descritivos, onde se insurge uma crítica aos que anteriormente se mostraram insuficientes.

A insuficiência descritiva atribuída a outros trabalhos, bem como o uso de “uma terminologia arbitrária, sem sistematizar as classificações”, são enunciados que envolvem apreciações quanto à prática arqueológica. Outras declarações neste sentido são notoriamente afirmadas quando Calderón (1983, p. 37-8) diz que: “Tudo o que se tem publicado até agora sobre as cavernas da região de Lagoa Santa - as mais conhecidas no Brasil e no Exterior - está irremediavelmente prejudicado pelo amadorismo com que foram feitas as escavações e as publicações em português”.

Ao desqualificar outros procedimentos de trabalho de campo e de análise da cultura material diferentes dos seus, Valentin Calderón inscreve enunciados ideológicos que

reclamam poder de cientificidade “falando” a partir do grupo²⁶ que teria estabelecido para outros artefatos da cultura material uma “base científica”. Há, portanto, uma expectativa em estabelecer uma nova ordem nas práticas de campo e no modo de descrição, análise e classificação da cultura material visando instituir normas resguardadas pela cientificidade. Neste momento, emerge um discurso ideológico que pode ser pensado “como uma complexa rede de elementos empíricos e normativos, dentro da qual a natureza e organização dos primeiros, é em última análise, determinada pelos requisitos dos últimos” (EAGLETON, 1997, p. 33).

O princípio normativo que requer assegurar cientificidade nos trabalhos arqueológicos também se aplica ao emprego de terminologias mais adequadas, no que diz respeito aos instrumentos líticos, segundo Calderón (1983, p. 37), visto que: “Nem mesmo a terminologia, caótica em todas as Américas, e principalmente no Hemisfério Sul, foi devidamente estabelecida, apesar dos esforços sérios, mas insuficientes, de Annette Laming e sua equipe da Universidade do Paraná”.

No entanto, a descrição dos instrumentos não é suficiente, é necessário que eles sejam nomeados adequadamente. A predominância descritiva irá recair sobre a forma dos instrumentos. Em seguida, os objetos são conduzidos a nomeações, ao reino dos minerais inertes numa catalogação, em que se extraiu como relevante para o discurso o que foi transformado do reino mineral na concepção de formas pela ação pretérita humana, apenas identificada, mas não interpretada na materialidade cultural. Esse modo de conhecer e discursar vai encontrar lugar na história natural nos séculos XVII e XVIII, onde os signos se constituirão em representação, em que se reclama um nome para a instituição de sentidos. Embora esse saber recaia sobre os seres vivos, o discurso arqueológico acerca da cultura material a ser conhecida por Valentin Calderón guarda semelhanças, nos termos em que afirma Michel Foucault (1999, p. 178):

A história natural [...] é o espaço aberto na representação por uma análise que antecipa à possibilidade de nomear; é a possibilidade de *ver* o que se poderá *dizer*, mas não se poderia dizer depois, nem ver, a distância, se as coisas e as palavras, distintas uma das outras, não se comunicassem, desde o início numa representação.

²⁶ O PRONAPA é o grupo ou o contexto de produção de conhecimento no qual Valentin Calderón se insere, voltado em maior medida para o estudo da cerâmica em diferentes regiões do Brasil. No quarto capítulo, a inserção e o desenvolvimento deste programa de pesquisas no Brasil serão abordados, sobretudo, a partir dos conceitos de campo científico e capital intelectual (BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2003; BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a; BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: UNESP, 2004b; BOURDIEU, Pierre. **Intelectuales, política y poder**. Buenos Aires: Edeuba, 2007).

Tendo em vista se constituir uma representação, conforme uma descrição passível de ser aceita por todos, na história natural, plantas e animais eram submetidos a quatro variáveis: forma e quantidade dos elementos, a maneira como são distribuídos no espaço - uns em relação aos outros -, e a grandeza relativa de cada um (FOUCAULT, 1999). Na descrição arqueológica, reclamada por Valentin Calderón, não serão os seres animais e vegetais submetidos a tais variáveis, e sim as pedras ou instrumentos líticos que serão percebidos pelas formas e quantificações estatísticas, pela localização na estratigrafia e, em alguma medida, pelas mensurações relativas ao tamanho das peças. A variável arqueológica no discurso de Valentin Calderón que se apresentará mais expressiva que a grandeza, descrita na história natural, é a função (“raspadores”, “buris”, “raedeiras”, etc.). Deste modo, segundo o procedimento de descrição da cultura material, Valentin Calderón, ao reivindicar uma ordenação terminológica ordenada frente aos instrumentos líticos, estaria se reportando a modos de proceder da história natural, minimizando o teor de grandeza e ressaltando a função como a principal variável de ordenação abrangente, sem diferenciações específicas, na medida em que não descreve os materiais circunscritos a seus respectivos locais de procedência, visto que:

Assim sendo, sem prejuízo de fazer menção mais adiante às diferenças encontradas em cada período, preferimos realizar a descrição e estudo de todas as peças como um conjunto, sem indicar sua procedência.

Raspadores - O tipo de raspadores mais freqüentes é o semi-circular plano-convexo [...]

Buris - Segundo a classificação universalmente aceita, seguida aqui com alguma liberdade, foram diferenciados os seguintes tipos de buris (CALDERÓN, 1983, p. 43).

No entanto, em seu discurso, a quantificação e o posicionamento dos instrumentos estão assegurados ao se apoiarem em dados estatísticos que indicam o percentual de instrumentos relativos aos níveis estratigráficos, uma descrição que se configura em outros procedimentos enunciativos que não comportam frases. Os instrumentos passam a figurar nesses quadros quantitativos com seus respectivos nomes, finalmente resguardados por uma terminologia que não se pretende “caótica”. Mas, não é um nome qualquer! Assim como na história natural, o procedimento de descrição, sobretudo das formas, ocorre pela “identificação de formas geométricas” (FOUCAULT, 1999, p. 185). A lista poderia ser exaustiva, portanto me reporto apenas a algumas nomeações, a título de exemplo: “raspador discoidal ou circular, raspador unguiforme, raspador terminal ou em leque, raspador elíptico alto, raspador elíptico fino, raspador piramidal, raspador circular bi-facial, raspador semi-

circular plano convexo” (CALDERÓN, 1983, p. 51). Deste modo, as palavras advindas de uma descrição, a partir da identificação com formas geométricas, se comunicam numa representação com as coisas arqueológicas.

Descrição e nomeação, relativas à tipologia, não instauram uma nova formação discursiva no discurso de Valentin Calderón, visto serem enunciações largamente declaradas na escritura arqueológica; a insurgência enunciativa se torna singular diante das descrições e nomeações inadequadas, as quais foram submetidas às indústrias líticas na América do Sul. Se, na história natural, ver antecipa dizer, segundo Michel Foucault, para Valentin Calderón nem tudo que foi visto foi dito no estudo das indústrias líticas; nesse sentido pode ser pensado o inverso, dizer (nomear) concorre também para tornar um instrumento visível, passível de caracterizar os “complexos” líticos. Neste sentido, Calderón (1983, p. 38) escreve acerca de estudos realizados em outros países sulamericanos, em que “apresentando alguns artefatos que consideram básicos, procurando dar-lhes nomes novos, e, silenciando os restantes que seriam, sem dúvida, os que caracterizam os complexos”. Se os instrumentos líticos não foram vistos, não foram descritos e conseqüentemente ditos, e ao serem reconhecidas essas ausências na ordem do discurso arqueológico na América do Sul, Valentin Calderón instaura uma nova formação discursiva demarcada por um discurso fundador que anuncia a Tradição Itaparica, a partir de uma nova tipologia “característica” e nomeada - os instrumentos unifaciais que remontam a uma antiguidade de 5630 ± 440 a. C.

3 AO COMPASSO DE VÁRIAS VOZES: A POLIFONIA DISCURSIVA DA TRADIÇÃO ITAPARICA

“Vozes, vozes. Ouve, meu coração, como outrora apenas os santos ouviam, quando o imenso chamado os erguia do chão; eles porém permaneciam ajoelhados, os prodigiosos, e nada percebiam, tão absortos ouviam”.
(Rainer Maria Rilke. *Elegias de Duíno*. 2001).

As vozes de um discurso têm ressonância a partir das falas, das palavras dos enunciadores. A discursividade na arqueologia é constituída por diferentes enunciados que se configuram ainda na prática discursiva dos trabalhos de campo, conforme apontado no segundo capítulo, onde a noção de enunciado não está circunscrita apenas ao domínio das palavras. No entanto, no dito ou escrito que compete à palavra, o discurso arqueológico se move em direção ao diálogo? Mikhail Bakhtin se referiu ao tratamento dado à palavra em várias áreas do conhecimento. O caráter dialógico foi assinalado nas ciências humanas onde ele afirma que, ao contrário das “ciências naturais e matemáticas, surge a questão específica do restabelecimento, da transmissão e da interpretação das palavras de outrem (por exemplo, o problema das fontes na metodologia das disciplinas históricas)” (BAKHTIN, 1993, p. 150). Em se tratando da pré-história, a cultura material, descrita e interpretada pelos arqueólogos (palavras de sujeitos do conhecimento a serem interpretadas por outros sujeitos), se constitui em fonte-escrita documental-interpretativa citada e referida no campo da discursividade. Deste modo, em meio ao permanente diálogo entre diferentes discursos, não necessariamente simétricos e harmônicos, que possam estar inscritos numa comunidade (a comunidade acadêmica arqueológica, por exemplo), numa sociedade e numa cultura, o dialogismo vem instaurar constitutivamente a natureza interdiscursiva da linguagem (BRAIT, 2007). Diferentemente da palavra coisificada²⁷ e destituída de sentido, que inibe a conversação e a expressão de um campo semântico, a palavra do arqueólogo, tal qual observado por Bakhtin (1993) na filologia, se abre para um sentido mais vasto, revelando novos elementos afirmados por meio do diálogo em que ressoam diferentes vozes na

²⁷ O potencial de sentido das palavras diante das coisas é expresso por Bakhtin ao afirmar que “a coisa, ao permanecer coisa, pode influenciar apenas as próprias coisas; para influir sobre os indivíduos ela deve revelar seu potencial de sentido, isto é, deve incorporar-se ao eventual contexto de palavras e sentidos” (BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 404).

enunciação. A noção de polifonia²⁸ é empregada para se alcançar o sentido dos enunciados (DUCROT, 1990), na medida em que o autor, inclusive em um texto científico, dialoga com vários sujeitos na construção do discurso.

A palavra do arqueólogo, deste modo, em instâncias discursivas, ressoa tal qual a música em suas extensões polifônicas, indo além da emergência de uma só voz (como no Canto Gregoriano) se manifestando em sonoridades/palavras vocálicas múltiplas. A polifonia só é possível apresentar-se mediante um ato da língua, ou mais enfaticamente, a partir de um ato de fala²⁹ ou no uso da língua. A verdadeira substância da língua se constitui “pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*” (BAKHTIN, 2006, p. 127).³⁰ O discurso científico escrito é polifônico, e por vezes também ideológico, ele é decorrente de um problema científico que se configura numa discussão ideológica mais ampla visto que se institui num diálogo que refuta, responde e confirma alguma coisa, tem a expectativa de apoio e, ainda, antecipa as respostas e as objeções potenciais (BAKHTIN, 2006). Neste capítulo, o enfoque principal está centrado na constituição dos sentidos enunciativos, na emergência do dialogismo e da polifonia, em que os arqueólogos Valentin Calderón, Pedro Ignacio Schmitz e Armand Laroche, entre os anos 1960 e 1980, discorreram sobre a Tradição Itaparica, pela via da intertextualidade, inscrevendo objetos de discursos, tais como: antiguidade, datação, meio ambiente e tipologia de instrumentos.

3.1 A POLIFONIA E O DIALOGISMO NO TEXTO DA ANUNCIAÇÃO DA TRADIÇÃO ITAPARICA

As relações dialógicas, embora pressuponham linguagem, não estão reduzidas apenas ao sistema da língua, visto serem instituídas nas relações de sentido em todo e

²⁸ A noção original de polifonia diz respeito a uma classe de composição musical onde se superpõem diferentes partituras (DUCROT, Oswald. **Polifonia y argumentacion**. Cali: Ferriva, 1990). Ao se referir aos estudos empreendidos sobre a obra de Dostoiévski, Bakhtin afirma que “a imagem da polifonia e do contraponto indica apenas os novos problemas que se apresentam quando a construção do romance ultrapassa os limites da unidade monológica habitual, assim como na música os novos problemas surgiram ao serem ultrapassados os limites de uma voz” (BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 23-4).

²⁹ Bakhtin considera o livro “um ato de fala impresso” (BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 127). Nesse sentido, um artigo ou outras publicações científicas, compartilhando da mesma natureza da impressão, alcançam a mesma materialidade textual.

³⁰ Este autor esclarece ainda que o caráter dialógico do discurso não se estabelece apenas diante da confrontação da fala de duas pessoas, face a face, visto que o diálogo está presente em toda comunicação verbal.

qualquer enunciado quando da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003). O discurso arqueológico também se instala numa instância comunicativa e é constituído por enunciados revestidos de sentido; desse modo o dialogismo lhe é inerente. De acordo com a perspectiva apontada por Bakhtin (2003), as relações dialógicas podem ser inscritas no interior de um texto ou entre textos, vindo a se constituir, por meio de uma forma especial de interação, num “jogo dramático de vozes” (BRAIT, 2003, p. 25), a saber, a polifonia e o dialogismo. Nas ciências humanas, do que tratam estes textos? O que dizem estes textos? Mediante sua especificidade humana, a partir da fala, o homem cria texto, mesmo em potencial, quando exprime a si mesmo ou se dirigindo a pensamentos, sentidos e significados dos outros; diferentemente da anatomia e da fisiologia que estudam o homem fora do texto (BAKHTIN, 2003). Alguns estudos arqueológicos, em sua materialidade de produção textual contemporânea, trazem em seus enunciados homens e mulheres pretéritos em suas habilidades de produtores de coisas instituídas de sentidos por meio do dialogismo, presente na interação verbal. Portanto, no texto em que fora anunciada a Tradição Itaparica, de que modo se instauraram as relações dialógicas? Em que plano de emergência discursiva a polifonia se faz perceber?

Alguns enunciados de Calderón (1983) emergem segundo a dinâmica própria da interação verbal, onde a dialogicidade ressoa no confronto entre interlocutores posicionados no cenário da arqueologia brasileira no início dos anos 1980. Calderón inicia o discurso ressaltando no *não dito* que terá *poucos interlocutores competentes na arqueologia brasileira com quem dialogar*, tendo em vista que no Brasil, “as investigações do pré-cerâmico apenas começaram e a bibliografia é deficiente, pouco informativa e assistemática” (CALDERÓN, 1983, p. 49) e, ainda, “a falta de critério científico, na maioria das publicações disponíveis sobre pesquisas em sítios líticos brasileiros, faz com que sejam pouco menos que inúteis” (CALDERÓN, 1983, p. 49). Neste sentido, outras vozes que poderiam ser trazidas enquanto palavras explícitas acerca do modo da conduta científica, frente ao objeto de estudo, pelos praticantes da arqueologia são quase inexistentes, estão na ordem do implícito, recobertas pelas avaliações acerca do teor e da qualidade das publicações e bibliografia. Ducrot (1977) considera que há certos tipos de informações que o locutor, em determinadas circunstâncias e em situações particulares, não tem o direito de dar, não porque sejam proibidas, mas por provocarem atitudes repreensíveis; porque dizê-las seria vangloriar-se, humilhar o interlocutor, feri-lo, provocá-lo ou promover outras atitudes neste sentido. Deste modo, se inscreve na discursividade “modos implícitos de expressão” (DUCROT, 1977, p. 14), em que algo se faz entender, sem necessariamente ser dito.

Diante deste panorama árido do conhecimento, Valentin Calderón, ainda em seus enunciados iniciais, também começa a empreender um diálogo explícito, especialmente, com os pesquisadores da escola francesa que desenvolviam trabalhos no Brasil, mais notadamente com a arqueóloga Annette Laming-Emperaire. No entanto, Valentin Calderón continua afirmando a inconsistência dos trabalhos da referida pesquisadora, na medida em que a terminologia não foi “devidamente estabelecida, apesar dos esforços sérios, mas insuficientes, de Annette Laming e sua equipe da Universidade do Paraná” (CALDERÓN, 1983, p. 49). Neste enunciado, emerge o autor enquanto locutor interagindo com o outro, o interlocutor. Há neste discurso a emergência de uma *autoridade*, a qual Valentin Calderón reconhece, mas não se identifica, instaurando deste modo, e em decorrência, a dimensão que denomino *alteridade discursiva*. Esta demarcação dialógica redimensiona os modos pelos quais, implícita ou explicitamente, o outro é inscrito no discurso e em que ao mesmo tempo o locutor emerge pela via da afirmação de sua diferença. Neste sentido, Valentin Calderón tem *consciência* da difícil tarefa de se empreender análises dos vestígios arqueológicos, tal qual sucedeu com a arqueóloga Annette Laming. No entanto, segundo o ponto de vista de Valentin Calderón (1983, p. 50), as dificuldades de análises são passíveis de superação quando afirma: “Contudo, esta situação que descrevemos deve encorajar os estudiosos a tentar estabelecer as bases de uma *arqueologia lítica científica*³¹, como já se fez com as tradições e fases cerâmicas”.

Valentin Calderón, ao constituir este texto com tais enunciados, instaura a discursividade segundo a afirmação de Ducrot (1977), em que um enunciado nunca é apenas uma expressão direta de um autor, na medida em que este põe em cena outros personagens. Quais seriam os personagens participantes desta interação verbal no cenário da arqueologia brasileira? Em quais lugares teriam se configurado as suas falas? De um lado é posicionada a equipe francesa, sendo ressaltados os estudos da arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire (vinculada à Universidade do Paraná) e de outro, os estudiosos que haviam estabelecido as tradições e as fases da cerâmica, a saber, Betty Meggers e Clifford Evans, arqueólogos norte americanos que dirigiam as pesquisas do PRONAPA³², programa de pesquisa no qual Valentin Calderón estava inserido, conforme referido no segundo capítulo. Deste modo, os sentidos destes enunciados iniciais são constituídos no âmbito das práticas arqueológicas confrontadas no campo científico e, que, no campo da discursividade, são

³¹ Grifo meu. Calderón ressalta o teor de cientificidade que deverá ser contemplado nos futuros estudos acerca do material lítico.

³² Um dos principais objetivos dos estudos deste programa, sob a orientação da escola americana, era estabelecer as fases e o “estado de conhecimento” para a pré-história brasileira (MARTIN, 1999, p. 40).

reinscritos segundo a interação verbal, no plano da dialogicidade. O campo científico, enquanto um sistema de relações objetivas, é demarcado como um lugar que abriga uma luta de concorrência, em que se visa alcançar o monopólio da autoridade científica ou competência científica (BOURDIEU, 2007). Valentin Calderón se auto-investe de autoridade e competência científica na medida em que propõe o estudo da indústria lítica da Tradição Itaparica, tendo como base uma “arqueologia lítica científica”, segundo os métodos utilizados pelo PRONAPA quando do tratamento dado aos estudos da cerâmica, estabelecendo fases e tradições. Deste modo, ele delimita o lugar de onde fala, que pode ser transposto para o uso da linguagem nos termos afirmados por Bourdieu (1985), em que a posição social do locutor rege o seu acesso à língua da instituição.

Ao focar a obra de arte literária, Bakhtin (2003) discorre a respeito da posição do autor em relação à proximidade do personagem e acerca da representação que ele cria da imagem externa do mundo. O autor, no processo de construção da alteridade no gênero do discurso literário, atinge a consciência de si no outro, dotado de autoridade. Considero que na obra científica é possível se construir uma relação de alteridade e um modo de representação do mundo pré-histórico confrontado em diferentes (con)textos nos quais se inscreveram as pesquisas. O outro pode se apresentar nos enunciados, tal qual na obra literária, imbuído de autoridade e promotor de consciência. A presença do outro não ocorre, no gênero do discurso científico, propriamente, enquanto personagem, mas na posição de locutor na interação verbal. Neste sentido, o autor também se constitui em locutor, tendo em vista que para este “a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala” (BAKHTIN, 2006, p. 95). No discurso científico o teor ideológico se faz presente no processo de representação do mundo pretérito, onde é posicionado o lugar de onde fala o locutor e o dos outros com os quais dialoga. No discurso arqueológico, as palavras-fala são os veículos dos sentidos do mundo pré-histórico a partir da cultura material e ao mesmo tempo, é importante atentar para a dimensão social da construção da fala do locutor e dos enunciadores acerca desse mundo pretérito. Neste sentido, Bakhtin (2006) ao discorrer sobre a elaboração estilística da enunciação, destaca a sua natureza sociológica e a condição social da cadeia verbal. O arqueólogo faz uso da língua que, “no seu uso prático, é inseparável do seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2006, p. 99).

Valentin Calderón, inicialmente, ao não reconhecer a existência de outros autores que apresentem fontes fidedignas para um diálogo, enuncia, de certo modo, que sua tarefa será construir um discurso sustentado na sua própria voz, ou melhor, marcado por interlocutores pouco presentes na enunciação. O diálogo não está circunscrito apenas à polifonia, pois

mesmo “entre obras profundamente monológicas sempre estão presentes relações dialógicas” (BAKHTIN, 2003, p. 332). No entanto, várias vezes começam a se insinuar no discurso quando Valentin Calderón se reporta ao sítio Lagoa Santa, em Minas Gerais, um dos sítios mais antigos e que gerava as maiores informações para a arqueologia brasileira naquele momento. Há referência à má qualidade dos trabalhos mediante o “amadorismo em que foram feitas as escavações e as publicações em português” (CALDERÓN, 1983, p. 50) e pela estreiteza de visão por considerarem apenas a “presença de vestígios do homem em estratos arqueológicos de grande antiguidade, desprezando as evidências de ordem cultural, demonstrado por pesquisadores estrangeiros que ali trabalharam” (CALDERÓN, 1983, p. 50). Embora não tendo sido reconhecida plenamente a competência de pesquisadores estrangeiros, Valentin Calderón considera terem sido estes os responsáveis pela demonstração da diversidade de “evidências de ordem cultural” na região de Lagoa Santa. No que diz respeito às vozes das pesquisas brasileiras, nestes enunciados, estas são enfática e explicitamente desconsideradas, sendo apontado o “amadorismo” na realização de escavações.

A formação profissional de Valentin Calderón, bem como suas atividades posteriores na arqueologia, estiveram marcadas pelo contato com estrangeiros. Este arqueólogo foi discípulo de Pedro Bosch Gimpera, um arqueólogo espanhol exilado no México. Na década de 1960, Valentin Calderón foi o único arqueólogo radicado no Nordeste que dirigiu pesquisas segundo o horizonte teórico-metodológico do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, 1965-1970). A representação do mundo no discurso científico de Valentin Calderón esteve fortemente influenciada pela experiência enquanto um sujeito que recebia diretamente influências de escolas estrangeiras e, conseqüentemente, com os quais devia compartilhar dos pressupostos metodológicos, especialmente.

Aliada à condição de estrangeiro de Valentin Calderón vão ser atribuídas algumas experiências peculiares em sua chegada ao Brasil, com cerca de 30 anos, segundo Barbosa e Soares (1995, p. 152):

Enfrentando as grandes dificuldades de ser estrangeiro, de ser cientista, em uma terra estranha e sem grandes vínculos com a Ciência por ele escolhida, compreendeu que as barreiras seriam gigantescas talvez, até mesmo intransponíveis, contudo ao encontrar o eminente e saudoso antropólogo Thales de Azevedo [...] demonstrou sua imensa capacidade [...] participando diretamente da criação e atuação fecunda do inesquecível Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, ali instalando o Laboratório de Arqueologia e Etnologia.

Valentin Calderón (1983), nas enunciações iniciais de seu texto, ressalta implicitamente o pioneirismo de suas pesquisas, tendo em vista as investigações incipientes e a bibliografia deficiente sobre o “pré-cerâmico no Brasil”. No texto de Barbosa e Soares (1995) é apontada também a posição pioneira de Calderón, tanto na sua chegada ao Brasil quanto ao empreender esforços na instalação de uma instituição de pesquisa, posteriormente. Em ambos os domínios ele parece ter enfrentado dificuldades. Apesar da atuação em uma instituição brasileira, a contribuição maior de Valentin Calderón é afirmada em pesquisas nos estados da Bahia, Sergipe e Pernambuco sob a orientação do PRONAPA, o programa anteriormente mencionado e dirigido por estrangeiros norte-americanos. Na prática de Valentin Calderón é destacada a linha de conduta pautada por normas e regulamentos, onde ele aliava o “militarista e católico praticante” (BARBOSA; SOARES, 1995, p. 153). Ideologicamente, Valentin Calderón identifica maior positividade na atuação científica dos estrangeiros quando comparados aos pesquisadores brasileiros. As vozes do militar, enquanto conduta rigorosa pautada em regras, e do crente religioso ecoam na postura que se ergue no julgamento maniqueísta em pares de oposição (ditos e não ditos), onde os adjetivos reforçam os sentidos, tais como: bibliografia eficiente x bibliografia deficiente; bibliografia pouco informativa x bibliografia muito informativa; bibliografia assistemática x bibliografia sistemática; terminologia caótica x terminologia ordenada; esforços sérios x esforços não sérios; falta de critério x presença de critério; e outros.

A polifonia instaurada em vozes implícitas e explícitas se reserva à expectativa de serem respondidas, visto que “todo enunciado tem sempre um destinatário [...] cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa” (BAKHTIN, 2003, p. 333). As respostas não estão circunscritas aos participantes imediatos do diálogo, elas podem estar inscritas num plano mais amplo de participação dialógica. O autor antecipa um supradestinatário, evitando deste modo que sua obra fique a mercê do seu discurso e dos que lhes são próximos, “vislumbrando alguma instância superior de compreensão responsiva” (BAKHTIN, 2003, p. 333). Nestes termos, os *estudiosos* foram “convocados” por Valentin Calderón para dialogar em resposta à sua voz auto investida de cientificidade, ao afirmar que “os resultados já estão à disposição dos estudiosos, que venha servir de documento para discussão” (CALDERÓN, 1983, p. 50). A voz que clama cientificidade critica o modo em que foram descritos os complexos líticos, onde teria sido empregada “uma terminologia arbitrária, sem sistematizar as classificações, sendo rara a aplicação de métodos estatísticos para a caracterização dos referidos complexos” (CALDERÓN, 1983, p. 38). Deste modo, as lacunas ou mesmo deficiências nos estudos acerca das indústrias líticas são decorrentes da ausência de

cientificidade. Essas vozes destituídas de teor científico são trazidas ao discurso, no entanto a ressonância maior e a expectativa responsiva estão direcionadas para os *estudiosos* em geral, os supradestinatários, *ouvintes* potencialmente capacitados para dialogar com a cientificidade proposta por Valentin Calderón. Este direcionamento de vozes na expansão da dialogicidade é sonorizado na arqueologia, na media em que “archaeologists who construct their accounts of the past with an eye toward the conventions of normal science are oriented toward a super-addressee whose positive judgment they value above all others” (JOYCE; PREUCEL, 2002, p. 32). Conforme mencionado no segundo capítulo, nomear e classificar os complexos líticos eram condições fundamentais à configuração da Tradição Itaparica onde tais procedimentos, aliados à ordenação dos dados estatisticamente, passam a ser resguardados pela observância de uma prática científica instituída de maior potencial de investigação, destinada a ouvintes melhor e mais capacitados em colocar os resultados em discussão.

3.2 A INTERTEXTUALIDADE: MOSAICO DE CITAÇÕES POLIFÔNICAS

No campo da polifonia discursiva, as várias vozes ressoam mediante o encontro dos enunciadores, em que pontos de vista são delineados, podendo ser ou não citados nas palavras do outro (direta ou indiretamente) num contexto de transmissão discursiva³³. Neste sentido, é inscrito o dialogismo no texto ou entre textos. Em ambas as interações dialógicas é necessário considerar que sempre se fala a respeito de algo já dito, as palavras não se inscrevem no discurso destituídas de um passado já referido. Portanto, o enunciador não é um Adão, um personagem que detêm os primeiros atos de fala, e, sendo assim, o próprio objeto de discurso do enunciador se constitui num palco onde se efetivará o encontro das opiniões dos interlocutores (BAKHTIN, 2003). A originalidade enunciativa, reservada a um Adão mítico, dá lugar a sujeitos com pronunciamentos reavivados pelas vozes de outros. Roland Barthes, do mesmo modo, atentou para a condição não original em que se inscreve a produção textual, afirmando que o texto “é um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura” (BARTHES, 2004, p. 62). As citações constituintes dos textos

³³ Há dois termos preponderantes que concorrem para uma inter-relação dinâmica, a saber, o discurso citado e o contexto de transmissão. Esta dinamicidade se constitui num reflexo da inter-relação dos indivíduos na comunicação verbal (BAKHTIN, 2006).

arqueológicos ultrapassam, em certa medida, a temática de ordem cultural, em que enunciações relativas ao ambiente e aos seres vivos são incorporadas na produção textual de maneira ativa na (re)afirmação de pontos de vista. No entanto, é uma natureza que é enunciada na medida em que se vislumbra a ausência ou presença humana quando das suas realizações culturais. Ao serem inseridos outros pontos de vista por meio de co-relações em citações, sejam concordantes ou discordantes, é gerada uma ação discursiva na escritura de textos. Deste modo, “aquilo que se chama contexto de citação mostra-nos como um texto age sobre outros para ajustá-los mais as suas teses” (LATOURET, 2000, p. 61). A concepção da via de encontros textuais foi primeiramente introduzida por Mikhail Bakhtin na teoria literária, ao afirmar que um texto é construído por um mosaico de citações, sendo absorvido e transformado por outros textos e, neste sentido, vem se instalar a noção de intertextualidade (KRISTEVA, 2005). O texto de anúncio da Tradição Itaparica foi construído segundo uma abordagem interdisciplinar, onde estão presentes o conhecimento paleoambiental, a petrologia e a arqueologia (o campo de maior relevância textual). Neste plano de discursividade, que abarca diversos saberes, a intertextualidade e a interdisciplinaridade se entrecruzam e ambas atuam na promoção das transformações textuais. Nesse sentido, Barthes (2004) afirma que a interdisciplinaridade produz um objeto novo: o texto, não sendo apenas um ato em que se convocam algumas ciências em torno de um tema.

As citações na escritura de Calderón (1983), onde fora apresentado o primeiro discurso acerca da Tradição Itaparica, dialogam com outros textos ao estabelecer comparações com outros ambientes que extrapolam a sua circunscrição ao sertão pernambucano. Ao mesmo tempo em que ele vislumbra “a necessidade de estabelecer coordenadas regionais” (CALDERÓN, 1983, p. 38), na perspectiva de “estabelecer as bases de uma arqueologia lítica científica” (CALDERÓN, 1983, p. 38), recorre a citações de outros textos em que dados paleoclimáticos e os estudos sobre tipologia lítica são redimensionados na extensão do continente americano. A inserção textual desses enunciados dos outros não foi demarcada com aspas no discurso escrito³⁴, e, sim, pelas palavras de Valentin Calderón que de certo modo emolduraram as enunciações do outro. Qual novo objeto de discurso teria sido construído com a inclusão de citações acerca dos fenômenos paleoclimáticos? Como se construiu o cenário dos homens e mulheres (não referidas textualmente) da Tradição Itaparica? Que atitudes responsivas suscitaram os

³⁴ Esse tipo de diálogo em que as próprias palavras do outro são trazidas em sua literalidade para o texto escrito “é uma espécie de *alternância dos sujeitos do discurso* transferida para o interior do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 298-9).

diálogos? A ausência de pesquisas acerca de estudos paleoclimáticos também fora apontada por Calderón (1983, p. 40): “Sobre a região em apreço, como sucede em quase todo o Brasil, não existem estudos específicos que possam esclarecer qual foi a sua evolução paleoclimática e conseqüentemente ecológica”.

O discurso do outro³⁵ é absorvido e vem dialogar promovendo a transformação deste texto, na medida em que possibilita superar as limitações mencionadas. A citação de Schobinger³⁶ concorre para a configuração do cenário das mudanças climática, segundo as enunciações de Valentin Calderón (1983, p. 41):

Para alguns autores (J. Schobinger, 1969 27), entre 8.000 e 9.000 anos antes da nossa era, um recrudescimento do frio fez com que o progressivo aumento da temperatura mundial retrocedesse novamente para recomeçar, a partir dos 8.000 a.C., o lento mas contínuo aumento da temperatura, considerando-se começado o pós-glacial, a partir dos 7.000 a.C., dentro do qual ainda se dá um pequeno estágio glacial (\pm 5.500-4.000 a.C.).

O discurso de Juan Schobinger é efetivamente incorporado na produção de um novo objeto de discurso que diz respeito à antiguidade da ocupação dos “coletores ou caçadores-coletores itapariquenses”³⁷, tendo em vista que “a cronologia é conhecida por análise de C-14, e corresponde ao pequeno estágio glacial situado aproximadamente 5.500 anos a.C” (CALDERÓN, 1983, p. 41). Deste modo, o texto enquanto novo objeto construído em decorrência da interdisciplinaridade inscreve novos objetos de discurso a partir da intertextualidade. Em toda comunicação discursiva, os enunciados devem ser percebidos como uma resposta (num sentido amplo) aos que o precederam num determinado campo; essa atitude responsiva poderá rejeitar, confirmar ou ainda, subtender e se basear em tais enunciados (BAKHTIN, 2003). Valentin Calderón, ao dar respostas tendo como base os trabalhos de Juan Schobinger, dialoga e afirma notoriamente que “tudo leva a pensar que esta teoria paleoclimática tem grande possibilidade de ser certa” (CALDERÓN, 1983, p. 41). Este enunciado está voltado tanto para o objeto quanto para o discurso do outro, tendo sido instituído um diálogo com vozes explícitas. O lugar discursivo reservado a enunciados

³⁵ Ocorre uma dupla expressão no discurso do outro: a alheia e a que acolheu o enunciado no discurso (BAKHTIN, 2003).

³⁶ Embora outros autores sejam citados, conforme será visto a seguir, Valentin Calderón apenas menciona Schobinger na bibliografia, a saber: SCHOBINGER, Juan. **Prehistoria de Sudamérica**. Barcelona: Labor, 1969. 295p.

³⁷ Expressão empregada por Calderón (CALDERÓN, Valentin. As tradições Líticas de uma região do Baixo Médio São Francisco (Bahia). **Estudos de arqueologia e etnologia**. Salvador: UFBA, 1983. p. 37-58. (Coleção Valentin Calderón). p. 41).

sobre a população da Tradição Itaparica está demarcado de modo direto apenas por alusões ao paleoclima, que são absorvidas no texto e passam a redimensionar as práticas humanas segundo as atividades desempenhadas na natureza. Deste modo são instituídos novos objetos de discurso no encontro destas vozes enunciativas. Neste plano de dialogicidade, somente dois aspectos assumem relevância na dimensão cultural, a saber, a habitabilidade e as atividades que asseguram a vida, no que diz respeito ao que possa também ser concebido como a economia destas populações, conforme Calderón (1983, p. 41) enuncia:

Não somente o fato de terem se refugiado em cavernas os portadores dessa cultura de coletores, ou talvez de caçadores-coletores ou caçadores inferiores, embora nenhuma evidência relacionada com atividades de caça se tenha encontrado até agora, que corresponda a uma ecologia bem mais benigna que a imperante atualmente, onde pouco ou nada teriam de apanhar os supostos coletores ou caçadores-coletores itapariquenses.

Em meio à descrição tipológica dos artefatos atribuídos à Tradição Itaparica, emerge a voz do discurso do outro trazida por citações que também estendem, de forma comparativa, a presença de alguns destes instrumentos na América do Sul. Diferentemente dos enunciados sobre o paleoclima, Valentin Calderón não se reporta à própria descrição daqueles com os quais dialoga, apenas os menciona, promovendo uma transformação na discursividade somente no plano da analogia, e não na criação de novos objetos de discurso. Deste modo, as pontas-faca plano convexas descritas no objeto discursivo da tipologia permanecem inalteradas no encontro com estas outras vozes (apenas ocorre uma expansão quanto à localização destes artefatos), embora o texto possa ter sido transformado, pois, “à primeira vista, estas peças lembram certas indústrias descritas para os extremos sul e norte do continente sulamericano (Meguin e Crusent)” (CALDERÓN. 1983, p. 44).

O tempo, o espaço e a atividade humana foram inter-relacionados e configurados pela ressonância da polifonia discursiva; o discurso do outro transformou o texto de anúncio, instaurando novos sentidos para a Tradição Itaparica. Estas vozes foram trazidas de outros textos (Schobinger; Meguin e Crusent) e, neste sentido, Bakhtin (2003) afirma que o texto tanto é o ponto de partida quanto o dado primário para qualquer disciplina das ciências humanas; e que muitas das áreas como filologia, lingüística, metaciência (e inscreva-se também a arqueologia), apreendem porções heterogêneas da natureza, da vida social e da história, passando a unificá-las tanto pelo sentido quanto por relações causais. Em um mesmo texto, o discurso do outro pode ser absorvido em diferentes instâncias demarcativo-discursivas, promovendo a criação de diferentes sentidos.

Schobinger, mais uma vez, vem dialogar explicitamente e proporcionar a constituição de novos sentidos discursivos, conforme citado por Calderón (1983, p. 49):

Para alguns autores modernos (Schobinger, 1969; 58) todos os conjuntos arqueológicos protolíticos sul-americanos entre 15.000 e 1.000 a.C. podem ser atribuídos a povoações de caçadores inferiores e recoletores, adaptados a diversos meios e herdeiros de diversas tradições.[...] Esse autor considera também uma segunda corrente cultural americana que seria a dos caçadores superiores de indústria neolítica com pontas de projétil, provavelmente com uma cronologia idêntica a que sugerem para o protolítico.

Algumas vozes podem alcançar maior sonoridade mediante uma recorrência dialógica. Se anteriormente Valentin Calderón trouxe a voz de Schobinger quando da alusão aos fenômenos paleoclimáticos, tendo em vista dialogar acerca da antiguidade da Tradição Itaparica, novamente o cita concorrendo para a construção de um novo objeto de discurso: a cultura material dos caçadores pré-históricos americanos. Na medida em que se referem também a instrumentos semelhantes aos desta tradição, as vozes de Meguin e Crusent, mencionados anteriormente, se instauram de forma indireta no discurso e, deste modo, compartilham da dialogicidade. Diante destes “tons” de vozes que se cruzam, alheias umas às outras, mas que levemente se tocam na extensão do mesmo tema, são instituídas inevitavelmente relações dialógicas (BAKHTIN, 2003).

Neste texto de anúncio da Tradição Itaparica, a maior transformação exercida pelas citações, no campo da intertextualidade, esteve reservada à cultura material, enquanto objeto de discurso. A voz de Juan Schobinger é recebida no texto de Valentin Calderón quando da enunciação referente à ocupação pré-histórica sulamericana pela “população de caçadores inferiores e recoletores, adaptados a diversos meios e herdeiros de diversas tradições” (CALDERÓN, 1983, p. 49), conforme mencionado anteriormente. Em seguida, estas tradições são descritas tipologicamente a partir de enunciados emoldurados pela escritura de Valentin Calderón: “1) de seixos [...]; 2) de lascas mais elaboradas, com menos importância ou quase inexistência de seixos [...]; e 3) de bi-faces [...]” (CALDERÓN, 1983, p. 49). Tais enunciados se instauram em resposta às afirmações de Valentin Calderón (1983, p. 49) ao estabelecer tradições de indústrias líticas correspondentes aos níveis de ocupação da Caverna do Padre, pois: “Datas de carbono-14 provam que a tradição de *lascas*³⁸ chegou a Caverna do Padre no VI milênio a.C. Consta também que uma nova tradição se instalou nessa caverna aproximadamente 300 anos a.C. Era esta a tradição de *seixos*³⁹ [...]”.

³⁸ Grifo meu.

³⁹ Grifo meu.

A responsividade era decorrente da pergunta: como situar as tradições líticas da Caverna do Padre no panorama da América do Sul? A resposta de Juan Schobinger ecoa e é ouvida: caçadores e recoletores “herdeiros de diversas tradições”, em que também figuram as tradições de lascas e de seixos. Esta teria sido a primeira “corrente cultural americana” (CALDERÓN, 1983, p. 49) sucedida pela de caçadores superiores com pontas de projétil. Eis que acontece uma transformação no objeto de discurso: a cultura material da Tradição Itaparica é reinscrita, por meio da tipologia, na extensão da ocupação do continente americano. Em decorrência deste diálogo, outra voz é convocada, por meio de citação textual, para mais uma vez elucidar algumas das particularidades e o lugar desta tradição no vasto cenário deste continente. Valentin Calderón retoma o sentido de um dos enunciados iniciais do seu texto, anteriormente referido no segundo capítulo, a saber, “os complexos líticos têm sido insuficientemente descritos, preocupados que estavam os pesquisadores com a presença de pontas de projétil” (CALDERÓN, 1983, p. 38) e dialoga com o discurso do outro, nas seguintes palavras:

Dentro do complexo paleoíndio ou paleolítico americano, distingue Hansjürgen Muller-Beck (Science, vol. 152, n.º 3726) duas tradições técnicas de origens muito diferentes; uma com pontas de projétil líticas e outras sem elas. [...] Isso não implica em que seja mais antiga do que a outra, provavelmente se desenvolveram paralela e sincronicamente, misturando-se em repetidas ocasiões, embora se conservassem alguns grupos bem caracterizados até bastante avançado o holoceno. A uma destas tradições misturadas deve corresponder a indústria de Itaparica (1983, p. 49-50).

Enunciações sobre a ausência ou presença de pontas de projétil se constituem na maior das reverberações da voz de Calderón em meio aos diálogos construídos com os interlocutores citados. Um dos primeiros discursos de Calderón (1983) acerca da Tradição Itaparica, noticiada no sertão de Pernambuco, criticou as pesquisas que se centravam na busca obstinada às pontas de projétil. Deste modo, a ausência destes instrumentos acarretaria também a invisibilidade de outras expressões da cultura material de caçadores e coletores, que pudessem estar situados em horizontes cronológicos recuados na pré-história brasileira. Nas descrições tipológicas apresentadas no discurso de anunciação da Tradição Itaparica não constam pontas de projétil, apenas ponta faca ogival e ponta raspador, indicadas nos dados estatísticos anexados ao final do referido texto. Aspectos deste problema científico demarcaram de modo relevante os sentidos dos enunciados no campo discursivo da intertextualidade, em que a voz de Valentin Calderón e os diferentes pontos de vistas dos discursos do outro, ou as várias vozes nas enunciações, afirmaram a polifonia.

3.3 A TRANSDISCURSIVIDADE: A MARCA DA INTERTEXTUALIDADE NOS DISCURSOS DECORRENTES

Vozes enunciativas foram trazidas para o texto de Calderón (1983) e polifonicamente foram entrecruzadas por meio da dialogicidade. Este autor foi o promotor desta sinfonia discursiva, regendo os tons das enunciações. Do mesmo modo, sua voz também será ouvida em outros textos que do seu texto decorrerão. Conforme foi dito, no segundo capítulo, este discurso fundador abriga o potencial de abrir espaço para novas expressões discursivo-polifônicas, sendo referido por meio de citações⁴⁰ ou mesmo quando se emprega apenas a terminologia Tradição Itaparica por ele denominada. Deste modo, este discurso fundador é um instaurador de discursividades. Na ordem do discurso é possível ser autor de uma obra, de uma teoria, de uma tradição, de uma disciplina, em que outros autores e outros livros irão inscrever seu lugar; este autor instaurador de novos discursos ocupa uma posição transdiscursiva (FOUCAULT, 1992). Em quais instâncias demarcativo-discursivas as palavras e representações gráficas de Valentin Calderón serão significadas e situadas em outros textos? Serão configurados os mesmos objetos de discurso tais como os apontados por Valentin Calderón para a Tradição Itaparica, a saber, paleoclima, datação, antiguidade e cultura material nos discursos decorrentes? O texto enquanto sistema de signos, ao ser acolhido em outros discursos, se inscreve no campo da intertextualidade. No entanto, isto não diz respeito apenas ao “estudo de fontes”, e deste modo o termo transposição se torna mais específico quanto às novas articulações, enunciativas e denotativas, que se realizam na passagem de um sistema de significação a outro (KRISTEVA, 1984).

No ano de 1969, os objetos arqueológicos provenientes da Gruta do Padre, no estado de Pernambuco, foram apresentados numa publicação de Valentin Calderón e, conforme mencionado no segundo capítulo, não fora mencionada a terminologia Tradição Itaparica que corresponderá a estes materiais posteriormente⁴¹. No entanto, os registros gráficos relativos a alguns dos instrumentos líticos que figuram neste artigo (Figura 5) concorreram para que comparações fossem estabelecidas pelo arqueólogo Pedro Ignacio Schmitz

⁴⁰ Joyce e Preucel (2002) considera que a intertextualidade de citações é uma dentre as muitas convenções que marcam a polifonia na atividade arqueológica.

⁴¹ A denominação Tradição Itaparica é referida pela primeira vez no artigo: CALDERÓN, Valentin. A pesquisa arqueológica nos estados da Bahia e Rio Grande do Norte. **Dédalo**, São Paulo: MAE-USP, ano IX, n. 17-8, p. 25-31, 1973.

(2007a) ao relacioná-los a outros artefatos líticos encontrados em escavações no estado de Goiás. Objetos e palavras: eis um encontro de sistemas de signos que dão sentido a Tradição Itaparica quando da promoção de sua instauração em discursos decorrentes. De que maneira a noção de intertextualidade se inscreve tendo os objetos inter-relacionados a novos textos? A reflexão nestes termos está vinculada à noção de texto, na medida em que o campo tradicional da literatura, ao qual primordialmente esteve abrigado, possa ser ampliado e revisitado.

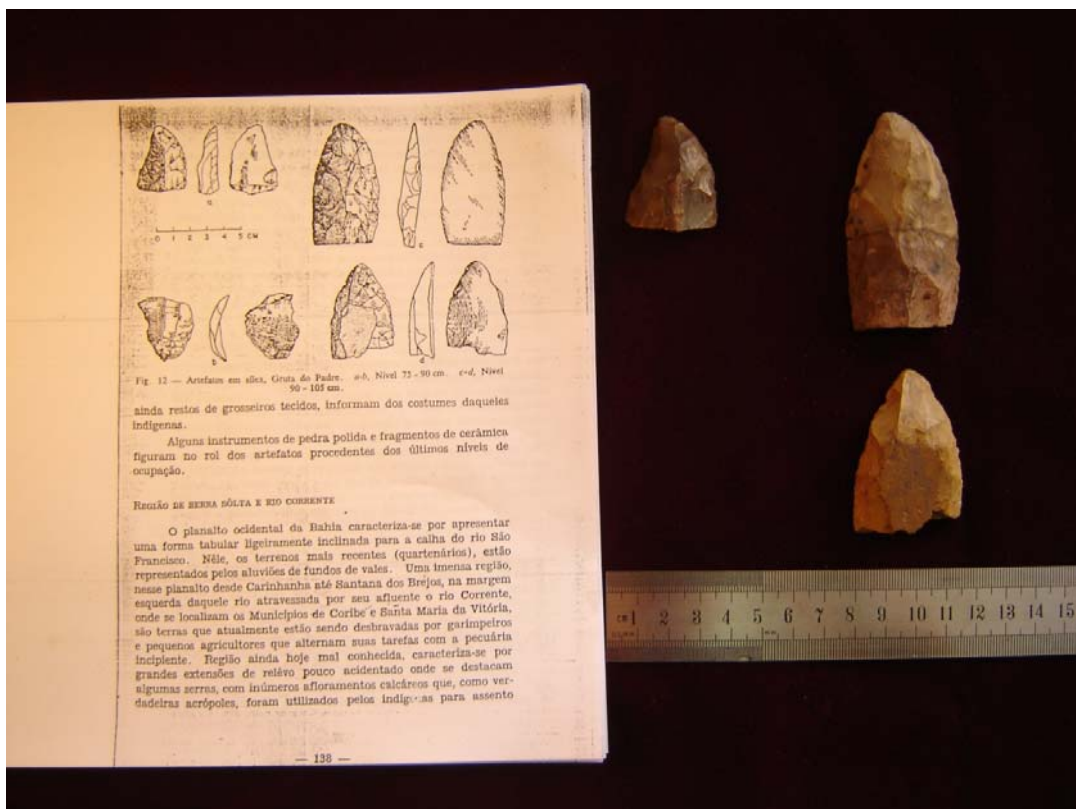


Figura 5 - Ilustrações de instrumentos com as quais Pedro Ignácio Shcmitz estabeleceu comparações

Num primeiro momento, quando da comparação dos instrumentos líticos referida, os objetos aparentemente insurgem em sua materialidade destituídos da mediação pelo texto escrito, em que o sentido é inscrito no círculo do sistema dos objetos, e não propriamente na comunicação lingüística. Embora as primeiras reflexões acerca do texto tenham se iniciado na literatura, este campo não o limita, pois há texto em todo e qualquer lugar onde possam ser postas regras de combinação, de deslocamento e de transformação frente a uma atividade de significância. O texto não está circunscrito apenas às produções escritas, ele

também se constitui nos jogos de objetos, dentre outros elementos sígnicos⁴² (BARTHES, 2004). Quando o arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz reconhece as semelhanças entre os instrumentos apresentados no texto de Calderón (1969) e os materiais provenientes das escavações por ele realizadas no estado de Goiás, estes objetos também se instauram no plano da linguagem. Os artefatos arqueológicos registrados iconograficamente em textos arqueológicos vêm sempre acompanhados de legendas, de referências escritas que os nomeiam e os situam espaço-temporalmente, onde ocorre a intervenção da linguagem. Nesta via de encontros entre objetos e linguagem na produção de sentidos, Barthes (2001, p. 206) enfatiza que “nunca se têm sistemas significantes de objetos em estado puro; a linguagem intervém sempre, como polia de transmissão”. A intertextualidade demarcada em textos arqueológicos não se reserva apenas à textualidade lingüística, visto os sistemas de signos que constituem alguns destes textos serem também dotados por representações gráficas de objetos.

Após Pedro Ignácio Schmitz reconhecer a similaridade entre os instrumentos líticos, de que modo a voz de Valentin Calderón será acolhida em seu discurso? Em 1973, Valentin Calderón denomina a tradição referente aos artefatos da camada estratigráfica mais antiga da Gruta do Padre, e eis que o termo Tradição Itaparica alude a uma marca lingüístico-territorial. Os instrumentos líticos, deste modo, se constituem num conjunto de signos não lingüísticos e que no plano da linguagem serão designados por Tradição Itaparica. A formalização de expressão lingüística específica é denominada regime de signo⁴³ e, no que diz respeito ao regime significante do signo, ocorre uma transmissão de um signo para outro que não se atém ao plano do que ele significa, mas à relação formal da cadeia significante (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Neste sentido, os objetos-signos da Tradição Itaparica da Gruta do Padre, referidos por Calderón (1969, 1973, 1983), foram transmitidos em meio à cadeia de significante para outros objetos-signos provenientes do sítio GO-JA-01, no sudoeste do estado de Goiás, quando do reconhecimento das semelhanças por Schmitz (1980). Nos primeiros enunciados de Pedro Ignácio Schmitz acerca deste tema, a voz de Valentin Calderón não se faz ouvir por meio do discurso citado, e ainda, os objetos de

⁴² A ampla dimensão do texto também foi referida por Bakhtin (2003) ao considerá-lo fundamentalmente como qualquer conjunto de signos que apresente coerência.

⁴³ A semiótica é constituída por este regime de signo, no entanto não se reserva apenas à lingüística, visto as forma de expressão e de conteúdo serem concomitantemente inseparáveis e independentes, e ambas remeterem a agenciamentos que notadamente não são lingüísticos (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

discurso relativos à Gruta do Padre são retomados e re-configurados em outro território segundo as especificidades paleoclimáticas que lhes é própria. O discurso de Valentin Calderón é instaurado no marco dos enunciados que constituem o discurso decorrente de Pedro Ignácio Schmitz (1980, p. 12) quando é dito:

Fase lítica Paranaíba, tradição Itaparica (10.750-9.000 AP): caçadores de um período supostamente mais frio e medianamente úmido, caracterizado por uma indústria lítica de implementos unifaciais sobre lâminas grossas, acompanhados de implementos picoteados ou alisados, destinados a moer ou esmagar frutos. Pontas ou espátulas de osso. Sepultamentos ainda desconhecidos. Pinturas e petroglifos? Alimentação baseada na caça generalizada, completada por pesca, coleta de frutos e ovos.

Nesta discursividade polifônica, a voz de Valentin Calderón também se faz ouvir ao ser mencionada a “indústria lítica de instrumentos unifaciais”; é a cultura material, por ele anteriormente também classificada deste modo, quem promove o reconhecimento na ordem do discurso arqueológico na expressão Tradição Itaparica. As categorias espaço-temporais são referentes a outros (con)textos no planalto goiano, concorrendo para que decorram diferentes discursividades a partir do discurso fundador. Pedro Ignácio Schmitz instaura um novo objeto de discurso: a alimentação (decorrente da caça generalizada, pesca e coleta), diferentemente de Valentin Calderón, que aludia apenas à caça inespecificamente. Em outra publicação de Pedro Ignácio Schmitz, a fase Paranaíba da Tradição Itaparica é re-configurada a partir de novos atributos culturais e contextualizações ambientais⁴⁴. Neste sentido, Schmitz e colaboradores (1989, p. 19) escrevem acerca da ocupação nos abrigos de Serranópolis, no estado de Goiás:

A mais antiga foi denominada fase Paranaíba e, por seus artefatos-guias, foi atribuída à Tradição Itaparica. As suas datas mais antigas, no local, começam ao redor de 11.000 anos A.P., estimando-se que o término esteja na metade do nono milênio A.P. Os restos alimentícios indicam a caça de animais variados e pequenos peixes de rio, estando ausente, ainda, uma coleta significativa de moluscos terrestres. Os artefatos produzidos em ossos são predominantemente espátulas feitas a partir de restos de cervídeos e outros mamíferos. Os artefatos líticos, principalmente em arenito silicificado ou quartzito, disponível em qualquer quantidade nos alcantilados onde se encontram os abrigos, mostram raspadores terminais sobre lâmina, longas lâminas usadas para cortar ou raspar, discos ou seixos aplanados com faces polidas e muito raras e grosseiras pontas-de-projétil para o fim do período. [...] - Neste momento os habitantes dos abrigos participam de uma cultura, que se estende por cima dos cerrados num diâmetro de 2.000 km, conhecida como tradição Itaparica, que proporciona a primeira ocupação densa do Planalto.

⁴⁴ A alusão à Tradição Itaparica tinha como referência a cultura material proveniente das escavações da Gruta do Padre, no estado da Bahia, anunciada no discurso fundador de Valentin Calderón.

Nos textos de Valentin Calderón, os objetos de discurso demarcavam o aparecimento ou criação textual da Tradição Itaparica a partir da cultura material, da antiguidade, da cronologia, e da territorialidade. As pesquisas de Pedro Ignacio Schmitz os retomaram, e, sobretudo, imprimiram modificações. Se, por um lado, o reconhecimento da tipicidade da cultura material da Tradição Itaparica era apontado por Valentin Calderón (1983, p. 48) ao afirmar que: “Apesar da falta de fixação de alguns tipos de raspadores, é necessário reconhecer que dentro do complexo, eles e as pontas-faca plano convexas são os artefatos que mais contribuem para a caracterização desta indústria”.

Este arqueólogo jamais mencionou textualmente que esses instrumentos alcançassem o *status* artefactual de artefatos-guias. Por outro lado, na citação anterior de Pedro Ignacio Schmitz e colaboradores, o objeto de discurso da cultura material aparece investido de um novo potencial de reconhecimento: os artefatos-guias. Desta forma, não apenas se estabeleceram co-relações entre a indústria lítica proveniente dos achados da Gruta do Padre e a de Serranópolis, mas um novo batismo, a espera de “nome próprio”, fora consagrado nestes objetos já conhecidos pelas suas funções. Além disso, a condição de artefato-guia (fóssil-diretor) demarcaria um papel comparativo com a cultura material de outras áreas além das mencionadas. Os artefatos-guias, os significantes, são territorializados e reterritorializados⁴⁵, agenciados segundo múltiplas conexões estabelecidas entre os atributos culturais e as condições ambientais na medida em que, de acordo com Deleuze e Guatarri (2004, p. 17), “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”. Os artefatos-guia referentes à Gruta do Padre quando reconhecidos em Serranópolis foram agenciados em outros contextos culturais e ambientais sob a instauração de novas e múltiplas conexões, em que apesar das semelhanças constatadas entre estes objetos, a matéria-prima e/ou a tipologia dos mesmos, em alguma medida, apresentavam

⁴⁵ Conforme o entendimento de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, estes termos não são apenas empregados numa perspectiva geográfica ambiental, visto que tanto o reino vegetal, quanto o animal estariam sujeitos a territorialização, desterritorialização e reterritorialização, e todos conectados por ramificações múltiplas. A título de exemplo, “a orquídea se desterritorializa, fazendo uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se reterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea, transportando o pólen” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 18). Estes processos ao serem transpostos para o reino mineral, física e culturalmente, se observa que os objetos arqueológicos da cultura material se territorializam, reterritorializam e desterritorializam no gesto da mão humana e no contexto sedimentar. A mão humana no gesto da fabricação se territorializa no instrumento demarcando áreas de saliência ou reentrância no mineral para facilitar o ato de segurar o objeto, imprimindo as marcas de apoio da própria mão. O instrumento se reterritorializa na mão ao ser utilizado sobre outros materiais mediante a eficácia também de gestos manuais. E ainda, o instrumento se desterritorializa quando abandonado e é reterritorializado em diferentes contextos sedimentares a espera de ser descoberto pela mão do arqueólogo.

modificações. Se a Tradição Itaparica fora criada por Valentin Calderón, foi Pedro Ignácio Schmitz quem batizou com o “nome próprio” lesma os artefatos-guia desta tradição. A influência denominativa decorreu da constatação da semelhança entre estes artefatos-guia com instrumentos arqueológicos do continente europeu (SCHMITZ, 2007a), especificamente com peças do *Aurignacien IV* denominadas de *limace*.⁴⁶ No discurso arqueológico acerca da Tradição Itaparica a denominação lesma, semelhante ao molusco terrestre, na linguagem arqueológica se refere a um artefato unifacial plano-convexo (Figura 6 e 7). Este instrumento foi revestido por figuras de linguagem, a metáfora e a metonímia. Nesse tecido textual, ao mesmo tempo em que a metáfora co-relacionou o objeto a um animal pela semelhança, a metonímia apontou para uma contigüidade da parte com o todo: a lesma e a Tradição Itaparica.



Figura 6 - Instrumentos lesmas do sítio Gruta do Padre, Pernambuco (MAE/UFBA)

⁴⁶ “La limace est um type particulier de pointe ou de racloir convergent, em ce qu’il est à la fois allongé et doublé” (BORDES, 1950, p. 338 *apud* BRÉZILLION, 1977, p. 268).



Figura 7 - Lesma (um molusco terrestre) “cultivada” nos meus vasos com plantas

Assim como Valentin Calderón, Pedro Ignacio Schmitz apresenta a cronologia mais antiga da área de seus estudos, atribuindo uma datação até então não revelada para o planalto goiano, a saber, 11.000 anos A.P. Deste modo, a Tradição Itaparica, de um a outro discurso arqueológico, é transdiscursivamente estendida em direção ao objeto de discurso da antiguidade. Embora as datações estejam distanciadas por aproximadamente 6.000 anos, em ambas as regiões, nos estados da Bahia e de Goiás, são as datas mais antigas. A Tradição Itaparica é criada e re-inscrita sob o signo da antiguidade. O discurso arqueológico decorrente vem afirmar a perspectiva de antiguidade no panorama mais extensivo dos sítios arqueológicos brasileiros.

Julia Kristeva acenou para a concepção de intertextualidade, que diz respeito a textos que são acolhidos em outros discursos, especialmente enquanto inter-relações entre as produções textuais de diferentes autores. Quando os textos são inter-relacionados entre os textos de um mesmo autor, poderíamos estar do mesmo modo diante de intertextualidade? Haveria uma transdiscursividade interna demarcada por modificações na extensão da produção discursiva de um mesmo autor, em direção a novos discursos? Em ambas as perspectivas, considero que se for demarcado o caráter de modificação discursiva e textual, é possível apreender a transdiscursividade e intertextualidade em zonas de expressividade

interna. Nos textos de Pedro Ignácio Schmitz estas decorrências modificadoras internas se apresentam mais notadamente. Alguns objetos de discurso são reinvestidos de condições ou características que os alteram, principalmente acrescentando novos elementos de especificação. Neste sentido, a caça enquanto produto alimentar que a princípio é apresentada como generalizada, em outro texto escrito por este arqueólogo é descrita da seguinte maneira:

O regime alimentar desse caçador generalizado pode ser estudado com bastante precisão nos abrigos do sudoeste de Goiás, onde os restos alimentares na fase Paranaíba, tradição Itaparica, são abundantes e bem conservados. Os animais caçados são das espécies mais variadas e de todos os tamanhos, desde cervos, veados, capivaras, macacos, tamanduás, tatus, tartarugas, lagartos, emas, todo tipo de aves (SCHMITZ, 1984, p. 8).

A raridade enunciativa observada no discurso de anúncio da Tradição Itaparica, por Valentin Calderón, circunscrevia a ausência de pontas de projétil na ordem da antiguidade desta tradição, conforme afirmado no segundo capítulo. Pedro Ignácio Schmitz não constrói seu discurso por meio de citações do discurso do outro. Esse modo de conceber a discursividade, de acordo com Bakhtin (2006), é próprio do discurso indireto onde não ocorre a transposição literal de um discurso a outro. A intertextualidade se faz presente na demarcação de sentido pela via da semelhança da cultura material, afirmada na expressão Tradição Itaparica, cunhada por Valentin Calderón. Em decorrência, a denominação dos instrumentos atribuídos a esta tradição também se constituirá em componente textual demarcativo dos novos discursos decorrentes. Há uma extensão sonora no plano da discursividade indireta, na emergência da polifonia, quando Schmitz e colaboradores (1989, p. 19) afirmam que são “muito raras e grosseiras [as] pontas-de-projétil para o fim do período”, tal qual observado, semelhantemente, nos instrumentos da Tradição Itaparica descritos por Valentin Calderón. Neste enunciado, o sentido vai alcançar sua plena expressão a partir da ressonância da voz de Valentin Calderón que ecoa a partir do discurso fundador. Neste sentido, o enunciado se volta também para o discurso do outro, e não apenas para o seu próprio objeto de discurso (BAKHTIN, 2003).

Apesar de ter havido modificação no discurso decorrente de Pedro Ignácio Schmitz, o dialogismo estabelecido com o texto de Valentin Calderón é demarcado, na interação verbal, pela via da concordância, na dimensão plena da convergência de sentidos. As relações dialógicas não podem ser interpretadas de modo simplificado e unilateral; elas não podem ser reduzidas a uma condição de luta ou, propriamente, desacordo (BAKHTIN,

2003). A ausência ou a raridade de pontas de projétil demarcou o discurso tanto de Valentin Calderón quanto o de Pedro Ignacio Schmitz na textualidade acerca da Tradição Itaparica. Os instrumentos unifaciais se constituíram nos elementos “típicos” quando do reconhecimento da cultura material desta tradição, inclusive sendo considerados os fósseis-guias. Deste modo, as enunciações acerca destes artefatos não foram circunscritas apenas à condição de temas da cultura material no discurso arqueológico, elas também tiveram o papel de promover estratégias discursivas para configurar culturalmente uma tradição arqueológica. Diante desta perspectiva, se faz necessário retomar as considerações relativas às formações discursivas abordadas no segundo capítulo, onde fora descrito o sistema de dispersão, as escolhas temáticas, os objetos de discurso e os tipos de enunciados que permitiram que a Tradição Itaparica fosse constituída no discurso fundador. No plano da discursividade houve modificação nas enunciações de Pedro Ignacio Schmitz em relação ao discurso de Valentin Calderón, no que diz respeito aos objetos de discurso, tais como: antiguidade, cultura material (tipologia dos instrumentos) e contexto ambiental. No entanto, a constatação da presença de instrumentos unifaciais por um lado, e a ausência ou raridade de pontas de projétil por outro, foram relevantes no discurso destes dois arqueólogos, na dialogicidade e na polifonia concordantes, que deram sentido ao reconhecimento desta tradição.

3.4 A DISSONÂNCIA NO OBJETO DE DISCURSO: HISTÓRIA DE UMA TRADIÇÃO

Por quais vias de transdiscursividade as vozes de Valentin Calderón e de Pedro Ignacio Schmitz serão ouvidas nos anos 1980, época em que a Tradição Itaparica alcança um “nome próprio” culturalmente ao sinalizar outras descobertas arqueológicas? Laroche⁴⁷ (1987) afirma que, em 1968, no mesmo período em que Valentin Calderón escavava a Gruta do Padre, um outro sítio escavado por ele em Pernambuco, Pedra do Caboclo, apresentava uma datação de 8.200 ± 200 anos AP, enquanto que no sítio Chã do Caboclo⁴⁸ a data mais

⁴⁷ Armand Laroche era quem detinha a maior quantidade de datações radiocarbônicas dentre os pesquisados da época (SCHMITZ, Pedro Ignacio. **Tradição Itaparica**. Porto Alegre, 2008. Comunicação pessoal). A maioria das datações eram realizadas no Centre Scientifique de Mônaco.

⁴⁸ São apontados os anos de 1975, 1976, 1977 e 1978 referentes às épocas em que ocorreram pesquisas neste sítio (LAROCHÉ, Armand François Gaston. Algumas contribuições para o estudo do povoamento do nordeste do Brasil, a partir de 11.000 anos BP - Histórico da Tradição Itaparica. **Mossoroense**, Natal, supl. 4, série B, n. 468, p. 11-39, 1987).

antiga correspondia a 11.000 ± 280 anos AP, e ambos estavam co-relacionados à Tradição Itaparica, bem como outros sítios neste estado e no Rio Grande do Norte⁴⁹. Após oito anos destas primeiras descobertas, Pedro Ignácio Schmitz, segundo Laroche (1987, p. 14), se deparava “com estes paleo-índios em Goiás, com datações ligeiramente inferiores às aquelas obtidas em Bom Jardim, (10.750 anos B. P.)”. A voz de Pedro Ignácio Schmitz não ecoa apenas no discurso de Armand Laroche pela via da alusão textual das pesquisas em Goiás, há referência a uma visita de Pedro Ignácio Schmitz à Natal, em 1979, com o objetivo de conhecer instrumentos líticos de sítios do Nordeste.

Valentin Calderón, enquanto fundador do discurso da Tradição Itaparica, não se reporta a outros discursos relativos a esta tradição propriamente. Conforme foi dito no segundo capítulo, as vozes trazidas nas enunciações se inscrevem no quadro mais geral do povoamento da América. O discurso decorrente de Pedro Ignácio Schmitz, ao se remeter ao discurso fundador, se reserva à via indireta, sendo assinalado pela expressão “Tradição Itaparica”, destituído de citações explícitas e com escassas menções textuais ao autor do discurso fundador. Armand Laroche permanentemente retoma a voz destes arqueólogos e constrói um discurso amplamente polifônico, em que a voz do outro é sonorizada pela própria explicitação autoral. Há quatro referências para cada um dos nomes de Valentin Calderón e de Pedro Ignácio Schmitz numa publicação de Laroche (1987). Nesta discursividade, os objetos de discurso anteriormente demarcados são retomados, bem como os autores dos pronunciamentos anteriores e, deste modo, tanto os objetos de discurso quanto seus autores são agenciados discursivamente na construção do que Laroche denominou “história da Tradição Itaparica” (LAROCHÉ, 1987, p. 14 *et seq.*). O signo lingüístico Gruta do Padre, o topônimo que assinala o local da descoberta dos vestígios datados, se apresenta tanto na voz de Valentin Calderón, no discurso fundador, quanto na de Armand Laroche quando este propõe a historicidade da Tradição Itaparica. É diante desta dimensão espaço-temporal que vem se constituir os antecedentes da história desta tradição por Armand Laroche. Neste sentido, a cultura material é re(con)textualizada em meio a diversidade de vestígios presentes na Gruta do Padre quando da construção do objeto de estudo⁵⁰, em que o princípio da história não é demarcado pelos instrumentos, antiguidade ou

⁴⁹ Laroche (1987) se refere às datações dos sítios (Bom Jardim, Chã do Caboclo, Lagoa da Casa) sem relacioná-los aos artefatos arqueológicos especificamente, mas afirma que todos estavam circunscritos à Tradição Itaparica.

⁵⁰ No segundo capítulo foi mencionada a construção do objeto de estudo tendo em vista as diferenciações da cultura material situada nos demais estratos da Gruta do Padre.

paleoambiente relativos a esta tradição, mas pelos vestígios ósseos⁵¹, um dos significantes do topônimo Gruta do Padre, presentes na camada superficial que recobria o contexto da Tradição Itaparica. A dialogicidade é marcada pela interação verbal e instituída de sentidos advindos das relações polifônicas presentes nas enunciações, e o (con)texto arqueológico especificamente, ao ser constituído pelos vestígios posicionados, retêm uma dialogicidade própria nessa criação (con)textual arqueológica. Neste sentido, o arqueólogo Klaus Hilbert (2008) se refere à arqueologicidade, em que o “arqueólogo não encontra o contexto, ele o cria de acordo com os sentidos de suas leituras que irão se manifestar em seu texto”. Embora esse discurso, a princípio, possa ser monológico, de acordo com Mikhail Bakhtin, nele também estão presentes relações dialógicas, conforme afirmado anteriormente.

Neste percurso de reconstituição histórica, onde se imbricam os pesquisadores e seus feitos textualmente, é assinalado o acontecimento que põe a descoberto a cultura material da Tradição Itaparica no ano de 1967⁵². Laroche (1987) inscreve a voz de Valentin Calderón em seu discurso com acordes dissonantes quando da denominação tipológica dos instrumentos. Os termos nominativos dos instrumentos não são referidos segundo nomenclaturas polifonicamente concordantes. Embora Calderón (1983) possa ter se referido à necessidade de se revisar a tipologia dos raspadores, em decorrência da insuficiência de descrições, mas que aumentam no período mais antigo, Laroche (1987) não adota os mesmos termos, nem tampouco faz menção aos mesmos instrumentos que foram considerados típicos desta tradição por Valentin Calderón. A história da Tradição Itaparica na perspectiva dos instrumentos que lhes são relacionados é apresentada quando da sua criação, por Laroche (1987, p. 18), nos seguintes termos:

Dos estratos mais profundos, coletaram vultoso material lítico caracterizado por pontas foliáceas e, neste momento, nascia a Fase Itaparica, caracterizada sempre pelos exemplares laminares, formatos lanceolados, foliáceas, triangulares, assim como pela antiguidade de suas datações.

Armand Laroche, ao destacar as pontas foliáceas (Figura 8) como características da Tradição Itaparica, poderia circunscrevê-las ainda na macro-classificação dos instrumentos

⁵¹ Os vestígios ósseos, segundo os habitantes locais, eram atribuídos a um padre e um moça tragicamente mortos na Gruta do Padre. Essa história foi mencionada no segundo capítulo.

⁵² 1969 é a data de publicação desta pesquisa.

unifaciais enquanto objeto de discurso, no entanto é ressaltada a especificidade destas pontas que em nenhum momento, nos enunciados de Valentin Calderón, foram designadas desta maneira. No discurso fundador desta tradição, os enunciados acerca das pontas estão restritos a ponta-faca e ponta-ogival, conforme mencionado anteriormente. Esse seria um dos indícios da revisão tipológica proposta por Valentin Calderón? Essas dissonâncias polifônicas, presentes nas terminologias tipológicas, não se mostram abertamente polemizadas. Não há refutação, negação do discurso do outro diretamente. Tendo em vista a dissonância de vozes, Bakhtin (2008, p. 224) afirma que: “A polêmica velada está orientada para um objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto”.

Embora as pontas foliáceas tenham sido consideradas lemas por Laroche (1984, p. 21) ao afirmar que elas “quer sejam pontas de projéteis ou lesmas”, a polêmica velada está instituída, não no que diz respeito à morfologia do objeto apenas, mas à própria funcionalidade. Como o instrumento ponta foliácea⁵³ poderia ser ponta ou raspador, com formas e funções tão diferenciadas? Há uma tensão contraditória no que se refere às limitações funcionais do objeto? Tendo em vista dirimir tais discordâncias acerca da tipologia e da funcionalidade, mas, sobretudo, argumentando em favor das pontas, Laroche (1984, p. 27) afirma:

Quando não se verificam sinais de uso nos gumes e que não se apresentam denticulada por raspagens, cremos ser perfeitamente aceitável a idéia de que podem ter sido utilizadas como pontas de armas de guerra ou caça, se bem que a presença de sinais de desgastes nos fios não excluem a possibilidade da hipótese acima referida, já que o formato penetrante das peças pode justificar tal hipótese.

⁵³ A designação de “ponta” remete a uma afirmação de funcionalidade já reconhecida por Armand Laroche, diferentemente da função de raspar atribuída à lesma.

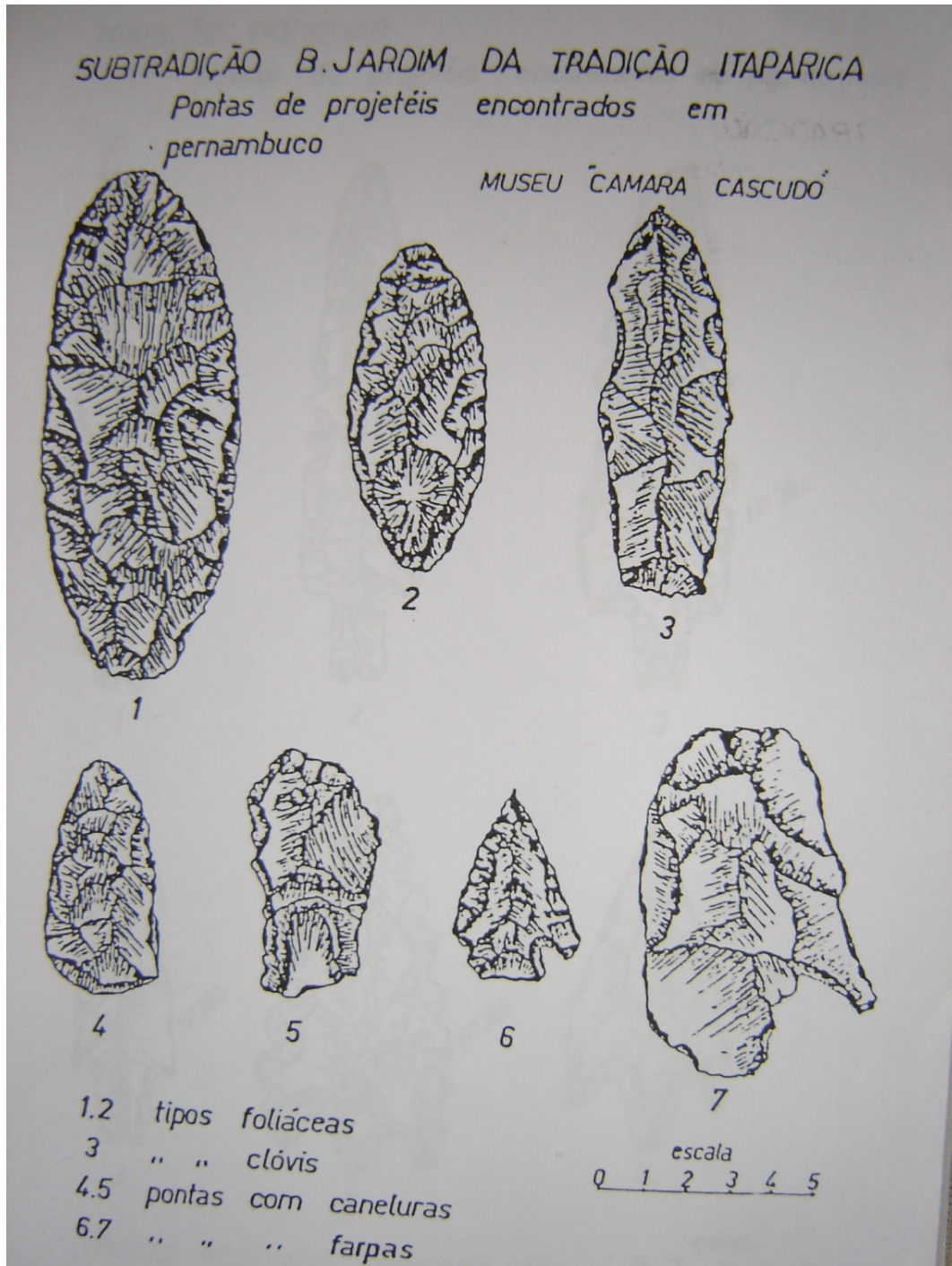


Figura 8 - Ilustração das pontas foliáceas por Armand Laroche

Na interação verbal entre os arqueólogos Valentin Calderón, Pedro Ignacio Schmitz e Armand Laroche, a polifonia concordante e a dissonante se estabelecem nos mesmos objetos de discurso e são marcadas por algumas modificações, quando da criação da imagem da Tradição Itaparica. Pedro Ignacio Schmitz enunciou o objeto de discurso referente à alimentação que não havia sido enunciado por Valentin Calderón. No entanto, isso não se constituiu em polêmica velada, visto serem especificações de animais caçados

que passam a ser incorporados complementarmente aos discursos desta tradição. As pontas foliáceas dizem respeito a objetos da cultura material que, em alguma medida, também corresponderiam às lesmas, e não se constituíram em inovações discursivas e, sim, numa releitura com novas atribuições tipológicas. Os enunciados de Armand Laroche, no plano da dialogicidade, reavivam a voz de Valentin Calderón ao trazer o tema das pontas de projétil revestido pelo sentido da antiguidade, na medida em que este arqueólogo criticava a busca obstinada de alguns pesquisadores por estes instrumentos. Se Armand Laroche não as buscava obstinadamente, ele instaurou as pontas foliáceas contundentemente em seu discurso, inclusive as supondo em sítios em que sua presença não era constatada. As formas foliáceas constituem, deste modo, véus sonoros para algo já conhecido, mas não dito pelas palavras de outros pesquisadores. Isto não implica em substituição de pontos de vista ou de nomenclaturas por aqueles que enunciaram antes, pois, de acordo com Laroche (1987, p. 20), diante das pesquisas realizadas por Pedro Ignácio Schmitz, ocorreram “divergências quanto às pontas e utilização de peças foliáceas”. Eis que novamente a polêmica velada se faz ecoar, sem necessariamente confrontar o discurso do outro, mas trazendo novos sentidos aos enunciados que não reconheciam estas pontas foliáceas. Uma nova funcionalidade para os instrumentos denominados lesmas se inscreve na ordem do discurso, proporcionando uma releitura diante de discursividades precedentes. No segundo capítulo fora apresentada a dicotomia de sítios com pontas de projétil e sem pontas de projétil, enunciados que também são retomados e re-significados a partir de novos objetos de discurso⁵⁴ (as pontas foliáceas), na medida em que Armand Laroche (1984, p. 26) afirma:

Agora que se sabe da existência das culturas de caçadores nômades no fim do Pleistoceno e começo do Holoceno, uns com equipamentos de pontas de projéteis e outros sem elas, o assunto torna-se palpitante, uma vez que várias daquelas culturas que são tidas como caçadores sem pontas de projéteis, apresentam formas foliáceas que em geral são consideradas como lesmas.

A polifonia discursiva não é uma “via de mão única”, unidirecional, em que os enunciados se voltam para um único objeto de discurso. No ato da ressonância de vozes, um ou mais objetos de discurso podem vir a se instaurar para que os sentidos deles decorram.

⁵⁴ Os microlitos ou microlascas, assim denominados por Armand Laroche, se instituíram também como novos objetos da cultura material e do discurso no sítio Bom Jardim, da Tradição Itaparica, sendo predominantes entre 8.000 e 6.600 anos atrás (LAROUCHE, Armand François Gaston; LAROUCHE, Adjelma Soares e Silva. **Um sítio epipaleolítico microlítico do nordeste do Brasil** - Chã de Caboclo, B.J. 10. Recife: Massangana, 1980. Mimeografado (Série Monografias, Recife, n. 17)). Pedro Ignácio Schmitz considera que esses materiais possam ser refugos, resultados da preparação dos artefatos e não, propriamente, instrumentos que tenham sido confeccionados para utilização (SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Tradição Itaparica** Porto Alegre, 2007a. Comunicação pessoal).

Deste modo, os sentidos das enunciações acerca da cultura material são agenciados a novos con(textos)⁵⁵, como, por exemplo, os relacionados à alimentação⁵⁶ ou a vestígios de animais que viveram em ambientes da pré-história, aos quais os instrumentos pudessem estar associados. Neste sentido, Armand Laroche, demarca um outro novo objeto de discurso - os animais da megafauna. A princípio pode parecer uma voz isolada que não decorre de outros discursos, e, no entanto, estes vestígios ósseos ao serem circunscritos à cultura material, anteriormente enunciada, concorrerão para que seus sentidos sejam irremediavelmente re-significados por esta, ao afirmar que “muitas vezes, o material lítico é coexistente com fósseis da megafauna” (LAROUCHE, 1984, p. 34). Numa publicação anterior, estes vestígios foram contextualizados, arqueológica e discursivamente, diante do contato entre objetos da cultura material e do discurso, na medida em que Laroche (1981, p. 44) escreve:

A data mais antiga encontrada em Bom Jardim para a Tradição Itaparica, pela radiometria, é de 11.000 anos B.P. (fim do Pleistoceno). O equipamento lítico do grupo nessa época é caracterizado sobretudo pelas pontas, seja 69% do acervo lítico, que por sua vez, define bem um povo caçador, tanto da megafauna, como de animais menores, além de ser pescador e coletor.

O conceito de Tradição Itaparica fora esboçado enquanto uma representação advinda da cultura material, onde os artefatos estavam situados no espaço geográfico da Gruta do Padre, nas imediações da cachoeira de Itaparica, na antiguidade pré-histórica. A partir de então, outros sítios passaram a receber a mesma denominação, no que diz respeito a esta tradição cultural arqueológica. Se Valentin Calderón e Pedro Ignacio Schmitz demarcaram seus discursos, com algumas alterações, a partir da antiguidade, da cultura material e das condições ambientais nas áreas em que desenvolveram pesquisas, Laroche (1987) os modificou ainda mais ao apresentar denominações tipológicas e vestígios paleontológicos diferentemente dos mencionadas por aqueles arqueólogos. Esse discurso, tecido por alterações discursivas diante dos enunciados do outro, emerge num primeiro momento, em acordes dissonantes, visto não haver concordância entre as especificações da cultura material e os vestígios paleontológicos, e, num segundo momento, a concordância é restituída na medida em que as diferenças não se constituem propriamente em exclusão, mas

⁵⁵ A vida do texto (enunciação) emerge quando um texto entra em contato com outro texto (contexto). Esse contato é dialógico e não de oposição mecânica (BAKHTIN, 2003).

⁵⁶ Pedro Ignacio Schmitz foi o precursor discursivo acerca da alimentação dos homens e mulheres da Tradição Itaparica; primeiramente se referindo à caça generalizada e posteriormente, atribuindo a especificação aos animais caçados, conforme foi dito anteriormente.

em novos elementos para se delinear a imagem de uma tradição⁵⁷ onde, em todos os sítios a ela relacionados, se inscreve a marca da antiguidade. Qual das imagens perdurará? Quais objetos de discurso afirmarão a *marca da discursividade* que imprime o reconhecimento da Tradição Itaparica? Esse será o tema do quarto capítulo. Enquanto isto, considero que nos encontros destas várias vozes, a polifonia encerra variados tons de acordo com uma maior ou menor reverberação, em que os sons que dizem respeito aos objetos de discurso da cultura material, que a princípio é a categoria relevante para definir uma tradição⁵⁸ por meio da tipologia, não são polifonicamente consonantes entre os arqueólogos mencionados. Bakhtin (2006) vem afirmar, neste sentido, que toda enunciação efetiva, qualquer que seja sua forma, encerra a indicação de um acordo ou desacordo com alguma coisa, marcada por uma maior ou menor nitidez.

A demarcação evidente da antiguidade em todos os discursos acerca da Tradição Itaparica, especialmente nos anos 1980, está, em última instância, circunscrita ao âmbito da busca da origem dessa tradição. Se os sítios foram descritos mediante a localização dos vestígios, a indicação temporal os redimensionou na escala das primeiras e sucessivas ocupações. Por mais evidente que a polifonia discursiva tenha sido dissonante em algumas das enunciações, as migrações (con)textualizadas nos pronunciamentos acerca da antiguidade estão na ordem da consonância. E, nesse sentido, as vozes acerca desse objeto de discurso se elevam com maior sonoridade; não é apenas a cultura material e os vestígios que lhe possam estar associados, mediante as variadas especificidades, que são relevantes, visto que a “voz de autoridade” das datações é lançada rumo ao mais antigo, e em última instância, à origem da Tradição Itaparica - onde tudo começou e de onde partiu. Apesar de Armand Laroche ter afirmado que alguns artefatos provenientes das pesquisas de Pedro

⁵⁷ O sentido de imagem é empregado enquanto uma configuração que se constrói a partir de sistemas semióticos, tanto dos objetos de discurso quanto da cultura material, imprimindo um modo de reconhecimento dado e criado no discurso arqueológico, e que vem revelar o que possa ser inerente discursivamente a uma tradição arqueológica.

⁵⁸ Meggers, ao enfatizar os estudos sobre a cerâmica, afirma que “uma tradição cerâmica é um continuum em mudança” (MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**: manual para arqueólogos. Washington: Smithsonian Institution, 1970. 24). Em outro momento, esta arqueóloga cita Simpson, demarcando uma perspectiva evolucionista, quando este diz que “um tipo cerâmico é uma tradição (uma seqüência temporal de vasilhames) evoluindo separadamente de outras, e com seu próprio papel evolutivo unitário e suas próprias tendências” (*Ibid.*, p. 8). A criação da Tradição Itaparica por Valentin Calderón teve como motivação conceitual os princípios estabelecidos pelo PRONAPA, programa no qual ele atuou ativamente. Em decorrência da sua formação, mesmo sendo priorizados os estudos cerâmicos, tais análises foram projetadas para os estudos líticos. Algumas modificações foram demarcadas no discurso acerca da cultura material da Tradição Itaparica, mas não houve especificações a respeito da variação da tipologia em termos de uma conexão entre os diferentes tipos, especialmente no que diz respeito à sucessão dos mesmos.

Ignácio Schmitz não foram reconhecidos como pontas foliáceas - na expressão de uma voz em desacordo -, isto se torna irrelevante para demarcar os sítios do planalto goiano, e ainda do sertão de Pernambuco, na voz Valentin Calderón, que também vem se inscrever no ponto de vista de Laroche quando este afirma que:

Todavia, os dados Chã-do-Caboclo 11.000 anos B.P., são mais antigas que os de Calderón para Itaparica, 5.630 anos a. C., isto é, uma diferença de cerca de 2.370 anos, evidência que leva a pensar que o centro de irradiação teria partido do Nordeste e não do centro do país, fato que se parece confirmar, quando se toma nota da data mais antiga obtida pelo Prof. Pedro Ignácio Schmitz, no planalto central de Goiás, seja 10.750 anos B. P., uma diferença de 250 anos para uma datação entre regiões situadas a 1.800 km umas das outras (LAROCHÉ, 1987, p. 28).

A expectativa de desvendar a origem é notadamente marcante na arqueologia. Bjørnar Olsen evoca Roland Barthes ao propor uma nova leitura para textos materiais do passado, tendo em vista a autoridade de origem ter sido demarcada fortemente na epistemologia arqueológica. Se o desafio proposto está voltado para o sentido da origem de materialidades, como, por exemplo, o que se apreende a partir de um monumento ou um objeto⁵⁹, essa perspectiva desafiadora também pode ser transposta à contextualização dos sítios espacialmente. Armand Laroche demarcou os sítios numa escala que vai da origem (centro de irradiação) ao mais recente, apenas por uma simples regra apoiada em datações, as supervalorizando em detrimento das dissonâncias na cultura material. Nesse sentido, considero que apesar das reflexões de Bjørnar Olsen e Rolando Barthes estarem voltadas para uma nova leitura acerca da origem de sentido buscado na cultura material, essa perspectiva se expande também para a voz de autoridade das datações - que se erguem frente às discordâncias entre as enunciações acerca dos instrumentos fósseis-guias da Tradição Itaparica - na afirmação de Bjørnar Olsen (1990, p. 197): “This obsession with origin has constituted archaeology as a practice of unravelling, a search for an ultimate meaning somewhere in the past, of which ancient objects were just secondary expressions”.

Nas enunciações de Pedro Ignácio Schmitz, no que diz respeito às migrações nos limites do território brasileiro, os sítios também são contextualizados sob a perspectiva de centros de influência cultural. Este arqueólogo ao se apoiar, do mesmo modo, em datas, ao longo de seu discurso, enfatiza as variadas manifestações culturais que concorreram para se

⁵⁹ Olsen afirma que esta concepção é elaborada de forma mais sofisticada na “arqueologia contextual” (OLSEN, Bjørnar. Roland Barthes: from sign to text. In: TILLEY, Christopher. **Reading Material Culture**. Oxford: Basil Blackwell, 1990).

identificar um centro de onde as influências partiram. Neste sentido Schmitz escreve (1984, p. 27):

O Nordeste se apresenta, assim, como um centro primário de criação de culturas, que se expandem e vão influir em outras regiões onde proporcionam o aparecimento de culturas locais, similares. [...] Nem o Sudeste, que apresenta semelhanças com o Nordeste e o Centro Oeste na predominância de indústrias unifaciais e na riqueza de pinturas rupestres, e semelhanças com o sul na presença de pontas de projétil (embora diferentes e quase tão antigas como estas) e nos sambaquis litorâneos; parece um espaço intermediário entre dois centros aparentemente primários.

Apesar da maior ou menor contextualização espacial dos próprios sítios, seja circunscrevendo apenas os limites da Tradição Itaparica, seja co-relacionando uma maior variedade de sítios, a busca pela origem alcança um dos mais elevados timbres na concordância no discurso da Tradição Itaparica. É, por assim dizer, uma voz de cobertura, que abafa os ruídos das dissonâncias de objetos de discurso da cultura material e de outros vestígios. No encontro de vozes, em artigos científicos, na medida em que as opiniões dos autores recaem sobre um dado problema, tanto para refutar quanto para afirmar e completar, se inscrevem relações dialógicas entre palavras diretamente significativas dentro de um contexto (BAKHTIN, 2008). No que compete a uma maior significância do (con)texto discursivo e espacial da Tradição Itaparica, a antiguidade/origem/migração foram os objetos de discurso que mais concorreram para a consonância enunciativa que imprimiu a imagem da Tradição Itaparica, frente às dissonâncias anteriormente demarcadas na cultura material, textualizada na extensão polifônica das palavras.

4 A AFIRMAÇÃO DISCURSIVA DA TRADIÇÃO ITAPARICA NO CAMPO CIENTÍFICO

“Ainda estou convencido que os arqueólogos ‘Pronapianos’ dificilmente cometeram todos estes pecados de que são acusados e com certeza nem todos eram estes tradicionalistas recalçados. Ao contrário! Acho, sem poder comprovar minha afirmação neste momento, que os ‘Pronapianos’ eram os jovens arqueólogos brasileiros, representavam na década de 1960 a ‘jovem guarda’.”
(Klaus Hilbert. “*Cave canem!*”: cuidado com os “Pronapianos”! 2007).

A materialidade textual no discurso arqueológico contemporâneo não deve se restringir ao entendimento no qual toda construção da cultura arqueológica deva ser procurada no texto em si, sendo, portanto, encerrada nele mesmo, tal qual mônadas de aço que impedissem vislumbrar os agentes externos que contribuíram para que os textos pudessem ser situados, lidos, referidos e redimensionados no âmbito das coisas ditas “arqueologicamente”. Nem tampouco estender apenas o entendimento a um contexto politizado, em que a inserção dos autores segundo práticas sócio-políticas⁶⁰ promovessem o sentido maior a ser procurado no texto. Diante da expectativa de ampliar o enfoque para além destes planos de internalização e externalização textuais, Bourdieu (2004) inscreve um outro *lugar* intermediário: a noção de campo; para compreender a dimensão da produção literária, científica, artística e outras, em que atuam os agentes e as instituições, na medida em que produzem, reproduzem e difundem em seus próprios campos, a arte, a ciência e a literatura, para citar exemplos. De acordo com esta concepção, estes campos de produção se constituem em espaços sociais de relações objetivas e que mantêm relativa autonomia

⁶⁰ Nesta perspectiva, aponto algumas publicações de Funari (FUNARI, Pedro Paulo. Mixed features of archaeological theory in Brazil. *In*: UCKO, Peter J. Routledge (Ed.). **Theory in archaeology, a world perspective**. London: Routledge, 1995. p. 136-250; FUNARI, Pedro Paulo. A importância da teoria arqueológica internacional para a arqueologia sul-americana: o caso brasileiro. **Teoria arqueológica na América do Sul**. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 13-32; FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003; FUNARI, Pedro Paulo. Western influences in the archaeological thought in Brazil. *In*: POLITIS, Gustavo G.; PERETTI, Roberto D. (Ed.). **Teoria arqueológica en América del Sur**. Olvaria: INCUAPA/UNICEN, 2004. p. 235-43. (Serie Teórica, v. 3)), dentre outras, que demarcam a atuação científica de Betty Meggers e Clifford Evans no Brasil durante o período do regime ou ditadura militar (de 1964 a 1985). Entre outros aspectos, Pedro Paulo Funari destaca visitas feitas por estes arqueólogos norte-americanos a reitores e diretores de museus ideologicamente comprometidos com este regime, bem como o favorecimento por parte de algumas autoridades com o PRONAPA. No entanto, reflexões desta ordem não serão consideradas no marco deste trabalho, na medida em que os agentes e instituições serão situados nos campos de produção científica, não necessariamente referendadas por práticas sócio-políticas, conforme será visto a seguir. Referências acerca destas reflexões de Pedro Paulo Funari e a repercussão entre alguns arqueólogos brasileiros foram apresentadas por Oliveira (OLIVEIRA, Jorge Eremites de. A arqueologia brasileira da década de 1980 ao início do século XXI: uma avaliação histórica e historiográfica. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: Edipucrs, v. XXVIII, n. 2, p. 25-52, 2002).

(BOURDIEU, 2003; 2004)⁶¹. Os textos acerca da Tradição Itaparica foram produzidos no campo científico da arqueologia, em que agentes e instituições concorreram para imprimir o que veio a ser construído teórica e metodologicamente, dito⁶², reproduzido e difundido sobre ela. No discurso fundador desta tradição se instaura a demarcação da especificidade do campo científico, segundo o teor metodológico e conseqüentemente da nomeação dos instrumentos líticos. Neste sentido reside a especificidade do campo científico em que Pierre Bourdieu (2004, p. 33) afirma:

Os concorrentes estão de acordo acerca dos princípios de verificação de conformidade ao “real”, acerca dos métodos comuns de validação de teses e hipóteses, logo sobre o contrato tácito, inseparavelmente político e cognitivo, que funda e rege o *trabalho de objetivação*.

No entanto, um desacordo é apontado por Valentin Calderón, o instaurador do discurso fundador, que ao se reportar ao trabalho de objetivação perpassado pela denominação da cultura material, faz alusão aos estudos de Annette Laming-Emperaire visto estes não se mostrarem suficientemente eficazes quando do emprego de algumas das terminologias de instrumentos líticos (CALDERÓN, 1983). Esta referência parece ser alusiva a uma publicação nos anos 1967, intitulada *Guia para o estudo das indústrias líticas na América do Sul*⁶³. Na introdução deste trabalho, Laming-Emperaire observa que até aquele momento, ainda não haviam sido realizados estudos acerca de tipologia lítica na América Latina que fossem devidamente acompanhados por descrições, tanto em português quanto em espanhol. Ao se referir aos escassos trabalhos realizados, Laming-Emperaire (1967, p. 13) constata que “as poucas descrições existentes emprestam seus termos seja do inglês, do francês, do alemão e naturalmente do espanhol e português da Europa”. A denominação do instrumento lesma, o fóssil-diretor da Tradição Itaparica, se inscreve neste

⁶¹ As diferenças entre os campos científicos, embora difíceis de medir e de quantificar, residem no grau de autonomia das disciplinas (BOURDIEU, 2004b).

⁶² No terceiro capítulo, no plano da transdiscursividade, na produção dos discursos decorrentes por meio de citações literais ou de outras referências, de algum modo, foram demarcados os desdobramentos do dito, no entanto, as atuações dos agentes e instituições não foram enfocadas com maior ênfase.

⁶³ Laming-Emperaire faz algumas considerações acerca do processo de elaboração desta publicação, a saber, “este trabalho foi redigido no decurso de escavações que realizamos na Ilha das Rosas, na baía de Antonina (estado do Paraná), em agosto de 1966, onde se reuniram durante algumas semanas dezenas de pesquisadores (LAMING-EMPERAIRE, Annette. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1967. (Manuais de Arqueologia, n. 2)). Cada definição, previamente elaborada na França, foi traduzida, criticada, revisada e, após nosso retorno a Paris, controlada a partir dos dados bibliográficos mais dignos de fé, e em particular a partir do texto datilografado de Michel Brézillon: *La dénomination des outils de pierre taillée, Gália, 1968*” (*Ibid.*, p. 15).

contexto de empréstimos nominativos, pois conforme mencionado no terceiro capítulo, Pedro Ignácio Schmitz empregou o termo francês *limace* ao reconhecer semelhanças entre este instrumento e os assim também denominados (“lesmas”) quando localizados em território brasileiro. Em 1970, portanto três anos após esta publicação, Betty Meggers e Clifford Evans (1970, p. 10) afirmam que o método quantitativo empregado para a cerâmica também fora adotado com igual sucesso “ao estudo de culturas pré-cerâmicas utilizando pontas de projétil”. Em meio a estas discordâncias e insuficiências reveladas, no sistema nominativo dos artefatos descritos por Annette Laming-Emperaire, emerge o discurso acerca da Tradição Itaparica sob a eficácia da normatividade dos pressupostos metodológicos do PRONAPA, na voz de Valentin Calderón. Esta confrontação, longe de se apresentar como um abalo a constitutividade do campo científico, é inscrita na instância das construções que insurgem em meio a uma *concorrência*, onde se pretende impor um veredicto, conforme afirma Pierre Bourdieu (2004, p. 3-34): “Mediante o arsenal de métodos, instrumentos e técnicas de experimentação acumulados e coletivamente empregados, sob a imposição das disciplinas e das censuras do campo e também pela virtude invisível da orquestração do *habitus*”⁶⁴.

As publicações de Laming-Emperaire (1967) e de Meggers e Evans (1970) foram lançadas no campo científico da arqueologia, no Brasil, num período em que tanto o ensino desta disciplina era incipiente⁶⁵, quanto os estudos acerca da cultura material arqueológica eram pouco diversificados. Ainda não havia propriamente um exercício metodológico científico-arqueológico que pudesse ser inscrito num *habitus*, enquanto um sistema de disposição para a prática conforme condutas regulares, onde os agentes que o possuem atuam de uma determinada maneira (BOURDIEU, 2004a). Estes discursos tinham, de algum modo, o objetivo de normatizar condutas de pesquisa e de registro/documentação arqueológicas, onde destaco a expectativa de Betty Meggers e Clifford Evans (1970, p. iii) no sentido de “facilitar o treinamento de estudantes e auxiliar na *uniformização da metodologia*”⁶⁶ entre os participantes”. Diante de práticas e de discursos, que ordenações se instituíram para a orquestração do *habitus* no campo científico da arqueologia brasileira

⁶⁴ A noção de *habitus* é retomada por Pierre Bourdieu da noção aristotélica de *hexis* e que fora convertida pela escolástica em *habitus*. Bourdieu (2003) destaca que o *habitus* está relacionado às capacidades criadoras, ativas e inventivas inscritas em um conhecimento adquirido e ao mesmo tempo é um *haver*, um capital.

⁶⁵ Betty Meggers considerou a arqueologia brasileira amadorística quando da sua vinda ao Brasil para realizar um seminário no estado do Paraná, conforme apontei no segundo capítulo (MEGGERS; EVANS, 1970).

⁶⁶ Grifo meu.

neste período? Havia duas operações ocorrendo mutuamente, a codificação e a objetivação da cultura material, em que o arqueólogo, à semelhança dos primeiros legisladores e etnólogos, exemplificados por Pierre Bourdieu, codifica, pelo simples fato de fazer registros (BOURDIEU, 2004a). Estas publicações arqueológicas mencionadas anteriormente contribuíram para afirmar o processo de objetivação quando do uso da escrita, segundo a materialidade textual, na medida em que os autores tornavam públicas concepções técnico-metodológicas no campo científico da arqueologia, pois:

Objetivar significa também produzir as claras, tornar visível, público, conhecido de todos, publicado. Um *autor* no verdadeiro sentido é alguém que torna públicas coisas que todo mundo percebia confusamente, alguém que possui uma capacidade especial - a de publicar o implícito, o tácito -, alguém que realiza um verdadeiro trabalho de criação (BOURDIEU, 2004a, p. 102).

4.1 AGENTES CIENTÍFICOS ESTRANGEIROS: INSTAURADORES DE NOVOS OBJETOS DE ESTUDO

No campo científico arqueológico, no Brasil, quando fora criada a Tradição Itaparica, além de pesquisadores brasileiros, atuavam agentes (arqueólogos) estrangeiros, vinculados a instituições estrangeiras e nacionais, marcadamente os membros da “Missão Francesa” ou “Escola Francesa” e da “Escola Americana”, que desempenhavam um papel relevante na realização de pesquisas e na formação de arqueólogos brasileiros. A “Missão arqueológica francesa” fora iniciada por Joseph Emperaire e por sua esposa Annette Laming-Emperaire, que continuou pesquisando na América do Sul após a morte de seu marido, na Patagônia (KERN, 2007). No entanto, antes da realização de pesquisas pelo casal de arqueólogos mencionado, a amizade entre o arqueólogo francês Paul Rivet, diretor do *Musée de l’Homme* de Paris, e o arqueólogo brasileiro Paulo Duarte concorreu para a criação do Instituto de Pré-História da USP (Universidade de São Paulo). A vinda de Joseph Emperaire foi possibilitada por esta instituição (PROUS, 1996b). Paul Rivet, nos anos 1930, além de atuar na criação de um instituto na USP também esteve vinculado ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro, na companhia do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. Os primórdios das missões francesas no Brasil são mencionados por Luis de Castro Farias (1993, p. 3) do seguinte modo:

Claude Lévi-Strauss tinha o patrocínio ostensivo de Paul Rivet que, em carta a Heloisa Alberto Torres de 11 de abril de 1937, agradece a acolhida afetuosa que esta proporcionara ao seu “excelente amigo Lévi-Strauss” e fala do projeto da missão ao Brasil, “que juntos tinham estabelecido em Paris”.

Esta conjuntura institucional marcada pela colaboração entre agentes e instituições francesas e brasileiras, na constituição de pesquisas no campo científico da arqueologia e antropologia, desde os anos 1930, concorreu para que a expressão “Escola Francesa” fosse instituída na arqueologia, e de algum modo, mais marcadamente associada aos arqueólogos Annette Laming-Emperaire e Joseph Emperaire. No início dos anos 1960, Laming-Emperaire contribuiu com a formação da primeira geração de arqueólogos brasileiros (PROUS, 1996b), sendo uma das principais agentes científicas vinculadas a uma identidade nominativa institucional cunhada no termo “Escola Francesa”. De acordo com esta expressão identitária institucional no campo da arqueologia brasileira, poder-se-ia encobrir uma distinção de ofício e de concepções teórico-metodológicas transmitidas por estes arqueólogos que estariam formando alunos brasileiros, pois a generalização nos termos de uma escola representativa do “pensamento arqueológico francês” minimizaria as particularidades da formação científica destes pesquisadores mencionados. Neste sentido, Arno Alvarez Kern⁶⁷, ao refletir acerca da produção textual de Annette Laming-Emperaire, especialmente sobre a sua tese de doutorado⁶⁸, cujo tema é a arte rupestre, considera que a interpretatividade dos documentos arqueológicos se constituía numa demarcação diferenciada de posicionamento teórico-metodológico desta arqueóloga francesa, visto que:

Uma tomada de decisão muito importante e que caracteriza o trabalho de pesquisa realizado, foi a ênfase em um método de interpretação fundamentado em documentos arqueológicos, e não nas comparações etnográficas, até então muito usuais. Esta direção da investigação pareceu abrir algumas vias novas à pesquisa, tendo em vista a busca de uma significação para o objeto de estudo, a arte pré-histórica (KERN, 2007, p. 93).

⁶⁷ Arqueólogo que foi aluno de Annette Laming-Emperaire no curso “Técnicas Arqueológicas Aplicáveis a Sítios Pré-Cerâmicos”, ministrado no Sambaqui do Centenário e no Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá. Posteriormente Arno Alvarez Kern continuou seus estudos de doutorado em Arqueologia na *École de Hautes Études em Sciences Sociales* (EHESS, Paris), sob a orientação de Annette Laming-Emperaire, tendo concluído a tese em 1981, sob a orientação de Paul Courbin (KERN, Arno Alvarez. *As práticas e as reflexões arqueológicas de Annette Laming-Emperaire: uma nova “Missão Francesa” no Brasil. Arqueologia*, Curitiba: Universidade Federal do Paraná - CEPA, v. 4, p. 87-99, 2007. Revista do Centro de Estudo e Pesquisas Arqueológicas).

⁶⁸ A tese foi defendida em 1957, na Universidade de Paris (Sorbonne), sob a orientação de Leroi-Gourhan que, segundo Prous revolucionou “os estudos sobre arte rupestre no Velho Mundo” (PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992. p. 13).

O arqueólogo André Prous, que foi aluno e colaborador de Annette Laming-Emperaire, tendo participado da primeira campanha da Missão de Lagoa Santa, em 1971, esclarece que o termo “Escola”, adotado tanto para o grupo de arqueólogos franceses quanto norte-americanos, pode incorrer em generalizações no que diz respeito à formação dos mesmos (orientação teórica e metodológica), na medida em que:

Muitos métodos (ou melhor: preocupações) apresentados no Brasil como característicos “da escola francesa” se manifestaram em outros países e não são obrigatoriamente compartilhadas por todos os arqueólogos da França, (o mesmo podendo ser dito do que se costuma chamar, no Brasil, “escola americana”: com certeza, B. Meggers não representa senão uma das múltiplas tendências da arqueologia americana ...) (PROUS, 1996b, p. 141).

As pesquisas realizadas pela Missão Arqueológica de Lagoa Santa (1971/1977), coordenadas por Annette Laming-Emperaire, também culminaram na expansão de ações institucionais ao ser fundado o Setor de Arqueologia da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Em 1975, André Prous que se dedicava ao ensino de Pré-História na USP ministrou um curso de extensão na UFMG e em seguida foi contratado por esta instituição (PROUS, 1996b). Annette Laming-Emperaire e Joseph Emperaire também realizavam pesquisas no estado do Paraná desde os anos 1956⁶⁹, contribuindo para a consolidação do CEPA/UFPR (Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas / Universidade Federal do Paraná), fundado em 1956 por José Loureiro Fernandes (CHMYZ, 2007). Nos anos 1964, neste mesmo centro de pesquisa, a convite do seu fundador, os arqueólogos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans (1970) conduziram um seminário-treinamento sobre teoria e método de análise quantitativa da cerâmica⁷⁰. Segundo as próprias observações desta arqueóloga, acerca dos temas de interesse no campo científico da arqueologia, desde os anos 1950 as pesquisas estavam centradas nos sambaquis e em abrigos sob rocha (MEGGERS, 2007). Deste modo, eram evidenciadas lacunas, até aquele momento, no que diz respeito a estudos mais especificamente voltados para a cultura material constituída pela indústria lítica e por vestígios cerâmicos. Se por um lado, Betty Meggers e Clifford Evans se concentravam nos estudos sobre cerâmica, por outro, Annette Laming-Emperaire, nos anos 1966, realizou um seminário sobre indústria lítica, que de

⁶⁹ Após a morte de Joseph Emperaire, em 1958, Annette Laming-Emperaire continuou participando de pesquisas e cursos promovidos pelo CEPA/UFPR até os anos 1973.

⁷⁰ Os recursos para a realização desta atividade foram obtidos com a Universidade Federal do Paraná, com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e através da *Fulbright Comission* (MEGGERS; EVANS, 1970).

acordo com Prous (1992, p. 13) “fica como referência para o assunto entre os arqueólogos brasileiros”. Os agentes científicos norte-americanos e franceses, a partir de seminários demarcavam os novos objetos de estudos, a saber, os vestígios cerâmicos e os instrumentos líticos e, ainda, contribuía com a configuração inicial de um espaço de produção autônomo no campo científico da arqueologia brasileira entre os anos 1960 e 1970. É neste contexto institucional acadêmico, que antecede e se prolonga ao período da criação da Tradição Itaparica (final dos anos 1960 ao início dos anos 1980), que vem transcorrer o exercício do ofício de arqueólogos franceses e norte-americanos, responsáveis pela formação de arqueólogos brasileiros quando da instalação de instituições de ensino e incremento de centros de pesquisa.

4.2 MÉTODO: O DISCURSO NORMATIVO CIENTÍFICO

Valentin Calderón era pronapiano e adotava o método de análise segundo as normas científicas desenvolvidas numa publicação nos anos 1970 (MEGGERS; EVANS, 1970), decorrente de um treinamento realizado pelo Smithsonian Institution e pela Universidad Nacional del Centro, Huancayo, nos anos 1967, e que se estendeu também ao Brasil na implantação do PRONAPA. Segundo Betty Meggers e Clifford Evans, os autores desta publicação, este manual teve forte influência, de ordem teórica e prática, de James A. Ford que em 1962 havia publicado um livro intitulado *A Quantitative Method for Deriving Cultural Chronology*. Esta publicação decorreu do Seminário de Estudos de Novos Métodos para Estabelecer Seqüências Cronológicas das Culturas Pré-Colombianas na América, que pretendia divulgar entre os arqueólogos sul-americanos as concepções metodológicas de Ford. Este seminário foi realizado em Barranquilla, Colômbia, em 1961, no qual estavam presentes Betty Meggers e Clifford Evans (*apud* DIAS, 1995). Ao redimensionar estas publicações, enquanto materialidades textuais que exerceram influência na prática arqueológica, inclusive no campo científico da arqueologia brasileira, Klaus Hilbert (2007a, p. 127) afirma que: “O manual de Betty Meggers e Clifford Evans (1970), *Como interpretar a linguagem da cerâmica*, e o manual de Ford se complementavam e formavam um instrumento prático que influenciou a arqueologia Sul-americana nas décadas de 1960 e 1970”.

Logo no início do prefácio deste “manual para arqueólogos”, há alusão à metodologia, deixando claro que o objetivo daquela escritura era “o método quantitativo para estabelecer cronologias culturais” (MEGGERS; EVANS, 1970, p. i). Em seguida, Betty Meggers e Clifford Evans (1970, p. i) defendem o teor de cientificidade atribuído ao método quantitativo ao afirmarem que: “Por outro lado, na América Latina suas potencialidades estão se tornando largamente apreciadas, especialmente pelos jovens arqueólogos que são atraídos mais pelos aspectos científicos da disciplina do que pelo lado artístico”.

De qual modo os aspectos científicos deste método, quando contrastados com os aspectos artísticos, irão demarcar o empirismo analítico refletido nos próprios textos sobre a Tradição Itaparica, entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1980? Estes preceitos imprimiram o tom na marca da discursividade da Tradição Itaparica? O apelo à objetividade científica parece se instituir marcadamente frente à ausência de subjetividade na escritura do texto arqueológico desta referida tradição cultural-arqueológica, ao serem apresentadas exaustivas descrições acerca do meio ambiente, demarcações cronológicas por meio de datações, levantamentos estatísticos da cultura material, e extensas listagens com denominações da tipologia dos instrumentos. Eis o prenúncio da objetivação material-textual da Tradição Itaparica. Semelhantes construções textuais também foram observadas pelo antropólogo Clifford Geertz em trabalhos etnográficos, onde em alguns predominava o empirismo, possivelmente relacionados a concepções antiquadas no que diz respeito ao modo em que se “estabelecem” os “fatos” nas ciências mais exatas (GEERTZ, 2005). O método quantitativo de análise da cerâmica afirmava, em primeira instância, o procedimento classificatório, em que a argumentação de sua eficácia residia num paralelismo conceitual entre a materialidade cultural e as ciências biológicas, e ainda com alusões a outras ciências exatas, a saber, a Química e a Física. A Biologia exerceu uma maior influência nesta concepção metodológica mediante o reconhecimento das noções de instabilidade/mudança e variabilidade observadas tanto nos seres vivos, quanto na cultura material arqueológica (MEGGERS; EVANS, 1970). Este “estado das coisas culturais”, sujeito à mudança, na perspectiva teórico-metodológica nas ciências sociais, foi percebido por Betty Meggers e Clifford Evans a partir dos modelos evolucionista e difusionista que, de acordo com Hilbert (2007a), tanto se complementam quanto se opõem. Este arqueólogo considera que, por um lado, a complementaridade reside na explicação das mudanças segundo a categoria temporal numa perspectiva diacrônica. Por outro, enquanto o evolucionismo enfatiza o crescimento da complexidade cultural ao longo do tempo, essas mudanças culturais, sob a perspectiva do

difusionismo, são percebidas também na extensão do espaço, em que se demarca uma oposição segundo as categorias de análise espaço e tempo. Diante da variedade da cultura material, onde a cerâmica é especificada, Meggers e Evans (1970, p. 5) apontam algumas dificuldades relacionadas ao procedimento classificatório:

O arqueólogo que tenta classificar cacos de cerâmica enfrenta, também, uma categoria de fenômenos em contínua mudança, variando geograficamente e temporalmente, como um resultado não somente, de diferenças culturais ao que se refere à função, produção e estilo, mas também como consequência de inconsistências acidentais em matérias primas, na diferente habilidade dos oleiros, e sua desigual susceptibilidade sob a influência de outros estilos cerâmicos. A dificuldade em se chegar a *critérios universalmente aceitáveis*⁷¹, para dividir esta variação em uma série de tipos, resultou na falta de *uniformidade na classificação da cerâmica*⁷², não somente entre os que trabalham em áreas diferentes, mas, mesmo entre aqueles que trabalham com material similar. A adoção de *regras universais na classificação arqueológica*⁷³ também tem sido dificultada pela falta de comunicação entre os arqueólogos de formação clássica e os de formação antropológica.

A expectativa de “uniformidade” e “universalização” se constituía nos tons mais expressivos na escala de orquestração do *habitus* científico, ao ser empregado o método de classificação da cultura material. Betty Meggers e Clifford Evans, enquanto agentes no campo da arqueologia brasileira, afirmavam estes princípios metodológicos quando do treinamento da geração de arqueólogos que atuavam no PRONAPA e ainda, influenciavam outros arqueólogos que não participavam diretamente deste programa de pesquisa. De algum modo, diante da variedade dos vestígios cerâmicos, a classificação arqueológica a partir do emprego de critérios universais poderia contribuir para a sistematização dos dados/objetos nos termos de uniformidade, numa linguagem comum que permitisse lê-los e situá-los ordenadamente! Se a palavra se inscreve na nomenclatura da cultura material, ao mesmo tempo ela está circunscrita aos procedimentos analítico-metodológicos que classificam e descrevem as coisas⁷⁴. A descrição, por meio das palavras, tem o potencial de preencher/substituir até mesmo a ausência da cultura material arqueológica, a qual o pesquisador não tenha acesso diretamente, na medida em que: “A descrição deve permitir a identificação do tipo cerâmico por outro investigador que não tem acesso aos espécimes

⁷¹ Grifo meu.

⁷² Grifo meu.

⁷³ Grifo meu.

⁷⁴ No capítulo 5 também será considerado o procedimento analítico denominado cadeia operatória, posteriormente empregada em instrumentos líticos pertencentes à Tradição Itaparica.

correspondentes do tipo, a terminologia deve ser clara e precisa. Sempre que possível devem ser usadas medidas para definir adjetivos ambíguos” (MEGGERS; EVANS, 1970, p. 42).

Embora a descrição terminológica fosse ressaltada no procedimento de identificação da cultura material, havia um apelo à quantificação que, de certo modo, poderia imprimir maior objetividade ao universo das palavras que pudessem conter ambigüidades, e ainda, tornar mais preciso ou mensurável o mundo das descrições qualitativas dos vestígios cerâmicos. Na configuração de uma cultura, mediante os processos evolutivos ou graus de complexidade pelos quais tivesse passado, não era suficiente apenas descrever, mas, sobretudo, comparar! Na Idade Clássica, em princípios do século XVII, a semelhança é excluída do pensamento enquanto experiência fundamental e forma primeira de saber, e se busca analisar o que parece um misto confuso, em termos de identidade e de diferença, a partir da comparação (FOUCAULT, 1999). Nos anos 1958, Betty Meggers e Clifford Evans haviam publicado um artigo intitulado “O Emprego do Método Comparativo na Interpretação Arqueológica” onde afirmavam que “ao examinar a coordenada horizontal ou geográfica, isto é, a sua distribuição, o arqueólogo, como o etnólogo, tem de recorrer principalmente ao método comparativo” (MEGGERS; EVANS, 1958, p. 400). O filósofo francês Gaston Bachelard considera que a descrição e a comparação são dois momentos no processo de conhecimento. Primeiramente, a descrição se constitui numa “definição provisória” que contribui para fixar o objeto de estudo e elucidar a passagem do conhecimento vulgar/popular para o conhecimento científico. Em seguida, os métodos de comparação e de localização, a partir de um maior refinamento e precisão, irão imprimir maior cientificidade ao processo de conhecimento. Este filósofo afirma ainda que, apesar das comparações quantitativas proporcionarem maior exatidão frente às comparações qualitativas, isto não impede que em ambos os casos o procedimento seja a comparação, proveniente de uma mesma ordem de pensamento que tem como princípio enumerar as semelhanças e diferenças. Diante das recomendações de Meggers e Evans (1970) para serem usadas medidas, tendo em vista a superação das ambigüidades das palavras qualitativas no ato da descrição dos vestígios cerâmicos, reside a expectativa de promover melhores condições para a comparação, visto que “a medida traz simplesmente consigo a facilidade de comparação, que ela extrai da linguagem matemática na qual se expressa” (BACHELARD, 2004, p. 54).

4.3 O “PRONAPIANO” VALENTIN CALDERÓN E A INDÚSTRIA “SEM PONTAS DE PROJÉTIL”

Localizar, descrever e comparar! De acordo com estes princípios metodológicos apresentados por Betty Meggers e Clifford Evans, os pronapianos serão treinados para explicar/analisar as “coisas materiais” da cultura, e em dizê-las numa linguagem que se pretende precisa e objetiva, na medida em que as mensurações são requisitadas como elementos destituídos de ambigüidades, conforme anteriormente mencionado. Quando da anunciação, a Tradição Itaparica emerge numa reflexão científica em que o objeto de estudo e o método não decorriam de análises que se constituiriam nas mais tradicionalmente adotadas para a indústria lítica, no campo científico da arqueologia brasileira. Neste âmbito de estudos acerca da cultura material, a produção e transmissão do conhecimento de Annette Laming-Emperaire sobre indústria lítica exerceu maior influência na formação dos arqueólogos brasileiros⁷⁵, cujo método descritivo já havia sido adotado nas indústrias da Patagônia austral. Esta arqueóloga francesa, do mesmo modo que os arqueólogos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans, enfatizava a importância da descrição precisa quando os objetos, e as palavras a eles atribuídas, fossem submetidos à comparação (LAMING-EMPERAIRE, 1967). No entanto, recorro mais uma vez à afirmação de Valentin Calderón, ao dizer que este método descritivo era insuficiente para possibilitar a “nomeação e leitura” da Tradição Itaparica, no momento de sua criação. De qual modo Calderón (1969; 1983) empregou, nesta tradição cultural de indústria lítica, a metodologia difundida pelo PRONAPA no campo científico da arqueologia brasileira? Em quais contextos institucionais atuava Valentin Calderón? Estas são indagações que possibilitam redimensionar a discursividade acerca da Tradição Itaparica, visto a produção discursiva também decorrer da atuação dos agentes em instituições - pessoas em lugares onde predominantemente ressoam as palavras pronunciadas e escritas no campo científico da arqueologia brasileira.

Ao apresentar a cultura material da Tradição Itaparica, ou o “material arqueológico”, Calderón (1983) primeiramente referencia o espaço no universo de seis sítios, e posteriormente evidencia a cronologia de 5.650 anos a.C., enquanto limite temporal para a sucessão de quatro fases culturais. A princípio, não há nomeação para as fases ou períodos

⁷⁵ Afirmação do arqueólogo André Prous anteriormente mencionada.

identificados, a diferenciação ocorre segundo enumerações (período IV, período III, período II e período I). No entanto, inicialmente no discurso de Valentin Calderón, a denominação Itaparica será atribuída à fase e não à tradição, ao afirmar que: “assim sendo, a *fase Itaparica*⁷⁶, que encontramos em várias cavernas da região, e cuja cronologia é conhecida por análise de C-14, corresponde ao pequeno estágio glacial situado aproximadamente 5.500 anos. a.C.” (CALDERÓN, 1983, p. 41).⁷⁷ O estudo das características dos artefatos líticos estava ainda voltado para “uma idéia da evolução seguida pela indústria lítica no rio São Francisco” (CALDERÓN, 1983, p. 42), exprimindo deste modo, em poucas linhas, a orientação da pesquisa segundo os modelos evolucionista e difusionista, circunscritos num primeiro momento, a uma área mais restrita. A observância da uniformidade do material arqueológico é enfatizada, antes mesmo de se proceder com a descrição; e ao mesmo tempo é feita a ressalva que as diferenças, no interior das próprias fases, serão apresentadas em seguida. O procedimento classificatório de Valentin Calderón não apresenta maior rigor devido às peças não terem sido descritas segundo o pertencimento a cada uma das quatro fases, e sim ao conjunto mais abrangente, segundo a tipologia dos instrumentos, que depois será novamente subdividido em tradição de lascas e tradição de seixos. No que diz respeito à descrição propriamente da indústria lítica, foi dada ênfase ao emprego de terminologias precisas e complementadas por medidas (MEGGERS; EVANS, 1970) e, ainda, redimensionadas na linguagem matemática, conforme referido por Gaston Bachelard. No segundo capítulo, a quantificação dos instrumentos e a descrição dos mesmos foram relacionadas à história natural, ao se apoiarem numa linguagem matemática-geométrica como meio de expressão predominantemente descritivo das formas.

Após a descrição tipológica dos instrumentos líticos, a comparação irá se estender para outras indústrias líticas do continente americano, ocorrendo uma ampliação da perspectiva de difusão que inicialmente estava restrita ao rio São Francisco. Emerge neste momento a “identidade da cultura material arqueológica” estudada sob o signo lingüístico “Tradição Itaparica”, ao ser afirmado “que é evidente que na tradição de lascas e seixos, que recebeu *nome de Itaparica*⁷⁸, se encontram associados, elementos típicos de outras correntes culturais de âmbito continental ou mesmo universal” (CALDERÓN, 1983, p. 48). Neste procedimento comparativo e de localização, Valentin Calderón alude a uma publicação de

⁷⁶ Grifo meu.

⁷⁷ Posteriormente, no discurso de Pedro Ignacio Schmitz, diante da comparação entre a indústria lítica mais antiga da Caverna do Padre e de Serranópolis, a denominação Tradição Itaparica se instituirá com as fases devidamente denominadas.

⁷⁸ Grifo meu.

Müller-Beck (1966), que atribuía ao paleolítico americano duas indústrias líticas com tradições técnicas bastante distintas: uma “com pontas” de projétil e outra “sem pontas” de projétil. Não é atribuída maior antiguidade a qualquer uma destas tradições, inclusive se supõe que elas “provavelmente se desenvolveram paralela e sincronicamente, misturando-se em repetidas ocasiões” (CALDERÓN, 1983, p. 49). Na listagem de instrumentos de Calderón (1983) não há nenhuma referência a pontas de projétil, apenas à *ponta-faca-ogival* e *ponta-raspador*, ficando implícito que, na fase Itaparica, posteriormente afirmada denominativamente de Tradição Itaparica, os raspadores unifaciais são a marca signicativa metonímica de antiguidade, ao invés de pontas de projétil que era o signo máximo que assinalava a antiguidade em sítios pré-históricos⁷⁹.

Em *Cuarenta años de colaboración*, texto no qual Betty Meggers discorre acerca dos projetos realizados por ela e colaboradores na América do Sul, se configura a extensão do PRONAPA, envolvendo arqueólogos e instituições tanto no Brasil quanto em outros países sulamericanos, aos quais este programa se estendeu (MEGGERS, 1988). Em 1964, com recursos fornecidos pela Fulbright no Rio de Janeiro, teve início um curso com Betty Meggers e Clifford Evans, em Curitiba e Paranaguá, promovido pela Universidade Federal do Paraná. Este seminário, conforme mencionado anteriormente, incrementava estudos numa instituição acadêmica e, ao mesmo tempo, suscitava que novos ambientes e objetos de estudo fossem pesquisados na arqueologia brasileira. A possibilidade de posteriormente ser desenvolvido um programa de pesquisa no Brasil fora sinalizada pelo secretário do Smithsonian Institution, S. Dillon Ripley, que contratara como assistente William Warner, o qual conhecera Betty Meggers e Clifford Evans em 1958. Havia a possibilidade do Departamento de Estado autorizar a utilização, pelo Smithsonian, de toda verba local que sobrasse do custo da missão americana em pesquisas arqueológicas, no entanto, diante de melhorias na economia brasileira, esse acordo não pode ser mantido. No entanto, William Warner persuadiu o secretário do Smithsonian a subsidiar o projeto do casal de arqueólogos mencionado com fundos deste próprio instituto, sobre bases anuais (MEGGERS, 2007). A criação do PRONAPA efetivamente ocorreu em 1965, tendo como membros inicialmente Mário F. Simões, Nássaro A. de Souza Nasser, Valentin Calderón, Ondemar Dias, Igor Chmyz, Wilson Rauth, Eurico Th. Miller e José Proenza Brochado. Eis os pronapianos, ou “os irmãos de Paranaguá”, como Betty Meggers os denominava (MEGGERS, 1988, p. 17). Se uma irmandade pode ser entendida como uma confraria, então, entre “os irmãos de

⁷⁹ Considerações desta ordem já foram feitas nos capítulos 2 e 3.

Paranaguá”, havia interesses em comum, regidos por princípios metodológicos de pesquisa orientados pela prática que orquestrava o *habitus* no campo científico, segundo Pierre Bourdieu. Ao prezar pela uniformidade de um “fazer arqueológico”, Betty Meggers afirmava que após o seminário fora apresentada uma proposta para exploração sistemática da costa brasileira, num período de três anos, que tinha como objetivo maior “criar um esquema espaço-temporal, empregando os métodos de campo e os critérios analíticos discutidos durante o encontro de Paranaguá” (MEGGERS, 1988, p. 18).⁸⁰ O método e os critérios analíticos uniformes irão se constituir nas principais referências identitárias de auto-reconhecimento da irmandade pronapiana, no campo científico da arqueologia, em alguns países na América do Sul. Durante o terceiro seminário do PRONAPA⁸¹, realizado em Lima, nos anos 1970, no mesmo período em que se realizava o 39º Congresso de Americanista, a afirmação da identidade dos pronapianos, pautada na prática científica, foi revelada por outras práticas supostamente não compartilhadas por estes “irmãos”, visto que: “Ao final do Congresso outro contraste chegou a ser evidente para os ‘irmãos’: a falta de uniformidade na terminologia, na classificação e na descrição entre os arqueólogos que trabalham no Peru, e como isto dificulta a síntese dos dados” (MEGGERS, 1988, p. 20).⁸²

Os “irmãos de Paranaguá”, agentes pronapianos no campo científico da arqueologia brasileira, tinham procedências e percursos acadêmicos bastante diversos. Valentin Calderón era espanhol e chegou ao Brasil em 1949 no estado da Bahia, onde estudou Geografia e História na Universidade Católica de Salvador. Em 1962 passou a integrar o Laboratório de Arqueologia e Etnologia, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde iniciou suas primeiras pesquisas. Além de outros cargos assumidos na UFBA, tais como diretor do Instituto de Ciências Sociais e do Departamento Cultural, até serem extintos, e do Museu de Arte Sacra, Valentin Calderón, nos anos 1967, foi o responsável pela concepção da Revista UNIVERSITAS (PASSOS, 1999). Entre os anos 1965 e 1970 foi membro do PRONAPA, realizando pesquisas subsidiadas pelo Smithsonian Institution e pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Valentin Calderón, durante o período em que esteve vinculado a este programa de pesquisas contribuiu, de certo modo, com repasse de recursos para pesquisas no campo científico da antropologia. O antropólogo português Pedro Agostinho, radicado no Brasil, ressalta, numa entrevista, que “Calderón estava ligado ao

⁸⁰ Tradução minha.

⁸¹ Este seminário, assim como o segundo seminário do PRONAPA realizado em Mar del Plata, em 1966, no mesmo período em que ocorria o 37º Congresso Internacional de Americanistas, foram apoiados pela Wenner-Gren Foundation (MEGGERS, 1988).

⁸² Tradução minha.

PRONAPA, tanto que as duas viagens seguintes que faço ao Xingu foram financiadas por verbas americanas e verbas da UFBA através do Calderón” (PASSOS, 1999, p. 76). Sob o ponto de vista da atividade científica e do teor de autonomia de uma ciência, os campos científicos da arqueologia e da antropologia, de acordo com a perspectiva das pesquisas de Betty Meggers e Clifford Evans, se perpassavam enquanto “lugares” de conhecimento do plano cultural. Pierre Bourdieu considera que os recursos econômicos são necessários tanto para a realização da atividade científica quanto para a conquista de autonomia no processo de afirmação ou concretização de uma ciência. No entanto, afirma Bourdieu (2004, p. 34-5) que a autonomia depende, sobretudo: “Do grau em que o campo científico está protegido contra as intrusões (mediante, principalmente, o direito de entrada mais ou menos elevado que ele impõe aos recém-chegados e que depende do capital científico coletivamente acumulado)”.

Embora não estivesse sendo cogitado o ingresso de Pedro Agostinho à irmandade pronapiana, nem tampouco para que este fosse “iniciado” no campo científico da arqueologia brasileira⁸³, Betty Meggers e Clifford Evans agiam mais no sentido de agregar pesquisadores do que de propriamente proteger, com “o direito de entrada mais ou menos elevado” (BOURDIEU, 2004, p. 34-5), conforme citado acima, o campo científico da arqueologia brasileira que estava em franco processo de constituição. Por intermédio de Valentin Calderón, efetivamente, Pedro Agostinho desenvolveu trabalhos com os coordenadores do PRONAPA, ao afirmar que:

Depois fiz uma prospecção arqueológica pedida por ele (Calderón), Clifford Evans e Betty Meggers, que foi uma prospecção numa aldeia viva, de índios Kamayurá, no Alto Xingu... Eu fiz isso em... deixo eu me lembrar... 69, fiz escavações limitadas porque não podia cavar nas casas das pessoas, não tinha cabimento, mas fiz alguns furos, alguns buracos. É isso... no Alto Xingu, dentro de um projeto que era o de usar dentro de observações de aldeias vivas, para ver que restos elas deixaram, para com isso ajudar a interpretação pela arqueologia com achados semelhantes (*apud* PASSOS, 1999, p. 93).

Ao discorrer sobre as “pesquisas e pesquisadores” no campo da arqueologia no nordeste do Brasil, Gabriela Martin afirma que nos anos 1950 e 1960 esta região ficou excluída do alcance de projetos arqueológicos desenvolvidos pelo Instituto de Pré-história

⁸³ Este antropólogo também atuava em pesquisas arqueológicas no território brasileiro, inclusive trabalhou com Valentin Calderón em sítios nos estados da Bahia e Sergipe (PASSOS, Antonio Marcos de Oliveira. **Projeto de Pesquisa Histórica da Coleção Valentin Calderón** - Museu de Arqueologia e Etnologia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999).

da Universidade de São Paulo, pela “Escola Francesa” de Annette Laming-Emperaire e ainda pelo PRONAPA, que incluiu apenas a Bahia onde Valentin Calderón já realizava trabalhos. Deste modo, para o período referido não havia agentes e instituições que pudessem contribuir com a produção e reprodução do conhecimento no campo científico da arqueologia no nordeste do Brasil. Valentin Calderón se constituía numa exceção, e o reconhecimento devido à contribuição do seu trabalho se devia, em parte, à formação profissional segundo “uma experiência que vinha da Europa” (ALBUQUERQUE, 2007), a partir de estudos demarcados no conhecimento científico. Deste modo, o teor de cientificidade em seu trabalho confere uma distinção na condição de “pioneiro” no campo da arqueologia no nordeste do Brasil, visto que:

O espanhol Calderón representa um caso isolado na pré-história do Nordeste do Brasil. Amigo e discípulo de Hugo Obermaier e Pedro Bosch Gimpera, recebera uma boa formação e praticamente foi quem primeiro iniciou pesquisas arqueológicas com *critérios científicos*⁸⁴ na Bahia. Escavou a Gruta do Padre, no vale do São Francisco, primeira escavação estratigráfica realizada em Pernambuco, resgatando o que a pá de Carlos Estevão não havia destruído trinta anos antes (MARTIN, 1997, p. 56).

A Tradição Itaparica emerge como um acontecimento no campo científico, e não apenas no horizonte das próprias sociedades pré-históricas e, para vislumbrá-lo, é necessário, de acordo com Foucault (2005), distinguir as redes e os níveis a que pertence. No sítio Gruta do Padre há uma conjunção de fatores relevantes que o diferencia dos demais sítios do nordeste do Brasil pesquisados nos anos 1960. Primeiro, as escavações outrora amadorísticas, nesta região, alcançam o *status* de científicas com os procedimentos adotados por Valentin Calderón, sob a influência de uma formação profissional européia e mediante uma rede de relações circunscrita aos pesquisadores que partilhavam as mesmas instruções técnico-metodológicas do PRONAPA. Segundo, acontece a anunciação de uma tradição cultural arqueológica, diferenciada no campo da arqueologia brasileira em níveis de importância, tanto pela cronologia, por ter a data mais antiga do nordeste do Brasil até aquele momento, quanto pela cultura material, por ser destituída de pontas de projétil.

⁸⁴ Grifo meu.

4.4 PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ: A AUTORIDADE DISCURSIVA DA TRADIÇÃO ITAPARICA

Os textos arqueológicos materializaram o conhecimento, em diferentes aspectos, “revelado” pelas pesquisas que colocaram a “descoberto” o mundo da Tradição Itaparica. Sendo assim, os agentes que atuaram na sua divulgação, no dito ou escrito, segundo o capital científico⁸⁵ acumulado, contribuíram para que a afirmação desta tradição se efetivasse no âmbito acadêmico e no universo mais extensivo em que a produção fora, e ainda continua sendo, veiculada. No campo científico, onde atuam relações de forças, nem sempre o agente que instaura o discurso fundador é quem acumula um maior capital científico que possa assegurar não apenas o efetivo re-conhecimento da “descoberta” arqueológica, mas, sobretudo, a autoridade discursiva sobre ela. Na década de 1960, quando ocorre a primeira publicação onde são apresentados desenhos dos instrumentos oriundos da Gruta do Padre, havia limitações no que dizia respeito aos “lugares” de circulação da materialidade escrita e do dito arqueológico. Valentin Calderón era “um pesquisador extremamente sério, e, portanto respeitado, embora ainda não houvesse sociedades como a SAB (Sociedade de Arqueologia Brasileira)⁸⁶ e conseqüentemente não havia muito espaço para apresentação de trabalhos em congressos” (ALBUQUERQUE, 2007).

Deste modo, havia poucos “lugares” onde Valentin Calderón pudesse atuar no campo científico da arqueologia brasileira, entre os anos 1960 e 1970, na medida em que a divulgação dos resultados de suas pesquisas estava circunscrita às publicações, especialmente, do PRONAPA (CALDERÓN, 1967b; 1968; 1969; 1971; 1973; 1974a; 1974b; 1983). A bibliografia geral apresentada por André Prous demonstra que o período de atuação do PRONAPA foi um dos mais produtivos em termos de publicações, no entanto estas, em sua maioria, apresentam apenas descrições e dados fragmentados que, em seus

⁸⁵ Este capital não é de ordem financeira. O conceito de capital científico, de acordo com Bourdieu (2004b), está relacionado ao capital simbólico, que se fundamenta no conhecimento e reconhecimento, ou no crédito atribuído pelo conjunto de pares concorrentes no interior do campo científico.

⁸⁶ A SAB foi fundada em 1980, durante a terceira reunião de arqueólogos no Seminário Goiano de Arqueologia, em Goiás (SCHMITZ, Pedro Ignácio. Lembrando a Trajetória de um Pioneiro. *Arqueologia*, Curitiba: Universidade Federal do Paraná -CEPA, v. 4, p. 69-86, 2007b. Revista do Centro de Estudo e Pesquisas Arqueológicas).

próprios títulos, indicam as limitações, tais como “resultados preliminares”, “breves notícias”, “notas breves” e outras alusões a considerações preliminares (BARRETO, 1998).

Dentre os arqueólogos Valentin Calderón, Armand Laroche e Pedro Ignacio Schmitz - os precursores do dialogismo e da comparabilidade da cultura material da Tradição Itaparica - qual deles teria acumulado um maior capital científico? Os discursos decorrentes do discurso fundador instauraram novas discursividades que, em maior ou menor medida, configuraram os (con)textos arqueológicos, seja a partir da análise tipológica da cultura material - com atribuições nominativas, seja relacionando estas coisas arqueológicas ao ambiente na expectativa de se determinar padrões de assentamento. Estes arqueólogos citados anteriormente empreenderam suas análises nesta direção, onde todos eles enfatizaram o estudo tipológico, enquanto alguns dedicaram maior atenção aos aspectos ambientais⁸⁷. No entanto, apesar da convergência de objetos de discurso, como a antiguidade, e da consonância enunciativa nestas produções textuais científicas, salvo algumas polêmicas veladas, apontadas no terceiro capítulo, estes discursos acerca da Tradição Itaparica não alcançaram a mesma ressonância, em igual proporção, no campo científico da arqueologia brasileira. A voz de Pedro Ignacio Schmitz foi a que mais se propagou para diferentes “lugares” no campo científico da arqueologia, inclusive repercutindo além do circuito das produções discursivas divulgadas no Brasil. Se o capital científico decorre em larga medida do reconhecimento entre aqueles que compartilham saberes no campo científico, faz-se necessário situar ainda aspectos da trajetória e da atuação deste agente científico no processo de acumulação deste tipo de capital.

Em 2006, durante o Seminário Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira, promovido pelo CEPA/PR, a própria voz de Pedro Ignacio Schmitz entrelaçou os fios condutores da sua atuação no campo científico da arqueologia brasileira. O princípio narrativo fora demarcado pela formação em Geografia e História, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ao mesmo tempo em que a Antropologia lhe era apresentada por P. Balduino Rambo. Estes diferentes campos científicos, nos quais a autonomia se evidencia a partir do *habitus* científico relativo à aquisição e transmissão de concepções teóricas e técnico-metodológicas, eram agenciados por Pedro Ignacio Schmitz em sua prática arqueológica, conforme sua enunciação ao afirmar que “estes três campos de

⁸⁷ No terceiro capítulo apontei a ênfase dada à alimentação por Pedro Ignacio Schmitz e aos vestígios da megafauna por Armand Laroche. Estes aspectos ambientais não foram considerados especificamente por Valentin Calderón.

conhecimento sempre estiveram na base dos trabalhos arqueológicos” (SCHMITZ, 2007, p. 71). No que tange ainda a sua atuação/formação acadêmica, em 1976 ele se submeteu a um concurso de livre-docência em Antropologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) vindo a obter o título de livre-docente em Antropologia e o de Doutor em História e Geografia, oficializando e legitimando, deste modo, no âmbito acadêmico, uma prática multidisciplinar adotada desde os primórdios de sua atuação no campo científico da arqueologia, conforme declarado por ele anteriormente. Ao mesmo tempo em que se empenhava nesta formação acadêmico-universitária, Pedro Ignácio Schmitz desempenhou atividades múltiplas relacionadas a estágios em escavações, participação em seminários e visitas a diversas instituições, tanto no Brasil quanto no exterior. Dois estágios realizados no Smithsonian Institution, em Washington, e outro em San Pedro de Atacama, no Chile, viabilizados por Betty Meggers, foram de igual importância na formação e nos estudos deste arqueólogo⁸⁸. No que diz respeito à implementação de projetos de pesquisas propriamente, o Programa Arqueológico do Rio Grande do Sul foi apoiado por Betty Meggers e Clifford Evans, tendo sido desenvolvido com recursos destinados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), anteriormente denominado de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) para a realização do cadastro de sítios arqueológicos em diversos estados brasileiros⁸⁹. No que diz respeito às pesquisas realizadas em Serranópolis, no estado de Goiás, “as datas de C 14 que forneceram a estrutura cronológica da área, foram todas patrocinadas pela Dra. Betty Meggers, Smithsonian Institution, Washington, D. C.” (SCHMITZ; ROSA; BITENCOURT, 2004, p. 10).

A influência dos trabalhos de Betty Meggers sobre a formação e atuação de Pedro Ignácio Schmitz no campo científico da arqueologia brasileira se faz notar pela

⁸⁸ Além de estágios, Betty Meggers proporcionava outras condições para a continuidade das pesquisas de Pedro Ignácio Schmitz, inclusive sendo considerada uma espécie de “protetora” no percurso destas atividades, visto que “tenho também uma madrinha americana, a Dra. Betty J. Meggers, da Smithsonian Institution, que junto com seu marido Clifford Evans, trouxe para o Brasil, em 1964, o Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (Pronapa). Não participei deste programa, nem dos posteriores organizados por ela, mas sempre tive a sua colaboração. No começo ela parecia me considerar apenas como um competidor, porque localmente eu estava desenvolvendo um programa parecido com o dela. Depois realizei programas parecidos em outras regiões do país. Em todos estes trabalhos, durante toda a minha carreira de arqueólogo, ela não só me oferecia as datas de C 14 necessárias, mas também assistência bibliográfica e três estágios, dois nos Estados Unidos e um no Chile” (SILVA, Sérgio Batista da *et al.* Entrevista com Pedro Ignácio Schmitz. **Horizonte Antropológico**, Porto Alegre: UFRGS, ano 8, n. 18, 2002. p. 288).

⁸⁹ O objetivo maior deste programa era identificar sítios arqueológicos em diversos ambientes do Rio Grande do Sul.

concomitância entre o período da concepção do PRONAPA e da “iniciação” deste arqueólogo como pesquisador⁹⁰. Os coordenadores deste programa de pesquisa auxiliaram ainda no que diz respeito à análise de material arqueológico, visto que: “Uma colaboração fundamental foi e continua sendo proporcionado pela Dra. Betty Meggers e seu falecido esposo Clifford Evans, proporcionando não só as datações, mas também bibliografia atualizada” (SCHMITZ; VERARDI, 1996, p. 169).

As relações estabelecidas com os arqueólogos norte-americanos, coordenadores do PRONAPA, tiveram especial relevância para a futura demarcação conceitual, segundo as categorias nominativas de fase e tradição, na qual se inclui a Tradição Itaparica. Se por um lado, Valentin Calderón em seus enunciados nomeia e destaca apenas a fase ou a tradição que corresponde à Tradição Itaparica (as demais são identificadas numericamente) quando da inserção da cultura material⁹¹ da Gruta do Padre, em Pernambuco, por outro lado, Pedro Ignácio Schmitz identifica fases, devidamente denominadas e especificadas, segundo a cultura material para os abrigos da região de Serranópolis, em Goiás, a saber, a fase Paranaíba (atribuída à Tradição Itaparica), a fase Serranópolis e a fase Jataí (SCHMITZ *et al.*, 1989). A categoria nominativa “fase” arqueológica é empregada na medida em que se busca eximir a conotação etnográfica. Deste modo, “o termo ‘fase’ permite referência a entidades arqueologicamente reconhecíveis, sem implicar em nenhuma significação tribal ou lingüística” (MEGGERS; EVANS, 1970, p. 87). Esta cautela diante da designação de fases e tradições, segundo Hilbert (2007a), está relacionada à incerteza, por parte destes arqueólogos norte-americanos, quanto às distintas entidades arqueológicas culturais estarem refletindo espécies de unidades culturais. É provável que denominações de fases e tradições alusivas a espaços geográficos e, portanto, destituídas de conotações culturais, evitassem equívocos diante da correspondência entre a cultura material arqueológica e as manifestações culturais de sociedades vivas ou do contato colonial. A normatividade

⁹⁰ Pedro Ignácio Schmitz demarca suas atividades de pesquisador efetivamente ao afirmar que “a pesquisa sistemática teve início em 1965, depois de concluir meus estudos religiosos, e se desenvolveu paralela ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa)” (SCHMITZ, 2007b, p. 71), no entanto, “sem nunca ter participado diretamente nele” (SCHMITZ, Pedro Ignácio; VERARDI, Ivone. *A Pesquisa Arqueológica no Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. In: KERN, Arno Alvarez (Org.). Anais da 8ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Porto alegre: Edipucrs, 1996. p. 167-78. (Coleção Arqueologia, v. 1). p. 169). Anteriormente à realização de pesquisas sistemáticas, Pedro Ignácio Schmitz havia nos anos de 1962, sob a direção de Annette Laming-Emperaire, participado da escavação no Sambaqui do Toral, em Paranaguá e, posteriormente, nos anos 1966, escavou ainda na Ilha dos Rosas, em Antonina, também sob a direção desta arqueóloga francesa (SCHMITZ, 2007b).

⁹¹ Meggers e Evans (1970), quando da análise ou identificação da cultura material, empregam o termo “complexo cerâmico” e por transposição também pode ser considerado “complexo lítico” para tipos que possam estar associados no tempo e no espaço. Estes materiais arqueológicos, quando inseridos numa linha de tempo contínua, poderiam ser relacionados segundo suas diferenciações num igual número de fases.

científica desenvolvida e adotada pelo PRONAPA também repercutiu de forma enfática nas pesquisas realizadas por Pedro Ignácio Schmitz e Verardi (1996, p. 171), quando eles escrevem que:

Na medida em que se foi desenvolvendo o PRONAPA, o IAP (Instituto Anchieta de Pesquisa), embora nunca pertencesse diretamente a ele, foi adotando a sua metodologia histórica com peso no ambiente das culturas. Com algumas nuances para ecologia e estudo de área, foi esta linha teórica que orientou a execução do programa do Rio Grande do Sul, *de Goiás*⁹², de Mato Grosso do Sul. Estes estudos produziram um primeiro quadro das culturas desses estados, com seu espaço, seu ambiente, sua cronologia e a continuidade de sua sociedade no período colonial e imperial.

A Tradição Itaparica, na região de Serranópolis, foi identificada em meio a pesquisas realizadas no marco do Programa Arqueológico de Goiás (nos períodos de 1973-1984 e 1999), que no campo científico envolvia as seguintes instituições de pesquisa e ensino: Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinos, Universidade Católica de Goiás e o Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia. No que diz respeito à reprodução, em termos de divulgação das análises decorrentes das pesquisas, foi criado o Seminário Goiano de Arqueologia realizado em 1976, 1978 e 1980. Por ocasião deste último Seminário Goiano de Arqueologia, realizado de 24 a 29 de março de 1980, em Goiânia, reuniram-se alguns arqueólogos brasileiros para uma ampla reflexão acerca do “Arcaico no Interior do Brasil”. Sob a coordenação de Tom Miller Jr, participaram deste seminário os arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz (coordenador científico), Altair Sales Barbosa (coordenador técnico), Maira Barberi Ribeiro (secretária), André Prous, Ondemar F. Dias Jr., Niède Guidon, Vicente Giancotti Tassone e Solange Caldareli. Na apresentação de Pedro Ignácio Schmitz, a denominação Tradição Itaparica não fora referida discursivamente neste seminário, houve, por assim dizer, uma demarcação da cultura material situada cronologicamente e circunscrita às denominações em termos de fases - a fase Paranaíba, também chamada paleo-índio, a fase Serranópolis e a fase Jataí, referidas anteriormente - no que diz respeito aos sítios localizados em Goiás. Não houve ainda, nos enunciados deste arqueólogo durante o Seminário Goiano de Arqueologia, uma comparação entre os instrumentos da fase Paranaíba, especificamente as lesmas, com instrumentos semelhantes aos do sítio Gruta do Padre, outrora constatados por Schmitz a partir de desenhos de instrumentos apresentados

⁹² Grifo meu.

numa publicação de Calderón (1969), conforme dito no terceiro capítulo. Foi estabelecida, de modo explícito, uma co-relação entre a “presença das lesmas” e “áreas de ocorrência”, sem, contudo, haver alusão denominativa à Tradição Itaparica, na medida em que se afirma:

Usando as lesmas como indicador fomos ver que elas se espalham por uma área ainda maior. Aqui só quero mencionar rapidamente, sem tirar nenhuma conclusão, como elas aparecem no Piauí, o Prof. Laroche tem os exemplares mais lindos em Bom Jardim, no Pernambuco e, eventualmente, se analisarmos com mais cuidado o material de Rio Claro, nos níveis mais profundos, provavelmente nós teríamos também. Tenho uma informação vaga de que Igor Chmyz também as encontrou na parte mais profunda de suas escavações em Itaipu. Eventualmente poderia se começar a pensar que esta lesma, este indicador de nossa fase Paranaíba, poderia ser usado mais adiante com um indicador de um horizonte, que se vai estender pela área do cerrado-caatinga, que poderia ser considerada uma grande área ecológica (SCHMITZ, 1978-1980, p. 22).

A cultura material é descrita e a lesma, um instrumento unifacial, passa a ser metonimicamente associada a um horizonte cultural que, apesar de ser destituído de uma denominação identitária, na voz de Pedro Ignácio Schmitz naquele momento, estava concorrendo para a construção de uma (pré) história em vias de divulgação. Emerge, deste modo, uma narrativa acerca de uma tradição cultural-material na extensão do cerrado-caatinga, no marco espaço-temporal do “Arcaico no Interior do Brasil”, que ressoa entre alguns pares atuantes - agentes científicos - da arqueologia brasileira nos anos 1980. Buscava-se, sobretudo, configurar o modo pelos quais as coisas foram confeccionadas, usadas e abandonadas, por homens e/ou mulheres, na pré-história, em ambientes regionais ecologicamente identificados e co-relacionados numa perspectiva mais extensiva - numa narrativa ampliada! O capital científico está intrinsecamente vinculado a um capital simbólico, referente ao reconhecimento ou crédito atribuído por aqueles que atuam no campo científico, conforme mencionado anteriormente. Este acúmulo de crédito e capital pode decorrer, por um lado, da eficácia dos preceitos teóricos e pelos métodos adotados na realização de pesquisas e, conseqüentemente, validados na instauração do *habitus* científico. Por outro lado, a eficácia narrativa na reconstituição da Tradição Itaparica assegura, em certa medida, a reprodução ou veiculação discursiva que concorre para a expansão do reconhecimento (desta cultura revelada e do narrador Pedro Ignácio Schmitz). As palavras proferidas, os ditos, no Seminário Goiano de Arqueologia e as publicações realizadas pelo Instituto Anchieta de Pesquisa e pelo Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia, para citar exemplos, concorreram para a materialização textual da Tradição Itaparica. Estas instituições de pesquisa também se constituíam em “lugares” de publicações no campo

científico - “lugar” no qual Pedro Ignácio Schmitz ainda participa enquanto um agente engajado. Este arqueólogo expandiu a materialidade textual da Tradição Itaparica para o mesmo campo científico da arqueologia, no entanto em direção a países estrangeiros (SCHMITZ, 1987), publicando no *Journal of World Prehistory*.

O Instituto Anchieta de Pesquisas ainda continua sendo uma das principais instituições que tem proporcionado a materialização e veiculação textual da Tradição Itaparica e, de maneira mais extensiva, do resultado das pesquisas do Programa Arqueológico de Goiás⁹³. Este instituto foi criado em 1956, no Colégio Anchieta, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, por pesquisadores jesuítas da Província do Sul do Brasil. Os objetivos principais desta instituição estavam voltados para a realização de pesquisas, manutenção de bibliotecas e coleções. A arqueologia surge no Instituto Anchieta de Pesquisas de modo amadorístico, a partir de uma publicação no primeiro número da série Pesquisas, em 1957, que ainda hoje é editada regularmente. A eficácia na manutenção das publicações pode ser constatada ao se afirmar que “muito importante, também, é o órgão de divulgação que, em nenhuma crise, teve de parar. Com a publicação, o intercâmbio com outras instituições ajudou a desenvolver a biblioteca” (SCHMITZ; VERARDI, 1999, p. 169). A equipe de pesquisa no Instituto Anchieta de Pesquisas começou a se constituir em 1965, coincidindo com o período em que Pedro Ignácio Schmitz se referiu, anteriormente, à sua atuação efetiva como pesquisador. Nos anos 1967 têm início programas de pesquisas, inclusive um deles, conforme foi dito, se desenvolveu paralelamente ao PRONAPA. As pesquisas, num primeiro momento, estavam circunscritas aos trabalhos de campo e às análises de laboratório e, num segundo momento, serão divulgadas especialmente nas publicações do próprio Instituto Anchieta de Pesquisas. Nestes termos da veiculação do conhecimento produzido pelas pesquisas, é dito que:

A publicação dos resultados, inicialmente mais sob a forma de comunicações em congressos, passou a ser acompanhada de monografias completas de cada um dos projetos ou sítios escavados. Embora com alguma demora, todos os projetos têm publicada toda a informação produzida. Os veículos internos são Pesquisas-Antropologia, Arqueologia do Rio Grande do Sul - Documentos, Publicações Avulsas e afora Dissertações (SCHMITZ; VERARDI, 1996, p. 170).

Embora o enfoque deste capítulo esteja voltado para o *habitus* e o campo científico, no que cabe aos agentes e instituições que atuaram nas pesquisas e nas produções da

⁹³ Veja as publicações mais importantes apontadas por Schmitz e Verardi (1996).

materialidade textual da Tradição Itaparica - tanto do ponto de vista da teoria e dos preceitos metodológicos, quanto pela veiculação do conhecimento produzido, pelos quais e nos quais ela se constituiu e se reproduziu - considero de igual importância apresentar alguns elementos acerca da construção da narrativa do arqueólogo e pré-historiador Pedro Ignácio Schmitz quando dos seus enunciados acerca desta tradição. De maneira restrita e generalizada, enquanto expressão literária, a narrativa pode ser conceituada “como a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem e, mais particularmente, da linguagem escrita” (GENNETE, 2008, p. 265). Do ponto de vista do acúmulo de capital científico, a narrativa pré-histórica referida poderá alcançar um maior crédito intelectual-científico na medida em que vier a se constituir numa discursividade referida, reproduzida, comentada e, portanto, veiculada por outros agentes e instituições no campo científico da arqueologia, o “lugar” onde este signo lingüístico “Tradição Itaparica” foi afirmado - material, ambiental e espaço-temporalmente. Roland Barthes, ao discorrer acerca da presença da narrativa na trajetória da humanidade, afirma que ela tem início “com a própria história” - e aqui afirmo parafraseando, “ainda na pré-história” - da humanidade. Este semiólogo afirma ainda que a narrativa está presente em todos os tempos e em todos os lugares, desde que haja populações humanas, e amplia o conceito de narrativa, visto ela poder ser sustentada não apenas pela linguagem articulada ou escrita, mas “pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto, ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias” (BARTHES, 2008, p. 19). Os homens e mulheres pré-históricos da Tradição Itaparica, através de gestos, de palavras, de pinturas e de outras substâncias de expressão, além destas referidas tanto oral quanto visualmente, construía suas narrativas. Dentre estas expressões, a oralidade não ecoa até os arqueólogos situados no presente; esta imaterialidade é inaudível! As mulheres e os homens, confinados ao silêncio da morte em tempos pretéritos, não têm mais histórias em vias de serem narradas por eles próprios. Eis que apesar deste silêncio dos personagens, narrativas sobre homens e mulheres que constituíam sociedades num passado longínquo persistem no marco da trajetória da humanidade! Uma narrativa também construída numa disciplina e numa Ciência Humana⁹⁴, discorrida sob o ponto de vista da Pré-história, que em primeira instância tem como um dos principais “tecidos narrativos” a cultura material localizada no espaço e referenciada no tempo.

⁹⁴ Há uma infinidade de narrativas que dependem da multiplicidade de pontos de vistas que poderão abordá-las, tais como: histórico, psicológico, sociológico, etnológico, estético e outros (BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 19-62).

No segundo capítulo, recorri a uma afirmação do arqueólogo Christopher Tilley, onde ele apresenta a cultura material enquanto analogia a um “tipo de texto” silencioso, na medida em que ambos se constituem como um canal de objetivação. Em seguida, com maior ênfase, este arqueólogo afirma que “the archeological text is a literary form, like it or not” (TILLEY, 1993, p. 23). Nesta perspectiva que abarca a literatura e a cultura material, na materialidade textual sobre a pré-história, cabe refletir acerca de algumas ponderações de White (2001) ao considerar um dos pontos centrais referente ao *status* de narrativa histórica, a saber, um artefato verbal que tem a expectativa de ser um modelo tanto de estruturas quanto de processos há muito decorridos, onde não podem ser aplicados efetivamente procedimentos que competem à observação e à experimentação no presente-vivido, no próprio acontecimento. As representações históricas, em decorrência desta “natureza” de fenômenos, se apresentam provisórias, e além do mais, este “estado de coisas históricas” é reforçado devido à incompletude do registro histórico. Na pré-história está-se diante de vestígios materiais e na história de memórias, na composição da tecedura do passado que necessariamente não corresponde à plenitude dos acontecimentos, conforme diz Walter Benjamin (1994, p. 224): “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como relampeja no momento de um perigo”.

No segundo capítulo aproximei as noções de “documento material”, tanto na História quanto na Pré-história, segundo as visões de Michel Foucault e Christopher Tilley, e de acordo com estas perspectivas é possível considerar ainda que a materialidade documental, nestas áreas de conhecimento, também se apresenta incompleta quando das suas leituras e construções narrativas, especialmente a partir desta concepção de Hayden White sobre a “natureza incompleta” dos próprios registros históricos. Algumas de suas enunciações convergem para o caráter literário das narrativas históricas em concomitância a não sujeição às observações do discurso meramente científico, muito embora algumas narrativas pré-históricas, conforme afirmado neste capítulo, possam demarcar o “positivismo literário” em decorrência da influência e credibilidade atribuída ao discurso científico, especialmente ao das ciências exatas. Apesar deste “hibridismo discursivo”, observado em algumas áreas do conhecimento, Hayden White (2001, p. 98) apresenta algo que é comum à constituição da narrativa histórica - e por extensão da narrativa pré-histórica - ao mesmo tempo em que propõe uma ampliação conceitual e comparativa de modo específico, quando escreve que:

De um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes na ciência.

Esta afirmação possibilita uma reflexão que envolve algumas das condições de onde emanam e se configuram as narrativas, sejam pré-históricas ou históricas. Primeiro, ao que já foi referido, a fragmentação e incompletude da materialidade documental, e segundo, ao que White (2001) denominou de “urdidura do enredo”, ou seja, a codificação dos fatos contidos na crônica para a história - e transpondo para a pré-histórica, destaco a cultura material e vestígios associados à presença humana - que se apresentam na composição de tipos específicos na constituição de estruturas de enredo. A arqueóloga inglesa Annie Pirie delinea a “natureza” dos dados arqueológicos e ainda suas codificações pelos arqueólogos - que considero corresponder à noção de inscrição, já referida por Bruno Latour em outro capítulo - bem como a maneira pela qual estes são agenciados quando das descrições ou construções narrativas sobre o passado que deles decorrerá, quando afirma que:

Our accounts of the past can be said to consist of two elements. Various statements and pieces of data form the initial stage of researching a past. These can be judged for their accuracy through comparison with, for example, raw data, maps, and independent dating. However, no published account consists simply of list of pieces of data. Published accounts are translations of these disparate statements and data into a whole picture, through endowing sets of data with meaning beyond what might be suggested by a straightforward list. This is the process that makes an understandable story out of raw data (PIRIE, 2004, p. 676).

Em vista disso, em meio a dados incompletos e às inscrições ou codificações do registro arqueológico, como se construiu a narrativa pré-histórica dos caçadores e coletores da Tradição Itaparica a partir do discurso⁹⁵ de Pedro Ignácio Schmitz? Dentre as várias publicações deste arqueólogo sobre esta tradição, considere duas delas, sobretudo as mais relevantes quanto à construção da narrativa pré-histórica. A primeira, intitulada “Caçadores e Coletores Antigos no Sudeste, Centro Oeste e Nordeste do Brasil. (31.500 a 4.000 anos A.P.)” (SCHMITZ, 1984), visto ser destacado, logo nas primeiras palavras do título, os “personagens pré-históricos” ao invés de áreas geográficas pesquisadas ou ainda períodos culturais, conforme observado em outras publicações (SCHMITZ; BARBOSA; RIBEIRO, 1978-1980; SCHMITZ *et al.*, 1989). A segunda, escrita vinte anos depois, sob o título de “Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central” (SCHMITZ; ROSA; BITTENCOURT,

⁹⁵ De acordo com Barthes (2008), o discurso é entendido objetivamente como um conjunto de frases.

2004)⁹⁶, demarca a “área de conhecimento e o contexto ambiental” onde alguns daqueles caçadores anunciados na narrativa anterior serão “revisitados e reinscritos” a partir de novos elementos resultantes das pesquisas que se desenvolveram ao longo dos anos nesta região.

Com o intuito de apresentar alguns dos elementos constitutivos da estrutura narrativa pré-histórica dos “Caçadores e Coletores da Tradição Itaparica”, na voz e discursividade do arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz, recorro a algumas noções e categorias de análise acerca da narrativa histórica que foram propostas por Hayden White e Roland Barthes. Se a história trata de eventos ou acontecimentos reconstituídos num horizonte temporal, o mesmo pode ser transposto para a pré-história, com a seguinte ressalva: os acontecimentos são reconstituídos neste segundo campo disciplinar, notadamente, a partir de materialidades culturais, mas que em última instância, tanto a história quanto a pré-história “lançam mão” da *materialidade documental* - uma expressão empregada por Michel Foucault - conforme dito no segundo capítulo. Feitas estas considerações, irei prosseguir com a análise das narrativas, apresentando-as individualmente e em outros momentos, cruzando-as discursivamente na medida em que os personagens, as coisas e o ambiente, onde os acontecimentos foram vivenciados, possam estar inter-relacionados. Feitas estas considerações, lanço-me neste mundo pré-histórico que foi trazido pelas palavras de um arqueólogo a partir do século XX. De agora em diante, as narrativas serão referidas segundo uma correlação do seguinte modo:

Primeira Narrativa	“Caçadores e Coletores Antigos no Sudeste, Centro Oeste e Nordeste do Brasil”.
Segunda Narrativa	“Arqueologia dos Cerrados do Brasil Central”

Quadro 1 - Narrativas de Pedro Ignácio Schmitz

Sejam quais forem as substâncias de expressão/comunicação pelas quais se constituam as narrativas, todas elas conferem sentido a acontecimentos que podem ser alcançados de diferentes maneiras. Na primeira e na segunda narrativas de Pedro Ignácio Schmitz, em maior ou menor medida, o ambiente natural, as coisas, as análises laboratoriais, os dados estatísticos, a cartografia, os cortes estratigráficos e as tabelas se constituem como as principais substâncias de narratividade. Hayden White considera o “modo da explicação científica” como uma das maneiras de conferir sentido aos

⁹⁶ Os três primeiros capítulos desta publicação foram escritos por Pedro Ignácio Schmitz, portanto a narrativa que irei me deter será a que foi constituída pelo seu próprio discurso nestes capítulos mencionados.

acontecimentos e, em se tratando da pré-história, às coisas animadas pelos acontecimentos. A perspectiva desta explicação se inscreve numa subordinação dos eventos às leis causais, que poderiam ter regido tais eventos, e proporcionado o modo particular de sua configuração (WHITE, 2001). Embora as explicações arqueológicas para a pré-história não estejam movidas essencialmente por um determinismo ambiental, em muitas destas narrativas figuram a sugestão de “implícitos explicativos ambientais”. Estes fenômenos favoreceriam a emergência de acontecimentos segundo o “testemunho das coisas” em contextos ambientais propícios para que a ação na natureza se objetivasse na cultura material visibilizada, posteriormente, pelo arqueólogo-narrador. A **Primeira Narrativa** se (con)textualiza neste modo da explicação científica logo nos primeiros enunciados acerca do “Começo do Holoceno. 12.000 anos a 8.500 anos A. P.”. No início desta narrativa, as condições climáticas são descritas num breve esboço de um cenário paisagístico em plena dinâmica de modificações, onde as populações humanas posteriormente serão situadas. Dito isto, ocorre a pré-anúnciação das coisas tecnológicas concebidas por elas, bem como genérica e previamente são apontadas suas itinerâncias no solo destas paisagens, estando estes “eventos” intrinsecamente relacionados às “leis causais” das mudanças climáticas.

Assim, Pedro Ignácio Schmitz (1984, p. 7-8) diz:

O ambiente (cenário):

O início do Holoceno traz o recuo da glaciação com todas as suas conseqüências: os ventos frios regridem com a diminuição das calotas glaciais e andinas, a corrente fria de Falkland se retrai, a corrente quente do Brasil se esparrama pelo litoral nordestino; com o derretimento do gelo o nível do mar sobe, a temperatura e a umidade aumentam e se produz a tropicalização do ambiente. Aparentemente isto não acontece de forma unilinear, mas com oscilações, que, no todo, representam um crescimento do calor, da umidade e do nível do mar, até alcançar o máximo no “altitermal” ou “ótimo climático” europeu, entre aproximadamente 6.500 e 4.000 A.P. Naturalmente as condições gerais são matizadas localmente por fatores diversos, onde o relevo parece ter papel saliente.

Provavelmente a vegetação continua aberta durante todo o período; talvez no Nordeste se torne ainda mais rala. Por não termos boas informações a respeito da evolução da paisagem vegetal, representam os sítios deste e do seguinte período em mapa sem indicação de vegetação.

Com o aumento geral da temperatura e, provavelmente, um aumento mais lento da precipitação, ao redor de 9.000 a 8.000 A.P., talvez mais cedo no Piauí, instala-se um período muito seco, responsável por mudanças tecnológicas e culturais e pela migração de populações, que nós tomamos como referência para a divisão do capítulo.⁹⁷

⁹⁷ Grifo meu.

Incontestavelmente este mundo apresentado na **Primeira Narrativa** é demasiadamente diferente do meu, do seu, do de todos nós, embora a natureza atualmente pareça “reavivar memórias no ciclo do eterno retorno” no marco das oscilações climáticas. Hayden White afirma que, diante de acontecimentos que parecem estranhos, há outra maneira de lhes conferir sentido, a saber, “codificar o conjunto em função de categorias culturalmente fornecidas, tais como conceitos metafísicos, crenças religiosas ou formas de estória” (WHITE, 2001, p. 102). Nesta narrativa pré-histórica, as *formas de estória* já eram codificadas por outros arqueólogos que também discorreram sobre a Tradição Itaparica, tais como Valentin Calderón e Armand Laroche, que antecederam e/ou ainda foram contemporâneos de Pedro Ignacio Schmitz quando da construção de narrativas acerca desta tradição. Considerações desta ordem foram apresentadas no segundo capítulo, ao ser delineada a formação discursiva no discurso fundador da Tradição Itaparica, constituída por enunciados dispersos, onde poderia ser demarcada uma regularidade a partir de objetos de discurso, temáticas e conceitos. De certo modo, a constituição de *formas de estória* pode ser vislumbrada posteriormente, no terceiro capítulo, quando a intertextualidade revelou as consonâncias e dissonâncias entre estes discursos. Estas noções foucaultianas e bakhtinianas mencionadas, na medida em que revelam a constituição de discursividades e suas ressonâncias polifônicas, respectivamente, em alguma medida, se aproximam de um modo de discorrer delineado em *formas de estória*, ou seja, um modo de narrar familiar ao leitor a partir de elementos formais recorrentes nas outras narrativas, que também puseram a descoberto o mundo da Tradição Itaparica.

No início da **Primeira Narrativa**, conforme mencionado anteriormente, as *coisas* são pré-anunciadas sem alusão explícita a tipologias, apenas são enfatizadas as mudanças tecnológicas, e o Piauí é o único *lugar* mencionado onde se demarcam as condições climáticas propiciadoras de mudanças tecnológicas e de migrações populacionais. Eis os germes da narrativa da Tradição Itaparica! São termos ou unidades narrativas mínimas, que assumem funções de significação e se instituem de modo co-relacional. Nesta análise destaco um dos níveis de descrição da narrativa apontado por Roland Barthes: o nível das funções, quando ele afirma que “a alma de toda função é, caso se possa dizer, seu germe, fato que lhe permite semear a narrativa de um elemento que amadurecerá mais tarde, sobre o mesmo nível, ou além, sobre um outro nível” (BARTHES, 2008, p. 28). O desdobramento amadurecido destes germes se revelará nas nominações das coisas e na expansão dos lugares correlacionados, mediante significações que culminam na configuração de uma tradição cultural arqueológica, no discurso narrativo de Pedro Ignacio Schmitz (1984, p. 8), quando ele diz:

As coisas e os lugares: os “domínios” de uma tradição
--

Entre aproximadamente 11.000 e 8.500 A. P. indústrias de lâminas unificiais, onde predominam furadores e raspadores terminais encabados, parecem formar um grande horizonte, cobrindo uma área, que inclui Pernambuco, Piauí, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, talvez parte de São Paulo. Uma grande parte destes sítios pode ser incluída na chamada Tradição Itaparica.

Os instrumentos líticos lascados da Tradição Itaparica serão referidos também na **Segunda Narrativa**, em que o fóssil-guia desta tradição será revestido por metáfora - figura de linguagem. Do mesmo modo em que Hayden White circunscreve a metáfora na narrativa histórica, é possível considerar uma dimensão expressiva semelhante na narrativa pré-histórica, na medida em que “a narrativa histórica não *imagina* as coisas que indica: ela *traz à mente imagens* das coisas que indica, tal como faz a metáfora” (WHITE, 2001, p. 108). É importante considerar que, na narrativa acerca da Tradição Itaparica, tanto os acontecimentos pretéritos são evocados metaforicamente - na medida em que as imagens é que são trazidas e não os próprios acontecimentos - quanto metáforas são demarcadas na materialidade das palavras: as *lesmas*, para citar o exemplo de maior notoriedade. Mesmo que se considere o instrumento pré-histórico enquanto um “testemunho material” do acontecimento vivido na pré-história, este é re-nomeado pelo arqueólogo em vista de uma comunicação codificável com o presente. A partir de metáforas, ainda segundo afirmações de Hayden White para a narrativa histórica, o arqueólogo/narrador fornece diretrizes para que possam ser estabelecidas associações com as coisas que se quer representar⁹⁸, conforme o discurso narrativo de Pedro Ignácio Schmitz, André Rosa e Ana Luisa Bitencourt (2004, p. 187):

O segundo grupo, que recebeu o nome convencional de <i>lesmas</i> , são as peças trabalhadas e retocadas em toda a periferia, com exceção, às vezes, do resto do plano de percussão. Sua forma inicial costuma ser de quilha de barco. Muitas vezes uma extremidade (geralmente a do talão da lasca) é mais larga, mantendo o resto do plano de percussão, ou retirando-se juntamente com o bulbo saliente, trabalhando e retocando, depois, o bordo; a outra extremidade costuma ser mais estreita, apontada, ogival ou simplesmente convexa.
--

⁹⁸ A arqueologia pré-história possui um largo vocabulário metafórico (por aproximação com o que é codificado pela experiência vivida no presente) composto por palavras empregadas em instrumentos lascados, polidos e outros. A título de exemplo: machado, pilão, faca, ponta de flecha, furador, raspador, para citar alguns, são empregos lingüísticos metafóricos para objetos do passado (outrora denominados muito provavelmente por outras palavras para quem os usou) e que se apresentavam vazios nominalmente para aqueles que primeiramente os denominaram no discurso arqueológico. Deste modo, a metáfora “*nos diz* que imagens procurar em nossa experiência culturalmente codificada a fim de determinar de que modo *nos devemos sentir* em relação à coisa representada” (WHITE, 2001, p. 108).

Na narrativa da Tradição Itaparica, a cultura material se inscreve na definição de cultura apontada por Eco (2005, p. 16) na medida em que “a cultura, como um todo, deveria ser estudada como um fenômeno de comunicação baseado em sistemas de significação”. Deste modo, os instrumentos líticos denominados *convencionalmente* de lesmas, uma terminologia introduzida na pré-história brasileira, comunicam e significam na dimensão de sua própria cultura; e quando lidas e traduzidas, nos ditos e nas expressões gráficas do arqueólogo, se revestem de figuras de linguagem e de outros artifícios sógnicos para se comunicar e significar. No entanto, os significados das palavras estão circunscritos aos usos ou empregos que se fazem delas, e neste sentido a metáfora também pertence à dimensão do uso (DAVIDSON, 2001). As lesmas são decorrentes de processos de fabricação, os quais proporcionam diferentes formas. Na **Segunda Narrativa**, no plano da morfologia, especialmente pela forma do volume, foram utilizadas duas metáforas: uma, para a forma inicial do instrumento, a “quilha de barco” e outra, para a forma final, que o nomeia - a “lesma”. Outras metáforas se seguem na descrição de elementos resultantes da intervenção humana quando da elaboração da peça, correspondendo ainda à forma deste instrumento, tais como “bulbo”, em alusão à semelhança com a parte dilatada (de forma arredondada) de um órgão vegetal, e o termo “ogival” devido à similaridade com a parte afilada de um projétil cilíndrico. Na descrição deste instrumento (lesma) que assume um lugar estrategicamente relevante na identificação da Tradição Itaparica, o fóssil-guia desta tradição cultural pré-histórica, as figuras de linguagem são empregadas na expectativa de tornar o exótico, ou estranho, em familiar. Numa perspectiva mais abrangente da história a ser narrada, “o objetivo do historiador é familiarizar-nos com o não-familiar, ele deve lançar mão da linguagem figurativa, em vez da linguagem técnica” (WHITE, 2001, p. 111). Apesar da pré-história, em suas narrativas, empregar a linguagem figurativa, como vem sendo demonstrado, a linguagem técnica permeia o discurso narrativo arqueológico, principalmente com dados quantitativos e na descrição de análises positivistas, especialmente as que decorrem das ciências exatas. Por um lado, quando no segundo capítulo aludi à expectativa de alguns arqueólogos acerca de uma terminologia uniforme para a indústria de instrumentos líticos, inclusive bastante demarcada no discurso fundador, nisso poderia residir resquícios de uma “defesa” para se preservar uma linguagem técnica no discurso arqueológico que, posto em série, segundo uma sucessão de eventos, vem a se constituir numa narrativa. Por outro, as figuras de linguagem, a metáfora e a metonímia, são instauradoras de sentidos, inclusive para aqueles instrumentos líticos, os quais se busca instituir uma denominação uniforme. A linguagem técnica uniformiza, sistematiza conforme

um restrito “padrão” linguístico, e a metáfora e a metonímia comunicam em busca de expandir a compreensão - na transformação do que se apresenta a princípio exótico, na pré-história, em direção a familiaridade nos discursos narrativos contemporâneos. Hayden White, de forma clara e sucinta, demarca a supremacia da linguagem figurativa na história e, de algum modo, permite que se considere pela via de algumas diferenciações que, embora a pré-história também seja demarcada por uma sucessão de eventos no tempo referenciados na extensão e localização das coisas (a princípio estranhas em direção ao familiar), a narrativa na arqueologia pré-histórica não está destituída completamente da linguagem técnica. O emprego de um “vocabulário técnico” para os vestígios arqueológicos se fundamenta, em larga medida, na uniformização nominativa propiciadora de um reconhecimento destas coisas entre os próprios arqueólogos (CALDERÓN, 1983; MEGGERS; EVANS, 1970). Estes modos de linguagem são demarcados por Hayden White (2001, p. 111), quando ele diz:

As linguagens técnicas são familiarizadoras apenas *para* àqueles que foram instruídos em seu uso e apenas *quanto* àqueles conjuntos de eventos que os profissionais de uma disciplina concordam em descrever numa terminologia uniforme. A história não possui tal terminologia técnica comumente aceita e, na verdade, nenhum acordo sobre o tipo de eventos que constituem seu tema específico. [...] Isto quer dizer que os únicos instrumentos que ele (historiador) tem para dar sentido aos seus dados, tornar familiar o estranho e tornar compreensível o passado misterioso são as técnicas de linguagem *figurativa*.

O plano inicial da **Primeira Narrativa** se constitui da discursividade acerca dos instrumentos líticos e dos lugares onde estes foram localizados. Neste enredo foram empregadas figuras de linguagem que, diante da expectativa de uniformização do dito, em larga medida decorrente de uma “tradição metodológica” que buscava a superação de ambigüidades nominativa para os vestígios arqueológicos, se institui também a linguagem técnica. Coisas referenciadas em espaços descritos segundo as mudanças climáticas, eis a urdidura do enredo que anuncia a pré-histórica da Tradição Itaparica. Após este primeiro plano de discursividade, as pessoas serão trazidas para esta pré-história a partir das ações decorrentes do que fora germinado pelas *coisas artefatuais* - as funções de significação ou a alma da narrativa. Se num primeiro nível, o amadurecimento destes germes se deu com a especificação da tipologia nomeada dos instrumentos, num segundo, algumas ações das pessoas que vivenciaram esta pré-história serão narradas, sendo demarcado o “modo de vida” ora a partir de explícitos, ora de implícitos, quando do emprego das coisas arqueológicas, no discurso de Pedro Ignácio Schmitz (1984, p. 8):

As pessoas em ação: caçar-coletar, comer, habitar e extrair pedras

A caça e a coleta...

<p>A economia é de um caçador e coletor generalizado, que explora principalmente nichos diversificados, onde num extremo está o cerrado, a caatinga, ou o campo, no outro extremo a mata e, no meio, várias formas vegetais transicionais, como o agreste ou o cerradão.</p>
--

[...]

<p>Para caçar os animais do cerrado ou do campo seria mais útil uma armadilha, um porrete, talvez bolas para a captura das emas, porém mais que tudo a esperteza e a força muscular do homem (SCHMITZ, 1984, p. 8).</p>

A habitação...

<p>Os assentamentos desse homem se dão em grutas ou abrigos calcários, areníticos ou quartzíticos, nos estados de Minas Gerais, Goiás, Pernambuco e Piauí; no alto das colinas em Goiás, Bahia e Pernambuco; à beira dos rios ou em colinas em São Paulo. Alguns destes sítios apresentam bastante permanência, como no sudoeste e centro de Goiás, porque os recursos eram abundantes, ao passo que a maior parte são de acampamentos temporários. Como nos locais geralmente estão reunidos recursos minerais, vegetais e animais, os nichos diversificados, é possível que a maior parte dos acampamentos seja de atividades múltiplas; com uma certa frequência aparecem sítios de apropriação e preparação de minerais, mas ainda não se tem notícia de sítios de matança (SCHMITZ, 1984, p. 8).</p>

A alimentação...

<p>O regime alimentar desse caçador generalizado pode ser estudado com bastante precisão nos abrigos do sudoeste de Goiás, onde os restos alimentares da fase Paranaíba, tradição Itaparica, são abundantes e bem conservados. Os animais caçados são das espécies mais variadas e de todos os tamanhos, desde cervos, veados, capivaras, macacos, tamanduás, tatus, tartarugas, lagartos, emas, todo tipo de aves e pequenos peixes; também se recolhiam os ovos das emas (SCHMITZ, 1984, p. 8).</p>

As pessoas, os caçadores e coletores da Tradição Itaparica, são apresentadas enquanto agentes sócio-culturais e ambientais neste segundo plano da **Primeira Narrativa**. As coisas e os lugares, outrora referidos no primeiro plano deste discurso narrativo, passam a ser “animados” pelas ações da caça, da habitação e da alimentação. O “estar no mundo”, na pré-história da Tradição Itaparica, o viver neste mundo, é assegurado e permitido na medida em que se “explora principalmente nichos diversificados” (SCHMITZ, 1984, p. 8). A ação de explorar, que pode ser entendida como procurar, descobrir, empreender e, em

certa medida, usufruir, está relacionada a sentidos perpassados pela ação humana, com ou sem o emprego das coisas. Neste sentido, ainda neste segundo plano narrativo, a força dos caçadores é demarcada diante da habilidade em manusear ou não as coisas, quando o arqueólogo narrador diz que “para caçar os animais do cerrado ou do campo seria mais útil uma armadilha, um porrete, talvez bolas para a captura das emas, porém *mais que tudo a esperteza e a força muscular do homem*”⁹⁹ (SCHMITZ, 1984, p. 8). As coisas usadas pelas pessoas nesta pré-história são revestidas de funções, mas no princípio destas materialidades, as matérias-primas eram necessárias mediante a ação de extração das mesmas. No entanto, antes que seja mencionada a extração das pedras, as coisas arqueológicas insurgem neste segundo plano narrativo instituídas de funções, e não apenas de caracterizações tipológicas. As coisas “ganham vida” na eficácia e dimensão das ações que lhes são impressas, na medida em que são instituídas de dinamicidade devido à funcionalidade. No quinto capítulo será ressaltado em maiores detalhes que na extensão do sentido do objeto, passível de ser transposto para as coisas arqueológicas, Roland Barthes identifica uma tensão entre a atividade funcional e a inatividade de significação. E, mesmo um objeto sendo percebido como um signo, é impossível não vê-lo funcionalmente. Neste segundo plano narrativo, instaura-se um contraponto, a saber, as *coisas em ação*, que se constituirá numa intermediação entre diferentes ações de “explorar o mundo”, uma, com o uso das coisas segundo suas funções, e outra, com ou sem o uso de coisas para extrair outras coisas em sua materialidade eminentemente natural. Neste (con)texto de diversidades de ações, Pedro Ignácio Schmitz funde e incrusta a sua voz na própria “terminologia da linguagem dos arqueólogos”, especificando algumas palavras que são empregadas segundo a tipologia e funcionalidade das coisas, conforme afirma:

Os artefatos mais importantes e mais freqüentes no contexto instrumental deste horizonte são unifaciais, isto é, têm uma face plana, não trabalhada, a outra convexa e transformada. Uma grande parte é feita de lâmina, lascadas por percussão e retocadas por percussão e pressão. Outras são feitas a partir de lascas. Serviam para as funções de cortar, furar, raspar, alisar, esmagar e quebrar. *Na terminologia dos arqueólogos*¹⁰⁰ aparecem como raspadores, furadores, facas, talhadores, machados, alisadores ou mós, discos, quebra cocos ou bigornas, bolas e percutores; entre os cinco últimos alguns são picoteados ou alisados, o que representa uma utilização muito antiga desta técnica de preparar artefatos de pedra (SCHMITZ, 1984, p. 9).

⁹⁹ Grifo meu.

¹⁰⁰ Grifo meu.

A extração...

A matéria prima desses artefatos e o local, onde a mesma é apanhada, estão ligados às disponibilidades locais. No sudoeste de Goiás, o quartzito ou arenito silicificado usado se encontra nas próprias paredes dos abrigos ou nos blocos desgarrados dos mesmos; nos sítios sobre colinas, a matéria prima provém dos seixos que recobrem o seu topo ou seus flancos e se origina na decomposição do arenito Furnas, no qual estavam encrustados como veios. Em outros lugares geralmente a matéria prima é selecionada entre os seixos transportados pelos rios (SCHMITZ, 1984, p. 10).

A proximidade do final desta narrativa acerca da pré-história dos “Caçadores e Coletores Antigos no Sudeste, Centro Oeste e Nordeste do Brasil (31.500 a 4.000 anos A.P)”, demarcada no “Começo do Holoceno: 12.000 anos a 8.500 anos A.P.”, irá aludir, em primeira instância, ao germe ou função inicial da narrativa, a saber, as coisas concebidas segundo uma tecnologia. Algumas funções se inscrevem na narrativa como verdadeiras articulações e não apenas na extensão de preenchimento do discurso (BARTHES, 2008, p. 33). Estas funções de carácter articulatório são consideradas funções cardinais ou núcleos, que na narrativa da Tradição Itaparica irão abrir o discursos para o desenvolvimento da (pré)história e ao mesmo tempo irão figurar na conclusão do período desta tradição. Numa segunda instância, o desdobramento narrativo como já foi explicitado, é resumido na referência à economia da caça e da coleta num meio ambiente em vias de ser explorado. Eis a síntese final que o narrador Pedro Ignácio Schmitz comunica ao leitor, recorrendo e afirmando de certo modo o teor imaginável que compete também às narrativas pré-históricas, na medida em que este arqueólogo diz:

A impressão geral do período é de amplos horizontes de tecnologias bastante homogêneas, baseadas na caça e coleta generalizada dentro de um ambiente diversificado, que permite a sobrevivência de bandos dispersos e altamente móveis, cuja vida os arqueólogos deverão reconstituir nas próximas décadas (SCHMITZ, 1984, p. 11).

No início destes enunciados a palavra que produz sentido é a “impressão” acerca do período pré-histórico narrado, em que é retomada a função cardinal das “tecnologias”, onde estão implícitas as coisas. De certo modo, o sentido desta palavra “impressão” pode estar relacionado à imaginação, enquanto imagens figuradas e aproximadas dos acontecimentos que efetivamente ocorreram no passado. Hayden White (2001, p. 115) esclarece que a imaginação não está relacionada necessária e diretamente ao irreal, visto que: “A distinção mais antiga

entre ficção e história, na qual a ficção é concebida como a representação do imaginável e a história como representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o *real* comparando-o ou equiparando-o ao *imaginável*".

Esta narrativa da Tradição Itaparica, no discurso do narrador/arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz, assim como outras enunciações textuais de sua autoria, irão alcançar a extensão da transdiscursividade tanto no campo científico da arqueologia brasileira quanto no de outros países, conforme será mencionado posteriormente. Nesta perspectiva, a narrativa "é alvo de uma comunicação: há um doador da narrativa, há um destinatário da narrativa" (BARTHES, 2008, p. 48). No campo científico da arqueologia, os arqueólogos se constituem tanto em doadores (emissores) quanto em destinatários (receptores). No que diz respeito ao código do narrador (doador ou emissor), a narrativa só conhece, segundo Roland Barthes, dois sistemas de signos: o pessoal e o apessoal. Este último é o modo tradicional da narrativa, na medida em que se elabora um sistema temporal que a afasta do presente. Reporto-me aqui ao início deste capítulo, quando considerei que a objetividade científica pudesse imprimir um "tom discursivo" pouco subjetivo nas narrativas arqueológicas entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1980. Conforme pode ser observado neste sentido, há uma infinidade de marcas temporais que afastam o narrador Pedro Ignácio Schmitz do presente, em que a cronologia e a composição dos dados ambientais e culturais da pré-história assumem a supremacia narrativa e se tornam totalmente distanciados do presente e da subjetividade daquele que fala.

4.5 CONTROVÉRSIAS E CONCORDÂNCIAS: OS (DES)ENCONTROS DISCURSIVOS

No segundo capítulo fiz alusão a inclusões de novos enunciados de Pedro Ignácio Schmitz na discursividade da Tradição Itaparica, a saber, a alimentação no que diz respeito à caça generalizada; no entanto, este novo elemento não se constituía propriamente em polêmica velada ou discordância frente aos discursos de Valentin Calderón e Armand Laroche, e sim numa especificação de animais caçados que fora incorporada à narrativa desta tradição no marco da intertextualidade entre o final dos anos 1960 ao início dos anos 1980. Posteriormente, entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990, alguns discursos no campo científico da arqueologia brasileira, acerca da Tradição Itaparica, serão marcados por diferentes pontos de vista entre alguns de seus agentes (HURT, 1989; ROCHA, 1990;

PROUS, 1992). Estes confrontos discursivos, manifestados por controvérsias, permitem que os oponentes explicitem outros modos de pensar (LATOURET, 2000). Haveria noções ou temáticas priorizadas sobre as quais teriam recaído as críticas, marcadas pela controvérsia, no que diz respeito à materialidade discursiva da Tradição Itaparica? Quais as ressonâncias destes posicionamentos controversos na afirmação e reconhecimento identitário-denominativo desta tradição cultural arqueológica no campo científico da arqueologia brasileira? Wesley Hurt e Jacionira Silva Rocha iniciam seus discursos considerando a inadequação da descrição, tanto no que diz respeito ao significado original de tradição, enquanto unidade de classificação, quanto dos instrumentos líticos e da noção de tradição empregada aos sítios arqueológicos designados como Tradição Itaparica.

Por um lado, Hurt (1989) se refere a considerações que Willey e Phillips fizeram a respeito do uso original da palavra tradição, quando arqueólogos peruanos caracterizaram estilos cerâmicos que se espalharam rapidamente sobre uma ampla área, ao mesmo tempo contrastando com um horizonte que ficara restrito a um pequeno espaço e que permaneceu por um longo período. No entanto, Wesley Hurt se refere a uma noção mais fluida de tradição, na medida em que não se atêm a uma demarcação fixa, em termos de temporalidade nem tampouco de especificidades, que possam assinalar as diferenças singulares entre uma tradição e outra numa mesma região. Em vista disso, esse arqueólogo propõe que “The Itaparica Tradition will be define on the of the commonan cultural traits of the fases and sites that have already been assigned to this classificatory unit and the differences from other related traditions in Brasil will be considered” (HURT, 1989, p. 55). Neste sentido, os traços culturais elencados em termos de fases e os sítios propriamente quando contrastados, permitirão a identificação da tradição. Diante destas observações, Wesley Hurt não sustenta sua objeção inicial, na medida em que ele busca, a partir desta “fluidez” do conceito de tradição apreender os sítios da Tradição Itaparica no território brasileiro. Por outro lado, Rocha (1990) aponta, sobretudo, uma precipitação mediante a utilização das noções de tradição e fases logo no início das pesquisas, quando os sítios eram pouco conhecidos. A Tradição Itaparica denominada por Valentin Calderón é incluída neste tipo de crítica metodológico-conceitual, devido à “ausência de uma descrição completa dos artefatos líticos” (ROCHA, 1990, p. 249). De acordo com esta arqueóloga, isto dificultou a co-relação dos instrumentos líticos da Tradição Itaparica com as fases definidas para o Planalto Central goiano, visto a Tradição Itaparica ter sido identificada apenas com a fase Paranaíba, enquanto que instrumentos líticos semelhantes à fase Serranópolis também terem sido encontrados, na área de Itaparica, junto aos que se assemelham à fase Paranaíba. De

certa maneira, estes “limites ou horizontes” esboçados a partir dos artefatos não deveriam ser dimensionados apenas no que compete às delimitações por demais segregadoras em fases de uma tradição, e sim enquanto elementos que tiveram a continuidade ou ruptura tecno-tipológica assegurada ou dispensada por razões que podem estar relacionadas à eficácia de utilização, à confecção tecnológica, a disponibilidade de matéria prima e outros. Rocha (1990) aponta ainda um equívoco interpretativo quando da associação da Tradição Itaparica aos raspadores do tipo lesma, aos carenados e aos frontais alongados, na medida em que outros instrumentos não foram incluídos quando da caracterização desta tradição. Faz-se necessário considerar que a identificação de um fóssil-diretor, longe de se constituir numa homogeneização identificadora por um artefato emblemático no horizonte de uma tradição, pode emergir em meio às reconhecidas diferenças e variedades do conjunto artefactual. Deste modo, passa a se constituir num signo metonímico diante da diversidade das “coisas culturais arqueológicas” tendo em vista a perspectiva da visão-concepção do todo de uma cultura. O problema não é, propriamente, a referência a um fóssil-diretor, mas à exclusão na materialidade textual de outros instrumentos e, deste modo, o narrador/arqueólogo poderia estar sujeito a contribuir para a negação da diversidade da cultura material em detrimento da supremacia de uma suposta uniformidade identitária recorrente em apenas algum “tipo” de objeto.

As controvérsias acerca da Tradição Itaparica, de um modo geral, emergiram ao se apontar uma atitude precipitada quando da definição de uma tradição cultural arqueológica diante do pouco conhecimento que se tinha das áreas onde se procederam às primeiras comparações, o sertão nordestino e o Brasil central. Neste sentido, a voz de Jacionira Silva Rocha, demarcava a necessidade de uma maior acuidade investigativa no que dizia respeito aos sítios e conseqüentemente a cultura material. Além do mais, ao se considerar os raspadores unifaciais, enquanto fósseis-guias, de acordo com as áreas de ocorrência, poder-se-ia ampliar demasiadamente a extensão desta tradição, conforme escreve André Prous (1992, p. 168):

A qual P. I. Schmitz propôs integrar todas as indústrias líticas com raspadores e técnica de retoque unifacial. Como esta definição poderia ser aplicada a quase todas as ocorrências conhecidas nesta ampla zona e até no estado de São Paulo, acreditamos que esta “tradição Itaparica” não tem valor classificatório.

De qual modo a progressão de controvérsias pode ser difundida no âmbito do campo científico, demarcando a temática a que se reporta? Uma das ações que compete à escritura

de textos diz respeito a referências a outros textos e, deste modo, “podemos mapear o modo como as ações de um são apoiadas ou não por outros” (LATOURE, 2000, p. 68). Dentre as publicações marcadas por controvérsias acerca da Tradição Itaparica, apenas Jacionira Silva Rocha faz alusão aos escritos de Wesley Hurt, não aludindo à reflexão inicial que este arqueólogo faz a respeito do “significado original” de tradição, mas apontando a caracterização da Tradição Itaparica em diferentes áreas do território brasileiro, a partir de uma “falha de interpretação pela falta de informações suficientes” (ROCHA, 1990, p. 251).

Estas controvérsias, ao apontarem para insuficiências de dados e de descrições que pudessem elucidar a cultura material dos sítios arqueológicos denominados pelo termo Tradição Itaparica, contribuía para negá-la, num breve momento e sob alguns aspectos, como um “fato científico”. No segundo capítulo, a decorrência discursiva do “nome de autor” foi co-relacionada à noção de “geração de textos” concebida por Bruno Latour. De acordo com esta perspectiva, as afirmações textuais não se tornam fato ou ficção por si próprias, mas na medida em que as enunciações posteriores possam referir-se a elas. Este “porvir textual” é assegurado pela geração dos textos seguintes que irão proporcionar a sobrevivência e a transformação de uma afirmação em um fato (LATOURE, 2000). Apesar destas vozes discordantes terem se pronunciado acerca da Tradição Itaparica, em menor medida, frente à discursividade de Calderón e, em maior medida, ao discurso narrativo de Pedro Ignacio Schmitz, a geração de alguns textos seguintes (FOGAÇA, 2001; 2003; 2006; LORDEAU, 2006; FOGAÇA; LORDEAU, 2007; BUENO, 2007) se refere ao signo-linguístico denominativo Tradição Itaparica ou especificamente aos instrumentos plano-convexos. A lesma, nestes textos decorrentes, foi posta ainda em evidência como signo metafórico e metonímico - linguagem figurada empregada primeiramente por Pedro Ignacio Schmitz e que confere um dos principais sentidos na afirmação e repercussão desta narrativa pré-histórica Tradição Itaparica. Nesta mais recente geração de textos, são observadas revisões predominantemente dos aspectos tecnológicos da cultura material da Tradição Itaparica, afirmada e reconhecida, no campo científico da arqueologia brasileira.

5 GESTOS E COISAS CRIADAS: O SISTEMA SEMIÓTICO DO ARTEFATO LASCADO

“Matisse, instalado num tempo e numa visão do homem, olhou o conjunto aberto de sua tela começada e levou o pincel para o traçado que o chamava, para que o quadro fosse afinal o que estava em vias de se tornar. Resolveu com um gesto simples o problema que mais tarde parece implicar um número infinito de dados, como, segundo Bergson, a mão na limalha de ferro obtém de uma só vez o arranjo complicado que o sucederá”.
(Maurice Merleau-Ponty. *O Olho e o Espírito*. 2004).

As coisas extraídas das pedras, em sua resistência material, são suscetíveis a revisões, releituras, novas descrições e re-interpretações na amplitude dos discursos arqueológicos. A permanência da materialidade das coisas arqueológicas está assegurada em larga medida pelas coleções que se apresentam ao arqueólogo como pré-textos, também constituídos na dimensão semiológica dos sistemas de objetos e, quando do registro escrito, pelos memoriais de escavações com diferentes teores documentais. Novos discursos sobre velhas coisas colecionadas¹⁰¹! A inovação das nomeações não se detém apenas à cultura material enquanto objetos situados nas práticas do uso e na dimensão de sentidos por aqueles que os conceberam - os novos nomes se instauram na prática e no discurso arqueológico resguardados ainda aos próprios objetos e procedimentos do conhecimento. As especificidades terminológicas na ciência arqueológica quando das análises dos artefatos líticos considerados como pertencentes à Tradição Itaparica, ou apenas segundo a constatação de familiaridade com os instrumentos desta tradição - seja diante da afirmação ou da crítica aos estudos tipológicos - foram motivos de constantes recomendações quanto à busca de uniformidades nominativas, mesmo para aqueles que emergiam sob o signo das novas palavras (CALDERÓN, 1983; FOGAÇA, 2001). No âmago de outras e novas práticas discursivas reside a expectativa de renovação terminológica no âmbito de cada disciplina científica¹⁰². Numa perspectiva mais ampla, que abarca o próprio pensamento científico, Kristeva (2001, p. 43) afirma: “Sabe-se que toda renovação do pensamento científico se faz

¹⁰¹ No capítulo 6, algumas das coleções arqueológicas da Tradição Itaparica serão dimensionadas nas narrativas museológicas acerca desta tradição, a partir dos objetos conceitualmente selecionados, direta ou indiretamente, pelos arqueólogos.

¹⁰² Na medida em que a ciência continuamente ganha novos conceitos, a cada conceito científico deveria ser atribuída uma nova palavra. A física, a química e a biologia, ciências classificatórias, foram aquelas que se depararam com os mais difíceis problemas relacionados à terminologia (PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005).

através de uma renovação da terminologia: não há invenção propriamente dita quando aparece um termo novo (seja o oxigênio ou o cálculo infinitesimal)”.¹⁰³

Nos primórdios das pesquisas pré-históricas acerca de instrumentos de pedra lascada, o *stock* de palavras era bastante limitado e estava circunscrito aos termos empregados por geólogos e a expressões utilizadas por antiquários, num período que compreende os anos de 1585 a 1752, notadamente nas pesquisas de Mercati e Stobée respectivamente. A ampliação do vocabulário ocorreu especialmente com o emprego de novas palavras nos primeiros escritos de Bourcher de Perthes, nos anos de 1847. No entanto, “novas palavras” não significam expressões genuínas propriamente, visto que os novos termos estão mais diretamente relacionados ao emprego que os pré-historiadores possam fazer a partir do empréstimo de palavras no *stock* de uma língua. Deste modo, a transferência, derivação ou composição, empréstimo e a criação de termos convencionais se instituem quando da elaboração da terminologia da indústria lítica no discurso arqueológico (BRÉZILLON, 1977). No entanto, a renovação terminológica, na arqueologia, não diz respeito apenas à nomeação dos objetos da cultura material, se observa também nos termos empregados aos procedimentos técnico-metodológicos nesta disciplina científica que se inscrevem na ordem da discursividade. Na prática discursiva arqueológica quando dos estudos sobre a Tradição Itaparica, a *cadeia operatória* (que literalmente significa sequência) irrompe como uma nova expressão na ordem dos discursos acerca das análises de indústrias líticas, promovendo uma ruptura com os estudos centrados na tipologia dos objetos. Antes de ser cunhado o termo *cadeia operatória*, esse modo de conceber as coisas já tinha sido observado diferentemente das análises centradas meramente nos artefatos acabados. O teor descritivo que se observava nas evidências das formas e nas funções dos instrumentos líticos, lhes conferindo uma leitura centrada no objeto final, foi deslocado para uma leitura em que o reconhecimento dos objetos se fazia desde a seleção da matéria prima até a sua conversão em produto cultural e, neste ponto, se afirma o conceito fundamental de cadeia operatória. O teor interpretativo que demarca novas concepções técnico-metodológicas e posteriormente novas terminologias para “dizer” algo sobre os mesmos instrumentos reside, a princípio, na leitura do objeto enquanto produto final ou seqüencial de confecção. Uma das primeiras abordagens neste sentido ocorreu no século XIX, quando um antiquário francês, François Jouannet, encontrou alguns machados, uns perfeitamente polidos e outros lascados, e interpretou que estes últimos eram formas inacabadas dos primeiros. No entanto,

¹⁰³ Tradução minha.

Casimir Picard, se apoiando em dados estatísticos e morfológicos, contestou esta interpretação, ao afirmar que os machados lascados eram os produtos ou instrumentos finais (SCHLANGER, 2007). O alcance de interpretatividade se inscreve ainda no redimensionamento da ação humana quando da leitura do objeto, em que os gestos, as habilidades, os comportamentos são inter-relacionados à própria materialidade dos instrumentos enquanto produto cultural.

André Leroi-Gourhan foi quem concebeu o conceito de cadeia operatória (PROUS, 1996b) e quem primeiro estabeleceu uma analogia entre as regras generativas e o princípio linear da linguagem e da manufatura de instrumentos; estas correlações se constituíram na base da técnica da *chaîne opératoire* (PREUCEL, 2006). A noção de cadeia operatória se instituiu no paralelo entre a técnica e a linguagem, ambas desenvolvidas mediante elaborações que se operam em cadeia numa sintaxe que tem seus fundamentos a partir da memória, conforme afirma Leroi-Gourhan (1990, p. 117):

A técnica é simultaneamente gesto ou utensílio, organizados em cadeia por uma verdadeira sintaxe que dá às séries operatórias sua fixidez e subtileza. A sintaxe operatória é proposta pela memória e tem origem entre o cérebro e o meio material. Se seguirmos o mesmo paralelo para a linguagem verifica-se que está presente o mesmo.

5.1 A AÇÃO E O ARTEFATO LASCADO

A semiologia ou semiótica¹⁰⁴ teve como precursor o genebriano Ferdinand de Saussure que previa que a lingüística se tornaria uma das especificidades de uma ciência mais geral - a dos signos (SAUSSURE, 1974). A semiótica moderna inicialmente se desenvolveu a partir de duas trajetórias distintas, a saber, a “lingüística”, devido aos estudos de Ferdinand Saussure, e a “filosófica”, decorrente dos escritos do filósofo americano Charles Sanders Peirce. Algumas diferenciações acerca da constituição propriamente do signo estão bem demarcadas nestas duas abordagens, segundo algumas das considerações de Preucel e Bauer (2001) que se seguem. Na concepção semiológica de Ferdinand de

¹⁰⁴ O termo semiótica foi proposto em substituição à semiologia não-médica, tendo em vista se evitar confusão entre semiologia lingüística e semiologia médica (BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001). O emprego moderno do termo semiótica se deve a Charles Sanders Peirce (KRISTEVA, Julia. **Semiótica 1**. Madrid: Espiral/Ensayo, 2001).

Saussure, o signo se apresenta segundo uma relação diádica (significante - significado), enquanto para a semiótica de Charles Sanders Peirce o signo é reconhecido devido a uma relação triádica (signo - objeto - interpretante). De acordo com a perspectiva semiológica, o signo é arbitrário¹⁰⁵, diferentemente da abordagem semiótica em que o signo (ícone e índice)¹⁰⁶ não estabelece relação arbitrária com o seu referente. Por último, a semiologia propõe que as relações lingüísticas determinam a existência do objeto, enquanto que a semiótica considera que os signos pressupõem uma existência prévia.

Em várias áreas do conhecimento (teoria da informação, lingüística estrutural, lógica formal e antropologia) o projeto da ciência ou doutrina do signo alcançou relevância. A semiótica emerge com maior ênfase na literatura e nos estudos culturais nos anos 1970 e 1980, influenciados pelos trabalhos de Roland Barthes e Claude Lévi-Strauss publicados alguns anos antes. A abordagem da semiologia na arqueologia se faz perceber inicialmente a partir de estudos realizados nos anos 1960, em que o modelo lingüístico fora aplicado a dados arqueológicos. Os primeiros arqueólogos a adotarem esta perspectiva foram André Leroi-Gourhan, conforme mencionado anteriormente, Annette Laming-Emperaire, na França, e James Deetz, nos Estados Unidos da América (PREUCEL; BAUER, 2001; PREUCEL, 2006). No marco desta expansão multidisciplinar, ampliou-se o sentido que se pudesse dar apenas aos sons articulados, no campo da lingüística, pois a semiologia passa a se expandir em direção aos sentidos que os homens dão às coisas. Se por um lado, os estudos que envolvem *coisas e linguagem* enfatizam que é quase impossível conceber um sistema de imagens ou objetos, em que seus significados possam existir fora do âmbito da linguagem (BARTHES, 2001; BARTHES, 2007); e deste modo, atribui-se à linguagem o artifício semiótico mais poderoso. Por outro lado, de que maneira considerar os signos referentes às coisas, quando as palavras estão intrinsecamente ligadas a *gestos indiciais* e os objetos são ostentados em sua função sígnica (ECO, 2005)? Eis uma das especificidades dos instrumentos lascados quando submetidos a uma análise semiótica. Eles são signos quando das nomeações entre aqueles que os conceberam e no discurso arqueológico, e ao mesmo tempo são signos usados para indicar o modo como as coisas foram feitas a partir dos gestos indiciais. Nas perspectivas dos programas da semiologia lingüística de Saussure e da

¹⁰⁵ Saussure afirma que a união entre o significante e o significado é arbitrária, e recorre a um exemplo em que a idéia de “mar” (significado) não está vinculada a qualquer relação interior a sequência de sons m-a-r (significante) (SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1974).

¹⁰⁶ Peirce (2005) parte da premissa de que o signo representa alguma coisa para alguém, e que a coisa representada é o seu Objeto. O ícone e o índice, diferentemente da relação arbitrária, são signos que se referem ao Objeto por semelhança ou por serem real e fisicamente afetados por ele, respectivamente.

semiótica de Peirce¹⁰⁷, inscrevo a análise de um sistema de significação: *o artefato lascado* (especificamente a lesma) que, no discurso arqueológico acerca da Tradição Itaparica, é uma das categorias referenciais de análise ou signo-objeto de maior relevância quando da identificação desta tradição cultural. Estes marcos teóricos não se constituem propriamente em antagonismos extremados, pois “many scholar are exploring the complementary aspects of Piercean and Saussurean approaches and suggesting that the weaknesses of the one are offset by strengths of the other” (PREUCCEL, 2006, p. 67).

Na amplitude dos estudos acerca da cultura, os artefatos lascados podem ser estudados enquanto coisas que comunicam na medida em que estão embasadas em sistemas de significação (ECO, 2005). E de quais maneiras as pedras podem comunicar e significar? Recorro a um exemplo hipotético apresentado por Umberto Eco, mas que de algum modo projeta memórias tênues de ações longínquas de um passado pré-histórico: era uma vez um ser pensante que tentava quebrar uma noz; este ser ao usar uma pedra (independente de tê-la usado tal qual como era ou a transformado) e ao estabelecer a função de quebrar a noz produziu um fenômeno cultural; em seguida este ser pensante denominou a pedra como “pedra que serve para alguma coisa” (independente de ter articulado sons em voz alta e na presença de outros seres pensantes); diante deste acontecimento, o ser pensante tornou-se capaz de reconhecer a mesma pedra ou uma pedra ‘igual’ que atende à *determinada função* e que tem um *certo nome*. Ao estabelecer estas relações, o ser pensante elaborou um comportamento semiótico. A denominação da pedra e o reconhecimento da sua função concorreram para o estabelecimento de um sistema de significação, no entanto ainda não estava presente a comunicação. A partir do momento que este ser pensante utilizou a pedra pela primeira vez e teve a intenção de transmitir esta informação, ao elaborar uma relação significativa entre objeto e função, se instituiu a comunicação envolvendo remetente e destinatário.

O *corpus* de análise do sistema semiótico do artefato lascado é constituído por descrições textuais e representações gráficas, especificamente em trabalhos do arqueólogo Emílio Fogaça, ao analisar alguns instrumentos da Tradição Itaparica segundo os procedimentos da cadeia operatória. Neste registro de discursividade arqueológica, ao serem

¹⁰⁷ Embora haja uma distinção terminológica entre a semiologia (linha linguístico-saussureana) e semiótica (linha filosófico-peirceana), conforme referido anteriormente, Umberto Eco, no livro intitulado *Tratado Geral de Semiótica* prefere adotar o termo semiótica como equivalente à semiologia. Uma das argumentações para tal opção reside em este autor considerar que é “arriscado jogar com uma distinção terminológica que não conserva um sentido único nos vários autores que a empregam” (ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 1). Ao adotar a expressão “sistema semiótico do artefato lascado” estarei considerando também a abordagem semiológica.

comparados ou equacionados dois objetos semióticos: uma construção lingüística e um ato perceptivo (dos instrumentos ao serem analisados) instauram um ato metalingüístico, conforme observa Eco (2005, p. 148), na medida em que se “associa uma construção lingüística com uma construção perceptiva semiotizada, isto é, comparando e equiparando significantes pertencentes a códigos diversos”. O sistema do artefato lascado será considerado na condição perceptiva de *coisas em criação*, coisas em produção, no *plano da ação*, e não constituído apenas por objetos reconhecidamente descritos segundo uma tipologia, no plano de objetos finalizados, acabados e definitivamente prontos. A perspectiva da ação em curso, empreendida na confecção de artefatos não está circunscrita apenas às interferências empreendidas nos próprios objetos, redimensiona o modo em que os agentes humanos se apresentam no mundo em que habitam e os modos pelos quais se reconhecem, conforme escreve Arendt (2005, p. 103):

Com a palavra e a ação adentramos no mundo humano e tal inserção é como um segundo nascimento, em que confirmamos e assumimos o fato nu de nossa aparência física original [...] Mas somente a ação e o discurso estão especificamente conectados com o fato de que viver sempre significa viver entre os homens, viver entre os que são meus iguais.¹⁰⁸

Os homens e as mulheres pré-históricos se inseriram no mundo da Tradição Itaparica a partir da ação e das palavras. Embora, conforme referido no segundo capítulo, um mundo destituído de sonoridade na contemporaneidade, onde escapa o “dito” e permanece o “feito” nas coisas criadas. No entanto, o mundo desta tradição cultural, na prática discursiva arqueológica, é remediado da ausência de palavras. As ações gestuais que deram forma às coisas criadas e que, no presente, se privam de pronunciamentos, são emolduradas nos ditos do arqueólogo e deste modo, se apresenta o “mundo arqueológico” da Tradição Itaparica! Embora estes sistemas semióticos, da língua e do objeto, possam ser reservados aos seus próprios termos de expressão, eles se perpassam na medida em que os arqueólogos, quando das suas análises e interpretações, nomeiam os objetos, os instituindo de significados e os reconduzindo ao plano da linguagem (núcleo, lasca, lesma - para citar exemplos). A linguagem se institui na dimensão dos objetos pretéritos, uma vez que estes, assim como as imagens e os comportamentos são passíveis de significar, mas nunca o são de maneira autônoma, visto que: “Qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem. [...] Perceber

¹⁰⁸ Tradução minha.

o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão a linguagem” (BARTHES, 2007, p. 12).

Os artefatos lascados quando das suas inserções nas sociedades pré-históricas eram signos constituídos por significantes e significados. Embora as pessoas que tenham instituído os sentidos tenham desaparecido, e as coisas tenham permanecido em desuso nas práticas sócio-culturais, os objetos-signo continuam participando de uma cadeia que os ligam a outros signos. No discurso arqueológico estes signos de algum modo são “ressuscitados” da inércia dos que jazem sob a terra. Independente de estarem inscritos em processos de curta ou longa duração - inclusive a partir de cronologias demarcadas pelos arqueólogos - os signos não se constituem em unidades estagnadas, são reconduzidos uns aos outros. Ao explicitar esta rede infinita com tendência a circularidade, Deleuze e Guattari aludem a reflexões de Claude Lévi-Strauss (*apud* DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 63):

O enunciado sobrevive a seu objeto: o nome, a seu dono. Seja passando para outros signos, seja posto em reserva por um certo tempo, o signo sobrevive a seu estado de coisas como a seu significado, salta como um animal ou como um morto para retomar seu lugar na cadeia e investir um novo estado, um novo significado do qual é extraído mais uma vez.

Há duas categorias relevantes relacionadas ao significado da “vida social” dos objetos que de certo modo imprimem particularidades operacionais à análise semiótica, a saber: objetos em uso e objetos em desuso. Embora os signos-objeto indefinidamente participem de uma rede de transmissão de signos a outros signos, inclusive em diferentes estados de significação, as coisas pré-históricas quando das análises arqueológicas não são “reanimadas” em códigos culturais em sociedades que as re-insiram mediante o desempenho ativo de suas funções¹⁰⁹. Os artefatos lascados da Tradição Itaparica que serão submetidos a uma análise semiótica pertencem a coleções arqueológicas com funções primordiais bem distintas na comunidade de estudiosos: servem numa primeira instância para serem exibidos e/ou analisados. Muito embora decorram estudos que busquem esclarecer a funcionalidade e o significado destes objetos, quando da sua “vida ativa” em tempos pretéritos, eles não são analisados no “presente semiológico” durante a plenitude de seu uso na vida social onde foram criados. E mais uma vez retorna-se à potencialidade da linguagem no discurso

¹⁰⁹ Os objetos fazem parte de sistemas semiológicos que geralmente são definidos pelo seu uso, pela sua utilidade ou função e neste aspecto, reside a significação. Os signos com tais origens utilitárias são denominados função-signo, em que o sentido é atingido pela função (BARTHES, 2001; BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2007).

arqueológico que transporta os objetos-signo no tempo, possibilitando uma análise semiótica tal qual os objetos que alcançam o estatuto de sistemas na sociedade contemporânea, de acordo com a exemplificação de Roland Barthes (2007, p. 12): “Quanto aos conjuntos de objetos (vestuário, alimentos), estes só alcançam o estatuto de sistemas quando passam pela mediação da língua, que lhes recorta os significantes (sob a forma de nomenclatura) e lhes denomina os significados (sob a forma de usos ou razões)”.

5.2 O ARTEFATO LASCADO DESCRITO: OS EIXOS SINTAGMÁTICO E PARADIGMÁTICO

As perguntas-chave para orientar a delimitação do sistema semiótico do artefato lascado buscam equacionar como as coisas foram criadas e com quais intenções. Em decorrência destas indagações, se somam outras, tais como: de que maneira se constrói os sentidos no plano da criação das coisas arqueológicas quando das análises tecnológicas? O que significam os gestos que extraíram e demarcaram as coisas na resistência das pedras? É necessário esclarecer que significar não é o mesmo que comunicar, conforme dito anteriormente. Significar não diz respeito apenas à veiculação de informações pelos objetos, na dimensão da comunicação, mas que eles se “constituem também em sistemas estruturados de signos, isto é, sistemas estruturados de diferenças, oposições e contrastes” (BARTHES, 2001, p. 206). As análises tipológicas dos instrumentos líticos estavam voltadas para *categorias de instrumentos*, enquanto que a reconstrução dos processos técnicos, segundo a análise da cadeia operatória, permite a explicação da *variabilidade dos instrumentos* (FOGAÇA, 2003) vislumbrados a partir de seqüências estruturadas e constituintes de um sistema semiótico, nos eixos de linguagem da combinação sintagmática e da associação/substituição paradigmática.

Relações, eis a base do estado da língua (SAUSSURE, 1974). Relações, eis a base das cadeias operatórias em gestos inscritos nos objetos! A partir destes pressupostos, tanto na língua, quanto no sistema semiótico de objetos (artefato lascado), se estabelece ainda o caráter linear¹¹⁰ para ambos, em que não se pode pronunciar mais de uma palavra nem executar mais de um gesto ao mesmo tempo, mas num alinhamento um após o outro, em

¹¹⁰ Veja Saussure (1974) quando o autor se refere a este aspecto no plano da linguística.

cadeia. A proximidade dos signos na comunicação é demarcada pela contigüidade espaço-temporal autêntica, na medida em que existe o elemento dado e ao mesmo tempo outro ainda, e assim sucessivamente (VOLLI, 2007). Estas combinações se constituem nos sintagmas, compostos por uma ou mais unidades consecutivas, onde no estado da língua um termo só adquire seu valor mediante uma oposição ao que o precede ou o segue (SAUSSURE, 1974); do mesmo modo os gestos de lascamento e os gestos técnicos se dispõem em combinações análogas às relações sintagmáticas observadas na língua, na medida em que, de acordo com Fogaça (2003), é possível se diferenciar as seqüências de gestos técnicos em alguns suportes lascados. Além do encadeamento sintagmático em cada um destes sistemas, “o sentido só pode nascer de uma articulação, isto é, de uma divisão simultânea do ‘lençol’ significante e da massa significada” (BARTHES, 2007, p. 68). Os objetos-signo, deste modo, em sua variabilidade são reconhecidos mediante articulações entre as suas expressões individuais. O sistema dos artefatos segundo a cadeia operatória, no eixo sintagmático, não se esgota na análise de um único objeto enquanto gestos descritos seqüencialmente na concepção de um instrumento, mas também nas combinações entre objetos diversos. Ao apresentar a proposta de um estudo tecnológico acerca de instrumentos líticos lascados no abrigo Iapa do Boquete, Minas Gerais, Fogaça (2003, p. 10)¹¹¹ indaga:

Com base no reconhecimento das relações entre núcleos, lascas e instrumentos - articulados¹¹² pela reconstrução das etapas seqüenciais que permitem identificar os métodos de lascamento, e as cadeias operatórias -, podemos postular que a variabilidade morfológica que percebemos no conjunto de instrumentos é resultado de projetos preexistentes, objetivos que guiaram o trabalho dos artesãos?

As relações sintagmáticas, de acordo com Ferdinand de Saussure estão presentes efetivamente no discurso, *in praesentia*. Enquanto, fora do discurso, se estabelecem diferentemente as relações associativas, paradigmáticas¹¹³ ou o plano sistemático¹¹⁴ que se apresentam apenas no nível mental recorrente na memória, no repertório da língua de cada indivíduo (*stock* mnemônico). Deste modo, os termos¹¹⁵ estão associados *in absentia*, “numa série mnemônica virtual” (SAUSSURE, 1974, p. 143). Ao contrário do sintagma que se estende numa sucessão e num número determinado de elementos, a associação se

¹¹¹ Segundo este autor, estes instrumentos podem estar relacionados a sítios do Planalto Central Brasileiro.

¹¹² Grifo meu.

¹¹³ Saussure (1974) não as denominou com este termo, mas apenas de *relações associativas*.

¹¹⁴ Termo empregado por Barthes (2007).

¹¹⁵ Roland Barthes esclarece que Saussure empregava “termo” ao invés de “palavra”, por considerar que deste modo se aproximava da noção de sistema (BARTHES, *op. cit.*).

apresenta num número indefinido e indeterminado (SAUSSURE, 1974). As relações sintagmáticas e paradigmáticas foram primeiramente observadas na linguagem articulada, nos domínios da língua e da fala, no entanto, podem se manifestar “em outros sistemas de significação que não a linguagem” (BARTHES, 2007, p. 66). No sistema semiológico do artefato lascado, o instrumento lesma, o fóssil-guia da Tradição Itaparica, se encontra no plano paradigmático em diferentes associações entre objetos-signo tais como: instrumentos plano-convexos, raspadores terminais e raspadeiras. Estas associações não estão circunscritas apenas a relações de sucessão segundo unidades determinadas e ainda, são palavras que provêm da fonte do *stock* mnemônico, que mantêm algo comum entre si. Embora eu tenha recorrido a este exemplo, a análise semiológica do artefato lascado, antes de alcançar maior abrangência, requer uma delimitação metodológica.

Tendo em vista estabelecer o alcance da pesquisa semiótica, faz-se necessário reconhecer inicialmente o objetivo a que se propõe, a saber, reconstituir sistemas de significação que não propriamente os da língua. Nestes termos, se busca construir um simulacro dos objetos em que estes são conduzidos a signos que não são passíveis de serem trocados pelo real, mas que se trocam em si mesmo (BARTHES, 2007; BAUDRILLARD, 1991). De acordo com a metodologia da pesquisa semiológica dos objetos apresentada por Barthes (2007), há alguns princípios e procedimentos que precisam ser adotados para se alcançar o objetivo apontado acima. Logo no início da pesquisa é necessário reconhecer um princípio limitativo, em que os fatos são descritos sob um único ponto de vista, e, mais especificamente, apenas os traços que digam respeito a este ponto de vista, sendo excluídos todos os demais que não sejam pertinentes (neste sentido estes traços descritos são denominados pertinentes). Na medida em que estes fatos são observados no interior do sistema, o princípio de pertinência instala uma situação de imanência para o analista. No entanto, devido ao desconhecimento dos limites do sistema analisado, a imanência terá por objeto um conjunto de fatos definidos previamente pelo pesquisador, a saber, o *corpus* - constituído pela coleção finita de materiais segundo uma homogeneidade de substância¹¹⁶, embora determinada arbitrariamente, com a qual o pesquisador irá trabalhar. Observadas estas condições, finalmente inscreve-se a dimensão temporal respeitando ainda uma homogeneidade, em que a abrangência do sistema deve se ater aos fatos sincrônicos, vindo a serem excluídos preferencialmente os elementos diacrônicos.

¹¹⁶ Barthes (2007) dá o exemplo do linguista que só trata da substância fônica, diferentemente do cinema, onde operam substâncias misturadas tais como a imagem, a música e a fala.

A partir destas considerações acerca dos procedimentos quando da análise semiótica dos objetos, o sistema do artefato lascado circunscrito à Tradição Itaparica será analisado em sua disposição segundo os eixos sintagmático e paradigmático, sob o ponto de vista das descrições dos *gestos de lascamento* pertinentes à cadeia operatória de produção dos artefatos. O *corpus* de documentos deste sistema, conforme referido anteriormente, é constituído pelas descrições dos artefatos lascados em três textos científicos escritos por Emílio Fogaça (um deles em co-autoria com Antoine Lourdeau), a saber: *Mãos para o pensamento; Instrumentos líticos unifaciais na transição Pleistoceno-Holoceno no Planalto Central do Brasil: individualidade e especificidades dos objetos técnicos* e *Uma abordagem técnico-funcional e evolutiva dos instrumentos plano-convexos (lesmas) da transição pleistoceno/holoceno no Brasil Central*, publicados respectivamente em 2001, 2003 e 2007. De acordo com a abordagem do terceiro capítulo, nos textos científicos também se instaura o dialogismo, afirmado na intertextualidade e, sendo assim, alguns outros textos serão mencionados na medida em que estejam relacionados ao *corpus* de documentos delimitado acima. No que concerne às substâncias envolvidas nos documentos textuais arqueológicos, é bastante observado o recurso do desenho e da fotografia na representação dos instrumentos lascados. No entanto isto não compromete a homogeneidade, uma vez que as substâncias possam ser articuladas sistematicamente (BARTHES, 2007).

Reside ainda um caráter de homogeneidade relativo aos próprios elementos da cultura material no sistema semiótico do artefato lascado no marco da Tradição Itaparica: as *lesmas*. Estes instrumentos inclusive são os mais recorrentes nos estudos das cadeias operatórias em sítios arqueológicos brasileiros (FOGAÇA 2001; 2003; FOGAÇA; LOURDEAU, 2007; BUENO, 2007a; 2007b). Na tentativa de explicitar o porquê desta homogeneidade, Bueno (2007a) faz alusão a um modelo apresentado por R. Kipnis quanto à variabilidade e significado atribuído às indústrias líticas, apesar destas não se constituírem no centro das reflexões. Mesmo assim, este modelo identifica aspectos relativos à homogeneidade tecnológica das indústrias líticas para o início do Holoceno, referentes à Tradição Itaparica, ao considerar as lesmas como um único artefato formal. Lucas Bueno prossegue apresentando a síntese deste modelo ao observar que, os diferentes grupos que habitavam o Brasil Central, neste período, mantinham redes de contato e algumas estratégias teriam sido adotadas tendo em vista assegurar a sobrevivência e existência das pessoas, se constituindo num dos fatores que concorreu para que se promovesse a homogeneidade. Embora as lesmas tenham se apresentado em maior número nos sítios relacionados à Tradição Itaparica, especialmente nas constatações de Schmitz e

colaboradores (1989) e Schmitz, Rosa e Bitencourt (2004)¹¹⁷, faz-se necessário considerar outros conjuntos de instrumentos líticos também posicionados juntamente com as lesmas e que, possivelmente, tenham alcançado menor visibilidade devido à expectativa de se identificar um fóssil-guia que pudesse ser relacionado a uma tradição cultural. Neste sentido, as lesmas se constituem em “signos de cobertura” que instituem sentido à abrangência maior e “definidora” da Tradição Itaparica. Apesar de outros signos estarem presentes e concorrendo para o reconhecimento da heterogeneidade, este fóssil-guia, dado a sua expressividade e extensão, os recobrem no momento em que o sentido se sobrepõe e se instala tendo em vista abarcar a definição, que repousa a princípio na denominação desta tradição cultural.

No terceiro capítulo foi dito que as figuras de linguagem ou tropos que revestem os instrumentos plano-convexos, segundo a denominação de lesmas, se constituíam em metáfora ao estabelecer pela semelhança uma co-relação destes instrumentos com o molusco terrestre e ainda, a metonímia, segundo relações de contigüidade, na medida em que uma parte diz respeito ao todo, a saber, a lesma e a Tradição Itaparica respectivamente. A lesma é perpassada tanto pela metáfora quanto pela metonímia na discursividade em que figura este signo-objeto circunscrito à Tradição Itaparica. Ao relacionar estes tropos com os eixos da linguagem, Eco (2005) se refere a um dos trabalhos de Roman Jakobson, e considera que a metáfora e a metonímia se constituem na estrutura de qualquer operação retórica, visto que representam as duas possibilidades de substituição lingüística, na medida em que a metáfora atua no eixo do *sintagma*, numa substituição “por semelhança” e a metonímia atua no eixo do *paradigma*, numa substituição “por contigüidade”. Para além da denominação, as lesmas são submetidas a descrições que aludem ao modo pelos quais elas foram elaboradas, concorrendo para um desdobramento discursivo onde também se constituirá um novo eixo paradigmático e sintagmático. Na expectativa de demonstrar as operações que se configuram no discurso arqueológico acerca dos instrumentos unificiais,

¹¹⁷ Calderón por um lado, em nenhuma de suas descrições textuais acerca desta tradição faz referências destacando-as dos demais objetos quando do discurso fundador desta tradição de indústria lítica, apenas selecionou *artefatos unificiais* que figuraram em desenhos relacionados às camadas mais antigas do sítio Gruta do Padre e que, posteriormente, foram denominados lesmas (CALDERÓN, Valentin. Nota prévia sobre arqueologia das regiões central e sudeste do estado da Bahia. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas** - PRONAPA, 2. Resultados preliminares do segundo ano, 1966-1967. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969, p. 135-52; CALDERÓN, 1983). Por outro lado, Schmitz e colaboradores afirmam que tanto a quantidade de *lesmas* quanto o seu intenso uso estariam indicando a intensidade e estabilidade do assentamento GO-JA-01, na região de Serranópolis, no estado de Goiás (SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROSA, André Osório; BITENCOURT, Ana Luisa Vietti. Arqueologia nos Cerrados do Brasil: Serranópolis III - Pesquisas. **Antropologia**, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas - Unisinos, n. 60, 2004).

enquanto constituintes do sistema semiótico do artefato lascado, os gestos *de lascamento*¹¹⁸ empregados na confecção destes instrumentos serão considerados os traços pertinentes neste sistema, conforme anteriormente mencionado, e os sentidos buscados terão a função-signo como fio condutor da significação. Neste sistema semiótico do artefato lascado escrito, segundo a descrição arqueológica, serão analisadas algumas peças circunscritas ao período do início do Holoceno.

Assim como a análise semiótica, a análise tecnológica recai sobre um *corpus* que delinea os limites. Os artefatos arqueológicos, ao serem inscritos numa coleção finita de materiais, passam a serem localizados em meio a um *corpus* constituído por artefatos quantitativamente situados e passíveis de articulação. A publicação de Fogaça e Lourdeau (2007) recai sobre a análise de uma coleção composta por 170 instrumentos unifaciais, provenientes do sítio GO-JA-01, na região de Serranópolis, no estado de Goiás, escavado por Pedro Ignácio Schmitz. Nesta coleção, quando das intervenções arqueológicas, a maioria das peças recuperadas, correspondentes à fase Paranaíba¹¹⁹, diziam respeito a instrumentos finalizados ou detritos de lascamento das fases finais de confecção. Sendo constatada a ausência de núcleos e lascas que se constituíam em suporte para os instrumentos unifaciais, indicando desta maneira uma lacuna na(s) cadeia(as) operatória(s) destes instrumentos (FOGAÇA; LOURDEAU, 2007). No âmbito desta coleção, as possibilidades de combinações e as articulações do eixo sintagmático entre objetos diversos estiveram sujeitas a interrupções e não propriamente a articulações, visto alguns instrumentos deste sistema de artefatos não se encontrarem em *praesentia*, diferentemente do observado na língua por Saussure (1974) acerca das relações sintagmáticas. No entanto, os sentidos no plano tecnológico dos artefatos lascados também vão ser alcançados

¹¹⁸ Há duas categorias gestuais bastante expressivas, no plano tecnológico, que dizem respeito à confecção e utilização do artefato lascado. A primeira está circunscrita aos gestos de lascamento, em que a ação gestual está orientada segundo regras circunscritas a um processo de aprendizagem socialmente compartilhado (FOGAÇA, Emílio. **Mãos para o pensamento: A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil - 12.000/10.500 B.P.)**. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre: PUCRS, 2001). Esta fase da “vida do objeto” diz respeito ao momento de sua confecção que envolve o gestual de produção. A segunda está relacionada às características técnicas do artefato, que concorrem para observância dos mesmos gestos quando da sua utilização. Nesta outra fase da “vida do objeto”, o gesto técnico é o que assegura o seu funcionamento (FOGAÇA, Emílio; LOURDEAU, Antoine. **Uma abordagem tecno-funcional e evolutiva dos instrumentos plano-convexos (lesmas) da Transição Pleistoceno/Holoceno no Brasil Central**. 2007. Disponível em: <<http://www.fumdhm.org.br/fumdhamentos7/artigos/15%20Fogaça%20seg.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2008) e consequentemente a utilização.

¹¹⁹ No terceiro capítulo há uma citação de Pedro Ignácio Schmitz que correlaciona a fase Paranaíba à Tradição Itaparica.

mediante articulações com elementos situados fora da própria coleção, na medida em que Fogaça e Lourdeau (2007) sugerem que deve ter sido nas fontes de matéria prima que ocorreram as primeiras fases de produção, onde os núcleos teriam resultado da exploração de grandes blocos desagregados.

O sistema do artefato lascado pode ser constituído por instrumentos diversos que mantém articulações tanto no âmbito das coleções quanto entre coleções e dados ainda situados no campo. No que diz respeito a lacunas que também possam ocorrer devido aos dados serem provenientes apenas do abrigo, no que se refere à totalidade das cadeias operatórias, o estudo de coleções ainda se mostra eficaz para o reconhecimento de antigas tradições técnicas, conforme observado por Fogaça e Lourdeau (2007) ao analisarem a coleção do sítio GO-JA-01. Sejam quais forem os alcances destas articulações, os artefatos-signo são remetidos uns aos outros numa rede com tendência a circularidade, segundo a afirmação de Deleuze (1995) referida anteriormente. Se os objetos estão sujeitos a articulações mediante especificidades ou funções-signo em que se instaura a significação entre artefatos lascados distintos, tais como “tal conjunto de lascas visa preparar tal tipo de plano de percussão nos núcleos ou tal conjunto de instrumentos visa raspar o couro” (FOGAÇA; LOURDEAU, 2007, p. 9), os gestos de lascamento em cadeia, na extensão de um único objeto, também são articulados na medida em que alguns destes gestos se apresentam como indicações para sequências de lascamentos futuras, seja pela combinação/justaposição, seja pela oposição contrastiva.

No plano da análise tecnológica segundo as cadeias operatórias, os instrumentos são compostos por Unidades Tecno-Funcionais (UTFs), ou seja, elementos técnicos (ângulos, superfícies, fios) que visam o cumprimento de funções almejadas. Apesar de cada uma destas unidades receberem um tratamento diferenciado, pode ocorrer de serem observadas justaposições (FOGAÇA; LOURDEAU, 2007). Os gestos de lascamento, deste modo, têm sua realização materializada nas UTFs, o que concorre para que estas se constituam em indicações destes gestos. Neste sentido, estes elementos indiciais, ao serem percebidos e descritos pelo arqueólogo, concorrem para se identificar os traços pertinentes do sistema do artefato lascado, sob o ponto de vista dos gestos de lascamento, nos planos sintagmático e paradigmático. Segundo a proposta metodológica de Barthes (2007) acerca do estudo de sistemas semióticos, faz-se necessário distribuir os fatos inventariados de acordo com cada um dos dois eixos, preferencialmente iniciando pelo sintagma que fornecerá as unidades que também serão classificadas em paradigmas.

Numa ampla perspectiva acerca da constituição dos eixos paradigmático e sintagmático do sistema do artefato lascado, sem considerar ainda as unidades sintagmáticas e paradigmáticas em suas especificidades, é possível configurá-lo da seguinte maneira:

SISTEMA SEMIÓTICO	SINTAGMA	PARADIGMA
Artefato Lascado	Encadeamento (combinação) / sequência de lascamentos no “corpo” de um mesmo instrumento.	Grupo de variabilidades de um instrumento (lesma)

Quadro 2 - Configuração do Sistema Semiótico do Artefato Lascado

Tendo em vista a análise do sistema do artefato lascado, serão transcritos três estudos de caso apresentados por Fogaça e Lourdeau (2007) acerca de instrumentos plano-convexos pertencentes à Tradição Itaparica. Nesta análise serão priorizadas as UTFs distribuídas sobre a face superior dos instrumentos que se constituirão nos traços pertinentes deste sistema, inventariados segundo o ‘ponto de vista’ dos gestos de lascamento.

1) Peça 12H N8 2: a face inferior desse objeto é composta por cinco planos oblíquos entre si (as linhas tracejadas indicam as mudanças de planos). Descreveremos as relações em sentido horário, observadas sobre a face superior, a partir da extremidade distal da peça. Nessa extremidade, existe um plano pouco extenso ao qual corresponde a UTF A. Esta última resulta de duas retiradas longas e paralelas. Já na borda direita do próximo plano, observamos a UTF B, confeccionada de maneira bastante distinta. Esta UTF é consequência de uma primeira seqüência de retiradas paralelas porém estreitas, seguida por retoques subparalelos e profundos. Sempre na mesma borda, um novo plano associa-se a UTF C. Sua confecção resulta de três seqüências nítidas. Uma primeira produziu um amplo negativo côncavo pouco acentuado. Em seguida, uma seqüência de retiradas largas e mais curtas, intencionalmente refletidas, provoca a mudança do ângulo do plano de corte. Finalmente, retoques curtos eliminam os denticulados provocados pelo encontro das nervuras das retiradas da seqüência anterior. Na porção méso-proximal, um quarto plano recebeu a UTF D. Esta apresenta um plano de corte convexo, obtido por várias seqüências cada vez mais curtas, sem retiradas refletidas e com gume regularizado por retoques submilimétricos. No mesmo plano proximal, duas UTFs foram confeccionadas. A UTF F, por sua vez, apresenta um plano de corte convexo resultante de seqüências de retiradas em tipo ‘candelabro’. A UTF G, no plano seguinte (o mesmo que, na borda oposta, recebeu a UTF D), distingue-se apenas por uma seqüência individualizável de retoques curtos, apesar de aproveitar o mesmo plano de corte da UTF F. Toda a longa borda do plano seguinte (oposta a UTF C) foi reservado para a confecção da UTF H. Esta é resultante de três seqüências de retiradas - as primeiras invadentes e largas - que definem um plano de corte plano. E finalmente a UTF I resulta de uma seqüência em sistema de ‘candelabro’ que cria um plano de corte convexo (FOGAÇA; LOURDEAU, 2007, p. 27-8).

2) **Peça 14H N15 17:** sua face inferior é composta por dois planos. O mais extenso ocupa todas as partes proximal e mesial do suporte. Uma mudança de plano concorre apenas na extremidade distal, onde uma UTF bem particular pode ser facilmente diferenciada das demais. Em tal extremidade, a UTF A delineia um *front* ogival simétrico, com uma ponta pouco pronunciada, formada por retiradas longas, paralelas e convergentes. Posto que o restante da topografia do suporte é homogênea, as outras UTFs distribuem-se aparentemente mais em função dos comprimentos e delineamentos desejados. A primeira vista bastante similares, elas resultam, no entanto de métodos bem distintos. A UTF B é consequência de uma série de retiradas em ‘candelabro’ que se inicia por uma seqüência de retiradas invadentes, até uma última série de retoques subparalelos; o gume delineado é convexo e o plano de corte convexo. A UTF C, por sua vez, é composta por uma primeira seqüência de retiradas invadentes mas sem um prosseguimento em ‘candelabro’. A seqüência seguinte é bem mais curta e o plano de corte bastante abrupto. É mais plausível interpretá-la como uma UTF preensiva, pois os ângulos são inaptos para transformar a matéria. Finalmente, a UTF D volta a obedecer a um sistema de confecção em ‘candelabro’, similar a sua oposta UTF B (FOGAÇA; LOURDEAU, 2007, p. 28).

3) **Peça 14H N9 i:** a face inferior da peça é composta por três planos oblíquos. No plano distal, foi confeccionada uma extremidade arredondada, criada em parte pela curvatura de uma grande retirada de tipo *encoche* completada por poucos retoques longos. Na borda direita do plano seguinte, a UTF B corresponde a um corpo ativo convexo, bem regular, resultante de uma nítida seqüência em ‘candelabro’. No plano extremo oposto, duas UTFs foram instaladas. A UTF C corresponde a uma típica extremidade arredondada convexa criada por retiradas longas, paralelas e convergentes, conforme já descrevemos anteriormente. Na borda esquerda, esta é seguida pela curta UTF D, formada por duas seqüências de retiradas cuja última produz um plano de corte côncavo. A UTF E, no mesmo plano mas oposta à UTF B, resulta de uma única seqüência de retiradas relativamente longas e subparalelas que definem um plano de corte plano (FOGAÇA; LOURDEAU, 2007, p. 28).

SISTEMA SEMIÓTICO DO ARTEFATO LASCADO (LESMA)		
GESTOS INDICIAIS (UTFs) Peça 12H N8 2	SINTAGMA	PARADIGMA
UTF A	Duas retiradas (1) longas e paralelas	Lascamento, extração, redução (1).
UTF B	Uma primeira seqüência de retiradas (1) paralelas , porém <i>estreitas</i> , seguida por retoques (2) subparalelos e profundos .	Lascamento, extração, redução (1) trabalho na borda, acabamento (2).
UTF C	Uma primeira retirada (1) produziu um amplo negativo (2) côncavo pouco acentuado . Em seguida, uma seqüência de retiradas (3) largas e mais curtas , intencionalmente refletidas, provoca a mudança do ângulo no plano de corte. Finalmente, retoques (4) curtos eliminam os denticulados provocados pelo encontro das nervuras das retiradas (5) da seqüência anterior.	Lascamento, extração, redução (1) cicatriz, marca (2) série de lascamentos, série de extrações, série de reduções (3) trabalho na borda, acabamento (4) linhas salientes dos lascamentos, filetes das extrações, feixes das retiradas (5).
UTF D	Várias seqüências (1) cada vez mais curtas , sem retiradas (2) refletidas e com gume regularizado por retoques (3) submilimétricos .	Série, seguimento, sucessão (1), Lascamento, extração, redução (2) trabalho na borda, acabamento (3).
UTF E	Retiradas (1) acentuadamente abruptas e invadentes , sem retoques (2) terminais.	Lascamento, extração, redução (1) ausência de trabalho na borda, inexistência de acabamento (2)
UTF F	Seqüências de retiradas (1) em tipo <i>'candelabro'</i> .	Lascamento, extração, redução (1).
UTF G	Seqüência individualizável de retoques (2) curtos e abruptos .	Série de trabalho na borda, sucessão de acabamento (1).
UTF H	Três seqüências de retiradas (1) - as primeiras invadentes e largas .	Série de lascamentos, sucessão de extrações, seguimento de reduções (1).
UTF I	Seqüência (1) em <i>sistema de 'candelabro'</i> .	Série, seguimento, sucessão (1).

Quadro 3 - Sistema Semiótico do Artefato Lascado: UTFs do instrumento plano-convexo (peça 12H N 8 2)¹²⁰

¹²⁰ Para os quadros 3, 4 e 5, ver Fogaça e Lourdeau (2007).

GESTOS INDICIAIS (UTFs) Peça 14H N 15 17	SINTAGMA	PARADIGMA
UTF A	Retiradas (1) longas, paralelas e convergentes.	Lascamento, extração, redução (1).
UTF B	Conseqüência de uma série de retiradas (1) em ‘candelabro’ que se inicia por uma série de retiradas (2) invadentes , até uma série de retoques (3) subparalelos	Série de lascamento, sucessão de extrações, seguimento de reduções (1) Lascamento, extração, redução (2) Série de trabalho na borda, sucessão de acabamento (3).
UTF C	É composta por uma primeira seqüência de retiradas (1) invadentes , mas sem um prosseguimento em ‘candelabro’. A seqüência (2) seguinte é bem mais curta e o plano de corte bastante abrupto.	Série de lascamentos, sucessão de extrações, seguimento de reduções (1). Série, seguimento, sucessão (2).
UTF D	Volta a obedecer a um sistema de confecção (1) em ‘candelabro’, similar à sua oposta.	Modo de realização, maneira de elaborar (1).

Quadro 4 - Sistema Semiótico do Artefato Lascado: UTFs do instrumento plano-convexo (peça 14H N 15 17)

GESTOS INDICIAIS (UTFs) Peça 14H N9 i	SINTAGMA	PARADIGMA
UTF A	Grande retirada (1) de tipo <i>encoche</i> completada por poucos retoques (2) longos.	Lascamento, extração, redução (1) trabalho na borda, acabamento (2).
UTF B	Nítida seqüência (1) em ‘candelabro’.	Série, seguimento, sucessão (1).
UTF C	Retiradas (1) longas, paralelas e convergentes.	Lascamento, extração, redução (1).
UTF D	Duas seqüências de retiradas (1) cuja última produz um plano de corte côncavo.	Série de lascamentos, sucessão de extrações, seguimento de reduções (1).
UTF E	Única seqüência de retiradas (1) relativamente <i>longas subparalelas</i> que definem um plano de corte plano.	Série de lascamentos, sucessão de extrações, seguimento de reduções (1).

Quadro 5 - Sistema Semiótico do Artefato Lascado: UTFs do instrumento plano-convexo (peça 14H N9 i)

A princípio, numa análise semiológica, não é possível prever as unidades sintagmáticas que serão descobertas para cada sistema. Esta imprevisibilidade pode estar relacionada à própria constituição dos sistemas, especialmente quando se tratam de sistemas complexos ou sintagmas combinados (BARTHES, 2007). O sistema do artefato lascado na medida em que é substituído por um sistema lingüístico, é instituído de complexidade, em que se observa um sintagma escrito e um sintagma artefactual (visado pelo sintagma escrito). No curso desta transposição, as unidades não são coincidentes, visto que um gesto de confecção de um artefato, quando da ação de sua produção, poderá corresponder a uma reunião de unidades escritas (a título de exemplo, a **Peça 12H N8 2**, na UTF A, no Quadro 3, no sistema da língua pode ser lido: *retiradas longas e paralelas*)¹²¹. É necessário considerar ainda que, nos sistemas semióticos, conforme mencionado anteriormente, os signos existem enquanto funções-signo, em que os objetos, além do que possam significar, são definidos pela sua função. Deste modo, um artefato lascado serve para cortar, serve para raspar. Os gestos de produção do artefato lascado, de certo modo, prescrevem os gestos de utilização do mesmo, no que compete à ação instrumental. Nestes sistemas em que as funções-signo estão presentes, “pode-se esperar então que [...] a unidade sintagmática seja compósita e contenha *peelo menos um*¹²² suporte de significação e um variante propriamente dito” (BARTHES, 2007, p. 72-3). No artefato lascado escrito e descrito no primeiro quadro anterior, podem ser identificadas unidades sintagmáticas compósitas que concorrem para especificidades de sentidos, tais como: “retiradas longas e paralelas”, tendo como suporte de significação: “retiradas”, acompanhada de um variante (composto): “longas-paralelas”. Na UTF B, observa-se a mesma composição da unidade sintagmática, onde é mantido o suporte de significação: “retiradas”, com mudança no variante (composto): “paralelas-estreitas”. A UTF C se constitui a partir da decorrência de ações que promovem outras unidades sintagmáticas inter-relacionadas, tendo em vista que a ação das “retiradas” provoca a “mudança do ângulo”. Deste modo, observa-se uma composição entre unidades sintagmáticas e não apenas uma composição inerente à própria unidade sintagmática. As demais UTFs (D, E, G e H) apresentam a mesma constituição em unidades sintagmáticas compósitas. No entanto, as UTFs F e I apresentam uma composição em que a variante não se atém propriamente a uma modalidade apenas do resultado da atividade gestual conforme

¹²¹ Veja as correlações semelhantes que Barthes (2007) estabelece com os sistemas do vestuário e da comida.

¹²² Grifo meu.

descrições anteriores (longas-paralelas / paralelas-estreitas), e sim, a uma imagem metafórica do “tipo candelabro”, alusivo a um castiçal com ramificações. Este mesmo princípio analítico-metodológico do sistema do artefato lascado foi aplicado às demais peças (**Peça 14H N15 17** e **Peça 14H N9 i**), em que as unidades sintagmáticas são identificadas em vias de fornecer os elementos para a classificação paradigmática.

O sistema do artefato lascado, enquanto sistema escrito, no plano da associação mental quando da constituição do eixo paradigmático, foi submetido a uma análise segundo relações em que os termos estão associados a partir da analogia dos significados. No entanto, podem existir naturezas diversas de relações que concorrerão para estabelecer outras tantas séries associativas, conforme os exemplos apresentados por Saussure (1974) em que os termos comuns podem estar associados pelo radical (ensino, ensinar, ensinemos, etc.) ou pelo sufixo (ensinamento, armamento, desfiguramento, etc.). No plano associativo ou paradigmático, conforme dito anteriormente, as palavras se apresentam em número ilimitado, diferentemente do sintagmático que se expressa numa sucessão de palavras encadeadas e determinadas. Ao empregar uma metáfora, Saussure (1974, p. 146) compara um “termo dado” ao “centro de uma constelação”, ou seja, “um ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”. Segundo esta perspectiva, o sistema do artefato lascado, no eixo paradigmático, não se constitui apenas dos termos empregados no limite discursivo da comunidade de arqueólogos, e sim no universo ilimitado das palavras que remetem a analogias de significados no *stock* mnemônico mais amplo da língua.

De qual modo o sistema do artefato lascado explicita a variabilidade dos instrumentos segundo a descrição dos processos técnicos pela via da análise da cadeia operatória? Conforme dito anteriormente, as análises tipológicas dos instrumentos líticos estavam centradas nas *categorias de instrumentos*, diferentemente dos estudos voltados para a cadeia operatória que permitem a explicação da *variabilidade dos instrumentos* (FOGAÇA, 2003). Constatada a potencialidade de identificação da variabilidade dos instrumentos a partir do estudo da cadeia operatória, em que medida ocorre concomitantemente uma variabilidade terminológica na descrição dos gestos de lascamento? Instrumentos variados corresponderiam a variadas palavras? O que pode ser observado nos três estudos de caso apresentados anteriormente é que as unidades sintagmáticas são, na maioria, recorrentes em cada um dos casos (retiradas, retoques, seqüência, seqüência de retiradas, seqüência de retoques, série de retiradas, série de retoques). Não emergiram novas palavras para descrever novos instrumentos. A variabilidade dos instrumentos no sistema semiótico do artefato escrito e descrito esteve

relacionada à diversidade do encadeamento das unidades sintagmáticas e na constituição de novos eixos paradigmáticos correspondentes.

5.3 A CONVENÇÃO GRÁFICA DE INSTRUMENTOS ARQUEOLÓGICOS: ÍCONE, ÍNDICE E SÍMBOLO

De acordo com a ação e a materialização de experiências (gestos e elementos técnicos), no que diz respeito ao sistema semiótico do artefato lascado, o conjunto das UTFs dos instrumentos unificiais denominados lesma, pode ser dimensionado na divisão da segunda tricotomia dos signos (índice, ícone e símbolo) desenvolvida por Charles Sanders Peirce. No entanto, antes de demonstrar esta constituição semiótica, faz-se necessário apresentar a relação triádica (signo ou representâmem, objeto e interpretante), um dos fundamentos da semiótica quando Peirce (2005, p. 46) afirma:

Um signo, ou um *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente desta pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas como referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei fundamento do representâmen.

Diante desta afirmação, o signo não se reserva apenas a um reconhecimento proposto pelo modelo lingüístico de Saussure (1974) em que o signo é a combinação do significante (imagem acústica) e do significado (conceito) instituída numa relação diádica. As representações dos artefatos lascados no texto arqueológico se constituem de um sistema lingüístico e ainda, de convenções gráficas quando da representação dos instrumentos lascados. Embora haja concordância em se considerar os fatos visuais como fenômeno de comunicação, muitos negam o valor de signo a tais fatos por reconhecerem a existência de signos apenas ao nível da comunicação verbal. No entanto, numa pesquisa semiológica¹²³ as categorias lingüísticas não explicam todos os fenômenos comunicacionais. Deste modo, uma semiologia da comunicação visual poderá servir de ponte em direção a definição de fenômenos de comunicação visual propriamente ditos, tais como: desenho, pintura, escultura, cinema ou fotografia, e de outros sistemas culturais voltados para os objetos de uso (ECO,

¹²³ Neste sentido, semiologia também pode ser lida como semiótica, pois esta reflexão de Eco concorrerá para uma abordagem da semiótica peirceana (ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 2007).

2007). O arqueólogo dispõe de vários recursos gráficos para representar as condições da matéria-prima e da confecção dos instrumentos através de desenhos (o tipo ou textura da rocha, as concreções minerais quando das alterações das rochas, a direção dos lascamentos, o ponto de percussão, as marcas dos impactos da percussão, dentre outros). Deste modo, “uma CONVENÇÃO GRÁFICA autoriza a TRANSFORMAR no papel os elementos esquemáticos de uma convenção perceptiva ou conceitual que motivou o signo” (ECO, 2005, p. 171). No texto arqueológico muitas das vezes os desenhos podem ser descritos e acompanhados por legendas, que de algum modo buscam conter a flutuação das imagens, segundo estratégias apontadas por Barthes (1977, p. 39), na medida em que “in every society various techniques are developed intended to fix the floating chain of signifieds in such a way as to counter the terror uncertain signs; the linguistic message is one of the techniques”. No entanto, a imagem material (desenho, pintura, gravura, e outras)¹²⁴, é bastante convencional no modo em que é representada, mas em si mesma, quando não vem acompanhada de legenda ou rótulo, recebe a denominação de hipoícone (PEIRCE, 2005, p. 64).¹²⁵ O texto arqueológico é constituído de arranjos entre palavras e imagens, e deste modo, a lingüística saussureana e filosófica peirceana vem contribuir para o esclarecimento do signo, numa perspectiva complementar.

Aos instrumentos líticos lascados denominados lesmas, e descritos por Fogaça e Lourdeau (2007) nos estudos de casos transcritos anteriormente, correspondem desenhos (Figuras 10, 11 e 12) que representam estes objetos. De acordo com a relação triádica elaborada por Charles Sanders Peirce (Figura 9), segundo conceitos referidos anteriormente, estes desenhos se constituem no **signo ou representâmen**, visto criar na mente de alguém um signo que em certa medida pode ser inclusive mais desenvolvido. O instrumento lascado é o próprio **objeto** que fora representado e referido pelo signo e, finalmente, o **interpretante** é o signo criado a partir do primeiro signo¹²⁶. Na relação do signo com o seu objeto é necessário considerar primeiramente que a palavra signo é usada para um objeto perceptível, imaginável ou mesmo inimaginável (PEIRCE, 2005). No plano da linguagem, a palavra lesma (denominação do instrumento lascado pré-histórico) é um signo que não é

¹²⁴ Umberto Eco emprega o termo “fato visual” (ECO, 2007, p. 99).

¹²⁵ Embora a segunda tricotomia dos signos (ícone, índice e símbolo) vá ser apresentada a seguir, faz-se necessário esclarecer que o signo icônico (quando qualquer coisa que é passível de ser um substituto para qualquer coisa que se assemelhe) pode ser um hipoícone (PEIRCE, 2005).

¹²⁶ De acordo com Umberto Eco, por vezes ocorre confundir-se o interpretante com o intérprete, no entanto, o interpretante é algo que confere a validade do signo, mesmo que o intérprete esteja ausente. Ao ser atribuído um significado a um significante faz-se necessário nomear o primeiro significante por meio de outro significante que também poderá ser interpretado por outro significante, instituindo deste modo um processo de semiose (ação do signo) ilimitada. Portanto, o interpretante pode ser entendido como “UMA OUTRA REPRESENTAÇÃO REFERIDA AO MESMO ‘OBJETO’” (ECO, 2005, p. 58).

imaginável, tendo em vista que é apenas um dos aspectos desta palavra que é transposto para o papel ou pronunciando, e não a palavra em si mesma, na medida em que não tem uma única significação quando da sua representação. Apesar de ser a mesma palavra “lesma” escrita e pronunciada, no entanto é uma palavra quando significa “molusco terrestre”, uma outra quando significa “instrumento lascado unifacial”, e ainda uma terceira quando significa “uma pessoa preguiçosa ou lenta”. Ao inscrever a lesma no (con)texto arqueológico segundo o modo em que se apresentam as convenções gráficas do desenho deste instrumento, tem-se a seguinte relação triádica:

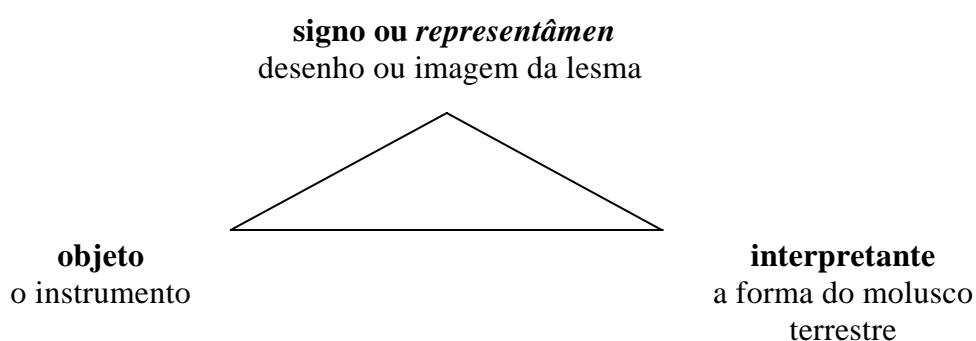
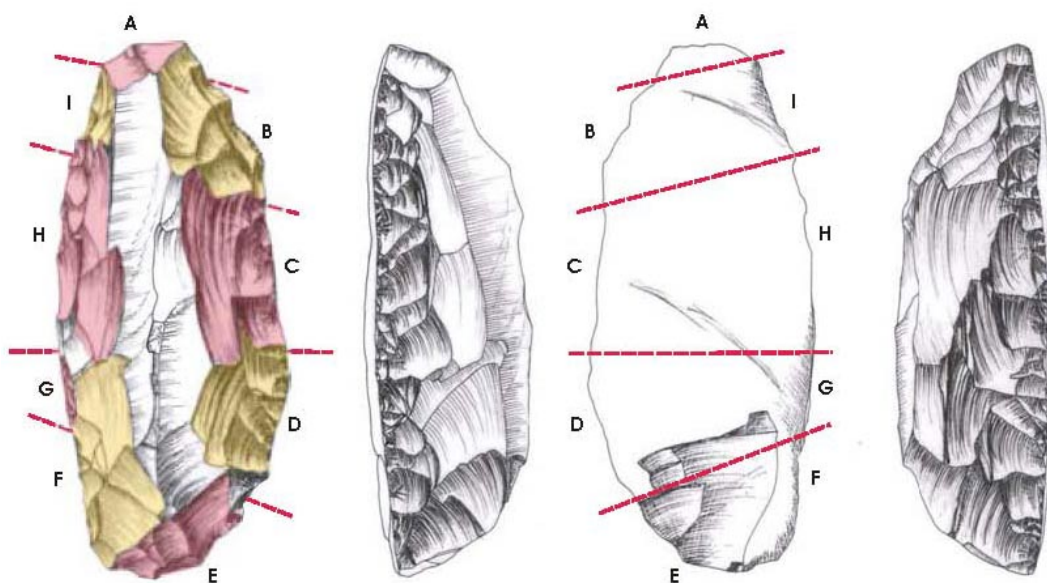


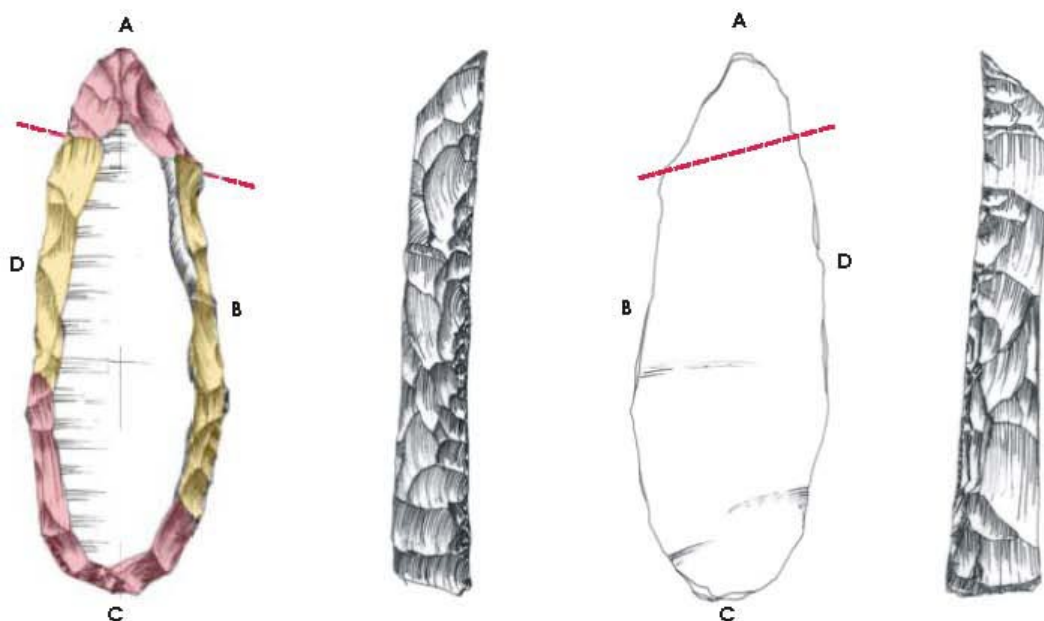
Figura 9 - Relação triádica segundo Charles Sanders Peirce



Plancha I: peça 12H N8 2. Análise da relação entre as faces do objeto - distribuição de UTFs em função dos diferentes planos que compõem a face inferior (sem escala).

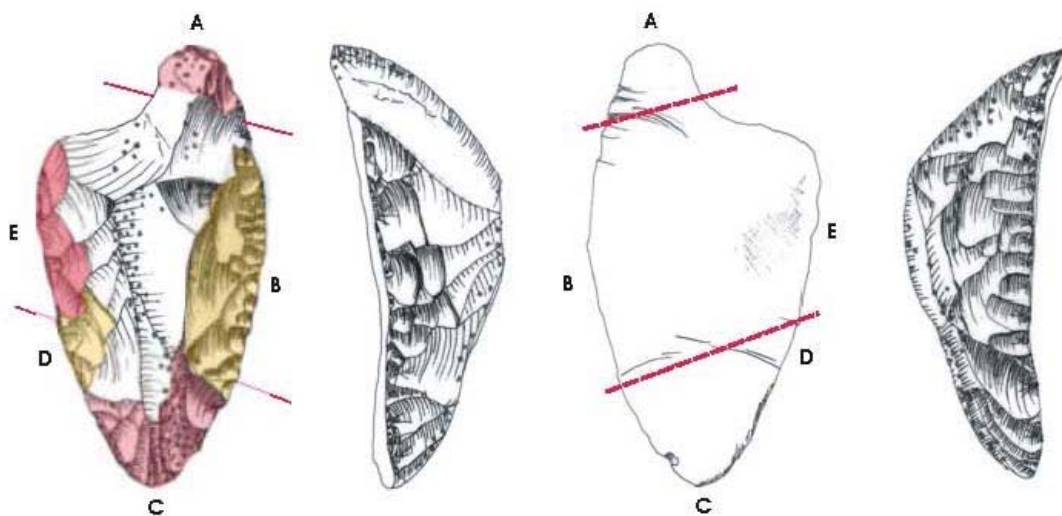
Figura 10 - Instrumento plano-convexo (peça 12H N8 2) referido no sistema semiótico do artefato lascado¹²⁷

¹²⁷ As figuras 10, 11 e 12 foram extraídas de Fogaça e Lourdeau (2007).



Prancha J: peça 14H N15 17. Análise da relação entre as faces do objeto - distribuição de UTFs em função dos diferentes planos que compõem a face inferior (sem escala).

Figura 11 - Instrumento plano-convexo (peça 14 N15 17) referido no sistema semiótico do artefato lascado



Prancha K: peça 14H N9 i. Análise da relação entre as faces do objeto - distribuição de UTFs em função dos diferentes planos que compõem a face inferior (sem escala).

Figura 12 - Instrumento plano-convexo (peça 14H N9 i) referido no sistema semiótico do artefato lascado

Sem palavras! É assim que se apresentam os desenhos acima na sua extensão representativa dos próprios instrumentos, apenas algumas letras os rodeiam sinalizando

algo que já foi dito no estudo de caso desta peças (as UTFs), correspondendo a cores diversas que se concentram em áreas determinadas. Mas alguém dirá: e as legendas? Creio que seria possível alcançar o entendimento sem elas, é claro, caso estes desenhos não estivessem dissociados do texto que os instituiu, em parte, de sentidos. Se estes desenhos viessem em folhas soltas de papel, e destituídos de legendas, poderiam parecer pedrinhas utilizadas para crianças aprenderem o alfabeto no sentido horário e anti-horário, numa brincadeira em que mudando o sentido rotatório, poder-se-ia descondicionar a memorização. No entanto, quando da existência de legendas, conforme afirmou Roland Barthes anteriormente, estas podem auxiliar na fixação da cadeia flutuante de significados. Ocorre que os desenhos são signos presentes e pertinentes no texto arqueológico, acompanhados ou não de legendas.

De acordo com a segunda tricotomia peirciana (ícone, índice e símbolo), o desenho de instrumentos líticos quando realizado sob convenções gráficas, se constitui em signo icônico, visto representar seu objeto a partir de sua similaridade, independente da natureza de seu ser (PEIRCE, 2005; ECO, 2002). Há ainda nos desenhos das lesmas, nesses signos icônicos, referências gráficas/visuais a signos indiciais: os gestos de lascamento relativos as UTFs, marcas físicas presentes e demarcadas nos próprios instrumentos. Peirce (2005) ressalta algumas atribuições do índice, dentre as quais, *assinalar* a união entre porções de experiências, e Eco (2005) afirma que os índices estabelecem uma relação física com seus objetos. Nesse sentido, os gestos de lascamento que fisicamente são marcados nas lesmas assinalam duas porções de experiência: o gesto humano e as marcas de lascamento no objeto.

Embora o símbolo não esteja somente vinculado à imagem gráfica, abordo este terceiro aspecto da divisão sógnica, dando prosseguimento à primeiridade (ícone) e a secundidade (índice) já referidas anteriormente. Para Peirce (2005, p. 40), “todo símbolo, é em sua origem, ou uma imagem da idéia significada, ou a reminiscência de alguma ocorrência individual, pessoa ou coisa, ligada ao seu significado, ou é uma metáfora”. A significação da lesma, no âmbito da própria cultura de caçadores coletores, até o momento ainda não foi sugerida, no entanto, na leitura e escrita do arqueólogo ela simboliza sociedades de caçadores coletores, na medida em que é um fóssil-guia de uma tradição cultural que desenvolvia a caça e a coleta.

5.4 O SENTIDO DOS OBJETOS: PARA ALÉM DO USO OU FUNÇÃO

No discurso arqueológico acerca da Tradição Itaparica, os instrumentos pré-históricos predominantemente identificados pela primeira vez no sítio Gruta do Padre, em Pernambuco, e que correspondem ao extrato mais antigo, datado em 5.630 a.C., foram denominados de raspadores, tendo sido todos fabricados a partir de lascas (CALDERÓN, 1969; 1983). Nesta análise foram destacadas a função e a técnica, relativas ao uso e à fabricação destes instrumentos.

O teor funcional dos objetos, em sociedades consideravelmente remotas, é tema em diferentes áreas do conhecimento onde os olhares são lançados para as produções materiais e emanações de sentidos na cultura. O filósofo tcheco Flusser (2007), afirma que a designação *Homo faber* denota o pertencimento às espécies de antropóides que *fabricam algo* e, nesse sentido, a condição humana é reconhecida devido à funcionalidade, onde os artefatos ou os seus locais de fabricação (fábrica) são os indícios de humanidade. Esse caráter funcional, a princípio, implica em transformações pelas quais passam os objetos e as pessoas que os fabricam. De acordo ainda com Flusser (2007, p. 36), “fabricar significa apoderar-se (*entwenden*) de algo dado na natureza, convertê-lo (*umwenden*) em algo manufaturado, dar-lhe uma aplicabilidade (*anwenden*) e utilizá-lo (*verwenden*)”. Diante destas mudanças no plano material e da inserção de artefatos no mundo das vivências, o aprendizado ou conhecimento adquirido será relevante no domínio das atividades. Este filósofo enfatiza que as fábricas se constituem em lugares onde se produzem novas formas de homem. Na pré-história, as pessoas da Tradição Itaparica, aqui consideradas, que fabricaram os instrumentos líticos lascados, segundo o plano das transformações circunscritas à apropriação, à conversão, à aplicação e à utilização, experimentavam novas formas de ser; não propriamente decorrentes apenas dos locais de atividades salientados por Vilém Flusser, mas, efetivamente pela própria atividade e veiculação dos objetos no plano social. Ser um lascador de pedra não estava restrito apenas ao plano das operações da transformação da matéria dada; a atividade e as experiências advindas dessa prática redimensionavam a condição de lascador.

No âmbito da semiologia ou semiótica, Barthes (2001) atenta para a veiculação de sentido que extravasa dos objetos, indo além da definição corrente que enfatiza apenas a finalidade de uso ou função. Haveria nos instrumentos líticos na pré-história, nos raspadores

da Tradição Itaparica, um sentido que vai além do seu uso ou função? As lesmas foram fabricadas em rochas que apresentavam variações na textura e na cor, especialmente, em matérias-primas variadas. No plano da confecção destes instrumentos, mesmo mantendo uma forma semelhante ao molusco lesma, há algumas variações no tamanho e nas extremidades. Diante do longo período de tempo em que se considera o registro das lesmas (12.000 - 5.000 A.P.), é possível que o tamanho destes instrumentos, por exemplo, pudesse estar relacionado ao *sentido de uma época* ou a outras idéias que exprimissem sentidos diversos, e que estivessem associadas a maior ou menor eficácia devido à confecção e utilização conforme os recursos naturais disponíveis.

Determinados atributos do objeto (unidades materiais, os significantes) foram considerados relevantes por Barthes (2001) para simbolizar mensagens no campo da publicidade. No plano simbólico, entre um objeto e o significado, foram consideradas as relações simples ou relações *deslocadas*. Para além do plano da publicidade, um objeto mesmo quando captado em sua totalidade, somente significa por um dos seus atributos destacados. Mais uma vez recorrendo aos denominados raspadores, no discurso arqueológico, e especialmente às lesmas da Tradição Itaparica, as bordas retocadas, lascadas, do objeto foram os atributos destacados e que simboliza a qualidade de raspador e não todo o ser do objeto. Deste modo, ocorre um deslocamento do signo. Nestes instrumentos, atributos do significante concentram a atividade primordial, o raspar, e, em alguma medida, a função suporta o sentido.

Numa das perspectivas em que se considera o objeto como mediador do homem e do mundo, pondo em relevância a função utilitária, instaura-se um valor transitivo: algo que serve para alguma coisa. Deste modo, é conferida ao objeto uma dinamicidade de ação em decorrência da funcionalidade. No que concerne ao sentido do objeto, o processo dinâmico não corresponde à ação, mas a equivalência de significação. Há uma intransitividade no sentido, indo ocupar um lugar fixo no universo do imaginário humano. Tendo em vista essa coexistência de expressões funcionais e de significação do objeto, Barthes (2001, p. 217) afirma que há “uma espécie de luta entre a atividade de sua função e a inatividade de sua significação”. Este confronto entre função e significação promove um movimento onde o objeto retorna do signo para a função. A condição funcional é demasiadamente expressiva, pois mesmo lendo um objeto como um signo, não se escapa de vê-lo funcionalmente. O objeto, assim, transita no plano funcional e no de significação, embora tensionado pela luta da dinamicidade e estaticidade. Diante desta coexistência de estados, uma frase de Roland

Barthes apresenta um expressivo poder de síntese, na medida em que “a função faz nascer o signo, mas esse signo é transformado no espetáculo de uma função” (BARTHES, 2001, p. 218).

6 COISAS COLECIONADAS - A NARRATIVA MUSEOLÓGICA: “EU ESCAVEI LÁ” E “EU ANALISEI O QUE VEIO DE LÁ”

“Não posso ficar olhando demais um objeto senão ele me deflagra. Mais misteriosa do que a alma é a matéria. Mais enigmática que o pensamento, é a “coisa”. A coisa que está às mãos milagrosamente concreta. Inclusive, a coisa é uma grande prova do espírito. Palavra também é coisa - coisa volátil que eu pego no ar com a boca quando falo. Eu a concretizo. A coisa é a materialização da aérea energia. Eu sou um objeto que o tempo e a energia reuniram no espaço. As leis da física regem meu espírito e reúnem em bloco visível o meu corpo de carne”.

(Clarice Lispector. *Um Sopro de Vida*. 1999).

O fim desta escritura se aproxima e, mais uma vez, como no princípio, evoco imagens-memória da minha “velha infância”, onde algumas coisas do mundo eram tão fascinantes que eu as queria bem perto de mim. Em busca desta conquista, eu as caçava, dissecava e as guardava em pequenas caixas cuidadosamente forradas com algodão. A partir deste ritual me auto-iniciava no universo do colecionismo. Neste mundo infantil, eu ainda não tinha noção dos ciclos naturais da vida e da morte. As coisas que colecionava eram tão encantadoras e havia tantas, em meio à natureza exuberante da pequena cidade onde vivia, que eu considerava a reprodução delas algo extraordinariamente simples e sem fim. Movida por estas sensações e pensamentos sacrificava borboletas de cores e formas delicadas, vibrantes e exóticas, que reuniam beleza e liberdade num leve “sopro de vida” ao bater das asas. Minha memória parece querer evitar o rito de sacrifício, anular um “pecado de infância”, e o foco de visão recai imediatamente nas borboletas, agora sem “sopro de vida” - coisas inertes - depositadas, na mais plena expressão de beleza, em caixinhas com algodão. E assim, se afirmava a paixão por colecionar borboletas. Muitas vezes deixava os afazeres para abrir e contemplar estas coisas naturais impregnadas de cultura, a partir dos meus ritos nos atos de colecioná-las e visualizá-las, em minhas freqüentes visitas. Aquelas pequenas caixas continham todo um mundo de beleza, delicadeza e liberdade que desde muito cedo eu buscava resguardar. Até que um dia, tive um sonho aterrorizante: as borboletas retornavam à vida e avançavam em minha direção em sinal de ataque, tal qual cenas do filme *Os pássaros*, dirigido por Alfred Hitchcock. Imediatamente libertei as borboletas destituídas de “sopro de vida” e aprendi que as coisas mortas, e outrora vivas (vegetais e animais), e também as minerais são instituídas de vida por quem as coleciona e, por extensão, por quem as “visita visualmente” - mesmo que isso algumas vezes seja apenas vivenciado na dimensão de um sonho na “velha infância”. As coisas arqueológicas também

são colecionadas, tanto por arqueólogos quanto por museólogos ou colecionadores particulares. A Tradição Itaparica também se faz presente material e simbolicamente nas coisas colecionadas e expostas à visitação pública. Por quais caminhos transitam as motivações daqueles que se lançam no ato de colecionar coisas de uma cultura pré-histórica, metaforicamente codificada no presente e, ao mesmo tempo, testemunhada pela materialidade das coisas?

A coleta e o conseqüente armazenamento de peças resultam num universo de objetos agrupados segundo especificidades materiais e imateriais. As coleções arqueológicas, de uma maneira geral, percorrem um caminho onde os objetos transitam por três espaços, a saber, a área de pesquisa/achado, o laboratório e o museu (ou coleção particular). Nestes diferentes lugares, conforme o contexto de exposição das coisas (para análise ou visitação), são agenciados e/ou destituídos sentidos. Instituem-se ainda modos diferenciados de identificação e acondicionamento das peças que, indistintamente são expressões sígnicas do mundo cultural das populações que “sobreviveram” nos objetos e que estão sendo “resgatadas” pelos arqueólogos - aqui faço uso desta licença poético-metafórica, na expectativa de estender a comunicação ao modo em que as coisas são achadas no “mundo arqueológico”. Posteriormente estas coisas ficarão sob os cuidados dos “guardiões”, os museólogos ou colecionadores particulares. Susan Pearce, referindo-se ao sentido inerente à prática de colecionar, afirma que “collections are a significant element in our attempt to construct the world, and so the effort to understand them is one way of exploring our relationship with the world” (PEARCE, 1992, p. 37). Haveria na atitude de colecionar, na prática arqueológica, uma expectativa em construir o mundo? A atividade do arqueólogo, na expressão prático-discursiva, está pautada em algumas palavras, tais como, *reconstrução*, *reconstituição*, *resgate* e *recuperação*, para citar alguns exemplos. Algumas destas palavras-signo estão relacionadas a apelos em coletar o que escapou da destruição, ou ainda, em buscar dar sentido a algo que está incompleto ou de algum modo danificado, e que precisa ser re-montado/re-constituído, tanto material quanto simbolicamente ao adentrar no mundo da narrativa arqueológica. Deste modo, a expectativa-tentativa do arqueólogo está voltada para a *reconstrução do mundo*, um mundo distante no tempo e no espaço, mas um mundo que se aproxima pelas coisas (inteiras ou fragmentadas) e pelos sentidos que estas alcançam nas narrativas discursivas e/ou expositivas. A narrativa pode ser sustentada pela linguagem (articulada ou escrita), pela imagem (fixa ou em movimento), pelo gesto ou ainda por todos estes modos de expressão comunicativa (BARTHES, 2008). A cultura material arqueológica da Tradição Itaparica também se constitui como sustentáculo para a

narrativa, na medida em que os objetos são expostos tanto em laboratórios, para análise, ou em museus, para visitação, na intenc o ou expectativa de se reconstituir a sucessão temporal dos acontecimentos vivenciados por homens e mulheres na pr -história.

6.1 O ENCONTRO COM AS COISAS: “EU ESCAVEI L”

O predomínio do empirismo nos textos arqueológicos foi comparado a semelhantes construções textuais observadas em trabalhos etnográficos conforme afirmações de Clifford Geertz referidas no quarto capítulo. Este antropólogo também considera que não é propriamente nas teorias factualistas nem tampouco nos argumentos teóricos que reside o poder de convencimento dos textos escritos pelos antropólogos, mas por estes terem entrado em contato direto com as próprias sociedades às quais se referem, visto que:

A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se você preferir, de terem sido penetrados por ela) - de realmente haverem, de um modo ou de outro, “estado l”. E   a , ao nos convencer de que esse milagre dos bastidores ocorreu, que entra a escrita (GEERTZ, 2005, p. 15).

O trabalho de campo é uma prática na ordem do *habitus* científico vivenciado tanto por antropólogos quanto por arqueólogos em que ambos almejam o conhecimento da cultura. A diferença entre os modos de conhecer outras formas de vida, por estes pesquisadores, não se exprime apenas na materialidade do contato com as pessoas e as coisas - para o antropólogo - e no encontro com as coisas - para o arqueólogo. Na arqueologia, a ausência das pessoas ainda   demarcada por não haver um “dito sobre as coisas” na voz de quem as concebeu, as usou ou as abandonou. Enquanto que na antropologia, as palavras pronunciadas numa cultura também contribuem para que o antropólogo possa ser atingido por ela, na extensão da experiência de ter “estado l”. O arqueólogo também compartilha do “estar lá”, num mundo outrora vivenciado por uma sociedade, que no presente, está desaparecida; e a maneira pela qual este pesquisador é atingido pela cultura se efetiva pelas coisas encontradas, ou por ter “escavado l”. Klaus Hilbert, ao refletir acerca do compromisso social da arqueologia, redimensiona algumas concepções da prática e da teoria arqueológica sob vários aspectos, num dos quais recorre a uma escritura de Kent Flannery - *A parable for the archaeology of the 1980s*, em que o principal personagem

reúne e sintetiza o “eu estava lá” / “eu escavei lá” ao acreditar que a arqueologia se realiza no encontro com as coisas demarcadas pelo teor de cultura, visto que:

Aposentado antes do tempo por acreditar em cultura como paradigma central da arqueologia, o “Old Time” era homem da pesquisa de campo, queimado pelo sol, com calças jeans rasgadas, botas e chapéus, que chamava os outros de “son”, e que concluía seus depoimentos sempre com: “and that’s the God’s truth”. Seus colegas da Universidade tinham pintado de ouro sua velha colher de pedreiro da marca “Marshalltown” como gesto de reconhecimento e de premiação pelos serviços prestados no campo da Arqueologia (HILBERT, 2006, p. 93).

A Tradição Itaparica quando do seu discurso fundador, conforme dito no segundo capítulo, foi construída também por enunciações ainda na prática de campo, quando do posicionamento das coisas na estratigrafia da Gruta do Padre, representada em gráficos e outras formas de inscrições, segundo esta noção da ordem dos signos, apresentada por Bruno Latour. Na textualidade decorrente desta prática arqueológica, Valentin Calderón não convence o leitor apenas pelos “fatos arqueológicos” circunscritos na dimensão das coisas provenientes da escavação na medida em que são (con)textualizadas em sociedades de caçadores e coletores, mas sobretudo por ter “escavado lá”, por ter entrado em contato diretamente com as coisas no ato do encontro ou da descoberta. De acordo com esta prática de campo arqueológica, as coisas localizadas e coletadas na escavação da Gruta do Padre passaram a se constituir na primeira instância do processo de colecionismo. Neste sentido, escavar - a terra - e coletar - as coisas - imprimiram uma força de convencimento na anúncia da Tradição Itaparica que alcançou maiores proporções que as análises e textualidade numa escritura na ordem do empirismo factual, tão próprio às ciências exatas, conforme dito no quarto capítulo. Esta potencialidade do ter “escavado lá” se manifesta com maior evidência na medida em que a escritura decorre deste acontecimento, deste “milagre dos bastidores”, parafraseando a expressão de Clifford Geertz ao se referir ao encontro do antropólogo com outras formas de cultura, em que se “prepara o cenário” para posteriormente “entrar em cena” a escrita antropológica.

6.2 A COLEÇÃO MATRIZ NA NARRATIVA E A DEMARCAÇÃO DE AUTORIDADE NA EXPOSIÇÃO

Na medida em que as informações dos resultados da pesquisa avançam, outros domínios-mundo no universo de objetos, além dos que resultam apenas da escavação em curso,

vão sendo inter-relacionados às palavras e a enunciados de outra ordem. Destaco a importância das coleções e dos museus, ao reterem informações referentes a cada escavação arqueológica, visto serem objetos coletados em determinadas posições estratigráficas e inseridos numa coleção, em que o arqueólogo também assume a função de colecionador. Nas coleções arqueológicas a narrativa expositiva tanto se reporta a uma (pré) história do sítio quanto permite que esta narrativa possa ser ampliada inter-sítios. A Tradição Itaparica, inicialmente foi narrada por Valentin Calderón a partir das coisas coletadas do sítio Gruta do Padre, em Pernambuco, uma coleção matriz a partir da qual “tudo começou” e depois, ao ser comparada por Pedro Ignácio Schmitz, ela se expande num processo de re-significação diante da coleção proveniente do sítio GO-JA-01, no estado de Goiás. Em meio à troca de correspondências, Rosemary Joyce e Robert Preucel (2002), ressaltam que o trabalho de campo em arqueologia é bastante amplo, não implica apenas em escavação ou levantamento de uma área; envolve ainda estudos que correlacionam os dados de coleções, dentre eles o estudo de coleções de museus.

O problema científico de Valentin Calderón apontado no segundo capítulo, onde se erguia uma crítica às buscas obstinadas, pela maioria dos arqueólogos por pontas de projétil, na expectativa de se identificar sítios de maior antiguidade, de algum modo se reflete na narrativa que emana da (pré) história reconstruída e contada a partir da disposição dos instrumentos nas vitrines do MAE/UFBA. Embora não tenha sido Valentin Calderón quem selecionou as peças que estão expostas neste museu, ao que parece, quem ficou com esta atribuição buscou referências nas publicações deste arqueólogo, especialmente na que constam desenhos das peças das camadas mais antigas e que correspondem justamente a ilustrações das lesmas ou de fragmentos destas (CALDERÓN, 1969). As lesmas são os únicos instrumentos em exibição da Tradição Itaparica. Estes objetos estão expostos num cubo separadamente de outros suportes com pontas de projétil (Figura 13). Em museus institucionais a autenticidade dos objetos se inscreve segundo a ordem de seus arranjos em contextos de exposição (MARQUES; HILBERT, 2010a; MARQUES; HILBERT, 2010b). A autenticidade é apresentada segundo o *lugar* que as coisas ocupam dentre as demais, indo encontrar sua maior força de significação num espaço relacional, onde a autoridade e a autenticidade são reforçadas mutuamente de acordo com a posição que o objeto ocupa na exposição. Neste sentido, Spencer Crew e James Sims (1991, p. 162-3) escrevem:

The culture of the museum create its own juxtaposition, its pertinent locations of authenticity. These are framed by the uses of the past this museum culture may choose. With objects transformed from on temporal continuity of use to another, their meanings are entirely reconstituted: the proximity of thing to one another perhaps has more authority, more readable meaning than the things themselves.

As lesmas, objetos circunscritos à cultura material da Tradição Itaparica, estão diretamente relacionadas à noção de antiguidade, que vem ser reforçada na exposição por estarem imediatamente próximas às pontas de projétil, em que a antiguidade é, por assim dizer, popularizada nestes instrumentos, tanto no campo científico quanto entre os visitantes em geral - uma espécie de arquétipo arqueológico. Numa vitrine está contida *toda* a representatividade do mundo da Tradição Itaparica. O objeto-signo lesma concentra a relação *parte-todo* deste sistema semiótico contrastado com outros mundos arqueológicos antigos, reconstruídos pelo arqueólogo na cultura material, uma potente expressão de sentidos tal qual um texto.



Figura 13 - Lesmas expostas no canto abaixo, à direita, na fotografia, juntamente com pontas de projétil e outros instrumentos

A coleção arqueológica da Tradição Itaparica, montada por Valentin Calderón, também foi visitada na década de 1980 por pesquisadores que puseram a “descoberto”, em meio à reserva técnica, os testemunhos do “milagre dos bastidores” ou o que resultou materialmente quando Calderón “escavou lá” - a Gruta do Padre. A análise do material lítico foi conduzida por Jacionira Rocha e Leila Almeida (figura 14), nos anos 1985, que encontraram grupos de peças arqueológicas devidamente co-relacionadas aos níveis estratigráficos, segundo a separação em sacos plásticos (ROCHA, 2008). A publicação decorrente destas análises e de demais objetos provenientes de uma outra escavação na Gruta do Padre (MARTIN; LIMA;

ROCHA, 1986), dirigida por Gabriela Martin, ampliou o universo iconográfico no que diz respeito à cultura material da Tradição Itaparica anunciada neste sítio, e até aquele momento somente divulgada em um único artigo de Calderón (1969).

Gruta do Padre (Petrobrás, Pe) (1)

Classificação do material coletado
por Valentin Calderón

0-30 cm. Camada: cor cinza, aspecto de cinzento rufo muito poroso. Restos de cremação (em menor quantidade que nas proximidades da caverna).

1	núcleo - retocado em ponta	- quartzito fino (acab. 20x7,0x3,0)
3	raspa - chato (irregular)	- quartzito (muito alt. 18,5x6,8x2,5)
1	lâmina - descortificada	- sílex (oxidada) 6,0x3,5
1	" - semicortical	- qto grosso (oxidada) 4,5x7,0
3	" - cortical	- sílex, 2 em processo de silificação, 3,5x3
1	" - descortificada	- qto (oxid.)
1	" - cortical	- quartzito
3	" (s) - descortificada	- quartzito fino (oxid.) - 2 com aresta
14	" - "	- sílex (oxid.) - 3 cl aresta
1	" - descortificada	- qto grosso (oxidada) - com aresta
3	" (s) - semicortical	- sílex (oxid.)
1	" - descortificada em ponta	- quartzito (oxid.)
3	" (s) - descortificada	- 2 quartzito fino, 1 quartzito grosso (oxid.)

Obs: 3 lascas cl aresta em forma retangular (lamina)

A menor lâmina 2,9 cm
" " " 6,0 cm

30-40 cm. Camada: cor cinza, restos de matéria branca em contato cl a cam. semelhante.

1	núcleo - chopping tool (?)	- quartzito (oxid.) 6,5 cm
1	lâmina - descortificada	- sílex (oxid.)
5	" (s) - descortificada	- sílex (oxid.) - 3 cl aresta (retang.)
1	" (s) - semicortical	- quartzito fino (oxid.)
1	" - descortificada em ponta	- quartzito fino grosso - punador?
1	" - cortical	- sílex (oxid.)
1	lâmina - "	- sílex (muito oxidada)
2	lascas - semicortical	- 1 sílex, 1 qto. fino (oxid.)
1	lâmina - aresta grosso	- descortificada (muito oxidada)
5	" (s) - descortificada	- aresta fino (oxidada) - 3 cl aresta
1	" - semicortical	- sílex (oxid.)
3	" (s) - descortificada	- sílex (oxid.) 1 cl aresta, 2 em ponta
2	" - semicortical	- quartzito
2	" - semicortical	- quartzito

Figura 14 - Manuscrito da análise realizada por Jacionira Rocha e Leila Almeida do material lítico da Gruta do Padre, coletado-colecionado por Valentin Calderón, arquivado no MAE/UFBA

A Tradição Itaparica, no MAE/UFBA, conforme dito anteriormente, está representada apenas no universo material constituído pelas lascas e deste modo, ocorre uma restrição da

narrativa expositiva, aspecto que será mencionado a seguir. O fóssil-guia desta tradição é quem assume relevância na exposição museológica, uma decorrência do mesmo *status* alcançado na narrativa iconográfico-enunciativa de Calderón (1969). Retomo uma reflexão apresentada no quarto capítulo onde considero que a problemática deste “minimalismo representativo” de uma cultura arqueológica através dos objetos não reside, propriamente, na eleição de um fóssil-diretor, mas nas omissões de outras coisas arqueológicas em narrativas discursivas e/ou expositivas. A análise do material lítico da Gruta do Padre realizada por Jacionira Rocha e Leila Almeida, quinze anos após a anúncio da cultura material da Tradição Itaparica, trouxe a público - textual e iconograficamente - algumas peças desconhecidas nas publicações de Valentin Calderón e dos visitantes do MAE/UFBA. Em 2008, quando estive no MAE/UFBA e consultei os documentos materiais da Gruta do Padre, não me deparei com as mesmas condições de acondicionamento da cultura material, nem de preservação dos registros de escavação com os quais Jacionira Rocha havia mencionado. Este “estado de coisas”, no que diz respeito a conservação da documentação da cultura material, provavelmente foi alterado devido a algumas mudanças durante o “trânsito” pelo qual os objetos vinham sendo submetidos ao ocuparem diferentes instalações. Por um lado, o espaço atual da reserva técnica apresenta melhores condições quando comparado ao local em que estavam anteriormente depositados os objetos, segundo as observações do então diretor do MAE/UFBA, Carlos Caroso (2008). Por outro, havia etiquetas soltas que não correspondiam às peças ensacadas. Não havia, ainda, nenhuma outra referência registrada que pudesse esclarecer a proveniência da cultura material segundo a estratigrafia da Gruta do Padre. No entanto, a inscrição na própria peça, bem como alguns desenhos da publicação de Martin e colaboradores (1986) contribuíram para que se estabelecessem algumas correlações entre o objeto e o local do achado, e deste modo, eu “escavava uma reserva técnica” com o objetivo de descobrir e relacionar a documentação de quem “escavou lá”, a Gruta do Padre, com a de quem apenas “analisou o que veio de lá”. Diante de sacos contendo peças sem etiquetas com referência, me perguntava: onde está o “fio de Ariadne”? Qual caminho percorrer para localizar algumas das peças mais antigas desta coleção? Onde está a Tradição Itaparica? Após meditar em meio às pedras da coleção, eis que uma luz emerge no fim deste labirinto: a coleção exposta no museu pode ser a ponta deste fio. Aquelas peças constam numa publicação de Calderón (1969) e foram localizadas nas camadas estratigráficas mais antigas da Gruta do Padre. Pronto: o espaço e o tempo poderiam ser “lidos”! Era preciso apenas confirmar a numeração registrada nelas e a partir dali procurar as “irmãs gêmeas” numericamente. Havia ainda a possibilidade da confirmação iconográfica de alguns instrumentos segundo a

publicação de Martin e colaboradores (1986). Identifiquei as *numerações 67 e 68* nos instrumentos e a partir daí saí em busca da diversidade da cultura material da Tradição Itaparica que estava além do universo das lesmas (Figuras 15, 16, 17). Um quebra-cabeça arqueológico se iniciava e as peças de pedra começavam a se juntar. Um jogo fascinante, mas que não precisava ir até o fim, visto ser possível compreender que numa coleção arqueológica se instituem codificações e inscrições sígnicas, em regras de substituição, segundo a noção de Bruno Latour anteriormente mencionada no segundo capítulo. As numerações nas peças substituem ou são equivalentes aos níveis estratigráficos que, ao mesmo tempo, correspondem a horizontes cronológicos. Pronto, pensava, isto é simples! A partir daí números e pedras passaram por uma ampliação de sentidos e eu... já não tinha mais “medo do minotauro”, era só seguir os números registrados por Valentin Calderón e confirmar a “saída” com algumas “pedras na mão” de acordo com as análises de Jacionira Rocha e Leila Almeida, onde constam alguns desenhos em Martin e colaboradores (1986).



Figura 15 - Instrumento armazenado na reserva técnica em que a numeração 67 corresponde a peças da exposição



Figura 16 - Instrumento armazenado na reserva técnica em que a numeração 67 corresponde a peças da exposição



Figura 17 - Instrumento armazenado na reserva técnica em que a numeração 68 corresponde a peças da exposição

Na narrativa da Tradição Itaparica, a partir das coisas da reserva técnica, segundo a diversidade dos objetos devidamente ensacados e acondicionados em caixas, não se vislumbra, numa primeira instância, trazer à tona significações demarcatórias de apenas alguns objetos da Tradição Itaparica, como se instituem as lesmas no contexto de exposição no MAE/UFBA. Se, por um lado, um fóssil-guia diferencia uma tradição ao estabelecer uma marca identitária diante de outras tradições que lhes são “externas”, por outro, numa perspectiva “interna” ocorre uma homogeneização que está sujeita a encobrir a diversidade. Tendo em vista esta oposição entre diferença (externa) e semelhança (interna), poder-se-ia ampliar a narrativa nos objetos da Tradição Itaparica em direção a exposição de uma cultura material múltipla, em que mesmo no “silêncio da pedra” as diversas vozes que acompanham os diferentes atos de conceber, usar os instrumentos e abandoná-los por pessoas do passado também pudessem ser ouvidas nos atos da exposição quando do encontro com outras pessoas do presente, seres distantes temporal e espacialmente. No que diz respeito a concepções acerca de museus, frente a algumas maneiras de dialogar com a sociedade do presente, Bruno (1995) destaca dois aspectos que devem ser considerados quando da veiculação da herança patrimonial, a saber, a salvaguarda e a comunicação dos indicadores da memória. Neste sentido, a Tradição Itaparica requer uma re-constituição, re-montagem, re-construção, re-visão e tantas outras ações que possam assegurar a multiplicidade narrativa desta (pré) história nos objetos no espaço museológico, tanto pela memória da escavação quanto pelos modos de saber e fazer dos homens e mulheres pré-históricos. Além do mais, segundo a materialidade tecnológica dos instrumentos da Tradição Itaparica, André Prous considera ainda que, do ponto de vista da matéria prima e da tecnologia, a imagem construída acerca das indústrias de seixos, composta por instrumentos toscos e pouco variados, pode ter refletido na concepção de uma única tradição tecnológica marcada pela adaptabilidade às características da matéria-prima. Deste modo, a Tradição Itaparica anunciada por Valentin Calderón poderia ter encoberto “as diferenças que, sem dúvida, existem entre as séries arqueológicas que se estendem ao longo dos terraços do Rio São Francisco” (PROUS, 1996a, p. 357-8).

No segundo capítulo, discorri acerca da função-autor no texto arqueológico, em que o nome de autor confere aos discursos certo papel, na medida em que atua no reagrupamento de um número de textos, na delimitação, na classificação e, inclusive, os situando por oposição a outros textos em que se recorria a referências do pesquisador. No (con)texto de exposição museológica, no espaço semiológico dos objetos, institui-se a função-colecionador relativa aos artefatos arqueológicos exibidos. Do mesmo modo, ocorre

uma atuação no reagrupamento e referência aos demais objetos que se apresentam tanto pelo contraste (por não terem sido revelados por este descobridor-colecionador) quanto pela vizinhança com outros objetos expostos no mesmo espaço, também por ele descobertos. Se os objetos arqueológicos podem ser identificados, segundo as pessoas que os produziram no passado, de acordo com horizontes culturais identitários de uma tradição cultural, ocorre que no âmbito da coleção museológica da Tradição Itaparica, onde figura a “presença” do arqueólogo-colecionador, a identidade deste personagem também se inscreve nesta tradição arqueológica. No universo dos objetos particulares em exposição no MAE/UFBA, a identidade de Valentin Calderón é afirmada a partir de instrumentos utilizados em suas pesquisas, circunscrevendo o seu campo de atuação profissional e demarcando com quais instrumentos se “escavava lá” (Figuras 18).



Figura 18 - Objetos pessoais de Valentin Calderón utilizados em pesquisas e expostos no MAE/UFBA

Estes objetos de Valentin Calderón, usados em sua prática arqueológica, vêm reforçar a voz de autoridade de quem fala com maior propriedade no espaço de peças expostas, exprimindo o encontro entre a materialidade dos instrumentos do arqueólogo e da cultura material arqueológica. Ao se referirem a museus institucionais, Spencer Crew e James Sims (1991, p. 163) enfatizam o modo em que se delineia a voz de autoridade na exposição, na medida em que: “Within history exhibitions this voice or point of view often is influenced by research taking place in academic circles. The work of university-based scholars is the voice of authority upon which history exhibitions frequently rely”.

6.3 TRÂNSITOS E SIGNIFICAÇÕES DE OBJETOS: A SEMIOSE NAS COISAS ARQUEOLÓGICAS

A escavação da Gruta do Padre foi realizada inicialmente por níveis artificiais, e depois por níveis naturais. O procedimento adotado para a identificação ou codificação dos instrumentos, segundo Marcos Albuquerque (2007), tinha como referência os níveis estratigráficos, pois a cada nível os artefatos eram marcados com uma única numeração conforme mencionado anteriormente. Cada instrumento foi registrado com um número que passou a ser uma referência. Os objetos da cultura material, oriundos da escavação dirigida por Valentin Calderón, posteriormente foram constituir uma coleção, um patrimônio de “objetos com codificação numérica”, acondicionados numa reserva técnica e/ou expostos no MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia), da UFBA (Universidade Federal da Bahia). No entanto, a cultura material arqueológica do sítio Gruta do Padre antes de compor o acervo patrimonial do MAE/UFBA, ficou “depositada” em outros espaços, visto esse museu ter sido instalado somente em 1983, dezesseis anos após esta escavação ter sido dirigida por Valentin Calderón¹²⁸. O antropólogo Pedro Agostinho, num depoimento acerca de pesquisas realizadas por Valentin Calderón - anteriores à criação do Laboratório de Etnologia, instalado em 1962 - descreve alguns lugares onde as coisas arqueológicas provenientes das escavações eram guardadas. A precariedade destes espaços pode ter

¹²⁸ O ano de 1967 é apontado como a data da escavação do sítio Gruta do Padre realizada por Valentin Calderón, de acordo com anotações no caderno de campo que faz parte da memória desta pesquisa arqueológica. Este registro está arquivado no MAE/UFBA.

impulsionado Valentin Calderón a reivindicar junto a instituições de ensino e pesquisa, especialmente a UFBA, por melhores condições para o acondicionamento da cultura material arqueológica. O Laboratório de Arqueologia e Etnologia é o lugar que parece ter “abrigado” os objetos arqueológicos da Gruta do Padre, mas anteriormente Pedro Agostinho recorda alguns ambientes de “guarda patrimonial”, ao dizer:

Ali, ali era o Laboratório de Arqueologia e Etnologia. E desde essa época, quer dizer, ali é quando Calderón começa a fazer arqueologia. As primeiras sacas de material arqueológico vindas do Periperi, você sabe onde ficavam? Num quarto de pensão... num quarto de pensão pobre em que ele morava, na praça da Sé, naquela ruazinha ali, que dá pro lado da rua do Liceu, os sacos ficavam no quarto dele, empilhados, não havia outro lugar. Depois foi para o banheiro do Instituto de Cultura Hispânica, ali perto do Banco da Universidade no Canela, dali foi pra esse [...] laboratoriazinho, depois foi o próprio Calderón que o dirigiu para o laboratoriazinho da esquina da Reitoria. Foi pra'li que vieram as primeiras coleções de arqueologia de Calderón (*apud* PASSOS, 1999, p. 85-6).

Valentin Calderón, enquanto colecionador da cultura material da Tradição Itaparica, atuou apenas nos espaços da área de pesquisa e do laboratório. Apesar dele ter se dedicado a estudos museológicos, inclusive tendo coordenado o Curso de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da UFBA, entre os anos 1970 e 1976, o MAE/UFBA somente foi instalado após o seu falecimento¹²⁹. Deste modo, Valentin Calderón não participou da seleção de peças que foram dispostas em vitrines deste museu em vias de reconstituição da pré(história) da Tradição Itaparica narrada a partir de objetos. Algumas destas peças expostas são as mesmas que constam na primeira publicação de Valentin Calderón, que embora ainda não tivesse noticiado a Tradição Itaparica, esclarecia que estes objetos eram provenientes das camadas estratigráficas mais antigas da Gruta do Padre (Figuras 19 e 20).

¹²⁹ Um anteprojeto do MAE/UFBA foi proposto por Calderón à UFBA, em 1969 (PASSOS, 1999).



Figura 19 - Instrumentos da Tradição Itaparica exposto no MAE/UFBA



Figura 20 - Instrumentos e ilustrações de instrumentos da Tradição Itaparica

No percurso que envolve a escavação, a coleção arqueológica, o texto arqueológico e a exposição museológica, há uma intersignificação entre as dimensões semiológicas do objeto e a linguística. No momento em que o objeto se apresenta como um achado, os sentidos linguísticos atribuídos ainda são vagos (é o próprio objeto quem “fala” com uma tradução moderada do arqueólogo), mas após serem conduzidos a coleções arqueológicas, e submetidos a análises laboratoriais, a dimensão de sentido se amplia e a fala do arqueólogo alcança maior extensão. No momento em que os instrumentos figuram iconográfica e descritivamente em artigos, além das descrições tipológicas, eles reforçam afirmações circunscritas ao meio ambiente, a cronologia e outras especificidades tecnológicas, numa rede de inter-relações (con)textualizada - eis o ápice da significação! E, finalmente, ao serem expostos em coleções museológicas, especificamente a cultura material da Tradição Itaparica, ocorre uma restrição/ampliação de sentidos, aparentemente contraditória, mas complementar, na medida em que as peças desta tradição cultural material serão selecionadas mediante dois critérios fundamentais sustentados metonimicamente: uma *parte* (mínima) da coleção arqueológica irá representar o *todo*, ou o mundo da Tradição Itaparica.

6.4 UMA NARRATIVA AMPLIADA: A DIVERSIDADE DOS OBJETOS

A comunicação narrativa foi demarcada no quarto capítulo no âmbito da narrativa discursiva pré-histórica. Apesar da disposição de objetos necessariamente não estar pautada pelo discurso escrito ou falado, a narrativa está presente na medida em que os acontecimentos possam estar sendo representados pela via da cultura material. A expansão dos sentidos de uma cultura por meio dos objetos é uma maneira de divulgação que está implícita no ato de comunicar. De acordo com Pedro Ignácio Schmitz, o Instituto Anchietano de Pesquisas não se restringe apenas às publicações científico-acadêmicas, quando da reprodução do conhecimento, visto que “há, também, uma certa intensidade de divulgação a nível popular, para a qual também serve o pequeno museu da casa” (SCHMITZ, 1996, p. 170). Diferentemente do MAE/UFBA em que as coisas da Tradição Itaparica provenientes da Gruta do Padre estão expostas num cubo ao lado de expositores semelhantes, nos quais estão dispostas pontas de projétil e outros objetos, a cultura material arqueológica vinda de Serranópolis está individualizada num expositor de madeira com tampa de vidro, onde ao centro se lê: “Material Lítico da Tradição Itaparica” (Figura 21).



Figura 21 - Expositor da cultura material da Tradição Itaparica, de sítios do estado de Goiás

Apesar da narrativa estar voltada predominantemente para as lesmas, segundo a disposição e recorrência dos objetos, estes instrumentos, aos quais é atribuída a função de raspar, estão contextualizados a outros raspadores e instrumentos, tais como: facas e lascas, neste mesmo espaço expositivo. A diversidade da cultura material não escapa mesmo ao olhar menos atento. O plano das formas, uma das percepções mais imediatas se revela logo nas primeiras miradas. A representatividade do fósil-guia se exprime justamente em meio a diferentes instrumentos, no museu do Instituto Anchieta de Pesquisa, não sendo, portanto, necessário eliminar outras coisas da cultura material arqueológica em detrimento do minimalismo expositivo de um único tipo de objeto segundo a apresentação da Tradição Itaparica exibida no MAE/UFBA. No entanto, as lesmas se constituem numa poderosa expressão da cultura material circunscrita aos acontecimentos pré-históricos, veiculada na narrativa dos colecionadores-arqueólogos e nas daqueles que montam a pré-história da Tradição Itaparica em ambientes expositivos para visitação pública. A marca da diversidade é ressaltada também no próprio “universo das lesmas”, quando Schmitz (2004, p. 187) afirma que “das muitas centenas de exemplares recuperados, buscamos mostrar as

variações nas figuras 42 a 45”. Deste modo, ele tece as inter-relações nas narrativas (discursiva e expositiva), apresentando em diferentes contextos o lugar que as lesmas ocupam no “universo da Tradição Itaparica”. Diferentemente dos objetos pessoais de Valentin Calderón expostos no MAE/UFBA e que, de alguma maneira, asseguram e testemunham a autoridade do “eu escavei lá”, Pedro Ignácio Schmitz com suas próprias mãos revive o acontecimento do encontro com as “velhas coisas” quando as toca no presente, na afirmação da memória de quem “escavou lá” (Figura 22). Além das mãos, as palavras escritas e pronunciadas se entrelaçam na re-construção da narrativa pré-histórica da Tradição Itaparica, em outros (con)textos de disposição/exposição, mas sempre, na presença destas mesmas coisas.



Figura 22 - Pedro Ignácio Schmitz tocando em lesmas de diferentes formas, mas de tamanhos semelhantes, na sala de exposição do museu do Instituto Anchieta de Pesquisa

6.5 COLECIONADOR PARTICULAR: UMA NARRATIVA SUBJETIVA E MULTIVOCAL

Do alto de falésias monumentais se avista a praia de Ponta Grossa, no município de Icapuí, no Ceará. Na primeira vez que estive lá, na companhia do fotógrafo Tibico Brasil, era início de uma tarde nos anos 1997, e encontramos uma aldeia de pescadores silenciosa. À beira mar havia pequenas cabanas, construídas com quatro varas fincadas no solo e com cobertura de palha de coqueiro. Em uma delas, duas pessoas estavam sentadas no chão fazendo cafuné - ato de coçar levemente a cabeça de alguém para fazê-lo adormecer. Era uma vila habitada predominantemente por pessoas praticantes de cultos evangélicos. Não havia bares e nem sequer era permitido, por alguns, às crianças jogarem futebol. Seguimos pela aldeia e não havia ninguém nas ruas ou à porta das casas, logo no início do percurso. Mais adiante, vimos apenas uma criança varrendo a calçada do local onde se realizavam os cultos evangélicos. Ela nos indicou onde era a casa de Josué Crispim, um pescador que cultivou o hábito de colecionar objetos. O nosso encontro foi descrito na introdução desta escritura. Ao ser “apresentada” à sua coleção particular, exposta numa cooperativa de pescadores de lagosta, imediatamente identifiquei o fóssil-guia: a lesma da Tradição Itaparica ou o raspador com técnica de retoque unifacial, conforme a denominação que eu conhecia acerca de alguns objetos da pré-história, até aquele momento, a partir de uma publicação de André Prous, *Arqueologia Brasileira*. Em meio a tantos outros instrumentos, sem um critério de seleção evidente, as lesmas se destacavam dos raspadores circulares, dos furadores, das lascas. Nesta primeira visita não fotografei as peças nem tampouco o ambiente, queria apenas conhecer de forma discreta, sem aparato fotográfico, o colecionador e sua coleção. Na memória guardo imagens de objetos de populações históricas e pré-históricas dispostos em algumas mesas. Alguns anos depois, voltei para uma breve visita e apresentei Josué com um livro sobre sítios arqueológicos pré-históricos no Nordeste do Brasil. Havia percebido, desde que o conhecera, sua curiosidade e vontade em ampliar o entendimento acerca das coisas da pré-história a partir dos “dizeres” dos arqueólogos. Nesta segunda visita constatei que as peças haviam “migrado” para um dos cômodos da casa de Josué Crispim. Somente em 2005 é que retorno com o “espírito de pesquisadora”, na companhia de Leandro Cascon, um estudante de história, e Valberlândia Nascimento, geóloga. Desta vez, encontramos as peças num espaço exclusivo para exposição, identificado como o “Museu do Josué Crispim”. As peças estavam dispostas em

expositores de vidro e em algumas estantes. Recordo-me que ainda não havia despertado o meu interesse pelo “modo de colecionar” dos colecionadores particulares. Meu interesse estava voltado para o “modo que os arqueólogos classificam e descrevem as coisas arqueológicas da cultura material”, tanto é que documentei fotograficamente as peças as dispendo de uma maneira bastante diferente do qual estavam expostas no contexto de exposição no “Museu do Josué Crispim”, semelhantemente à maneira em que os arqueólogos as dispõem em suas documentações fotográficas que ilustram os textos (Figuras 23, 24 e 25).



Figura 23 - Lesmas da coleção de Josué Crispim



Figura 24 - Lesmas da coleção de Josué Crispim



Figura 25 - Raspador circular, lascas e furadores da coleção de Josué Crispim

As narrativas dos colecionadores particulares acerca dos objetos não estão apoiadas propriamente em saberes legitimados por estudiosos da cultura material, embora possa ocorrer uma incorporação em seus discursos de taxonomias decorrentes de conhecimentos científicos. Para citar um exemplo, o colecionador Josué Crispim, na praia de Ponta Grossa, em Icapuí, no Ceará, após leituras de publicações arqueológicas, passou a denominar os instrumentos da pré-história como “lítico polido” e “lítico lascado”, conferindo-lhes a função de pilar e cortar, respectivamente. No que diz respeito à exposição, ao arranjo de apresentação da coleção ou à narrativa expositiva dos objetos, Josué Crispim passou a distribuir as coisas arqueológicas em estantes com compartimentos ao modo de alguns museus institucionais (Figuras 26, 27 e 28).



Figura 26 - Estante de exposição da coleção de Josué Crispim



Figura 27 - Semelhança entre objetos pela cor e textura



Figura 28 - Semelhança entre objetos pela forma

Josué Crispim nos explicava que o contexto de exposição das pedras de sua coleção segue princípios de cor, forma e, inclusive, textura. Este modo de se relacionar com as coisas se inscreve nas reflexões de Hilbert (2007b) ao levar em consideração as percepções e sensações do sujeito que vivencia o encontro com as coisas. Contudo, estas singularidades não estão condicionadas à autenticidade dos objetos aos moldes dos museus institucionais, na medida em que no espaço de exposição de sua coleção, a disposição obedece a princípios de ordenação visual e tátil, não necessariamente visando reforçar a autenticidade deste ou daquele objeto (HILBERT; MARQUES, 2008). Estes artefatos pré-históricos podem ser também revestidos dos significados do mundo idealizado pelo colecionador, onde, do mesmo modo, não existe a expectativa de confirmação de autenticidade ou autoridade que vá além das suas próprias concepções. Apesar de haver este reconhecimento do dito e da plasticidade do modo de expor a cultura material, especialmente no que se refere aos expositores dos objetos, semelhantes aos museus institucionais, a voz de autoridade que ressoa nas coleções particulares é presentificada e autorizada pela narrativa na fala do colecionador, que guia o visitante e, a cada apresentação das coisas, ressalta ou encobre algum objeto no ato da espontaneidade da fala. A subjetividade demarcada da narrativa de Josué Crispim é pontuada por argumentos científicos, no entanto, bastante discretos quando da tecedura dos discursos que emergem das suas vivências e idealizações. Deste modo, esse colecionador constrói um discurso narrativo pré-histórico, em que a origem da humanidade é esboçada em sua generalidade primitiva e exotividade, não necessitando buscar fundamentação em discursos científicos que se reportam às épocas pleistocênica ou holocênica; isto fica a cargo dos estudiosos da cultura. A narrativa de Josué Crispim nos revela a concepção da origem humana idealizada, onde os diferentes instrumentos pré-históricos são relacionados aos primórdios da humanidade, ao dizer que: “As pessoas que fizeram estes instrumentos foram os primeiros primitivos. Tem muito a ver com nossa origem. Eram os nativos primitivos e hoje nós mudamos um pouco. Eles tinham a cabeça grande, eram negros e baixinhos”.

Nesta narrativa de um tempo idealizado se inscreve a humanidade contemporânea na medida em que se estabeleceu uma relação comparativa para explicitar uma mudança. O narrador deste modo faz parte da narrativa ao afirmar que “hoje *nós* mudamos um pouco”. Neste sentido há um envolvimento entre o acontecimento e o narrador. Ele, de algum modo, se projeta num tempo passado para perceber a mudança, o reconhecimento da alteridade inscrita num processo de longa duração. Embora essa narrativa seja a respeito de um

“acontecimento” idealizado, a relação entre narrador e narração pode ser entendida nas palavras de Jacques Derrida (1995, p. 121):

A relação narrativa - muitas vezes se pensa - não se relata a si mesma, senão a um conteúdo que está além e antes dele. Aqui - devemos levar em conta -, o que acontece com o narrador e a narrativa provoca o narrador e a narração; e os componentes da narração são aqueles, sem o qual, sem dúvida, o acontecimento não iria ocorrer.¹³⁰

O reconhecimento do pertencimento dos objetos pré-históricos aos “nativos primitivos” também se inscreve no âmbito das mudanças tais quais as que foram referidas aos constituintes físicos humanos, não perdendo de vista que os instrumentos de pedra são diferentes dos utilizados contemporaneamente. Entretanto, os atos de cortar e pilar, reconhecidos nos objetos pré-históricos por Josué Crispim, ainda permanecem em outros objetos no presente. Na narrativa deste colecionador, as vozes dos arqueólogos, segundo as denominações de “lítico lascado” e “lítico polido”, irão ressoar em seu discurso, e deste modo, estas “vozes científicas” virão inscrever novos sentidos na cultura material arqueológica colecionada por um pescador no litoral do Ceará, em que a lesma, o fóssil-guia da Tradição Itaparica também se constitui em sustentáculo da narrativa (pré)histórica que se reflete em atos, funções e sentidos no presente.

¹³⁰ Tradução minha.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Devo embrenhar-me por esse caminho? Mas a conclusão que me espera não será demasiado óbvia? A escrita como modelo de todo processo real... ou, ainda, a única realidade tout court... Não, não me meterei por esse trilho forçado que me leva longe demais do uso da palavra como entendo, ou seja, como perseguição incessante das coisas, adequação à sua infinita variedade”.

(Ítalo Calvino. *Seis propostas para o próximo milênio*. 1990).

Um dos primeiros desafios que se apresentou no ato da constituição inicial da tese residiu na delimitação do problema científico. As palavras se presentificam nas coisas, no plano da materialidade, e se inscrevem quando do pensar e do fazer arqueológico, ao mesmo tempo em que a leitura e a escritura se efetivam e decorrem também destas materialidades. Diante desta aparente ambivalência complementar (a inscrição e a decorrência), delineei o problema científico de alcance mais envolvente: a relação ou metaforicidade entre cultura material e texto. Christopher Tilley enfatiza que a cultura material é um tipo de texto, silencioso quando da escrita e discursividade e, ao mesmo tempo, com um amplo potencial para guardar ou preservar informação. As palavras perpassam as coisas que são lidas, enquanto um tipo de texto, e ao mesmo tempo constituem os discursos que decorrem desta leitura. Estas considerações que envolvem a analogia entre palavras e coisas quando do emprego de figuras de linguagem: a metáfora, provoca reflexões quanto à inerência do ser destas materialidades que, na afirmação de Olsen (2006) ontologicamente se constituem de maneiras diferentes. No entanto, considero que a semelhança se mantém enquanto materialidades documentais que preservam informações. A partir desta perspectiva redimensionei os estudos acerca da constituição de uma tradição cultural arqueológica, a Tradição Itaparica, ao considerar que a problematização não está circunscrita apenas aos estudos da tecnologia de natureza propriamente material, e sim ao território discursivo das coisas escritas e ditas. Se a cultura material metaforicamente pode ser percebida como um texto, há um outro plano de textualidade que diz respeito à própria escritura arqueológica. Neste sentido, Klaus Hilbert esclarece que a constituição do objeto arqueológico se efetiva pela via da linguagem ao tornar o mundo concebível, pois na medida em que os objetos se tornam inteligíveis para o arqueólogo a textualização dos mesmos está em vias de ser efetivada, na dimensão das palavras, que envolve os procedimentos de análise, observação, descrição e interpretação. Deste modo, o desdobramento do tema demarcado pelo problema científico da tese reside em identificar as circunstâncias ou acontecimentos discursivos em

que a Tradição Itaparica alcançou e se tornou uma referência identitária de uma tradição-cultural-material no campo científico da arqueologia brasileira.

Há enunciados que se instituem no posicionamento da cultura material ainda no espaço da área de escavação, aqueles que substancialmente não são constituídos por palavras - as representações gráficas são um dos principais exemplos. Ao partir do pressuposto que a cultura material preserva informação, iniciei por analisar o modo em que primeiramente esta tradição cultural arqueológica fora divulgada - o discurso de anúncio. A princípio, a identidade cultural material da Tradição Itaparica parece se afirmar no acontecimento enunciativo que inscreve a “maior antiguidade” do sítio arqueológico Gruta do Padre, escavado por Valentin Calderón, em Pernambuco, no nordeste do Brasil. Nesta discursividade também é demarcada a ausência de pontas de projétil, e de algum modo, estes instrumentos são destituído da exclusividade do *status* de “arquétipo de antiguidade”, alcançado tanto no meio científico quanto entre as pessoas de um modo geral, especialmente nas exposições de coleções da cultura material. No entanto, os discurso de Valentin Calderón apontam para a falta de critério científico e ineficácia, quando da nomeação das coisas arqueológicas, em outros estudos empreendidos no período em que fora realizada a escavação na Gruta do Padre, no final dos anos 1960. Essa leitura do campo científico da arqueologia, no que diz respeito ao *habitus* científico, somente foi apontada por este arqueólogo numa publicação em 1983. Valentin Calderón, num texto predominantemente descritivo, no que diz respeito aos aspectos ambientais e a cultura material, demarca a título de exemplo um acontecimento enunciativo relevante ao se referir a estudos cerâmicos realizados com base científica. Neste discurso não são apontados nominalmente os pesquisadores, mas ao falar do “lugar” em que ocupou como membro do PRONAPA, considerei necessário estender o alcance da pesquisa para a concepção dos procedimentos metodológicos deste programa e, inclusive, da identidade dos “irmãos” pronapianos. Os arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans, coordenadores do PRONAPA, ao realizarem seminários e treinamentos com arqueólogos brasileiros, nos anos 1960, num período em que a arqueologia brasileira era considerada amadorística por esta arqueóloga, terão a expectativa de instituírem o *habitus* científico, enquanto capacidades inscritas num conhecimento adquirido, e ainda transmitido, segundo essa noção desenvolvida por Pierre Bourdieu acerca dos estudos de sociologia da ciência.

A anúncio da Tradição Itaparica instaura uma nova formação discursiva, de acordo com a perspectiva de análise de Michel Foucault, demarcada por um discurso fundador em que se inscreve a antiguidade, a nomeação adequada dos objetos

arqueológicos, o apelo à cientificidade e a divulgação de uma cultura material que preserve informações predominantemente tipológico-funcionais. Nesta formação discursiva, os instrumentos unifaciais assumem relevância na iconografia que compõe o texto que anuncia o princípio do mundo da Tradição Itaparica. De acordo com a concepção foucaultiana da análise de discurso, a metodologia pronapiana que localiza, classifica e compara, se constitui como sustentáculos para a constituição do modo de fazer e dizer quando da anúncio desta tradição cultural arqueológica. Latour (2000, p. 67) considera que “uma afirmação é fato ou ficção não por si mesma, mas apenas em virtude daquilo que outras sentenças possam fazer com ela depois. Para sobreviver ou transformar-se em fato, uma afirmação precisa da *geração seguinte* de textos”. A Tradição Itaparica, após a anúncio, é redimensionada na condição de “fato científico” pela via da intertextualidade, da transdiscursividade e vai ressoar na voz de outros arqueólogos, tais como Pedro Ignácio Schmitz e Armand Laroche, num período demarcado nos anos 1980, o auge da dialogicidade comparativa de coisas e palavras ditas sobre esta tradição cultural arqueológica. Embora estes arqueólogos tenham realizado pesquisas em ambientes diferentes e, ainda, revelado a diversidade de coisas arqueológicas, a Tradição Itaparica vem se instituir e, ao mesmo tempo, se diferenciar das demais tradições por um sinal cultural-material diacrítico, um fóssil-guia, ao ser nomeado o instrumento unifacial, plano-convexo: a lesma, na palavra de Pedro Ignácio Schmitz. Em vista disto, Armand Laroche associa (instrumento e denominação da tradição) e dá seguimento a esta discursividade construída por Calderón e Schmitz ao “incorporar”, na demarcação da Tradição Itaparica os fósseis-guia, mesmo com outra denominação e funcionalidade - as pontas de projéteis ou lesmas.

O mundo da Tradição Itaparica primeiramente estava circunscrito à espacialidade da Gruta do Padre e é ampliado ao abarcar também a extensão do planalto central brasileiro. Pedro Ignácio Schmitz desenvolve um quadro de trânsito ou deslocamento populacional onde situa o Piauí enquanto ambiente inicial e propagador destas itinerâncias das populações de caçadores e coletores na pré-história, no Holoceno Antigo, que terá ressonância na voz de Armand Laroche. No entanto, a temporalidade se constitui na principal categoria que configura a identidade referencial desta tradição cultural arqueológica, ao possibilitar um recuo frente à ampliação da noção de antiguidade, um dos acontecimentos enunciativos relevante no marco da anúncio e no discurso fundador desta tradição, demarcado em 5630 ± 440 a. C. por Valentin Calderón. A multivocalidade no âmbito dos discursos científicos, no marco dos anos 1980, sustentou nas datações as inter-relações entre sítios da Tradição Itaparica e, sobretudo, a comparação acerca de quais

sítios estariam posicionados no quadro da “maior” antiguidade desta tradição cultural arqueológica, quando Armand Laroche (1987, p. 28) afirma que:

Todavia, os dados Chã-do-Caboclo 11.000 anos B.P., são mais antigas que os de Calderón para Itaparica, 5.630 anos a. C., isto é, uma diferença de cerca de 2.370 anos, evidência que leva a pensar que o centro de irradiação teria partido do Nordeste e não do centro do país, fato que se parece confirmar, quando se toma nota da data mais antiga obtida pelo Prof. Pedro Ignácio Schmitz, no planalto central de Goiás, seja 10.750 anos B. P., uma diferença de 250 anos para uma datação entre regiões situadas a 1.800 Km umas das outras.

Apesar de Valentin Calderón ter demarcado o discurso fundador na anunciação da Tradição Itaparica e de Armand Laroche ter divulgado a antiguidade mais recuada, na documentação material dos discursos produzidos e reproduzidos acerca desta tradição, nos anos 1980, considero que, de acordo com as noções concebidas por Pierre Bourdieu, o *capital científico* acumulado por Pedro Ignácio Schmitz, devido à atuação enquanto *agente científico/arqueológico* em *instituições* de pesquisa, ensino e em espaço museológico, foi o que promoveu a afirmação desta tradição cultural no *campo científico* da arqueologia brasileira. Os espaços destinados a publicações bem como à divulgação de pesquisas em eventos científicos foram demarcados pela atuação de Pedro Ignácio Schmitz ao propagar a narrativa (pré)histórica da Tradição Itaparica. Recorro a metáforas acerca desta “tradição” e da “lesma”, quando Valentin Calderón batizou com o nome da “família” e Pedro Ignácio Schmitz batizou com o nome da “filha”, respectivamente. Diante destas linguagens figuradas não pretendo incorrer num personalismo dos objetos, num antropomorfismo, tal qual alertou Hilbert (2007b) para as substâncias das coisas. No entanto, a marca identitária, entendida como os atributos que proporcionam o reconhecimento das semelhanças e inclusive da alteridade (de uma coisa em relação à outra), se inscreveu a partir do reconhecimento das lesmas enquanto um “guia” norteador para o reconhecimento de uma tradição. O discurso narrativo de Pedro Ignácio Schmitz acerca desta tradição repercutirá com mais fôlego e maior alcance que os discursos narrativos dos seus contemporâneos nos anos 1980. E demarca uma nova “*geração seguinte* de textos”, conforme mencionado por Bruno Latour, em que a lesma, enquanto a “filha” que mais “reproduziu” nesta tradição se afirma também na nova geração de discursos com enfoque na tecnologia das cadeias operatórias. Estas análises também demarcam perspectivas que vão além de descrições tipológico-funcionais, ao inscrever um teor de interpretatividade na medida em que os gestos de realização na criação destes instrumentos são percebidos e agenciados, na ordem dos sentidos do criador e posteriormente do arqueólogo, que sinaliza estes modos de

concepção das coisas, discursiva e iconograficamente, quando da constituição de um sistema semiótico. A lesma também se apresenta nos museus e em coleções particulares, inscrita em narrativas expositivas em contextos, tanto homogêneos quanto diversificados, no que diz respeito a presença de objetos desta tradição arqueológica.

O reconhecimento da lesma por Pedro Ignácio Schmitz pode ser inscrito na condição de um acontecimento, em que foi exercida uma ação recíproca segundo o princípio de simetria generalizada (entre humanos e não-humanos), uma noção concebida por Latour (1995; 2008). Deste modo, ao ser escrita a (pré)história da Tradição Itaparica, demarcou-se intrinsecamente a (pré)história da lesma e ao mesmo tempo a história de Pedro Ignácio Schmitz, e neste sentido está sendo considerando o encontro das coisas e das pessoas, enquanto agentes que inter-agem. Ao longo desta pesquisa, pude perceber demarcações de narrativas discursivas que “leram” algumas partes da Tradição Itaparica. Em alguns momentos, as mesmas coisas eram traduzidas por outras palavras. Na ampla discursividade, nos anos 1980 foram relacionados os primeiros sítios divulgados ancorados em datas, nas coisas e nos espaços ambientais. Neste período a lesma emerge como signo metafórico e metonímico desta tradição cultural arqueológica. Nos anos 1990 algumas vozes revelam controvérsias acerca desta tradição e num terceiro momento, nos anos 2000, a Tradição Itaparica se afirma fundamentalmente a partir da lesma, em estudos que envolvem a interpretação da própria corporeidade de quem a confecciona - na instituição também do encontro com as coisas. Há diante desta trajetória de enfoques e delimitações temáticas, uma renovação que se exprime na revisão de estudos anteriores. Desafios, deste modo foram inscritos e, ao mesmo tempo, outros novos, se projetam para o futuro. É provável que haja uma ampliação dos estudos sobre tecnologia, do encontro das pessoas no ato de confecção dos instrumentos, em que são privilegiadas as lesmas. Uma outra perspectiva poderá ser inscrita a partir de novas posturas e percepções ainda nos primeiros atos no encontro/acontecimento do arqueólogo com as coisas - no “canteiro de escavação” durante o trabalho de campo - em que essas manifestações do “fazer arqueológico” irão se exprimir enquanto conhecimento adquirido e transmitido pela regularidade do *habitus* científico. Ao se “escavar lá” diretamente, em pessoa (humano), o *encontro* requer um plano de discursividade extenso, na medida em que as coisas (não-humanos) chegam ao arqueólogo impregnadas de outras substâncias que atuam na construção da (pré)história. Estas outras materialidades, além das coisas arqueológicas, não deveriam ficar somente a cargo da leitura de outros especialistas. Diferentes substâncias materiais, por estarem agregadas aos vestígios arqueológicos, irão compor a “história dos objetos”, e, diante desta re-construção,

as enunciações constituídas por representações gráficas, as inscrições sígnicas e as metáforas que estendem a comunicação, ao tornar o exótico em familiar, poderão ampliar a voz do arqueólogo. A partir das diferentes especificidades de materialidades que se encontram nas coisas arqueológicas, poderá ser revelada a história das coisas na terra e ao mesmo tempo a história daqueles que a escavaram. Os arqueólogos (humanos) poderão ler e discursar com maior amplitude sobre as coisas arqueológicas (não-humanos), estes híbridos (natureza e cultura) que ao serem encontrados atingem o arqueólogo. Neste encontro, potencialmente, os sentidos poderão ser restituídos pela via da linguagem e dos signos não linguísticos - traduzidos na palavra e na voz do arqueólogo no momento em que é atingido pelas coisas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marcos. **Escavação na Gruta do Padre**. Salvador, 2007. Comunicação pessoal.

ANDREWS, G.; BARRET, J. C.; LEWIS, J. S. C. Interpretation not record: the practice of archaeology. **Antiquity**, v. 74, n. 285, p. 525-30, 2000.

ARENDDT, Hannah. **De la historia a la acción**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1993.

BARBOSA, Elvis Pereira; SOARES, Ivan Dorea. Valentin Calderón: vida e obra. *In*: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 8., 1995, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: 1995. p. 151-4.

BARRETO, Cristiana. Brazilian archaeology from a brazilian perspective. **Antiquity**, v. 72, n. 277, p. 573-9, 1998.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **Image, music, text**. London: Fontana, 1977.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. *In*: BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 19-62.

_____. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'água. Lisboa, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1).

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **¿Que significa hablar?** Madrid: Akal, 1985.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense. 2004a.

_____. **Intelectuales, política y poder**. Buenos Aires: Edeuba, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: UNESP, 2004b.

BRAIT, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. *In*: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2007.

_____. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. *In*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

BRÉZILLON, Michel N. **La dénomination des objets de pierre taillée: matériaux por um vocabulaire des préhistoriens de langue française**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1977.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema**. São Paulo: USP, 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, 2005.

BUENO, Lucas. Organização tecnológica e teoria do design: entre estratégias e características de performance. *In*: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Org.). **Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007a, p. 67-94.

_____. Variabilidade Tecnológica nos sítios líticos da região do Lajeado, Médio Rio Tocantins. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Universidade de São Paulo, supl. 4, 2007b.

CALDERÓN, Valentin. A fase aratu no recôncavo litoral norte do Estado da Bahia. *In*: PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS (PRONAPA). Pronapa 3. **Resultados preliminares do terceiro ano, 1967-1968**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1968. p. 161-2.

_____. A pesquisa arqueológica nos estados da Bahia e Rio Grande do Norte. **Dédalo**, São Paulo: MAE-USP, ano IX, n. 17-8, p. 25-31, 1973.

_____. As tradições Líticas de uma região do Baixo Médio São Francisco (Bahia). **Estudos de arqueologia e etnologia**. Salvador: UFBA, 1983. p. 37-58. (Coleção Valentin Calderón).

_____. Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia. *In*: PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS (PRONAPA). Pronapa 5. **Resultados preliminares do quinto ano, 1969-1970**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1974a. p.163-8.

_____. Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia. *In*: PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS (PRONAPA). Pronapa 4. **Resultados preliminares do quarto ano, 1968-1969**. Belém: Museu Paraense Emílio, 1971. p. 163-78.

_____. **Cadernos de Campo arquivados no MAE/UFBA**. Salvador: UFBA, 1967a.

_____. Contribuição ao conhecimento da arqueologia do recôncavo sul do Estado da Bahia. *In*: PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS (PRONAPA). Pronapa 5. **Resultados preliminares do quinto ano, 1969-1970**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1974b. p. 141-54.

_____. Nota prévia sobre arqueologia das regiões central e sudeste do estado da Bahia. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA**, 2. Resultados preliminares do segundo ano, 1966-1967. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969, p. 135-52.

CALDERÓN, Valentin. Notícia preliminar sobre as seqüências arqueológicas do médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia. *In*: PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS (PRONAPA). Pronapa 1. **Resultados preliminares do primeiro ano, 1965-1966**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967b. p. 107-20.

CARMAN, John. Interpretation, writing and presenting the past. *In*: HODER, Ian *et al.* **Interpreting archaeology: finding meaning in the past**. London/ New York: Routledge, 1995.

CAROSO, Carlos. **Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA**. Salvador, 2008. Comunicação pessoal.

CHMYZ, Igor. As comemorações do cinquentenário do centro de estudos e pesquisas arqueológicas da Universidade Federal do Paraná - CEPA/UFPR (1956-2006). **Arqueologia**, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, v. 4, p. 1-30, 2007. Revista do Centro de Estudo e Pesquisas Arqueológicas.

CREW, Spencer R.; SIMS, James E. Locating Authenticity: Fragments of a Dialogue. *In*: KARP, Ivan; LAVINE, Steven D. **Exhibiting Cultures: The Poetics and Politics of Museum Display**. Washington; London: Smithsonian Institution, 1991. p. 159-75.

DAVIDSON, Donald. **De la verdade y de la interpretacion**. Barcelona: Gedisa, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. São Paulo: Ed. 34, 1995. (Capitalismo e Esquizofrenia, v. 1-2).

DERRIDA, Jacques. **Dar (el) tiempo**. Barcelona: Paidós, 1995. (La Moneda Falsa, v. I).

_____. **Torre de Babel**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 22, p. 25-39, 1995.

DUCROT, Oswald. **Polifonia y argumentacion**. Cali: Ferriva, 1990.

_____. **Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1977.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: UNESP, 1997.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FARIAS, Luis de Castro. **Antropologia: espetáculo e excelência**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma teoria do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOGAÇA, Emílio. Instrumentos líticos unifaciais da transição pleistoceno-holoceno no Planalto Central brasileiro: individualidade e especificidade dos objetos técnicos. **Canindé**, Xingó, n. 3, p. 9-35, 2003.

_____. **Mãos para o pensamento: A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil - 12.000/10.500 B.P.)**. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre: PUCRS, 2001.

_____. Um objeto lítico. Além da forma, a estrutura. **Canindé**, Xingó, n. 7, p. 11-35, 2006.

FOGAÇA, Emílio; LOURDEAU, Antoine. **Uma abordagem tecno-funcional e evolutiva dos instrumentos plano-convexos (lesmas) da Transição Pleistoceno/Holoceno no Brasil Central**. 2007. Disponível em: <<http://www.fumdham.org.br/fumdhamentos7/artigos/15%20Fogaça%20seg.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

FUNARI, Pedro Paulo. A importância da teoria arqueológica internacional para a arqueologia sul-americana: o caso brasileiro. **Teoria arqueológica na América do Sul**. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 13-32.

_____. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Mixed features of archaeological theory in Brazil. *In*: UCKO, Peter J. Routledge (Ed.). **Theory in archaeology, a world perspective**. London: Routledge, 1995. p. 136-250.

_____. Western influences in the archaeological thought in Brazil. *In*: POLITIS, Gustavo G.; PERETTI, Roberto D. (Ed.). **Teoria arqueológica en América del Sur**. Olvaria: INCUAPA/UNICEN, 2004. p. 235-43. (Serie Teórica, v. 3).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

_____. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da Narrativa. *In*: BARTHES, Roland *et al.* **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 265-84.

HILBERT, Klaus. “*Cave canen!*”: cuidado com os “Pronapianos”! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 1, p. 117-30, 2007a. (Ciências Humanas, v. 2).

_____. “Só achei algumas pedrinhas!” Uma sátira sobre o valor de um sítio arqueológico. **Arqueologia Suramericana**, v. 4, n. 1, p. 76-87, 2008.

_____. **Contexto arqueológico**. Porto Alegre, 2008. Comunicação pessoal.

_____. Indústrias Líticas como vetores de Organização Social. *In*: BUENO; Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). **Argumentv**, Belo Horizonte, p. 95-116, 2007b.

_____. Qual o compromisso social do arqueólogo brasileiro? **Revista de Arqueologia**, n. 19, p. 89-101, 2006.

HILBERT, Klaus; MARQUES, Marcélia. A construção do sentido social numa coleção particular: um mundo biográfico em direção a uma ação política? **O Público e o Privado**, Fortaleza, n. 12, p. 45-58, 2008.

HODDER, Ian. Interpretative archaeology and its role. **American Antiquity**, n. 56, p. 7-18, 1991.

HURT, Wesley. Tradition Itaparica. **Clio**, Recife, UFPE, n. 5, p. 55-8, 1989. (Série Arqueológica).

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

JOYCE, Rosemary A.; PREUCEL, Robert. Writing the Field of Archaeology. *In*: JOYCE, Rosemary A. **The Languages of Archaeology**: dialogue, narrativa, and writing. London: Blackwell, 2002.

KERN, Arno Alvarez. As práticas e as reflexões arqueológicas de Annette Laming-Emperaire: uma nova “Missão Francesa” no Brasil. **Arqueologia**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná - CEPA, v. 4, p. 87-99, 2007. Revista do Centro de Estudo e Pesquisas Arqueológicas.

KRISTEVA, Julia. **Revolution in Poetic Language**. New York: Columbia University, 1984.

_____. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Semiotica 1**. Madrid: Espiral/Ensayo, 2001.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1967. (Manuais de Arqueologia, n. 2).

LANGER, Susanne K. **Filosofia em Nova Chave**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LAROCHE, Armand François Gaston. Algumas contribuições para o estudo do povoamento do nordeste do Brasil, a partir de 11.000 anos BP - Histórico da Tradição Itaparica. **Mossoroense**, Natal, supl. 4, série B, n. 468, p. 11-39, 1987.

_____. Sugestões para uma classificação morfológica das pontas foliáceas e lesmas. **Coleção Mossoroense**, Natal, v. CXCVII, 1984.

LAROCHE, Armand François Gaston; LAROCHE, Adjelma Soares e Silva. **Um sítio epipaleolítico microlítico do nordeste do Brasil** - Chã de Caboclo, B.J. 10. Recife: Massangana, 1980. Mimeografado (Série Monografias, Recife, n. 17).

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**. São Paulo: EDUSC, 2001.

_____. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. Os objetos têm História? Encontro de Pasteur com Whitehead num banho de Ácido Láctico. **Manguinhos**, v. II, n. 1, p. 7-26, 1995.

_____. **Reensamblar lo social**: una introducción a la teoría del actor-rede. Buenos Aires: Manantial, 2008.

LEROI-GOURHAN, André. **O Gesto e a Palavra**. Lisboa: Edições 70, 1990. (Técnica e Linguagem, v. 1).

_____. **Os caçadores da pré-história**. Lisboa: Edições 70, 1987.

LOURDEAU, Antoine. A pertinência de uma abordagem tecnológica para o estudo do povoamento pré-histórico do Planalto Central do Brasil. **Habitus**, Goiânia, v. 4. n. 2, p. 685-710, jul./dez. 2006.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MARQUES, Marcélia *et al.* The Private Collection of the Itaparica Tradition: seashore dune archaeological sites of Icapuí, Northeast of Brazil. *In: FIRST BRAZILIAN SYMPOSIUM MP DUNES SYSTEMS AND INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON COASTAL DUNES. Management and sustainable development*. Fortaleza, 2005.

MARQUES, Marcélia; HILBERT, Klaus. A tradição (arqueológica) Itaparica: materialidade textual e semantização dos objetos. **Revista Trajetos**, Fortaleza, 2010a. No prelo.

_____; _____. Coleções e colecionadores: vozes da exposição. **Cadernos do LEPAARQ/ICH/UFPEL**, Pelotas, 2010b. No prelo.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Universitária da UFPE, 1999.

_____. Pré-história do Nordeste: pesquisas e pesquisadores. Anais do II Simpósio de Arqueologia do Sudeste. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, supl., p. 55-9, 1997.

MARTIN, Gabriela; LIMA, Marcos Galindo; ROCHA, Jacionira Silva. Indústrias Líticas em Itaparica, no vale do Médio São Francisco (Pernambuco - Brasil). **Clio**, Recife, UFPE, p. 99-135, 1986. (Série Arqueológica, n. 3).

McCRACKEN, Grant. **Cultura & consumo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MEGGERS, Betty J. A contribuição do Brasil à linguagem da cerâmica. **Arqueologia**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná - CEPA, v. 4, p. 31-56, 2007. Revista do Centro de Estudo e Pesquisas Arqueológicas.

_____. Cuarenta anos de colaboración. *In*: MEGGERS, Betty (Ed.). **Prehistoria Sudamericana**: nuevas perspectivas. Washington: Taraxacum, 1988.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. O emprego do método comparativo na interpretação arqueológica. **Separata da Revista Sociologia**, São Paulo, v. XX, n. 3, p. 397-409, 1985.

_____; _____. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**: manual para arqueólogos. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

MULLER-BECK, Hansjürgen. Jäger - und Sammlerkulturen Nordasiens und Amerikas. **Handbuch der Urgeschichte**, Berna, p. 382-403, 1966.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. A arqueologia brasileira da década de 1980 ao início do século XXI: uma avaliação histórica e historiográfica. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: Edipucrs, v. XXVIII, n. 2, p. 25-52, 2002.

OLSEN, Bjørnar. Roland Barthes: from sign to text. *In*: TILLEY, Christopher. **Reading Material Culture**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

_____. Scene from a troubled engagement: post-structuralism and material culture studies. *In*: TILLEY, Christopher *et al.* **Handbook of material culture**. London: Sage, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Vão surgindo sentidos. *In*: ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 2003.

PARENTI, Fábio. **Le gisement quaternaire de Pedra Furada (Piauí, Brésil)**: stratigraphie, chronologie, évolution culturelle. Paris: Recherche sur les Civilisations, 2001.

PASSOS, Antonio Marcos de Oliveira. **Projeto de Pesquisa Histórica da Coleção Valentin Calderón** - Museu de Arqueologia e Etnologia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999.

PEARCE, Susan M. **Museums, objects and collections**. London; New York: Routledge, 1992.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PIRIE, Anne. Constructing prehistory: lithic analysis in the Levantine Epipalaeolithic. **The Journal Royal Anthropological Institute**, v. 10, n. 10, p. 675-703, set. 2004.

PREUCEL, Robert W. **Archaeological semiotics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

PREUCEL, Robert W.; BAUER, Alexander A. Archaeological pragmatics. **Norwegian Archaeological Review**, v. 34, n. 2, out. 2001.

PROUS, André. Algumas características das indústrias lascadas sobre seixo do Brasil Central e Nordeste. *In*: KERN, Arno Alvarez (Org.). **Anais da 8ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996a, p. 354-62. (Coleção Arqueologia, v. 1).

_____. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

_____. Histórico do Setor de Arqueologia UFMG e Papel das Missões Franco-Brasileiras. *In*: KERN, Arno Alvarez (Org.). **Anais da 8ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996b. p. 131-50. (Coleção Arqueologia, v. 1).

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ROCHA, Jacionira Silva. **Análise do material lítico da tradição Itaparica**. Teresina, 2008. Comunicação via telefone.

_____. Uma reflexão sobre a noção de “tradição” e sua aplicação às indústrias líticas da área de Itaparica, no Médio São Francisco (Pernambuco, Brasil). **Revista do CEPA**, v. 17, n. 20, p. 249-57, 1990. Anais da V Reunião Científica da SAB realizada em Santa Cruz do Sul.

ROOSEVELT, A. C. *et al.* Paleoindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of the Americas. **Science**, n. 272, p. 373-84, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

SCHLANGER, Nathan. La Chaîne Opératoire. *In*: HORWITZ, Victoria D. (Comp.). **Clásicos de Teoría Arqueológica Contemporánea**. Buenos Aires: Sociedade Argentina de Antropologia, 2007.

SCHMITZ, Pedro Ignácio *et al.* Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central: Seranópolis I. **Antropologia**, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 44, 1989.

_____. A Evolução da Cultura no Sudoeste de Goiás. Pesquisas. *In*: SCHMITZ, Pedro Ignácio (Ed.). Estudos de arqueologia e pré-história brasileira. **Antropologia**, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 31, p. 185-217, 1980.

_____. **Caçadores e coletores antigos no Sudoeste Centro Oeste e Nordeste do Brasil. (31.500 a 4.000 anos A.P.)**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas - Unisinos, 1984.

_____. **Tradição Itaparica**. São Leopoldo, 2007a. Comunicação pessoal.

_____. **Tradição Itaparica**. São Leopoldo, 2008. Comunicação pessoal.

_____. Lembrando a Trajetória de um Pioneiro. **Arqueologia**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná -CEPA, v. 4, p. 69-86, 2007b. Revista do Centro de Estudo e Pesquisas Arqueológicas.

_____. Prehistoric Hunters and Gatherers of Brazil. **Journal of World Prehistory**, New York; London: Premium, v. 1, n. 1, p. 53-126, 1987.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maira Barberi. Temas de arqueologia brasileira. **Anuário de Divulgação Científica**, Goiânia: Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia - Universidade de Goiás, 1978-1980. (Arcaico do Interior, v. 2).

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROSA, André Osório; BITENCOURT, Ana Luisa Vietti. Arqueologia nos Cerrados do Brasil: Serranópolis III - Pesquisas. **Antropologia**, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas - Unisinos, n. 60, 2004.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; VERARDI, Ivone. A Pesquisa Arqueológica no Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. *In*: KERN, Arno Alvarez (Org.). **Anais da 8ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996. p. 167-78. (Coleção Arqueologia, v. 1).

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Eds., 1979.

SHANKS, Michael; HODDER, Ian. Processual, postprocessual and interpretive archaeologies. *In*: HODDER, Ian *et al.* **Interpreting archaeology: finding meaning in the past**. London; New York: Routledge, 1995.

SILVA, Sérgio Batista da *et al.* Entrevista com Pedro Ignácio Schmitz. **Horizonte Antropológico**, Porto Alegre: UFRGS, ano 8, n. 18, 2002.

SILVERMAN, Eric Kline. Clifford Geertz: “towards a more ‘Thick’ Understanding?”. *In*: TILLEY, Christopher. **Reading material culture: structuralism, hermeneutics and post-structuralism**. Oxford: Basil Blackwell, 1992. p. 121-59.

TILLEY, Christopher. **Interpretative archaeology**. Oxford: Berg, 1993.

_____. Interpreting Material Culture. *In*: THOMAS, Julian. **Interpretative Archaeology: a reader**. London; New York: Leicester University, 2000.

_____. **On Modernity and Archaeological Discourse**. 2005. Disponível em: <<http://www.archaeology.kiev.ua/meta/tilley.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2005.

TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseu, 2004.

VOLLI, Ugo. **Manual de Semiótica**. São Paulo: Loyola. São Paulo, 2007.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaio sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 2001.

WILLEY, Gordon R.; SABLOFF, Jeremy. **A history of american archaeology**. San Francisco: W. H. Freeman, 1974.